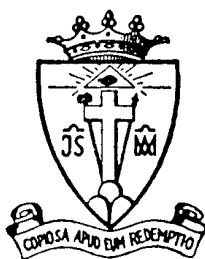


SPICILEGIUM HISTORICUM

Congregationis
SSmi Redemptoris



Annus LXXIV 2026 Fasc. 1
Collegium S. Alfonsi de Urbe

SIGLE E ABBREVIAZIONI

AGHR Archivum Generale Historicum Redemptoristarum, Roma
 APNR Archivio della Provincia Napoletana CSSR, Pagani (SA)
 ASV Archivio Segreto Vaticano
 BAV Bibliotheca Apostolica Vaticana
 Bibl. Hist. Bibliotheca Historica CSSR, edita dall'Istituto Storico CSSR, Roma 1955 ss.

Acta integra = *Acta integra capitulorum generalium CSSR ab anno 1749 usque ad annum 1894 celebratorum*, Romae 1899

Analecta = «*Analecta CSSR*», 1 (Roma 1922) –

BOLAND = Samuel J. BOLAND, *A Dictionary of the Redemptorists*, Roma 1987

CARTEGGIO I = S. ALFONSO MARIA DE LIGUORI, *Carteggio*, I, a cura di G. Orlandi, Roma 2004

CARTEGGIO II = S. ALFONSO MARIA DE LIGUORI, *Carteggio*, II, a cura di G. Orlandi, Roma 2018

Codex regularum = *Codex regularum et constitutionum CSSR...*, Romae 1896

DE MEULEMEESTER, *Bibliographie* = Maurice DE MEULEMEESTER, *Bibliographie générale des écrivains rédemptoristes*, 3 voll., Louvain 1933-1939

DE MEULEMEESTER, *Histoire* = Maurice DE MEULEMEESTER, *Histoire sommaire de la Congrégation du Très-Saint Rédempteur*, Louvain 1958

DE MEULEMEESTER, *Origines* = Maurice DE MEULEMEESTER, *Origines de la Congrégation du Très-Saint Rédempteur. Études et documents*, 2 voll., Louvain 1953-1957

Documenta authentica = *Documenta authentica facultatum et gratiarum spiritualium quas CSSR Sancta Sedes concessit...*, Ratisbonae 1903

Documenta miscellanea = *Documenta miscellanea ad regulam et spiritum Congregationis nostrae illustrandum*, Romae 1904

Elenchus = *Elenchus facultatum et gratiarum spiritualium quibus potitur CSSR...*, Monachii 1860

FALCOIA = Tommaso FALCOIA, *Lettere a S. Alfonso...*, ed. O. Gregorio, Roma 1963

KUNTZ, *Annales* = Friedrich KUNTZ, *Annales CSSR*, 3 voll. (mss) in AGHR

KUNTZ, *Commentaria* = Friedrich KUNTZ, *Commentaria de vita D. Alphonsi et de rebus CSSR*, 21 voll. (mss) in AGHR

LETTERE = S. ALFONSO, *Lettere*, a cura di Friedrich Kuntz e Francesco Pitocchi, 3 voll., Roma 1887-1890

MH = *Monumenta Hofbaueriana. Acta quae ad vitam S. Clementis referuntur*, 16 voll., Cracoviae - Toruniae - Romae - Innsbruck 1915-1998

MINERVINO I = Francesco MINERVINO, *Catalogo dei Redentoristi d'Italia 1732-1841...*, (Bibl. Hist., vol. VIII), Romae 1978

MINERVINO II = Francesco MINERVINO, *Catalogo dei Redentoristi della Provincia Napoletana 1841-1978*, (Bibl. Hist., vol. IX), Romae 1979

Opere ascetiche = S. ALFONSO, *Opere ascetiche* (edizione critica), 10 voll., Roma 1935-1968

S. Alfonso = «S. Alfonso», 1 (Pagani, 1930) –

S. Gerardo = «S. Gerardo», 1 (Materdomini, 1901) –

SHCSR = «*Spicilegium Historicum CSSR*», 1 (Roma, 1953) –

StMor = «*Studia Moralia*», 1 (Roma, 1963) –

Storia CSSR = *Storia della Congregazione del Santissimo Redentore*, Roma 1993 –

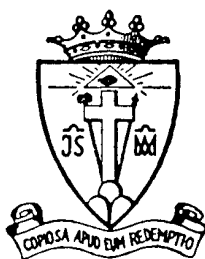
TANNOIA = Antonio M. TANNOIA, *Della vita ed Istituto del venerabile servo di Dio Alfonso M.a Liguori...*, 3 voll., Napoli 1798, 1800, 1802 (ristampa anastatica Materdomini 1982)

TELLERÍA = Raimundo TELLERÍA, *San Alfonso María de Ligorio...*, 2 voll., Madrid 1950-1951

SPICILEGIUM
HISTORICUM

SPICILEGIUM HISTORICUM

Congregationis
SSmi Redemptoris



Annus LXXIV 2026 Fasc. 1
Collegium S. Alfonsi de Urbe

La Rivista

SPICILEGIUM HISTORICUM

CONGREGATIONIS SSMI REDEMPTORIS

è una pubblicazione dell'Istituto Storico
della Congregazione del Santissimo Redentore

Direttore

José Inácio de Medeiros

Segretario di redazione

José Inácio de Medeiros

Consiglio di redazione

Alfonso V. Amarante, Vincenzo La Mendola,
Martin Macko, Wagner G. de Souza Lima

Direttore responsabile

Pablo Maikel Dalbem

Sede

Largo Brancaccio 31

I-00184 ROMA

Tel [+39] 06 494901

e-mail: storia.gen@cssr.com

Con approvazione ecclesiastica

Autorizzazione del Tribunale di Roma

N. 310 del 14 giugno 1985

Ogni collaboratore si assume la responsabilità di ciò che scrive.

GILBERTO PAIVA, C.Ss.R.

REDENTORISTAS EM PETRÓPOLIS: UMA TENTATIVA DE FUNDAÇÃO NO SÉCULO XIX

1. *O Internúncio, o Superior Geral, o Padre e o Irmão*; 2. *Dois redentoristas partem felizes para o Brasil*; 3. *Do Rio de Janeiro para a serrana Petrópolis*; 4. *1879: a esperança é sempre a última que vive...*; 5. *A esperança não vive mais...*; 6. *A esperança fracassou... os missionários retornam à Europa*; 7. *A Igreja no Brasil vista por um estrangeiro*; 8. *Conclusão*

A presença dos Missionários Redentoristas no Brasil consta no histórico das fundações a partir de 1893. Vários foram os pedidos da parte de bispos brasileiros para que os filhos de Santo Afonso viessem para o Brasil, antes dessa data acima mencionada. No entanto, em 1878/1879, dois missionários alemães estiveram em Petrópolis, numa tentativa de estabelecer a congregação nestas plagas tupiniquins. É o assunto que ocuparemos neste artigo que ora começamos a elaborar.

As fundações redentoristas no Brasil foram feitas por missionários holandeses, alemães/bávaros, estadunidenses (duas unidades), poloneses e belgas/francófonos. Provenientes da Europa e dos Estados Unidos da América, cada unidade teve seu histórico de fundação e desenvolvimento missionário em determinada região do país. Até o Capítulo Geral de 1991, quando se iniciou a conversa e conscientização sobre reestruturação, eram dez unidades atuantes: quatro Províncias (2600RJ, 2300SP, 3500PA, 4100CG), quatro Vice-Províncias (2302Bp e depois 4300GO, 1201Ms e depois 4501, 0903Rf depois 2303Rf, 1304F) e duas Regiões/Missões, a 1702BA, elevada a vice-província em 1992) e a Missão (3201Pp).¹

¹ Siglas e designações em latim, conforme o Catalogus Domorum CSSR de 1969: 2600RJ = Fluminis Januairi; 2300SP = Sancti Pauli; 3500PA = Portalegrensis

Com o processo de reestruturação e reconfiguração concluído em 2023, o Brasil passou a contar com apenas três províncias: Nossa Senhora Aparecida (ex-províncias de São Paulo,² Rio de Janeiro,³ vice-província da Bahia⁴ e Suriname), Brasília (ex-província de Goiás,⁵ vice-províncias de Recife, Fortaleza⁶ e Missão em Moçambique) e Curitiba⁷ (ex-província de Porto Alegre, Campo Grande e vice-província de Manaus⁸).

Além da tentativa de fundação no século XIX, houve outras duas tentativas no século XX: uma pelos austríacos no Estado do Mato Grosso,⁹ em 1924 e outra no Estado do Paraná, pelos poloneses, em 1936. Em todas as três vezes vieram sempre dois missionários. Vários fatores impediram que as fundações vingassem, e um deles foi a delimitação territorial que vigorava na Congregação. Na região em que houvesse uma fundação de determinada unidade, outra não podia ser

4100CG = Campi Grandis; 2302Bp = Brasiliopolitana; 1201Ms = Manaënsis; 902Rf = Recifensis; 1304F = Fortalexiensis; 1702BA = Bahiensis e 3201Pp = Propriensis. A Missão de Propriá não chegou a ser elevada em Vice-Província, sendo supressa antes da reconfiguração. Para compreender a história das fundações no Brasil, cf.: Gilberto Paiva, *Redentoristas no Brasil – 130 anos de História*, Editora Santuário, Aparecida, 2023.

² Cf. Gilberto Paiva, *A Província Redentorista de São Paulo 1894-1955 – fundação, consolidação, ereção canônica e desenvolvimento. Um estudo histórico pastoral*, Editora Santuário, Aparecida, 2007.

³ Cf. Bruno Alves Coelho, *A Província Redentorista do Rio de Janeiro – uma história de ousadia e fé*, impressão particular, Juiz de Fora, 2023.

⁴ Cf. Francisco Micek, *50 anos da Missão Redentorista da Bahia 1972-2022* (documentário), Editora Santuário, Aparecida, 2022.

⁵ Cf. Gilberto Paiva, *Redentoristas em Goiás – cem anos de presença missionária 1894-1994*, 2 vols. Scala Editora, Goiânia, 2023.

⁶ Cf. Gilberto Paiva, *A Vice-Província Redentorista de Fortaleza, jubileu áureo 1960-2010*, Editora Santuário, Aparecida, 2011.

⁷ Cf. Gelson Mikuszka, *Fé e Missão – história da Província Redentorista de Campo Grande 1929-1989*, editora particular, Curitiba, 2009.

⁸ Cf. Gilberto Paiva, *A Vice-Província Redentorista de Manaus – 1943-2008*, Editora Santuário, Aparecida, 2007.

⁹ Cf. Gilberto Paiva, “Redentoristas Austríacos: uma tentativa de fundação no Brasil”, in *Spicilegium Historicum*, Roma, ano LXXII, 2024/fascículo 1, páginas 3-109.

iniciada naquele mesmo espaço geográfico. A vinda dos dois alemães que ocuparemos neste artigo não foi especificamente por esse motivo, como veremos logo mais.

Temos como fonte primeira e inédita para a fundamentação do artigo, a correspondência trocada e deixada pelos dois redentoristas – um padre e um irmão – enviados ao Brasil, de modo especial as cartas escritas pelo padre. São relatos da viagem e da estadia, além de revelar algumas situações do clero e da Igreja no Brasil, naquele período. As cartas utilizadas aqui estão em diversos arquivos. A maior parte consultada está no Arquivo Histórico Redentorista de Roma (AGHR), e algumas consultadas no Arquivo Apostólico Vaticano (AAV). As cartas que ficaram na antiga Província da Alemanha Inferior, depois Província de Colônia, foram perdidas durante a II Guerra Mundial.¹⁰

Na antiga Província Redentorista de São Paulo, houve um benemérito congregado que se ocupou em salvar a memória histórica da então província e de outras fundações. Padre Júlio J. Brustoloni garimpou cartas e documentos nos arquivos redentoristas na Europa e em cúrias diocesanas em diversos lugares. Cartas fotocopiadas, traduzidas, organizadas que passaram a formar uma coleção denominada Correspondência da Província Redentorista de São Paulo – Copresp – em duas séries, A e B. São mais de dezoito mil cartas organizadas, datilografadas e encadernadas, além de digitalizadas, preservando não só a memória histórica da província, mas da Congregação Redentorista no Brasil.

Para o presente artigo, as cartas foram recolhidas em 1987 pelo Padre Brustoloni, nos arquivos acima citados.¹¹ Ele mesmo escreveu um

¹⁰ No Arquivo Histórico Redentorista, em Roma, a correspondência sobre a Província da Alemanha Inferior, depois Província de Colônia, tem a numeração 10. Após a fundação na Argentina, há neste mesmo fundo com a numeração 10, a correspondência com a Vice-Província de Buenos Aires.

¹¹ Copresp A, vol. XLVIII, cartas de números 15.785 e 15.791, escritas em 17 e 29 de maio de 1987, pelo Padre Júlio Brustoloni ao Padre Kurt Wehrt, provincial de Colônia e a resposta pelo Padre Bernhard Windeck ao Padre Júlio. A primeira traduzida para a língua italiana e a segunda em língua alemã, no original, no ARSP. Padre Júlio escreveu de Roma, onde estava pesquisando documentos sobre a história/fundações redentoristas no Brasil. Ao provincial de Colônia ele diz: «Es

opúsculo que foi intitulado “A pré-história redentorista no Brasil – caminhos salvíficos de Deus e os atalhos dos homens, 1843-1894”.¹² Segundo o autor, há registros de pedidos para fundações de 1843 a 1893, data da chegada dos dois primeiros holandeses. Portanto, foram cinquenta anos de espera desde a primeira carta até a concretização da primeira fundação. Quem primeiro escreveu foi Dom Antônio Ferreira Viçoso, bispo da diocese primaz de Minas Gerais. Ele o fez duas vezes em 1843. A primeira a Dom Celestino Cocle, bispo redentorista e confessor do rei de Nápoles. A segunda ao Superior Geral Padre João Camilo Rípoli. Em 1857 e 1858, Dom Viçoso repete os pedidos ao Superior Geral Padre Nicolau Mauron. Quatro pedidos e quatro respostas negativas ao bispo que, anos mais tarde, tendo seu aluno e sucessor, Dom Silvério Gomes Pimenta, foi quem conseguiu a vinda dos redentoristas em 1893.¹³

tou em Roma para apanhar documentos para a Província de São Paulo, tanto em nosso Arquivo Geral como no Arquivo do Vaticano. Já fiz um bom trabalho. Estou interessado em obter cópias das cartas do Padre André Hellbach, enviadas do Brasil ao seu superior provincial, Padre Schmitz, em 1878 e 1879, quando ele esteve no Brasil juntamente com o Internúncio Matera, para tentar uma fundação redentorista em nosso país. Já consegui 36 cartas». A resposta ao pedido do Padre Júlio foi dada pelo padre arquivista da Província de Colônia, Padre Windeck. Na resposta ele diz que uma visita a Colônia valeria a pena, para rezar e conhecer a cidade, mas, para pesquisar não havia nada que poderia ajudar, pois o arquivo provincial fora destruído na II Guerra.

¹² Cf. Júlio J. Brustoloni, “A pré-história redentorista no Brasil – caminhos salvíficos de Deus e os atalhos dos homens, 1843-1894”, Datilografado, Aparecida, 1988.

¹³ Segundo o opúsculo de Padre Brustoloni, houve ainda outros pedidos para a vinda dos redentoristas ao Brasil. Um feito pelo bispo do Pará, em 1867. Em 1870, pedido por parte do Governo Imperial do Brasil. Em 1881, pedido feito pelo bispo nomeado para a diocese de Goiás, Dom José Gonçalves Ponce de Leão. Em 1885, o pedido foi feito pelo secretário da *Propaganda Fidei* a pedido do bispo do Pará. Todos os pedidos tiveram respostas negativas. As cópias das cartas de pedidos estão no primeiro volume da coleção COPRESP A, no Arquivo Redentorista em São Paulo – ARSP.

1. *O Internúncio, o Superior Geral, o Padre e o Irmão*

Antes de iniciar a narrativa sobre as personagens centrais dessa história, no caso os envolvidos na tentativa de fundação, vamos fazer alusão ao contexto histórico da época. Apenas a título de informação sobre o período por nós pesquisado, a década de 1870, em partes da Europa constatamos diversas mudanças e, uma delas, na futura Alemanha. Depois da guerra entre a Alemanha e a França, em 1870, houve a unificação alemã. O chanceler Otto von Bismarck implantou uma luta cultural denominada *Kulturkampf*. Um dos objetivos constava na expulsão dos Jesuítas e dos aparentados a eles, no caso os Redentoristas, da novel nação. Os Redentoristas, nessa ocasião, chegaram a ser chamados de Jesuítas disfarçados.¹⁴ Posteriormente, um dos fatores que levou os Redentoristas a aceitarem uma fundação no Brasil, em 1894, foram justamente as imposições do *Kulturkampf*.¹⁵

No que se refere à Congregação Redentorista, depois da organização e criação de províncias, em 1841, o ramo transalpino desenvolveu-se rapidamente. Na Baviera, o trabalho das Missões Populares e o atendimento aos romeiros no santuário de Altötting, fez dos missionários redentoristas verdadeiros missionários do povo. Com isso, a congregação foi se expandindo e criando bases fortes para a evangelização. Até que, em 1849, por decreto imperial, fora proibida a existência de Jesuítas e Redentoristas em todo o Império Austríaco. Os Redentoristas refugiaram-se na Alemanha e na Noruega. O provincial austríaco passou a residir em Altötting até o ano de 1853, quando retornou para a Áustria. Nesse mesmo ano de 1853 foi criada a Provín-

¹⁴ No Arquivo Geral Histórico Redentorista, em Roma (AGHR), fundo 08, da Província da Germânia Superior 30/08 *Provincialia*, encontra-se um documento interessante. Um documento manuscrito original, em língua italiana, contendo doze páginas, mas sem data e sem autor. O documento é uma tentativa de esclarecer e convencer que os Redentoristas são distintos dos Jesuítas. Estudos posteriores, e de modo especial de Otto Weiss, afirmam que o documento foi elaborado em 1866 para ser entregue a Monsenhor Luigi Galimberti, para ser apresentado ao governo alemão. O título do documento é: *I Redentoristi sono essi affiliati ai Gesuiti?*

¹⁵ Cf. Otto Weiss, “I Redentoristi Tedeschi durante il Kulturkampf (1871-1893)”, in *Spicilegium Historicum* / Ano XLII, 1994/2, Roma, 383-415.

cia da Alemanha, pois já havia várias casas/comunidades desde 1841. A partir da Província de Viena, houve grande penetração na parte norte da Alemanha e, em 1859, desmembrou-se em duas províncias naquele país. No norte formou-se a Província da Germânia Inferior (depois com o nome de Colônia) e no sul, a Província da Germânia Superior (depois designada de Munique). As designações de superior e inferior se referem à altitude em relação ao nível do mar.¹⁶

A partir de 1871, como acenamos acima, o peso da cruz se faz sentir sobre os ombros dos Redentoristas alemães, devido à luta cultural imposta por Bismarck. Os membros da Província de Colônia viviam no exílio na Bélgica e em Luxemburgo. O provincial, Padre Matias Schmitz, vivia em Luxemburgo e estudava a possibilidade de abrir uma fundação no exterior, de modo especial fora da Europa. A insegurança com os governos liberais impunha a necessidade de se pensar uma fundação no estrangeiro. Somado a isso, havia o desejo e o zelo apostólico, próprio de uma congregação missionária. Em junho de 1878, Padre Schmitz escreveu ao Padre Geral da Congregação, Padre Nicolau Mauron, expondo as dificuldades e apontando saídas.

Luxemburgo, 14 de junho de 1878

Reverendíssimo Pater!

O resultado muitíssimo triste na eleição na Bélgica faz com que tenhamos o pior para nós religiosos e nomeadamente para os emigrados, segundo o plano de guerra elaborado já há muito tempo pelos liberais. Nossa residência de Tavigny acha-se ameaçada em primeira linha. Por isso, creio que não será supérfluo ter em mira já agora a eventualidade ameaçadora e tomar medidas para que, quando vier de fato o golpe, não estejamos desprevenidos.

Se Tavigny for supressa então teremos para as poucas casas ainda restantes, padres e irmãos em demasia. E, mesmo que permaneça a casa de Tavigny, nós iremos ter padres demais até o outono e mais ainda até a Páscoa do próximo ano, assim que deveríamos mandar ao menos alguns para o exterior. Isto poder-se-ia dar de três maneiras diferentes:

¹⁶ Cf. Joseph Oppitz, *História e Espiritualidade Alfonsiana*, ad usum privatum, Editora Santuário, Aparecida, sem data.

Buscando províncias e casas já existentes, ou fundando em países em que já existem províncias, uma nova residência, que ficasse unida à nossa província e que ficasse sujeita à jurisdição do Provincial da Alemanha do Norte, ou, procurando uma estação missionária qualquer. Referindo ao primeiro, poderão ser somente a província inglesa, as duas americanas e a casa sul-americana com a Espanha. Referindo ao segundo, isto se poderia dar na Holanda, na Inglaterra, Irlanda ou América. Referindo ao terceiro, fica sujeito à decisão da *Propaganda Fidei* e ao critério de Vossa Paternidade.

Queria comunicar primeiro este plano a Vossa Paternidade para deliberação e antes de apresentá-lo aos meus consultores para consulta e decisão; abstenho-me, pois, de dar já agora os meus motivos pró e contra. Queria apenas acrescentar que de outros e mais partes foi-me manifestado o desejo de que seja confiada à nossa Província uma missão fora da Europa e, eu creio que teríamos as forças para isto ou as iremos ter em breve.

Eu agora, pelo que pondere o assunto apresentado aqui, somente de maneira breve e que me faça comunicação sobre o que parece a Vossa Paternidade mais recomendável e mais útil tanto para a Província quando para a Congregação. Não é possível ainda uma decisão definitiva. Por enquanto basta que saiba sua opinião a respeito. [...]

No sábado de Pentecostes o senhor bispo ordenou presbíteros a três de nossos clérigos. Nossa nova obra caminha devagar por causa da chuva continuada. Entretanto, esperamos com a ajuda de Deus que ela esteja pronta até outubro. Por causa da construção temos de encerrar o ano escolar já no dia doze de agosto. Os estudantes irão em férias para Tavigny.

Pedindo a bênção para mim e para a Província, permaneço em perfeita estima e no devido respeito e amor.

De Vossa Paternidade, muito humilde servo e filho,

Padre Schmitz, C.Ss.R.¹⁷

¹⁷ Copresp B, vol. I, carta de número 04, escrita em 14 de junho de 1878, pelo Padre Matias Schmitz ao Padre Nicolau Mauron. Original, em língua alemã, no AGHR, fundo 10, da Província da Germânia Inferior.

Antes de transcrever a resposta do Padre Geral ao Padre Schmitz, fazem-se necessárias algumas observações. Vejamos que interessante: os bispos do Brasil pedindo missionários para a evangelização em suas dioceses devido à ausência de sacerdotes brasileiros e, na Europa, um provincial procurando locais para fundações. Como vimos, procurava fundações devido às imposições arbitrárias de governos liberais e, até certo ponto, por abundância de vocações naquele período. Dois anos antes, outro padre havia escrito ao Padre Geral se oferecendo para ser missionário no estrangeiro, pois vivia exilado na Holanda. Com certeza, havia outras ofertas/pedidos para trabalhos apostólicos fora da Europa. O autor da carta foi um dos pioneiros que vieram com a primeira turma de bávaros para o Brasil, o Padre José Wendl. Foi um batalhador e intrépido missionário em Goiás, ganhando até nome de avenida em Goiânia.¹⁸

¹⁸ Copresp B, vol. I, carta de número 03, escrita em 26 de outubro de 1876, pelo Padre José Wendl ao Padre Nicolau Mauron. Original, em língua latina, no AGHR, fundo 08, da Província da Germânia Superior.

«Roermond, 26 de outubro de 1876

Reverendíssimo Padre Geral!

Por causa da supressão a força da nossa Província da Alemanha Superior, no dia 30 de outubro de 1873, segundo determinação do Reverendíssimo Padre Provincial Carlos Schmoeger, deixei minha pátria bávara para procurar em Roermond, na província holandesa, residência temporária. Empreguei todo o tempo para aprender a língua holandesa, nas diversas pequenas funções na igreja e para elaborar pregações e meditações para os trabalhos apostólicos. Principalmente foi-me dada a grande graça do Segundo Noviciado, quer terminei com bom resultado. Mas devido à dificuldade da pronúncia da língua holandesa, não tenho esperança de poder dedicar-me com fruto aos trabalhos de nossa vocação.

Como a situação política na Baviera de modo algum está mudada neste tempo, de tal modo que durante algum tempo a volta para a pátria é impossível. Pensava que talvez fosse melhor e agradaria mais a Deus se buscasse na Província americana um espaço mais amplo para os trabalhos apostólicos, porque aí eu poderia usar a língua alemã. [...]

Bem firme na minha vocação (graças a Deus), com 33 anos de idade, tenho boa saúde, sinto grande desejo de trabalhar na salvação das almas. Se Vossa Paternidade aprovar e confirmar o meu pedido, peço-lhe conceder as disposições e as ordens necessárias para atravessar o mar em direção à América». Padre Wendl ficou na Holanda até 1893, quando pode voltar para Baviera e, no ano seguinte, veio para o Brasil.

Voltando ao assunto anterior, à carta do Padre Schmitz ao Padre Geral, notamos uma grande coincidência, ou melhor, algo da Providência Divina. Logo após receber a carta proveniente de Luxemburgo, Padre Geral é surpreendido com a visita de um prelado da área diplomática da Santa Sé. Tratava-se de Monsenhor Luigi Matera ou Dom Luiz Matera, que fora nomeado para assumir a secretaria dos negócios eclesiásticos da Internunciatura no Rio de Janeiro.

É bom recordar que, desde a independência do Brasil em 1822, a Santa Sé resistia em nomear um núncio, isto é, em elevar a representação à categoria de nunciatura, o que aconteceu somente em 1901. Dom Luiz Matera viria como encarregado dos negócios eclesiásticos para tratar com o governo imperial e com a Igreja do Brasil, os assuntos próprios do cargo. Em alguns documentos aparece, inclusive, que seu cargo era de caráter interino. No site da nunciatura apostólica no Brasil, realmente, seu nome não aparece na lista dos internúncios.¹⁹ Em jornal de Fortaleza, há informações sobre a chegada de Dom Matera, como encarregado de negócios da Santa Sé, mas interino.²⁰ Ele ficou pouco tempo no Brasil, de fins de 1878 a janeiro de 1880, quando chegou Dom Angelo Di Pietro.²¹ No entanto, em nosso tra-

¹⁹ Cf. www.nunciaturaapostolica.org.br, consultado em 30 de abril de 2025. O site pouco ajuda e quase nada informa. Para fazer uma consulta histórica à nunciatura, ainda que virtual, o site apresenta exigências exageradas, típico de sociedades secretas. Na lista de internúncios (aparece na lista a designação núncios), consta que de 1876 a 1879, Dom Cesare Roncetti e de 1879 a 1882, Dom Angelo Di Pietro.

²⁰ Cf. “Jornal Pedro II”, edição 00074, de 25 de outubro de 1878, Fortaleza, página 3. «Ministério dos Estrangeiros. Monsenhor Luigi Matera prelado doméstico de Sua Santidade, entregou no dia 30 de setembro a Sua Exc. o Sr. Barão de Villa Bella, ministro e secretário de estado dos negócios estrangeiros, a sua credencial de encarregado de negócios interinos da Santa Sé». Também: “Gazeta de Joinville”, Anno 2, 22 de outubro de 1878: «A bordo do paquete Orénoque, chegou Monsenhor Matera Luigi, internuncio apostólico e enviado extraordinário da Santa Sé. Veio na sua companhia, na qualidade de secretário o Sr. Hellbach».

²¹ Cf. “Núncios e Internúncios”, in Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo LXII, Imprensa Nacional, 1900, página 269. «Luiz Mattera serviu de 01 de outubro de 1878 até 24 de janeiro de 1880, em foi nomeado Arcebispo *in partibus*. Faleceu na Europa».

balho, iremos designá-lo como Internúncio, conforme as informações das cartas que estamos utilizando.

O cargo de representante da Santa Sé no Brasil era, para os brasileiros, tido em alta categoria, apesar da mesma não considerar a importância, demorando quase oitenta anos para elevar a representação. Recordemos também que desde 1827, as relações entre o Império Brasileiro e a Igreja Católica eram regidas pelo direito/concessão do padroado régio. A Igreja estava atrelada ao Estado – continuidade do padroado português que vigorou nas colônias –, ou melhor, peada pelo Estado. Para iniciar fundações religiosas e erigir paróquias, era necessário a aprovação das autoridades civis e não somente o pedido de um bispo a superiores religiosos no estrangeiro.

Pois bem, Dom Luiz Matera, estando a serviço do corpo diplomático da Santa Sé, devia partir para o Brasil. Antes, porém, ele foi rezar na igreja dedicada a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, templo coligado à casa geral dos Missionários Redentoristas, no monte esquilino, em Roma. Era véspera da festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e o diplomata foi confiar a sua nova missão à proteção de Nossa Senhora. Após a missa, ele foi recebido pelo Padre Geral dos Redentoristas, ao qual ele manifestou o desejo de trazer redentoristas consigo. É o próprio Padre Nicolau Mauron que faz esse relato ao responder à carta do Padre Schmitz, no fim de junho daquele ano de 1878. Vejamos.

Roma, 30 de junho de 1878

Revmo. Padre Provincial!

No dia 21 de junho recebi sua carta, em que exprime o receio de que o triste resultado das eleições na Bélgica ponha em perigo a residência de Tavigny, que tão bons serviços foram prestados aos nossos confrades expulsos da Prússia. Tendo padres e irmãos em demasia nas demais casas, deveriam ser mandados para o exterior, esse excedente.

O senhor se pergunta de que maneira os padres e irmãos podem ser empregados. Uma dessas maneiras que o senhor me apresenta para a apreciação, seria a aceitação de uma missão fora da Europa para a Província.

[...] texto incompleto e dificuldade do tradutor.

Creio que a Divina Providência me deu uma indicação. Para a festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, bem cedo, veio Dom Luiz

Matera e mostrou desejo de falar comigo. Ele me disse ter sido chamado ao Vaticano na véspera e lhe comunicaram que deveria, sem demora, partir para o Brasil como encarregado dos negócios do Papa no Brasil. O núncio atual já se acha de viagem de volta para Roma para não mais voltar; ele (Matera) já tinha sido destinado como sucessor na nunciatura e receberia esta nomeação logo que seu antecessor seja provido no cargo para que é destinado.

Dom Matera veio para celebrar a missa no altar de Nossa Senhora, para colocar sua futura missão sob a proteção da Mãe de Deus e ao mesmo tempo ofereceu a Nossa Senhora uma bela oferenda. Seu primeiro pensamento foi envidar todos os esforços que a Congregação possa ir ao Brasil. Como eu creio, isto será um tanto mais fácil, sendo que o governo do Brasil mesmo, há dez anos, pelo embaixador junto ao Santo Padre, se dirigiu a mim pedindo padres.

O concurso de tantas circunstâncias me leva a crer que a Divina Providência quer indicar à nossa Congregação um campo de trabalho vantajoso e fecundo, e que a Divina Mãe quer dispensar a sua proteção a este assunto. Dom Matera foi durante vários anos secretário do Cardeal Reisach, mais tarde Uditore da Nunciatura e durante a vacância da Nunciatura, encarregado do Papa em Lisboa. Ele é o melhor e mais íntimo amigo da Congregação. Ele se chama Luiz e é de fato uma alma angelicamente pura.

Ontem ele veio novamente ter comigo e pediu, implorou para que faça ir com ele imediatamente um padre e um irmão. Eles iriam morar com ele, e quer passar com eles uma vida verdadeiramente claustral. Ele mesmo quer ensinar-lhes a língua portuguesa. Ele se oferece para pagar todas as despesas de viagem e promete fazer todo o esforço para que logo que possível encontremos uma residência adequada para a Congregação. O padre, estando já no lugar, pode julgar como, onde e o que nos poderia servir da melhor maneira e dar informações sobre isso. Só Deus sabe quão difícil é, não somente em terras estrangeiras, mas em qualquer lugar, tratar de uma residência que a gente não viu e examinou no lugar mesmo e quando a gente deve fiar-se somente em relatórios dos outros.

Ponderando tudo isto muito bem, parece-me realmente aconselhado e oportuno dar-lhe como companheiros nesta empresa um padre e um irmão, porque creio que este é o único meio para não malograr.

Se for tudo bem, então devemos ser agradecidos a Deus. Se não for, podem os nossos depois de algum tempo regressar e não se pensar mais no Brasil. Que lá existem muitas almas pobres e abandonadas isto é certo, e lá se podem salvar mais almas do que nas Missões entre os pagãos na China e na Índia e o que é de especial importância, em tal missão pode-se viver como religiosos de acordo com a Regra e em comunidade. O espírito religioso e a salvação da própria alma não correm tanto risco.

O padre e o irmão devem ajudar o Núncio principalmente na ordem e administração da sua casa, porque ele, quando a isto, é verdadeiramente muito inexperiente e, como ele mesmo diz, bastante ignorante. Nas proximidades do Rio de Janeiro se estabeleceu há alguns anos uma colônia alemã e sob o nome de Petrópolis uma nova cidade. O Núncio tem lá uma casa para o verão e o Imperador mesmo passa o verão, geralmente, lá.

Trata-se, pois, de escolher um padre e um irmão que sejam capazes e prestantes. Estes não devem ser muito jovens, mas também nem muito velhos e devem saber um pouco de francês; entretanto, eles irão em breve entender o português. Dom Matera entende, é verdade, um pouco de alemão, mas não muito. Compreende-se por si mesmo que o padre e o irmão devem ser de confiança.

Dom Matera deveria partir daqui para Lisboa já no dia dez de julho e pensa que será melhor se eles o encontrarem no dia doze ou treze de julho em nossa casa de Pau. De lá ele viajará por Madri a Lisboa, onde deve parar alguns dias para, de lá, embarcar para o Rio de Janeiro. Se não for possível que os nossos cheguem em Pau até o dia treze ou quinze, então o encontro deve realizar-se alguns dias depois em Lisboa (de Luxemburgo pela França, Espanha até Lisboa sempre de trem).

Eu espero informação sobre tudo isto tão logo possível. Mesmo que Matera queira pagar a viagem, contudo é conveniente que se dê algum dinheiro aos nossos, especialmente para a viagem, até o encontro e até um pouco mais (eu penso não menos que dois mil francos). O padre deve fazer a viagem em trajes de padre secular e o irmão num traje civil decente. Entretanto, devem levar o hábito religioso (como é evidente) e devem ser bem servidos de roupa branca.

Peço à Mãe de Deus que Ela estenda prestimosa mão para a execução deste plano, se a coisa é conforme a vontade de Deus. Se não, de-

sejo que não se realize e que fiquemos em casa.

Esta carta vai ocasionar embaraço para o senhor e para mim, mas é necessário que o senhor me comunique logo se Matera pode contar com isso. [...]

Eu o abençoo e a toda a Província e ao padre e ao irmão que Deus escolheu para esta importante missão.

Permaneço nos Sagrados Corações de Jesus e Maria,

Seu muito dedicado confrade

Padre Nicolau Mauron, C.Ss.R.²²

Parece que Monsenhor Luiz Matera fora pego de surpresa com o novo encargo ao ser designado para o Brasil. Porém, mais surpresa ainda foi a pressa com que o Padre Geral dos Redentoristas se posiciona diante do pedido de Matera. Padre Mauron prontamente encaminhou o pedido para o Provincial Schmitz. Na Alemanha, a cruz do exílio pesava sobre os ombros de cada congregado redentorista. Uma fundação no exterior, mesmo sendo uma luz a longo prazo, era uma esperança viva entre eles. A retomada da Congregação ou uma fundação em outras plagas, necessitava de praticidade – o que hoje chamamos de logística –, para tal empreitada, pois era algo complicado. No entanto, Padre Geral, de antemão, falava da viagem, do encontro dos dois a serem escolhidos com o encarregado dos negócios eclesiásticos e até sobre as roupas que deviam levar e como deviam se vestir. Fez barba e bigode sem conhecer o rosto do freguês!

²² Copresp B, vol. I, carta de número 05, escrita em 30 de junho de 1878, pelo Padre Nicolau Mauron ao Padre Matias Schmitz. Original, segunda via, em língua alemã, no AGHR, fundo 10, da Província da Germânia Inferior. Temos na coleção Copresp A e B, somente as cópias das cartas que foram conservadas no Arquivo Geral Histórico de Roma (AGHR). As cartas do Arquivo Redentorista de Colônia foram perdidas devido aos bombardeamentos durante a II Guerra Mundial. A sorte que um dos enviados ao Brasil, o Padre André Hellbach, posteriormente foi para a Argentina, para a então Vice-Província de Buenos Aires, que era fundação da Província de Colônia. A correspondência dele e sobre ele fora enviada para o Arquivo Redentorista em Roma, antes da II Guerra Mundial. As cartas estão no AGHR, fundo/armários da ex-Província da Germânia Inferior/Colônia e da ex-Província de Buenos Aires. Com isso, salvou-se a memória histórica dessa tentativa de fundação no Brasil.

Pelo conteúdo da carta acima, podemos afirmar que o Padre Geral via em Dom Matera, um instrumento de Deus, pela intercessão de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, para fazer a Congregação entrar no Brasil. Mas, entrar no Brasil dois congregados a serviço de um diplomata de carreira, não supõe uma fundação canônica com todas as implicações que ela acarreta. O objetivo, ou melhor, o carisma da Congregação Redentorista é a pregação explícita da Palavra de Deus junto aos mais pobres e abandonados. Partir para outro país como secretário de diplomata estaria fora das cogitações, em situação eclesial normal, das fundações redentoristas. Numa análise mais profunda, não se têm objetivos claros em fundação, apenas em congregados para a companhia do Internúncio. Terá ele pedido um padre? Um irmão? Ou os dois, um padre e um irmão? Tudo tão rápido, pois entre as cartas do Provincial e do Geral, apenas seis dias separam as decisões. A correspondência posterior irá revelar esses detalhes. Por enquanto, a frase do Padre Geral ameniza e explica a situação do envio de dois congregados: “ele se oferece para pagar todas as despesas da viagem e promete fazer todo o esforço para que logo que possível encontremos uma residência adequada para a Congregação”.

Por certo que o Provincial não negaria uma recomendação vinda do Padre Geral. Coube ao Provincial – sem nada a perguntar ou questionar – arrumar dois congregados de sua Província, que estavam na Bélgica. Três dias depois de receber a carta, Padre Schmitz dá uma resposta positiva ao Padre Mauron.

Luxemburgo, 4 de julho de 1878

Reverendíssimo Pater!

Ontem à tarde recebi a carta de trinta de junho. Vossa Paternidade pode comunicar a Dom Matera que eu quero dar-lhe um padre e um irmão como companheiros. Eu creio que ambos poderão encontrar-se em Pau no dia treze de julho. Se, porém, isto não for possível, queira Monsenhor Matera indicar onde e quando os dois podem unir-se a ele em Lisboa.

Eu marquei o Padre Bertant e o Irmão José Wiemers. Ontem à tarde já comuniquei isto ao Padre Bertant em Vaals. No caso de o Padre Bertant fazer talvez dificuldade, então eu irei marcar o Padre Schepers ou Hellbach. A boa notícia sobre Vila Caserta alegrou-me muito.

Isto, sem dúvida, se deve a uma proteção especial de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.²³

Conforme o subtítulo que grafamos acima, temos as quatro personagens dessa história. O internúncio, é Dom Luiz Matera. O Padre Geral, é Padre Nicolau Mauron, que governou a Congregação Redentorista de 1855 a 1893. O Padre escolhido – foi o terceiro da lista –, é o Padre André Hellbach, autor das várias cartas que estamos transcrevendo. O irmão, como acima mencionado na carta de Padre Schmitz, é o José Wiemers. Este, se escreveu alguma coisa, não ficou nenhuma carta dele nos arquivos.

2. Dois redentoristas partem felizes para o Brasil

Depois de tudo acertado, diga-se de passagem em tempo recorde, os três europeus partem para o Brasil: o diplomata, o padre e o irmão. É de se supor que os dois redentoristas estivessem felizes, devido a dois motivos: primeiro, na Europa, estavam vivendo no exílio e o segundo, pelo teor de algumas cartas, o ideal missionário que cada um cultivava. Na carta que o Provincial enviou ao Padre Geral, ele comentou que os dois partiram no dia quinze de julho. E comenta a capacidade do Padre Hellbach, de modo especial para as línguas vernáculas. Em toda a história de fundações de comunidades religiosas fora do país ou continente, os escolhidos são sempre os que farão falta ao posto de origem e com grande capacidade de liderança, além das faculdades linguísticas, desapego e doação ao próximo. Em anos posteriores, ele foi o Vice-Provincial de Buenos Aires. Eis a carta que narra a partida dos dois missionários de Luxemburgo.

Reverendíssimo Pater!

O telegrama, assim como a carta do dia oito, chegou bem. Hoje de manhã nossos dois brasileiros partiram daqui, primeiro para Paris,

²³ Copresp B, vol. I, carta de número 06, escrita em 4 de julho de 1878, pelo Padre Matias Schmitz ao Padre Nicolau Mauron. Original, em língua alemã, no AGHR, fundo 10, da Província da Germânia Inferior.

onde devem demorar-se um ou dois dias; de Paris para Pau precisam de dois dias de viagem e chegarão a Pau, se Deus quiser, no dia vinte ou já no dia dezenove pela tarde.

Eu marquei o Padre Hellbach, que sob todos os aspectos se presta melhor para esta importante missão. Ele, na verdade, ainda é jovem, mas sua maturidade, sua tranquilidade, sua circunspecção e principalmente sua sólida virtude substituem os anos que faltam. Ele é bem versado na teologia e na filosofia e compreende uma porção de línguas novas: ele fala francês, inglês e italiano; ele ainda entende espanhol, holandês e dinamarquês. Ele possui um talento linguístico muito grande, de forma que ele previsivelmente aprenderá o português em pouco tempo. Além disso, ele tem um caráter muito maleável, cortês e amável.

O Irmão Augusto (Josef) é igualmente por todas as partes o mais indicado para esta missão. Ele é muito talentoso, muito virtuoso e tem jeito para tudo. Ambos se sujeitaram com maior serenidade e muita tranquilidade à missão que lhes foi confiada. Mando junto a fotografia dos dois. Eu dei a eles três mil francos. Acabo de receber o telegrama do dia quatorze, mas tarde demais, pois os dois já haviam partido. Onde deverão eles ficar esperando? Queira V. Paternidade telegrafar-lhes ou escrever para Paris, onde eles devem esperar. Eu quero escrever-lhes daqui para Paris, é lá que eles devem esperar, por enquanto, e aguardar ordens de Roma.²⁴

Passados quase 150 anos desse fato histórico, fica até mesmo difícil imaginar como era a comunicação naquele tempo. Como estamos vendo, era a comunicação epistolar, a mais comum e usual, além do telégrafo. Naqueles dias de julho de 1878, o próprio Padre André Hellbach passou a dar notícias ao Padre Geral, Nicolau Mauron. A

²⁴ Copresp B, vol. I, carta de número 07, escrita em 15 de julho de 1878, pelo Padre Matias Schmitz ao Padre Nicolau Mauron. Original, em língua alemã, no AGHR, fundo 10, Província da G. Inferior. Consultamos o Instituto/Arquivo Histórico Redentorista em Roma, na pessoa de seus responsáveis, em 2025, sobre a existência da fotografia dos dois missionários que o Provincial escreve que enviara a Roma, ao Padre Geral. Infelizmente não foi encontrada.

primeira carta de Padre André é uma resposta ao Padre Geral. Pela resposta, supõe que Padre Geral já havia escrito aos dois missionários que aguardavam recomendações para a viagem. Infelizmente não temos a carta do Padre Geral, apenas a resposta do Padre André Hellbach. Além de informes e notícias práticas sobre a viagem, o remetente expressa profunda gratidão à formação que recebera na Congregação Redentorista e a alegria em ser escolhido para uma missão tão importante fora da Europa.

Avon, 23 de julho de 1878

Revmo. Pater!

O Irmão José e eu acolhemos a carta de V. Paternidade com grande alegria, e com íntima comoção recebemos as paternais palavras que V. Paternidade nos dirigiu de maneira tão afável. Nós lha agradecemos de coração, Revmo. Padre! Sua bênção e suas orações são para nós um grande consolo e nos animam a esperar da bondade divina aquilo que de nós deveríamos desesperar por nossos próprios méritos.

A carta do senhor já não nos encontrou mais em Paris. Nós nos demoramos lá somente um dia e, supondo a licença de nossos superiores, fomos para Avon, porque primeiro, o lugar em Paris era muito limitado e depois, também poderíamos nos preparar em Avon, para nossa importante tarefa pelo recolhimento e pelo estudo. Os bons padres de Avon, que conhecem a situação em Pau, nos aconselharam insistentemente a ficar aqui até que esteja iminente a partida de Monsenhor Matera. Nós nos decidimos por isto e aguardamos outra carta ou telegrama de V. Paternidade. Entrementes, iremos, aconselhados por V. Paternidade, fazer as compras ou providenciar para que as façam. Espero que em Pau teremos tempo para um pulo até a vizinha Lourdes, onde queremos colocar nossa viagem e nossa missão sob a proteção de Nossa Senhora.

Nós nos aproveitamos desta ocasião, Revmo. Padre, para agradecer a V. Paternidade o que algum dia recebemos de bom de nossa mãe, a Congregação. Nós entramos na Congregação ainda jovens e nela nos tornamos aquilo que somos. Eu, especialmente, quando de minha entrada, era espiritual e corporalmente pouco desenvolvido. Os superiores que Vossa Paternidade me fizeram todo o possível para formar-me em todos os sentidos, para me guiar no caminho da perfeição e

para nele levar-me adiante. E por isso eu lhes sou eternamente agradecido, embora seus esforços não tenham sido coroados com o desejado resultado. Eu sei naturalmente que os meus superiores, que V. Paternidade em especial, têm boa opinião de mim; vejo isto de sua prezada carta. Mas eu sei bem demais que eu não a mereço. O que se tem por virtude em mim, como por exemplo, a serenidade, mencionada por V. Paternidade, com que eu aceitei a missão que me foi dada, é apenas um resultado de minha natureza. Eu peço encarecidamente ao senhor que não confie em minha virtude; antes de tudo lhe peço que não me deixe sem superior que me dirija. Eu estou preparado para tudo o que o senhor decidir sobre mim; mas estou convencido de que realizarei o duplo sob a direção de um superior que exerça sobre mim apertada vigilância.

Encerro, pedindo para o Irmão José e para mim sua bênção, e permaneço com o mais profundo respeito,

Seu muito dedicado servo e filho,

Padre André Hellbach, C.Ss.R.²⁵

Interessante que Padre Hellbach, com apenas 27 anos de idade, ainda não tivera a oportunidade de encontrar com o Padre Mauron, pois este residia em Roma. As viagens do Padre Geral para aqueles países da Europa, naquela ocasião, eram escassas. Havia sérios problemas de alternância de governos, ora favoráveis, ora contrários à Igreja e ao clero. Podemos concluir que os elogios ditos pelo Padre Geral na citada carta que o Padre Hellbach recebera, fora informações passadas pelo Padre Schmitz. Contudo, fica claro que o jovem padre escolhido para acompanhar o monsenhor diplomata, era um homem bem formado e dotado de muitas virtudes e capacidades humanas.

Dois dias depois, Padre André volta a escrever ao Padre Geral. Desta vez para tirar dúvidas sobre os trajés indicados pelo Padre Provincial. Usar calças e paletós, como os padres alemães ou comprar uma batina

²⁵ Copresp B, vol. I, carta de número 08, escrita em 23 de julho de 1878, pelo Padre André Hellbach ao Padre Nicolau Mauron. Original, em língua alemã, no AGHR. Fundo 10, Vice-Província Buenos Aires.

italiana, era uma das dúvidas.²⁶ Não temos a resposta do Padre Geral para as perguntas do Padre André. No dia seguinte à carta de Padre André, Padre Geral escreveu também, mas a carta foi ao provincial Padre Schmitz. O assunto era outro e, no final da mesma, aparece o assunto dos dois missionários parados na França, aguardando decisões superiores para dar expediente à viagem.

Roma, 26 de julho de 1878

Revmo. Padre Schmitz

Revmo. Padre Provincial!

[...]

P.S.: O Padre Hellbach e o Irmão José estão em Avon e lá ficam até que lhes dê segunda ordem. Instâncias mais altas resolveram segurar aqui o Monsenhor Matera até a chegada de seu antecessor, porque acham útil para as informações a serem dadas. Por isso não é conhecida a data da partida da viagem. Nos últimos dias não tenho visto o Monsenhor Matera e nada fiquei sabendo a respeito disto. Do resto o tempo que eles passam em Avon não é perdido e eles podem empregá-lo utilmente em preparativos para a missão. Eu lhes escrevi que

²⁶ Copresp B, vol. I, carta de número 09, escrita em 25 de julho de 1878, pelo Padre André Hellbach ao Padre Nicolau Mauron. Original, em língua alemã, no AGHR. Fundo 10, Vice-Província de Buenos Aires. «Permita-me trazer a V. Paternidade ainda algumas dúvidas a respeito dos preparativos para o Brasil. Sinto que tenha de molestar V. Paternidade com tais perguntas, que tem que cuidar de tantas outras coisas mais importantes. O Padre Provincial mandou-me fazer para a viagem um traje, como os padres alemães costumam usar, a saber, calças e uma *soutanette*, isto é, um paletó que desce até os joelhos. Creio que este traje é bom para a viagem; duvido muito que no Brasil, “como companheiro do Núncio”, irei poder usá-lo. Os padres daqui me aconselharam a comprar uma batina italiana, que posso facilmente achar em Paris. Eu, porém, não gosto de fazer isso sem antes ter perguntado a V. Paternidade. Também duvido se a forma do chapéu é a certa. Ele é bastante pequeno e baixo. Talvez possa V. Paternidade dar-me informação sobre este ponto ainda antes de nossa partida. Se, porém, o tempo for curto, comprarei para o traje um pano leve em Paris, a que então se pode dar forma certa no lugar mesmo. Peço a V. Paternidade sua bênção paternal e permaneço com toda a consideração e respeito. Seu muito dedicado servo e filho, Padre André Hellbach, C.Ss.R.».

ainda providenciem algumas peças de roupa, porque no Brasil elas são ao menos três vezes mais caras que na França.²⁷

Aquela pressa toda do Padre Geral e Provincial em resolver e escolher os dois para a missão no Brasil foi em vão. Os dois escolhidos saem de Luxemburgo e ficam arranchados na França, à espera do Internúncio. Esse, por sua vez, fica de plantão em Roma, aguardando o seu antecessor nos negócios eclesiásticos no Brasil, para troca de informações. Enquanto aguardavam, Padre Hellbach escreveu algumas cartas aos superiores e nelas vemos a preocupação e o zelo com que partiam para uma nova e desconhecida missão. Diante de governos liberais como estava acontecendo na Alemanha, os superiores redentoristas tinham a plena consciência que era necessário fazer fundações no estrangeiro. Era uma maneira de garantir o futuro da congregação com a renovação do quadro de pessoal com novos elementos.

Sobre o padre que estava sendo enviado, o provincial já o descrevera: com facilidade para as novas línguas, zeloso e obediente. Ele tinha apenas 27 anos de idade e quatro de ministério ordenado. Quanto ao irmão José, ele também um homem de apenas 33 anos de idade e cinco de profissão religiosa. Vale a pena sair da precisão dos documentos e da comprovação científica da narrativa histórica e perguntar ao passado: como teria sido a reação dos dois diante de um projeto totalmente novo e desconhecido? No exílio em Luxemburgo, mas muito próximo da pátria, falando praticamente a mesma língua, os dois apostavam muito no sonho de uma fundação além-mar, no caso, no Brasil. Descortinava-se um tempo novo, um tempo de Deus na vida daqueles dois missionários e, por que não, na esperança da Província da Germânia Inferior em ver brotar novos ramos em outro continente.

Antes de saírem da Europa, houve uma pedra no caminho. Um pequeno entrave segurava os dois missionários no convento redentorista de Avon. No calor do verão europeu, ficam sabendo que só poderão viajar em setembro, pois Monsenhor Matera se enroscara nos afazeres da diplomacia curial e da nunciatura, aguardando o seu antecessor.

²⁷ Copresp B, vol. I, carta de número 10, escrita em 26 de julho de 1878, pelo Padre Nicolau Mauron ao Padre Matias Schmitz. Original, em língua alemã, segunda via, no AGHR, fundo 10, Província da G. Inferior.

Em meados de agosto, no dia quatorze, Dom Matera chegou ao convento redentorista em Pau. Os dois redentoristas chegaram dia dezoete. Quatro dias depois da chegada de Dom Luiz Matera, tanto ele como o Padre Hellbach, escreveram ao Padre Geral dando notícias do encontro entre os três e falando das expectativas da viagem que deviam empreender para o Brasil. Vejamos a carta de Padre Hellbach.

Pau, 18 de agosto de 1878

Reverendíssimo Pater!

Sinto-me honrado de comunicar a Vossa Paternidade que ontem chegamos bem a Pau, onde finalmente travamos o longamente desejado conhecimento de Monsenhor Matera. Ele nos saudou da maneira mais afável e ganhou o nosso coração pelo seu natural simples e amável. Nós esperamos que nos daremos bem com ele; não queremos ser omissos na paciência e boa vontade. Oxalá Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a quem recomendamos instantemente nossos interesses no santuário de Lourdes, nos tome sob sua proteção. Nós sentimos de maneira mais viva as dificuldades da missão a nós imposta e a insuficiência de nossas forças; mas confiamos também nas orações de nossos confrades, nas bênçãos de nossos superiores e na força da obediência. Penso escrever-lhe de Lisboa, mais pormenorizadamente. Por ora pedimos a Vossa Paternidade a bênção paterna para continuar a viagem e permaneço como filial amor e respeito.²⁸

No mesmo dia, Dom Matera também escreveu ao Padre Geral falando da fadiga da viagem e da calorosa recepção no convento redentorista. Ele conta que foi ao santuário de Lourdes e rezou em especial na intenção do Padre Geral. Fala que tem receios e angústias diante da nova missão, mas que é preciso confiar em Deus para prosseguir na caminhada. Sobre os companheiros, depois dos elogios, ele fez um comentário que gera insegurança ao projeto de uma futura fundação. Por que esconder e não dizer nada sobre a viagem? “Recomendei ao

²⁸ Copresp B, vol. I, carta de número 11, escrita em 18 de agosto de 1878, pelo Padre André Hellbach ao Padre Nicolau Mauron. Original, em língua alemã, no AGHR, fundo 10, Vice-Província de Buenos Aires.

Padre Hellbach não falar nada sobre nosso destino, pois isto poderia prejudicar o bom êxito da nossa missão. Espero que Deus abençoe o meu trabalho e que possa louvá-lo encontrando uma casa providencial”. Há ainda outras dúvidas que ficam no ar.²⁹

Em carta do Padre Schmitz ao Padre Mauron, ele comenta que havia recebido carta de Padre Hellbach, onde falava que a partida para o Brasil seria somente no começo de setembro.³⁰ Estando em Lisboa, Padre Hellbach escreve duas cartas ao Padre Geral com a data do mesmo dia. Talvez pela iminência do embarque, aproveitara para dar as últimas notícias. Mas porque duas cartas em um mesmo dia? Ele mesmo vai dizer ao Padre Geral que escrevera a primeira carta e a mostrara a Dom Luiz Matera. Este aproveita e manda um recadinho ao Padre Geral. Após a partilha do que acabara de escrever ao Padre Geral, Padre Hellbach inicia a segunda carta. Esta, supondo que o Monseñor não leria.

Na primeira carta, Padre Hellbach fala do dia previsto para a viagem, dia da natividade de Nossa Senhora, oito de setembro. Notícia que o navio havia partido de Bordeaux no dia cinco. Pede orações e intercessões de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro por uma feliz viagem. A previsão para viagem era de quinze dias, entre Lisboa e Rio de Janeiro. Fala da boa saúde dos três que deveriam viajar e, mais uma vez pede orações. No final da carta, há o adendo escrito por Dom Luiz Matera. “Adeus, então, Padre Geral! Eu estou muito contente com os

²⁹ Copresp B, vol. I, carta de número 12, escrita em 18 de agosto de 1878, por Dom Luiz Matera ao Padre Nicolau Mauron. Original, em língua italiana, no AGHR, fundo 10, Província Germânia Inferior. «Aqui em Pau fiquei conhecendo o Padre Hellbach e ficamos de acordo que iremos à América e o convidei a fazer-me companhia durante a viagem e lhe ofereci hospedagem no Rio de Janeiro. Quanto ao Irmão, que é pessoa de confiança, ficará na minha casa ajudando-me. Neste sentido já escrevi para a Nunciatura do Brasil. É isto que ficou combinado entre nós. O resto fica a cargo de Deus e do futuro». Ir à América? A expressão usada na Europa refere sempre, erroneamente, aos Estados Unidos da América. Típico de cartas sob regimes anticlericais em que se devia disfarçar os objetivos na comunicação.

³⁰ Copresp B, vol. I, carta de número 13, escrita em 31 de agosto de 1878, pelo Padre Matias Schmitz ao Padre Nicolau Mauron. Original, em língua alemã, no AGHR, fundo 10, Província da G. Inferior.

companheiros que me deu e lhe serei sempre grato. Viveremos do jeito de redentoristas, mas o senhor nos recomende à Virgem continuamente. É muito lindo partir no dia de sua Natividade. Assim que chegarmos ao Rio de Janeiro, escreveremos, mantendo-o informado”.³¹

Já na segunda carta, Padre Hellbach é realista e acena para o lado objetivo dessa empreitada: uma futura fundação redentorista. Mas, antes mesmo de empreenderem a viagem, Padre Hellbach consegue visualizar os limites da futura obra.

Lisboa, 6 de setembro de 1878

Revmo. Pater!

Tenho a honra de escrever algumas linhas a Vossa Paternidade, que eu não quis confiar à carta anterior, que tive que apresentar a Monsenhor Matera. A cruz que Vossa Paternidade profetizou em sua estimada carta começa a se mostrar de longe. Com efeito, a maneira pela qual Monsenhor quer executar a promessa feita ao senhor de atuar no Brasil em favor da Congregação, não me parece ser a correta. Primeiro que tudo a minha condição de redentorista deve ficar de tal maneira escondida, que até o bispo não fique sabendo; ele me quer apresentar ao bispo como sacerdote alemão que conheceu em Pau e a quem ele convidou a acompanhá-lo e a ajudá-lo em alguma coisa. Como devo eu mais tarde aparecer diante do bispo, quando se tiver eventualmente de entabular negociações para uma casa de nossa Congregação? Não se sentirá ele muito ofendido, quando ele ouvir que eu sou um religioso, que ele foi, pois, iludido? Lembrando da advertência do senhor, eu não contradisse o Monsenhor, apesar de meus escrúpulos. Espero, porém, convencê-lo aos poucos de que é melhor sermos sinceros para com o bispo.

Além disso, parece que ele tem a opinião de que é melhor para a concretização do plano de introdução da Congregação no Brasil, que eu fique tranquilamente estabelecido na Nunciatura, servindo-lhe de se-

³¹ Copresp B, vol. I, carta de número 15, escrita em 6 de setembro de 1878, pelo Padre André Hellbach ao Padre Nicolau Mauron. Original, em língua alemã e italiana (a parte escrita por Dom Matera), no AGHR, fundo 10, Vice-Província de Buenos Aires.

cretário; com o tempo se encontraria por si mesmo uma oportunidade de ação para a nossa Congregação. Duvido muito ser esta a opinião de Vossa Paternidade. Parece-me que eu deva ser pessoalmente ativo, buscando oportunidades, realizando investigações, atando ligações, como que estar sempre pronto para o salto para não perder os momentos favoráveis; tudo isto, naturalmente, com grande discrição para não ofender ao Monsenhor. Eu, porém, não quero agir antes de ter recebido de V. Paternidade o parecer sobre isto, parecer que eu aguardo ansiosamente.

Eu penso que até agora não dei ao Monsenhor nenhum motivo para descontentamento. O Irmão José presta-lhe todos os serviços possíveis com a maior atenção e paciência. Eu de minha parte tenho-me esforçado, tanto quanto posso, por ser do seu agrado. Eu já fiz a ele muitas cópias e muitas vezes por dia, vou até ele, perguntando se ele não tem com que me encarregar. Ele nos edifica por sua profunda piedade. Ele reza juntamente conosco o terço e diversas outras orações.

Finalmente eu peço a bênção de Vossa Paternidade para a nossa viagem e para uma próspera atividade no Brasil. Permaneço com filial amor e respeito, seu mais dedicado servo e filho,

Padre André Hellbach, C.Ss.R.³²

Ainda que os receios e a insegurança tenham aparecido antes da viagem, Padre Hellbach afirma confiança em Dom Matera e chega a falar bem de sua piedade. Escreve que iria tentar removê-lo da ideia de esconder a identidade redentorista diante do bispo do Rio de Janeiro. O futuro imediato que ali começava, em Lisboa, irá dizer sobre o futuro próximo em Petrópolis. Com a conversa de Dom Matera, relatada pelo Padre Hellbach, o Internúncio queria, primeiramente, a companhia dos dois missionários e somente depois dar os passos para uma fundação. Na viagem da França até Portugal, Padre Hellbach percebera que os objetivos eram distintos. Contrastava o serviço burocrático de secretário do padre e camareiro doméstico do

³² Copresp B, vol. I, carta de número 14, escrita em 6 de setembro de 1878, pelo Padre André Hellbach ao Padre Nicolau Mauron. Original, em língua alemã, no AGHR, fundo 10, Vice-Província de Buenos Aires.

irmão com uma fundação missionária além-mar. Não era preciso dizer mais nada. Os redentoristas sentiram o peso da cruz – como falara o Padre Geral em carta ao Padre Hellbach – antes mesmo de chegar ao destino final.

Os três embarcaram no navio francês *Orénoque*, com mais de seiscentas pessoas a bordo. O embarque foi em Lisboa, no dia oito de setembro e o desembarque no Rio de Janeiro, no dia 25 daquele mesmo mês. Chegaram e foram notificados que a febre amarela grassava na capital federal. Ir a Petrópolis seria uma saída para escaparem dos mosquitos infectados. Com data do mesmo dia do desembarque, Padre André e Dom Matera, enviam notícias ao Padre Geral, em Roma.

3. Do Rio de Janeiro para a serrana Petrópolis

Durante quase vinte dias os três passaram em alto mar. Conforme informou Dom Matera, ele ficou sem a mala de missa, sendo despachada para Buenos Aires. Geralmente os navios de passageiros que vinham da Europa continuavam a viagem até a bacia do Rio da Plata. Vejamos a primeira carta escrita depois que desembarcaram no Brasil.

Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1878

Revmo. Pater!

Deo gratias et Mariae! Há pouco pisamos em terras brasileiras e assim alcançamos a meta de nossa viagem.

Com muita gratidão a Deus e a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, olhamos para trás, para todo esse longo trajeto que foi percorrido. É natural que não faltaram pequenos aborrecimentos, como por exemplo, o enjoo do mar que afetou Dom Matera durante alguns dias e ao Irmão José durante toda a viagem. Mas tudo já passou. Bastou pisar em terra firme e os incômodos desapareceram.

Permita Deus que consigamos agora o ideal que nos trouxe para cá com a devida autorização de Vossa Paternidade.

Estamos muito bem dispostos e esperamos o melhor, sendo que tudo foi feito com a bênção dos superiores e acompanhados pelas orações dos confrades. Mas apesar de tudo estamos prevenidos para as provas que poderão surgir. Que em tudo seja feita a vontade de Deus.

Com muita humildade peço a bênção de Vossa Paternidade para mim e meu confrade. Amorosa e respeitosamente permaneço de Vossa Paternidade dedicadíssimo servo e filho,
Padre André Hellbach, C.Ss.R.³³

Ao final da carta de Padre Hellbach, uma saudação de Dom Matera ao Padre Geral. Agradecido, Dom Matera escreveu: “Não deu para rezar missa durante a viagem marítima porque a caixa onde estava o meu altar portátil não foi embarcada em Lisboa, mas mandada para Buenos Aires. [...] Aqui reina a varíola, além da febre amarela; aconselharam-me ir a Petrópolis e o farei”. Eles ficaram mais ou menos um mês na cidade do Rio de Janeiro, com os Freis Carmelitas, na Lapa.

As próximas notícias foram dadas ao Padre Geral, somente em dez de novembro, de Petrópolis. Padre Hellbach, em uma de suas cartas faz referência que havia escrito ao Provincial Padre Matias Schmitz. Mas, como explicitamos no início, as cartas enviadas para a Alemanha foram perdidas e não podemos saber o conteúdo das mesmas. No dia dez de novembro foram escritas três cartas ao Padre Geral. Uma pelo Monsenhor Matera e duas pelo Padre Hellbach. A intenção, além das notícias, era cumprimentar o Padre Geral pelo onomástico São Nicolau. E, mais uma vez, Padre Hellbach usou da tática usada quando estava em Lisboa. Escreveu uma carta ao Padre Geral e fez com que Dom Matera soubesse do conteúdo. Logo em seguida, escreveu outra, sem o conhecimento do monsenhor diplomata. Arguto ou astuto esse padre? Ele agiu mais por argúcia que por astúcia!

Na carta de Dom Matera, podemos constatar as seguintes informações. Primeiro ele fala do acúmulo de trabalho na nunciatura e o desafio em estar em um país totalmente desconhecido. Fala do clima horrível do Rio de Janeiro, “clima infecto do tifo, da febre amarela e na nossa chegada, também da varíola, que faz tantos estragos”. Depois de um mês os três foram para Petrópolis. O próprio Dom Matera nos relata.

³³ Copresp B, vol. I, carta de número 16, escrita em 25 de setembro de 1878, pelo Padre André Hellbach ao Padre Nicolau Mauron. Original, em língua alemã (as linhas escritas por Dom Matera, em língua italiana), no AGHR, fundo 10, Vice-Província de Buenos Aires.

Em Petrópolis o ar é bem diferente, pois estamos nas montanhas. Tem também a vantagem que se pode descer em poucas horas para a capital para cuidar de alguma coisa. Também os outros diplomáticos se encontram quase todos aqui. Minha casa é muito simples, mas decente, assim como convém, e também bastante grande, para que a ninguém falte seu quarto; há uma sala de recepção, de estudo, refeitório e uma bela capela, a qual esforço-me para que seja a melhor, digna de um representante da Santa Sé. [...]

Tenho que acrescentar que não perco de vista a Congregação. Estou descobrindo e sondando terrenos desde que cheguei, o que, aliás, não é tão difícil. Eu morreria bastante contente se o conseguisse, e seria um grande benefício para nossa Congregação. Ajude-me com as suas orações e as dos confrades, mas mantenha segredo sobre isso. Dê-me notícias da minha Roma quando tiver oportunidade. Dê lembranças minhas para todos os padres e irmãos e receba um abraço deste seu humilíssimo e afeiçoadíssimo servo.

Dom Luiz Matera

P.S.: Gostaria de ter o *Directorium* para o Ofício Divino usado em sua comunidade para o próximo ano e também a lista das casas e dos confrades da Congregação. Pode mandá-los através da Secretaria de Estado, em pacotinho fechado.³⁴

Para um desavisado, a carta aparenta um esforço grande do encarregado da Santa Sé em providenciar uma fundação redentorista. A realidade falará por si. Antes, porém, é bom reler a frase: "... mas mantenha segredo sobre isso". Um projeto internacional, uma nova residência religiosa feita em segredo?

Dissemos acima que são três cartas com a mesma data, supondo que escritas num mesmo dia. A segunda, escrita pelo Padre Hellbach, da qual tinha conhecimento Dom Matera, o padre usou uma linguagem amena e apenas teceu elogios ao Padre Geral, devido à aproximação do seu onomástico. Era uma carta de congratulações. Mas, sabendo

³⁴ Copresp B, vol. I, carta de número 17, escrita em 10 de novembro de 1878, por Dom Luiz Matera ao Padre Nicolau Mauron. Original, em língua italiana, no AGHR, fundo 10, Província da Germânia Inferior.

do que Dom Matera a leria antes de ser postada, Padre Hellbach muda a linguagem logo no segundo parágrafo. Dando indiretas ou mesmo sendo direto, depende da capacidade de leitura, ele fala que o melhor presente para o dia de São Nicolau (onomástico do Padre Geral), seria a notícia de concretização da fundação no Brasil.

Que Ele se digne fazer nascer muita alegria, principalmente do campo de trabalho do Brasil, que o seu zelo tem em mira para a salvação das almas e para o desenvolvimento da Congregação! Para o seu consolo no belo dia festivo bem que gostaríamos de fazer agradáveis comunicações sobre as perspectivas de nossa ordem no Brasil. Mas nós temos de renunciar por enquanto a esta satisfação. Assim queremos apenas dizer-lhe, como me parece, que desde a separação de nossos confrades nada perdemos de nosso amor para com nossa querida congregação, antes crescemos nele dia a dia. É verdade, ainda nada fizemos por ela, ardemos, porém, de desejo de sermos úteis a ela de qualquer modo. Queremos empenhar nisto nossas fracas forças e, com a graça de Deus, até sacrificar de boa vontade a própria vida. Queríamos expressar estes nossos sentimentos mais sinceros a Vossa Paternidade por ocasião de seu dia festivo, para que, ao passar nesse dia em revista, todo o território de nossa ordem possa descansar sobre o Brasil, se não com alegria, ao menos com satisfação.³⁵

Como vemos acima, o teor da carta deixa entendido ou subentendido, que o sonho de uma fundação no Brasil ainda não tinha nada encaminhado. Mas, na carta seguinte, que vamos transcrevê-la na íntegra, Padre Hellbach é explícito: além de nada estar sendo encaminhado, tem buscado, ocultamente se informar da realidade eclesial e social do Brasil, em vista da escolha do local para a fundação. A carta informa ainda um pouco do dia a dia e do trabalho na Nunciatura. Ele como secretário e o irmão como responsável pela casa.

³⁵ Copresp B, vol. I, carta de número 18, escrita em 10 de novembro de 1878, pelo Padre André Hellbach ao Padre Nicolau Mauron. Original, em língua alemã, no AGHR, fundo 10, Vice-Província de Buenos Aires.

Petrópolis, 10 de novembro de 1878

Revmo. Pater!

Vossa Paternidade irá bondosamente permitir que eu acrescente à carta que leva ao senhor nossos mais sinceros votos de feliz onomástico, algumas outras importantes comunicações. O provincial de Luxemburgo certamente que já lhe escreveu que nos encontramos agora em Petrópolis e também lhe comunicou que espécie de vida levamos aqui. Ela não é especialmente agradável. Não falo das muitas provas de paciência a que Monsenhor submete os que o cercam. É, de fato, extremamente difícil dar-se com ele pacificamente. A gente precisa tratá-lo como a uma criança doente e por mais delicada e respeitosa que a gente lide com ele, a gente não faz facilmente alguma coisa que lhe esteja bem. O Irmão José deve sentir isto em especial dificuldade, já que lhe cabe o serviço pessoal do Monsenhor.

Às vezes ele fica inconsolável e chora amargamente. Contudo, tudo isto pode-se aguentar com alguma facilidade. O que nos custa mais é a impossibilidade de levar uma vida religiosa ordenada, o que gostaríamos de fazer. Quanto a mim, o redentorista é absorvido quase inteiramente pelo secretário da Nunciatura. Desde manhã cedo até a noite adentro sou absorvido por correspondência e coisas semelhantes, principalmente desde que o Dr. Ajuti, levado por Monsenhor, pediu demissão. Acresce que a preocupação do cuidado da casa causa não poucos esforços, já que tudo tem que ser providenciado e arranjado. Não sobra para mim absolutamente nenhum tempo para os exercícios prescritos pela Regra. Já me tornaram coisa completamente estranha a leitura espiritual, as meditações da tarde e da noite e a oração da noite em comum. A única coisa que me mantém de pé é a meditação da manhã, que eu faço com o Irmão José. À noite tenho que sair com o Monsenhor para os jantares, sociedades de chá e tais *soirées*, dos quais a gente volta às 11h30 e quando vai bem, às 10h30. Enquanto isso, o Irmão José fica em casa e luta umas duas horas contra o sono, para nos abrir a porta quando voltamos.

Durante o dia, o irmão está sempre sozinho, abandonado a si mesmo; só raramente é que posso entreter-me um pouco com ele. Isto é pouco apropriado para animá-lo e dar vida a seu espírito de sacrifício. Esperamos que com o tempo tudo irá melhorar. Até agora tem-me sido impossível mudar qualquer coisa nestas desagráveis condições.

Vossa Paternidade não precisa tirar da dita conclusão de que estejamos descontentes com nossa situação. Não, nós estamos conscientes de que Deus é quem nos colocou neste posto e nós esperamos com sua graça nele perseverar por tanto tempo quanto agradar a Deus. Eu escrevi tudo isto porque ao filho proporciona sempre um grande consolo desabafar com o pai em situações difíceis e o pai pode também exigir que seu filho assim o faça.

Quanto às perspectivas de nossa Congregação no Brasil, eu não posso acrescentar nada àquilo que comuniquei na última carta ao padre provincial. Não tenho tempo de pensar em outra coisa que não sejam os trabalhos de que Monsenhor Matera me encarrega. Eu não posso também deixá-lo perceber que eu colho, dadas as boas ocasiões, informações sobre a situação brasileira que são do interesse de nossos superiores, pois que isto o iria aborrecer muito. Ele não tolera que algum de seus companheiros de casa faça alguma coisa sem perguntar-lhe. Ele mesmo quer, como ele me disse mais vezes, fazer alguma coisa para nossa ordem no Brasil; do que, porém, se trata ele ainda não nos deu a saber. Uma coisa é certa: é que o bispo, sem o qual nada pode acontecer em sua diocese, não sabe nada da presença de redentorista em sua diocese. Esperamos que Deus nos mostrará meios e caminhos para chegarmos ao nosso alvo.

Eu espero que Vossa Paternidade tenha recebido as cartas que me permitiu escrever de Lisboa, São Vicente e do Rio de Janeiro.

Monsenhor Matera acaba de me encarregar de encomendar o *Directorium* da Província Romana para o ano de 1879. É que rezamos o nosso breviário conforme esse *Directorium*.

Agora termino, pedindo ao senhor sua piedosa oração e sua paternal bênção para nós e permaneço nos Sagrados Corações de Jesus e Maria. De sua Paternidade, muito e dedicado servo e filho,
Padre André Hellbach, C.Ss.R.³⁶

A convivência com o Monsenhor, em apenas dois meses, mostrou os limites e as dificuldades entre ele e os dois redentoristas. O clima

³⁶ Copresp B, vol. I, carta de número 19, escrita em 10 de novembro de 1878, pelo Padre André Hellbach ao Padre Nicolau Mauron. Original, em língua alemã, no AGHR, fundo 10, Vice-Província de Buenos Aires.

entre os três, às vésperas no natal, era o dos piores possíveis. Em carta ao provincial, Padre Hellbach abre o jogo e fala dessa realidade: doença do irmão, conversa do Monsenhor em mandar o irmão de volta para Europa, possibilidade de rompimento com o Monsenhor e tentar uma fundação vindo reforço da Europa. Não precisamos forçar a imaginação para visualizar a situação de tristeza e insegurança para os dois redentoristas.

Petrópolis, 17 de dezembro de 1878

Revmo. Padre Provincial!

Com grande tristeza tenho que comunicar a V. Revma. que o Irmão José não está passando bem. Tenho percebido desde algum tempo que suas faces vão-se encovando e se tornam notoriamente pálidas. Às minhas perguntas respondia ele sempre estar bem de saúde, somente que ele não tem bom apetite. Há quatorze dias começou ele a ter violentas dores no baixo ventre, que o forçaram a pôr-se de cama. O médico, que foi chamado imediatamente, constatou uma febre... não sei mais o nome em português, mas eu creio que em alemão se chama *schleimfiebers* (febre pituitária). Ele prescreveu uns remédios fortes à base de mercúrio, que em alguns dias quebraram o foco da doença, que restabeleceram o Irmão José de tal maneira que pode deixar o leito, mas desde então ele sente extraordinariamente fraco. Ele não pode agora digerir nada e não sente apetite de nenhuma comida.

Monsenhor Matera, como eu já tenho escrito mais vezes a V. Revma., e como eu repito com íntima convicção, é um homem de rara virtude. Mas como todos os homens, tem também as suas fraquezas que mexem de maneira muito sensível com aqueles que estão na sua vizinhança dia a dia, hora a hora. Acrescem ainda alguns costumes repugnantes. Para indicar apenas um, assim Monsenhor depois de quatro semanas de estadia no Rio de Janeiro não sabia onde se encontrava em sua casa o lugar indispensável, que aqui não deve ser mencionado. Com um doente a gente tem compaixão e tolera muitas coisas. Mas se um homem sadio exige de outros tais prestações de serviço, como as que eu tenho em vista, isto é, de molde a revoltar naturezas mais delicadas. O Irmão José durante algum tempo tolerou tudo com grande paciência, mantendo-se firme em parte por razões sobrenaturais, parte pelo pensamento que nós não deveríamos suportar por

muito tempo esta situação desagradável. Mas como a coisa se prolongava e cada dia trazia consigo as mesmas provas de paciência, aí desapareceu, por fim, a antiga disposição alegre para o sacrifício. O Irmão José mergulhou numa profunda tristeza, da qual não o podiam tirar nem razões, nem boas palavras. Monsenhor viu isto com grande descontentamento e mais vezes deu a conhecer que não podia tolerar em sua casa um homem que sempre fazia cara triste.

De cada vez eu o tranquilizava com a afirmação de que isto era apenas passageiro, que tudo iria novamente bem quando o Irmão José tiver se acostumado a sua nova posição. Mas apesar de todos os meus esforços, a coisa não melhorou.

Há alguns dias o Irmão José, sem nenhuma razão visível, começou algumas vezes a chorar na presença do Monsenhor, o que o lançou na maior aflição. Ele fez um processo sumário em regra, declarando-se à noite daquele dia que se tinha decidido por enviar de volta o Irmão José. Ele tinha apenas de cessar de chorar, para que sua casa não ficasse difamada; no espaço de poucos dias pode ele partir. V. Revma. pode imaginar em que consternação eu entrei diante desta comunicação. Eu supliquei chorando ao Monsenhor, que desistisse dessa decisão. O Irmão José iria mudar em virtude de minhas sérias instâncias. Por alguns dias as coisas correram realmente melhores. Mas somente alguns dias. Ontem e hoje ele está extremamente abatido, em todo o caso também pela influência de sua saúde precária. Ele faz o que deve fazer, mas com semblante triste. Monsenhor até agora tem se calado, mas eu percebo bem que está iminente uma tremenda tempestade. E pobre de mim que aí estou sozinho e desarmado; sinto-me sem condições de acalmar o temporal. Jamais compreendi, como agora, a palavra “vae soli”. Que fazer, se o Núncio despedir meu confrade? Devo eu deixar tranquilamente que ele embarque e volte para a Europa? Devo alugar aqui no Rio um quarto talvez em algum convento e esperar uma resposta dos superiores? Devo eu mesmo, com o Irmão, dizer adeus ao Núncio e procurar agenciar uma pequena casa qualquer? O último certamente não, como me parece. Que Deus me ilumine! Em poucos dias, talvez hoje ainda, devo decidir-me. O que melhor me parece é que o Irmão José, em nome de Deus, volte para casa. De resto ele não tem nenhum desejo. Ele tem a infeliz ideia – e não se deixa dissuadir disto – de que os superiores ficariam alegres com a

nossa volta para casa e que eles nos deixaram partir na suposição de que poderíamos realizar uma fundação no mais breve espaço de tempo. E que lhe teriam dito em Luxemburgo, antes de sua partida. Até agora soçobraram todas as minhas tentativas de abrir-lhe os olhos.

Como será então se o Irmão José nos deixa? Substituí-lo por outro irmão de nossa ordem, nisto o Monsenhor não pensa nem de longe. Ele se arrumará em qualquer outro lugar. Assim eu me veria inteiramente só. Poderia eu levar Monsenhor a trazer para cá mais outro padre como secretário. Eu já lhe fiz várias vezes esta proposta e ele pareceu querer entrar nesta. Mas em poucas semanas ele decidiu a procurar um padre brasileiro, que está familiarizado com a situação do Irmão. Aquele plano caiu n'água. Abandonar Monsenhor e ir me reunir a um ou mais confrades eventualmente vindos para cá, não vai bem, sem ofender Monsenhor. Também não sei até agora onde é que poderíamos fundar uma casa; pois até agora nos foi proibido aparecer como redentoristas (embora algumas pessoas o saibam) e por isso minhas buscas a respeito ficaram impedidas. O bispo não sabe ainda hoje que eu sou redentorista. Se eu me pudesse libertar de Monsenhor com honra e tivesse comigo um bom superior, creio que poderia pôr alguma coisa em movimento sem muita dificuldade. Conheço já muitas personalidades influentes, que certamente nos ajudariam numa fundação, logo que as procurássemos neste sentido.

No Rio (não em Petrópolis) um padre pode viver quase só de estipêndios de missa. Naturalmente que ele deve saber algum sacrifício, pois que as missas pagas são celebradas às 8, 8h30 ou 9 horas. A grande dificuldade é criar uma obra que possa existir por si mesma. Quero dizer, é muito difícil aqui encontrar vocações. Os Jesuítas, Capuchinhos e Lazaristas as recrutam exclusivamente na Europa. Desde há vinte anos que os Capuchinhos não têm nenhum noviço brasileiro e as outras ordens não vão melhor.

Infelizmente tenho de interromper aqui. O mensageiro está no corredor e espera por minha carta. Amanhã parte o navio, que deve levá-la. Que o senhor não se entristeça demais com o conteúdo dela. Confiemos em Deus, ele guiará tudo para o melhor. Aguardo ansioso sua ordem. Seja qual for ela, eu agirei com alegria conforme for ela. Espero que tenho recebido as quatro cartas que escrevi desde minha saída de Lisboa.

Peço que saúde a todos meus caros confrades,
Sou muito dedicado servo e filho,
Padre André Hellbach, C.Ss.R.³⁷

Depois desta longa e minuciosa carta, constatar que os dois redentoristas chegaram aos prantos. Um por depressão e o outro por clemência ao interceder ao Monsenhor que não despachasse o irmão doente. Chama-nos a atenção e nos aguça a curiosidade em querer saber qual cômodo da casa, o Monsenhor italiano não conhecia, depois de quatro semanas no Rio de Janeiro. Enfim, a situação não era agradável.

Podemos ainda constatar, pelas cartas ao provincial, que Padre Hellbach tinha um pouco de escrúpulos em não estar podendo cumprir a Regra da Congregação Redentorista. A Regra era minuciosa e inflexível. O padre era novo, menos de trinta anos de idade e apenas iniciava no ministério sacerdotal. O Núncio preocupado com os negócios eclesiásticos da Santa Sé e Brasil, o irmão em depressão que, para aliviar a dor, chorava à frente dos outros dois, do padre e do Núncio. Era mesmo de se perguntar – “E pobre de mim que aí estou sozinho e desarmado, sinto-me sem condições de acalmar o temporal. O que fazer se o Núncio despedir meu confrade?”, como realmente perguntara Padre Hellbach ao provincial.³⁸

As coisas vão piorando. O padre chega a falar de libertação – “se eu me pudesse libertar de Monsenhor com honra e tivesse comigo um bom superior, creio que poderia por alguma coisa em movimento sem dificuldades”. A doença do irmão e a preocupação do padre em não cumprirem os atos religiosos da vida redentorista vão pesando cada vez mais. O padre demonstra um pouco de inflexibilidade diante de uma situação nova e inusitada, como ser secretário de uma nunciatura. Ele reclama do trabalho burocrático e da dificuldade em acompanhar o Monsenhor, de modo especial à noite, para jantares e eventos

³⁷ Copresp B, vol. I, carta de número 20, escrita em 17 de dezembro de 1878, pelo Padre André Hellbach ao Padre Matias Schmitz. Original, em língua alemã, no AGHR, fundo 10, Província da Germânia Inferior.

³⁸ Ibidem, carta de número 20.

diplomáticos. Padre Hellbach tinha receios em relação à perseverança no seu sacerdócio, lidando com tantas liberalidades. Considerando a sua idade e pouca experiência de ministério sacerdotal, apesar da realidade inusitada no Brasil, era melhor que viver na insegurança e no exílio na Europa. Nas próximas cartas, essas impressões vão ficando mais reais. “Devo confessar que já senti uma grande inquietude, quase, queria dizer, remorsos de consciência, por causa da vida que aqui tenho levado”, é o que ele expressa na carta a seguir.

O Natal estava chegando e, mais uma vez, Padre Hellbach faz um longo relato ao padre provincial sobre a realidade que estavam vivendo. Depois da carta lamuriosa enviada à Europa, ele muda o tom ao escrever novamente. É que, nesse ínterim, ele recebeu notícias do seu provincial. Foi como um bálsamo para os corações angustiados dos dois redentoristas no Brasil. Ao responder a carta do provincial – a que ele recebeu não foi conservada nos arquivos – Padre Hellbach faz longo e pormenorizado relato da situação. O que mais chama a atenção é a reação do Monsenhor Matera diante de especulações que envolviam os projetos de uma fundação redentorista. Vejamos.

Petrópolis, 22 de dezembro de 1878

Revm. Padre Provincial!

Mal havia posto a última carta no correio quando chegou aqui a prezada carta do senhor. Mil vezes agradecido por seu paternal amor e cuidados para conosco, que irradiam de cada linha. Agradecimento também a Deus que fez chegar esta carta exatamente agora! Desde que o Irmão José a ouviu, mudou-se completamente. Sua tristeza desapareceu; agora ele está alegre e bem disposto e se entrega aos trabalhos da casa com grande zelo. O senhor, por suas paternas exortações à paciência e à disposição para o sacrifício, atravessou os planos do demônio, que pela forte tentação com que ele atacou meu companheiro, quis talvez fazer gorar todo o sucesso de nossa missão. Deus não me achou digno de, pelos meus esforços, curar meu confrade de suas tentações. Ele quis que isto fizesse o superior maior e que o fizesse talvez sem pressentir que feliz efeito suas palavras iriam produzir a seu tempo. Quero também, sem hesitar em comunicar-lhe que agradável mudança se operou no Irmão José para que o senhor não se inquiete por causa dele. Talvez que esta carta ainda alcance a ante-

rior, pois que o vapor que devia levar ao senhor minha última carta zarpou uma hora antes da chegada de minha carta ao Rio.

Sua carta fez também sobre mim uma grande impressão. Ela me exortou seriamente não esquecer o religioso, além do secretário da nunciatura. Devo confessar que já senti uma grande intranquilidade, quase queria dizer, remorsos de consciência, por causa da vida que aqui tenho levado. Desde que se foi embora o secretário Ajuti e nós não temos mais nenhuma ajuda [ilegível] que ficou no Brasil, sou tomado dos trabalhos da nunciatura a tal ponto que apenas posso pensar em outra coisa. Antes eu podia, além da meditação da manhã, fazer ao menos a leitura espiritual; agora nem se pode pensar nisto. Não posso agora ousar falar disso com o Monsenhor, pois que tais manifestações afetam-no muito desagradavelmente. “O senhor está aqui em primeiro lugar para servir a Nunciatura”, respondeu-me ele, e “servindo a Nunciatura está servindo a Deus e o senhor adquire por meia página que escreve mais méritos do que talvez por horas de meditação. De resto eu sou senhor em minha casa, papa no Brasil, superior de todos os religiosos que se encontram em meu território e posso dispensá-lo de tudo”. Tais palavras, entretanto, não me puderam jamais tranquilizar, pois que eu bem sabia que meus superiores não estão de acordo com tal linguagem.

O que além disto me inquietava muito era a impossibilidade de encarregar-me do Irmão José tanto quanto seria necessário. Se eu pudesse tratar mais com ele, certamente não teria caído naquela tristeza de que escrevi ao senhor. Como seria salutar para ele se de vez em quando eu lhe pudesse fazer uma conferência ascética. Muitas vezes eu me propus a isto, seriamente, mas era impossível. Algumas vezes pensei em empregar para isto o curto tempo de recreio que Monsenhor nos concede, mas finalmente achei melhor não fazer isto para não estragar o pouco recreio e de alívio que o Irmão José tinha com isto e desse modo fazê-lo mais triste com isso.

De resto, com bastante frequência no recreio não havia nenhuma conversa. Frequentemente tinha de sair em visitas com o Monsenhor logo após a refeição ou de assistir a serões, dos quais voltávamos somente às 10, 11 ou 11h30 da noite. Entrementes, o Irmão José ficava sozinho em casa e esperava ansiosamente a nossa volta para finalmente poder ir para a cama. Certamente que foram exatamente estas

horas aquelas nas quais se apoderou dele aquela tristeza, que posteriormente se fez valer de maneira tão preocupante.

As visitas e serões de que acabo de falar pesavam muito sobre minha alma. De resto Monsenhor não se pode subtrair a isto. A etiqueta diplomática exige que ele retribua às muitas visitas, que ele constantemente recebe de embaixadores, adidos, condes, barões e ministros, assim como de suas esposas e filhos, assim como não pode recusar convites para jantares e serões. Tudo isto estaria bem para mim, se eu não estivesse de aí estar presente. Mas eu tenho de forçosamente participar dessas atividades; nestes jantares e serões tenho de me assentar junto de damas (que frequentemente não estão vestidas decentemente), tenho de assistir em pensionatos moças a representações teatrais que sempre estão ligadas a cantos e danças e que tais não deixam de exercer sobre mim desagradáveis impressões. Espero em Deus que até agora não tenha sofrido algum perigo; mas eu tremo quando penso em minha fraqueza e ao mesmo tempo considero que me falta, acerca da observância regular e que não tenho o diretor de consciência que preciso.

Enquanto eu ponderava isto e me achava em não pequena inquietação, chegou a carta do senhor, que me exortava a fazer pelo Núncio tudo o que estivesse em minhas forças, mas *salvis regulis et constitutionibus*! O senhor colocou peso especial na meditação da noite e na leitura espiritual, que eu procurei fazer regularmente. Eu refleti alguns dias sobre a maneira de fazer possíveis estes exercícios e como não podia encontrar absolutamente nenhuma hora para eles, decidi-me, após ter fracassado em muitas tentativas anteriores, fazer representações ao Núncio mais uma vez de maneira mais respeitosa possível. Quando ele me deu novamente a mesma resposta, como antes, permiti-lhe que meu superior mais próximo me tinha insistentemente exortado a não negligenciar aqueles exercícios. Isto foi falho.

O Núncio ficou muito excitado e desabafou, para minha surpresa, nas mais fortes expressões contra o senhor. “Como, exclamou ele, o provincial de sua escrivania em Luxemburgo quer expedir ordens aqui para minha casa? Eu estou em minha casa e devo mandar no senhor. Eu sou papa no Brasil, sou superior de todos os bispos e religiosos, posso interpretar as regras e nelas dispensar e para isso não preciso de licença nem do Provincial nem do Geral. Se isso não agradar ao Provincial, ele pode chamá-lo de volta; mas enquanto o senhor

estiver aqui eu sou o superior. O senhor está aqui para prestar serviços e não para introduzir a ordem, ou como dizia o Padre Blum, *pour eriger une tente*. Isto não é assunto seu, mas meu. Eu irei fazer o que posso, mas não devem intrometer-se nisto, isto eu não posso e não irei tolerar, mesmo da parte do Padre Geral. Eu exijo que confiem em mim cegamente. Ou o Padre Geral tem confiança em mim, então ele não se deve intrometer; ou ele não tem confiança em mim, e então ele pode chamar o senhor de volta. Eu não tenho necessidade do senhor. Há Jesuítas e outros religiosos em abundância, que estão invejando a sua posição. Seu provincial certamente que pensa somente no proveito de sua Congregação, mas não em mim. Provavelmente eu nada tenha a fazer, se não abrir as portas à sua Congregação e depois tranquilamente despedi-lo. Eu mesmo posso então ver como é que me arrumo. Mas eu não entendo as coisas assim. O senhor fica comigo, enquanto eu estiver no Brasil. E se isso não agrada a seu superior, ele pode logo chamá-lo de volta.”

Assim prosseguiu ele por duas horas. Ele estava especialmente irritado com os padres de Pau, que lhe falaram muito em fundações no Brasil e muito pouco do Monsenhor Matera. “Só egoísmo”, exclamou ele várias vezes. “Só egoísmo”. Fiz todos os esforços para serenar o Núncio e falar com ele sensatamente, mas inutilmente, ele tinha sido ferido em pontinhos de honra, e isto ele não perdoa.

Para falar sinceramente, se não for do agrado do Santo Padre transferir Monsenhor Matera para outro lugar, a nossa Congregação tem más perspectivas no Brasil. Se Monsenhor mesmo introduzi-la aqui, ela ficará sendo sempre sua escrava e será uma dura escravidão, que pode talvez durar muito (por exemplo, o segundo antecessor dele permaneceu aqui onze anos). Se ela for introduzida sem ele ou contra ele, é também algo preocupante, então ela terá nele, que aqui é realmente um pequeno papa, se não quero dizer um inimigo, certamente nenhum amigo.

Eu perguntei a Monsenhor Matera se eu podia comunicar a V. Revma. a conversa que acabava de ter com ele, ao que ele respondeu que eu podia fazer o que quisesse. Mais tarde ele disse que deveria esperar um pouco, até que tivéssemos tempo, pois eu devo escrevê-la em francês e ele quer ler para ver se seu modo de ver as coisas foi bem reproduzido. Eu não me julgo obrigado a colocar o senhor imediata-

mente a par do que acontecera, pois quem sabe quando é que Monsenhor terá tempo para aquela carta. Queira, pois, V. Revma. combinar com o Padre Geral o que deva ser feito. A mim cabe é ater-me exatamente às ordens, que me chegarão às mãos da parte dos meus legítimos superiores. Por agora irei, para evitar discórdias, fazer tudo por Monsenhor, que eu possa fazer sem pecado. [...]

A prestação de contas que lhe prometi para o ano novo, não posso fornecer por falta de tempo. Temos atualmente 2.500 francos em caixa.

Peço que o senhor saúde a todos os confrades por mim e permaneço nos Sagrados Corações de Jesus e Maria,

Sou muito dedicado servo e filho,

Padre André Hellbach, C.Ss.R.³⁹

A carta mostra que não houve meios-termos na fala de Monsenhor ao Padre André. A delicadeza e os bons modos foram deixados de lado e o Monsenhor fez ver e valer sua autoridade na casa em que moravam. Arvorou-se em dizer que no Brasil ele era o papa, que mandava nos bispos, nos religiosos e que poderia suspender ou interpretar as normas da Regra da Congregação do jeito que ele achasse conveniente. A fundação exigia grande empreitada e demandava liderança. Não era apenas levantar uma tenda, usando a língua francesa para desabar no auge de seu nervosismo, segundo o relato do Padre Hellbach.

Na carta com o relato do destempero verbal do Monsenhor, Padre Hellbach comenta que perguntara a ele se podia contar ao Provincial todo o desabafo. Na hora, o Monsenhor diz que pode falar tudo, contar tudo... depois pede calma e tempo para novos relatos. Pediu que a carta fosse escrita em francês para que ele pudesse lê-la e dar a sua opinião. Dois dias depois, em nova carta, Monsenhor diz ao Padre Hellbach que poderia escrever em alemão e que ele confiaria no redator, em não estar dizendo os impropérios na hora do nervosismo.

³⁹ Copresp B, vol. I, carta de número 21, escrita em 22 de dezembro de 1878, pelo Padre André Hellbach ao Padre Matias Schmitz. Original, em língua alemã, no AGHR, fundo 10, Vice-Província de Buenos Aires.

Na carta escrita às vésperas do natal, Padre Hellbach muda o tom. Ele continua a dizer a mesma coisa, mas toma partido para o lado do Monsenhor. Reafirma que o clima não ficou nada bom, depois da discussão, quando o Monsenhor fez o desabafo, ainda assim, vê que ele é bem intencionado e não quer dividir a glória da fundação da Congregação no Brasil com outra pessoa. Reafirma que tanto ele, Padre Hellbach, como o provincial e o geral da Congregação, devem confiar cegamente em Monsenhor, que será capaz de introduzir os Redentoristas no Brasil com uma fundação.

Padre Hellbach, se antes falava da dificuldade em cumprir as normas da Regra da CSSR, agora fala que na vivência da mesma deve haver flexibilidade. Acrescenta nas informações que era preciso ter consciência que eles não estavam em um convento constituído e que por isso faziam o que estava ao alcance deles. “Monsenhor insiste que observemos a Regra. Ele mesmo a observa enquanto o permitem sua posição e seus negócios. Ele faz como eu, sua meditação de manhã, a ação de graças após a missa, ele reza comigo o breviário e à noite reza conosco o terço e a ladainha de Nossa Senhora. Mais, não se pode fazer em nossa situação”.

Sobre as saídas à noite, Padre Hellbach fala que é a necessidade do cargo e que mesmo o Monsenhor fica, tantas vezes, de mãos atadas diante dos convites. São muitas as visitas na Nunciatura e Monsenhor precisa retribuir essas visitas. Para as visitas, ele precisa ir acompanhado. Não é bem visto que ele saia sozinho para visitas oficiais. Sobre gentilezas e boas maneiras, Padre Hellbach cobra do provincial a falta de atenção para com Dom Matera. O monsenhor não recebera, ainda, nenhuma palavra do provincial. Nos comentários à mesa, já saíra essa observação. E recomenda ao provincial que seja gentil, escrevendo ao Monsenhor.

Sobre a introdução da Congregação no Brasil, recomenda calma e confiança em Monsenhor Matera. Ele está cômico de sua responsabilidade. Ao findar a carta fala que naquela noite de natal, Monsenhor Matera prometeu ao Irmão José que ele poderia usar o hábito redentorista. Pelo jeito o clima de Natal aqueceu os corações dos três companheiros na casa da Nunciatura. “Monsenhor pede desculpas por sua linguagem franca. O senhor certamente perdoa a maneira pouco respeitosa com que lhe falo nesta carta. Por amor da paz eu prometi ao Monse-

nhor escrever assim e não de outra maneira, embora me custe”.⁴⁰ São algumas frases positivas expressas na última carta do ano, enviada ao Provincial em Luxemburgo.

4. 1879: a esperança é sempre a última que vive...

As últimas letras escritas no ano que terminara, em carta de véspera de Natal, Padre Hellbach dizia: “ainda hoje à noite deve ser fundado o primeiro convento e, a saber, na Nunciatura. O Irmão José deve servir o altar à meia-noite em hábito da Congregação. Deus queira se opere uma reviravolta nos sentimentos de *Monsignore*”. Era a esperança de um convento constituído e canonicamente ereto de uma fundação redentorista no Brasil.⁴¹ Pelo que vimos, até agora, os ventos não sopravam favoráveis a tal causa. Foram absorvidos pelos tra-

⁴⁰ Copresp B, vol. I, carta de número 22, escrita em 24 de dezembro de 1878, pelo Padre André Hellbach ao Padre Matias Schmitz. Original, em língua alemã, no AGHR, fundo 10, Vice-Província de Buenos Aires. Nesta carta aqui indicada, Padre Hellbach revela também insegurança diante dos fatos. Afirma que não se recordava do que havia escrito na carta anterior, sobre a vida interna da casa onde moravam. Fala que não se exprimiu com clareza. Depois retoma o assunto da fundação. «Quanto à introdução da Congregação no Brasil, Monsenhor deseja que o senhor conheça exatamente seu modo de pensar. Ele não quer, como eu devo dizer ao senhor claramente, dividir com outro a honra de introduzir aqui a Congregação. Por isso ele não tolerará jamais que alguém lhe dite prescrições a esse respeito, seja V. Revma. seja o Padre Geral. Ninguém deve dizer-lhe: “eu quero as coisas assim ou assim”. A gente deve deixá-lo agir sozinho. Ele exige cega entrega e plena confiança. Se os superiores não aceitam isto, eles devem então chamar-nos logo de volta. Se ela lhes parece aceitável, ele quer fazer pela Congregação o que ele puder. Somente que ele não quer ser empurrado; tal coisa não se pode fazer em uns poucos meses. Os Dominicanos, que moram em Petrópolis, já estão no Brasil há dois anos e ainda não levaram a cabo a menor coisa. Toda obra de Deus exige tempo e paciência».

⁴¹ Ibidem. Esta carta de número 22 na coleção Copresp B, escrita pelo Padre Hellbach ao Provincial, foi parar nas mãos do Padre Geral. Em fevereiro do ano seguinte, quando as esperanças de uma fundação com auxílio de Dom Matera estavam mortas, o Internúncio receberá uma carta do Padre Geral. Nessa carta ele vai comentar sobre os escritos de Padre Hellbach ao provincial. É a carta de número 27, que veremos um pouco adiante.

balhos da Nunciatura e o projeto da futura fundação não havia entrado na pauta ou nas negociações de Dom Luiz Matera.

Segundo Padre Hellbach, Dom Matera havia reclamado que não recebera nenhuma notícia do provincial nem do geral da Congregação. No entanto, com as devidas desculpas pelo atraso, Padre Nicolau Mauron escreveu a ele no começo de janeiro. Comenta sobre as chuvas e o rígido inverno em Roma e “de vez em quando estou aí com o pensamento em Petrópolis, onde imagino o senhor rodeado de muitos e difíceis trabalhos. Fico contente em saber que Padre Hellbach e Irmão José lhe sejam de alguma ajuda”. E continua:

Recomendo-lhe vivamente a Congregação e a finalidade principal pela qual o senhor e seus dois humildes companheiros foram aí no Brasil. Fico contente em saber que sua tarefa não lhe pareça tão difícil. Se esta fundação der certo, como espero, será um grande benefício para a Congregação nessas terras. E o senhor terá também um grande merecimento diante de Deus, deixando no Brasil uma memória duradoura de seu zelo pela Congregação. Todos os dias na santa missa recomendo a Deus este empreendimento, que me interessa muito. Peço também a Deus que Padre Hellbach e Irmão José conservem perfeitamente seu espírito religioso em sua atual posição.

Mandei pelo correio o Diretório para o Ofício Divino. Desde 1867 não é mais impresso o elenco das casas e dos confrades da Congregação. Há somente algumas listas individuais de algumas províncias. Padre Douglas e os demais confrades e Irmãos de Vila Caserta mandam lembranças.

Aceite, Monsenhor, a certeza dos meus sentimentos respeitosos com os quais sou, de Vossa Reverendíssima devotíssimo servo,
Padre Nicolau Mauron, C.Ss.R.⁴²

Uma pena que não temos uma resposta de Dom Matera. Nos arquivos, nas cartas conservadas, apenas uma datada no final de março,

⁴² Copresp B, vol. I, carta de número 23, escrita em 13 de janeiro de 1879, pelo Padre Nicolau Mauron a Dom Luiz Matera. Original, segunda via, em língua italiana, no AGHR, fundo 10, Província da Germânia Inferior.

de Dom Matera enviada ao Padre Geral. Antes disso, temos ainda, do mês de janeiro, uma carta do provincial Padre Schmitz ao Padre Geral, Mauron. Padre Schmitz relata ao Padre Geral a partir das informações que recebia de Padre Hellbach, enviadas do Brasil. Nesta carta, há a clara expressão de desapontamento e mesmo a decepção com Dom Matera. O escritor usa a expressão: assim nós fomos enganados!

Padre Schmitz tinha consciência que o Império brasileiro, apesar do padroado que tinha a Igreja como departamento de Estado, o ministério que ora governava era eivado de maçons. Cita o exemplo dos Dominicanos que haviam chegado ao Brasil, mas aguardavam licença para fundação de casa religiosa. Como bom alemão, Padre Schmitz não se sente culpado em não ter escrito a Dom Matera, como ele havia reclamado ao Padre Hellbach. Sobre isso, conclui Padre Schmitz: “ele deve ser um senhor extremamente melindroso”. Vejamos na íntegra, pois os detalhes nos ajudam a entender, além do conteúdo do assunto, a mentalidade e a dificuldade diante desse novo projeto de expansão da Congregação para fora da Europa.

Luxemburgo, 20 de janeiro de 1879

Reverendíssimo Pater!

Ontem à tarde chegou-me a carta anexa, na qual o Internúncio Dom Matera, através do Padre Hellbach, apresenta exatamente suas pontualizadas exigências e, a saber, de maneira tranquila, para o caso de que tenha de cumprir a promessa feita de introduzir a Congregação no Brasil. Entretanto, é coisa de Vossa Paternidade decidir se se pode corresponder às exigências de Dom Matera ou não. Eu acho que não parece corresponder a reta ordem, que Dom Matera somente depois do envio dos dois venha com suas exigências categóricas, quando ele deveria ter feito isso logo quando se tratava de se os dois deveriam ser enviados com ele ou não; pois que então a decisão teria sido completamente diferente e os dois teriam certamente ficado aqui. Assim nós fomos enganados; eu não quero, é verdade, afirmar nada como intencional, mas de fato.

Eu li aos dois consultores tanto a carta anexa como as duas de dezesseis do corrente, enviadas por Vossa Paternidade. Nós temos a opinião e decisão de não aceitar as exigências do Monsenhor e chamar de volta os dois, naturalmente às nossas custas, pois é altamente du-

vidoso que o Núncio conseguirá sob o ministério maçônico, que está no leme desde cinco de janeiro de 1878, proporcionar a entrada no Brasil de uma ordem. A gente vê isto com os Dominicanos. E se ele conseguisse a fundação, ficaria ainda muito tempo sob a tutela do Monsenhor, como isto se deduz do conjunto e dever-se-ia também aceitar cegamente o que ele oferece; isto ele exige expressamente. Mas isto de novo não vai. O Padre Hellbach e o Irmão teriam de permanecer em sua posição sumamente desagradável, e não sem perigos, por todo o tempo que o Núncio ficar no Brasil e não se sabe quantos anos isso vai durar.

Quanto à grande falta de atenção para com o Núncio de minha parte, de que o Monsenhor se queixa, devo observar que nem sequer me veio pensamento de ter que dar aos dois uma carta para o Núncio; eu não saberia também para que, já que todo o assunto tinha sido regulado por Vossa Paternidade com Dom Matera. Aliás, ele acrescenta algumas linhas numa carta do Padre Hellbach a mim dirigidas de Lisboa. Eu queria responder a isto numa carta especial a ele, mas mudei de ideia por conselho de um dos meus consultores, que opinou que seria suficiente que na primeira carta ao Padre Hellbach eu o encarregasse de agradecer-lhe em meu nome pelas boas intenções que ele nutre para com a Congregação, o que eu então realmente o fiz. Eu não vejo, pois, porque o grão senhor se queixa de tão grande desatenção de minha parte. Ele deve ser um senhor extremamente melindroso. Já que, segundo toda a probabilidade, nada sairá da projetada fundação no Brasil, não seria então aconselhável tentar isto por agora na Austrália, onde, como me escreve o Padre Virels, nos deseja insistentemente ou até mais bispos. Vossa Paternidade certamente tem conhecimento disto.

Padre Matias Schmitz, C.Ss.R.⁴³

Interessante a visão do provincial: realista! Realista e apressado, pois nem seis meses ainda da vinda dos dois missionários e ele cogita

⁴³ Copresp B, vol. I, carta de número 24, escrita em 20 de janeiro de 1879, pelo Padre Matias Schmitz ao Padre Nicolau Mauron. Original, em língua alemã, no AGHR, fundo 10 Província da G. Inferior.

em chamar de volta os dois redentoristas. Tira o corpo fora ao dizer para o Padre Geral que as negociações e conversas do Monsenhor foram justamente com ele e que, então, a decisão seja também dele, do Padre Geral. Padre Schmitz se preocupa também com a perseverança dos dois congregados. Ele escreve que, não sabendo o tempo que essa realidade de incertezas – a fundação – continuaria, os dois corriam perigos. Não menciona quais, mas Padre Hellbach já havia reportado a ele sobre a situação de muita exposição devido aos compromissos sociais do Internúncio. A preocupação era para com o contato com moças e mulheres. Mais tarde, em carta do Padre Hellbach, ele vai manifestar a sua opinião sobre a realidade do celibato, a não vivência dele pelo então escasso clero no Brasil.

No mesmo dia que Padre Mauron escreveu ao Padre Hellbach, ele também escreveu ao Padre Schmitz. Evidente que não era a resposta da carta do mesmo dia, mas de correspondências anteriores. Ele diz que havia recebido três cartas dele, do provincial. Conta que havia recebido também, cartas de Padre Hellbach e uma de Dom Matera. O Monsenhor havia elogiado o Irmão José e o Padre Hellbach e prometido que se ocuparia do interesse da Congregação em relação a uma fundação. Já o Padre Hellbach, em uma das cartas falava do excesso de trabalho e a não possibilidade em vivenciar a Vida Religiosa conforme as exigências da Regra da Congregação. Padre Mauron comenta que respondeu a ambos e insistiu muito com Dom Matera e os dois redentoristas para que conservem o espírito religioso durante este tempo de estadia provisória no Brasil.

Padre Mauron esclarece o Padre Schmitz que ao escrever ao Padre Hellbach, tentou inculcar nele a paciência diante dos novos desafios e animando-o a não perder a esperança. A questão de provisoriedade na nunciatura será logo definida. Caso o Núncio Roncetti que ocupa o cargo no Basil e estava em Roma seja promovido, Dom Matera poderá assumir o cargo ou ser chamado de volta para Roma. “Isto eu disse também ao Padre Hellbach e que ele até lá deve resignar-se com grande paciência com a atual situação porque somente então terá chegado o tempo oportuno de empenhar-se junto a Dom Matera no sentido de que nossas intenções e finalidade da missão chegue a uma conclusão.” Depois continua a sua orientação paterna, no relato ao provincial, que havia dado ao padre Hellbach no Brasil.

Eu o consolei e lembrei-lhe a parábola do “granum sinapis”, que primeiro deve apodrecer na terra para depois surgir dele uma grande árvore. Concordei que ele e o Irmão devem fazer grandes sacrifícios, enquanto ambos têm que trabalhar e morar fora da comunidade, o que não está de acordo com seu estado religioso. Os sacrifícios são tanto mais meritórios, porque eles foram assumidos por amor a Deus e à Congregação e estão conforme a obediência.

Assim me tornei neste assunto e entrementes gostaria muito que o senhor tivesse escrito no mesmo sentido, assim a tempestade já teria cessado e se mais tarde se chegasse a tal ponto (tempestade), eu poderia ter resolvido o assunto com mais autoridade e influência. Hoje estou convencido de que o Padre Hellbach já esteja arrependido do modo de agir e do que escreveu na excitação.

Em mais de uma carta recebida do Padre Hellbach, supõe e, eu sei que Matera apesar de todas as suas boas qualidades é melindroso, tacaño e desconfiado. É necessário também que a gente ature alguma coisa e que se faça sacrifício, quando se trata de tais assuntos como o presente.

O Padre Hellbach é certamente um padre jovem, bom e piedoso e da melhor boa vontade, mas inexperiente; por isso não é de se estranhar que ele julgue sua atual situação como difícil. O Irmão José Wiemers carece de espírito de sacrifício básico, como vejo em todo o contexto, e como é o caso de muitos Irmãos que não somente entre nós, mas também em outras congregações, como se queixou oficialmente comigo uma vez o Geral dos Jesuítas sobre seus Irmãos. Provavelmente a coisa não irá adiante com o Irmão José e teria sido melhor que ele tivesse ficado em casa.⁴⁴

A carta ao provincial demonstra que ele, Padre Mauron estava por dentro da situação e acompanhava a trajetória dos dois redentoristas no Brasil. Mesmo sendo algo extraordinário, um caso de dois missionários acompanharem um diplomata, segundo Padre Mauron have-

⁴⁴ Copresp B, vol. I, carta de número 25, escrita em 20 de janeiro de 1879, pelo Padre Nicolau Mauron ao Padre Matias Schmitz. Original, em língua alemã, no AGHR, fundo 10, Província da G. Inferior.

ria que ter maturidade para lidar com a situação. Ele diz que Padre Hellbach é muito novo e inexperiente e o irmão não tinha espírito para sacrifício. Interessante que o provincial havia escrito que este arranjo em enviar os dois missionários era coisa do Padre Geral com o Internúncio. Agora o próprio Padre Geral constata que os dois enviados não seriam os mais apropriados. Talvez a palavra exata não seja esta – apropriados – mas supõe que o próprio Padre Mauron desconfiava da possibilidade de a fundação vingar, nestas situações.⁴⁵

Como estamos nos apoiando na correspondência entre os envolvidos nesse projeto ou processo de uma futura fundação, a próxima carta conservada nos arquivos, também foi escrita pelo Padre Hellbach. Desta vez as coisas ficam muito claras: o Internúncio pouco ou nada havia feito em prol da fundação. O pior, o missionário redentorista era mal visto pela corte imperial e pelo bispo do Rio de Janeiro. Havia a ideia, no governo e no clero que o secretário de Matera fosse Jesuíta. Padre Hellbach relata que chegou a encontrar o bispo algumas vezes, mas que era ignorado por ele.

O bispo do Rio de Janeiro, em 1879, era Dom Pedro Maria Lacerda, antigo aluno dos Padres Lazaristas, no Caraça. Ele foi um dos bispos reformadores na segunda metade do século XIX. Ele foi um

⁴⁵ Ididem. «O que me desagrada é que o Padre Hellbach tem de acompanhar Dom Matera na casa de leigos: isto não pode continuar a acontecer. Se Dom Matera ficar núncio definitivo, deverá arranjar um secretário oficial para si, e então caberá a ele acompanhá-lo. Ele também compreenderá que não se pode contentar somente com o trabalho do Padre Hellbach, já que ele agora nem sequer ainda se instalou em casa própria e para nós não lhe posso impor um prazo. Quando, porém, chegar o tempo – como foi dito acima – não deixarei de cumprir meu dever conforme o exigirem a prudência e as circunstâncias. De outra parte, porém, lamento que Dom Matera imponha tantas tarefas e esforço ao Padre Hellbach, embora seja o caso que ele lhe preste todos os serviços possíveis, o que qualquer outro religioso de outra ordem o faria em caso semelhante. Do Irmão José se exige ele também um trabalho muito desagradável, mas se estivesse no lugar um Irmão de Vila Caserta, ele não ficaria melancólico». Segundo o organizador da coleção Copresp, Padre Júlio Bustoloni, esta carta do Padre Geral tem ainda dez páginas que ficaram ilegíveis com o passar do tempo. Uma pena, pois poderia ainda conter informações sobre a situação dos dois missionários no Brasil. Não só sobre os dois, mas também sobre possíveis encaminhamentos para a fundação redentorista.

dos poucos bispos desse período que resolveram iniciar uma maior aproximação com Roma e ao mesmo tempo escapar das interferências do regalismo imperial. As feridas abertas com a prisão de dois bispos – Dom Macedo Costa e Dom Vital Gonçalves –, sob a influência da maçonaria, ainda estavam vivas. Foi a denominada “Questão Religiosa”. Esses bispos, os dois citados, juntamente com Dom Pedro Lacerda (Rio de Janeiro), Dom Antônio Viçoso (Mariana), Dom Joaquim de Melo (São Paulo), passaram para a história como bispos reformadores ou romanizadores.

Interessante que na próxima carta, Padre Hellbach dá a entender que o bispo não tinha facilidades com o Internúncio. Novamente aparecem informações que o gênio de Matera não era fácil, ou melhor dizendo, um genioso. Segundo Padre Hellbach, Dom Pedro Lacerda avisou o Internúncio que a situação da Igreja e governo imperial no Brasil era um barril de pólvora. E, segundo o bispo, se acontecesse algum incidente, quem voaria para os ares seriam o internúncio e o seu secretário. Dom Pedro estava escaldado com o incidente referido acima, da prisão dos bispos. Vale a pena a transcrição literal da mesma, pois ela revela os bastidores e a frustração diante da inércia do diplomata em fazer acontecer, ou melhor, encaminhar uma fundação reentorista.

Petrópolis, 25 de janeiro de 1879

Revmo. Padre Provincial!

Certamente que o senhor espera outras comunicações a respeito de nossas relações com Dom Matera. Infelizmente elas não serão mais agradáveis do que as anteriores. Estou chegando à convicção de que o Núncio não leva muito a sério o plano de introdução de nossa Congregação no Brasil. Até agora eu pensava que o primeiro pensamento de transplantar a nossa Congregação para o Brasil tivesse partido dele; que ele teria feito ao Padre Geral por própria iniciativa propostas neste sentido; isto, porém, foi uma ilusão. Ele mesmo me disse que tinha pedido somente um Irmão servente ao Padre Geral, porque não queria confiar-se a um criado leigo. Somente quando ele deu a entender que não poderia deixar ir um Irmão sozinho, pediu ele um padre e então ele prometeu logo ao Padre Geral, a seu pedido, que faria o possível para levar a cabo uma fundação de nossa Congregação.

Eu não duvido de nenhuma maneira que ele tem a intenção de cumprir esta promessa. Mas quando e de que maneira? Só Deus sabe. Até agora ele só prejudicou a Congregação. Ele apenas conseguiu que eu caísse no desagrado do bispo e que o Imperador e as personalidades influentes da corte me encarem com olhos desconfiados. Já durante a viagem chamei a atenção do Monsenhor no sentido de que não era conveniente esconder do bispo nossa qualidade de religiosos. Já que ele mais tarde iria conhecer a verdade e que poderia facilmente levar a mal ou ter sido enganado por tanto tempo.

Monsenhor não queria ver isto. Ele proibiu-me expressamente que revelasse isto a alguém. O que eu temia, aconteceu. O bispo naturalmente não sabe ainda que somos redentoristas; ele, porém, partilha da opinião espalhada no Rio de Janeiro e em Petrópolis de que nós somos Jesuítas e transpõe então para nós a aversão que ele nutre, não se sabe por que, contra os Jesuítas. Acresce a isto que o bispo não está em boas relações com o Núncio. O Núncio recebeu de Roma instruções muito severas, que ele observa exatamente. O bispo, homem piedoso e muito asceta, que porém conta demais com a prudência humana, acha o procedimento do Monsenhor exagerado e teme que ele poderia com suas medidas incendiar todo o país. Ele teve, por isso, com Monsenhor diversos encontros muito violentos e, como me tem como conselheiro do Núncio, no acerto de contas sobrou alguma coisa para mim. “Eu sou filho obediente da Santa Igreja”, manifestou-se ele de certa feita ao Núncio; “faço tudo o que ela me ordena, mesmo quando é contra minha convicção. O Brasil é um barril de pólvora; à sua ordem coloco nele a mecha. Mas esteja convencido que o primeiro a voar pelos ares será o senhor com o seu teólogo alemão.”

Apesar da ideia do bispo de que nós sejamos Jesuítas prejudique o Núncio, ele não faz nada para corrigi-la. Há alguns dias o bispo veio a Petrópolis para descanso de alguns dias e nos visitou por esta ocasião duas vezes em nossa casa. A conversa veio a cair sobre as ordens e o bispo declarou ter-se resolvido, para elevar a vida religiosa de sua diocese, a fazer vir da Europa zelosos religiosos. Não podiam ser Jesuítas, pois o Imperador não queria saber nada deles (naturalmente que ele mesmo também não), provavelmente iria chamar Salesianos, com cujos superiores já tinha posto em contato. Monsenhor louvou o zelo apostólico do bispo, mas deixou passar a boa oportunidade de

falar uma palavra em favor dos Redentoristas. Para comigo o bispo se mostrou muito frio e não se dignou de um olhar a mim, em estranho contraste com seu antigo comportamento, pois quando de nossa chegada ao Rio de Janeiro, ele foi para comigo a amabilidade em pessoa. Ao Irmão José que lhe abriu a porta em sua visita, ele teve sempre uma única palavra: Jesuíta!

O Imperador me tem, como Monsenhor me disse, por um Jesuíta. Ele me conhece porque eu celebrei todas as missas solenes a que assistiu o Imperador com a sua corte em Petrópolis. Ele deve estranhar que Monsenhor não me apresentou a ele, pois os secretários de embaixada (eu passo por tal infelizmente e dou-me por tal no cartão de visita que Monsenhor mandou fazer) não deixam nunca de fazer uma visita ao Soberano em companhia de seu chefe. Eu o encontro diariamente na rua. Ele corresponde à minha saudação afavelmente, mas nunca me dirigiu a palavra como faz, às vezes, com outros sacerdotes conhecidos seus.

Do que ficou dito, o senhor compreenderá como desceu muito o entusiasmo esperançoso com que pisei terras do Brasil. Monsenhor não faz o mínimo para revitalizar esse entusiasmo. Raramente fala ele uma palavra sobre a Congregação e nunca ele me deixa notar por alguma insinuação o que esteja pensando fazer por ela. Depois do acontecido não posso ousar fazer-lhe qualquer pergunta neste sentido.

Quanto ao horário diário, ele é sempre o mesmo, isto é, nós não o temos, ao menos eu. O único tempo que posso chamar de meu é uma hora depois de levantar-me (porque Monsenhor se levanta uma hora mais tarde) e meia hora após o almoço. A primeira aproveito com o Irmão José para meditação e leitura espiritual, a segunda para o exame particular. Durante todo o resto do tempo (exceto o da santa missa) sou um verdadeiro escravo do Núncio. Não tenho a menor liberdade ou independência, tampouco como qualquer outra pessoa da casa. Ninguém pode dar um passo, mover um dedo sem que Monsenhor o saiba. Ele não confia em ninguém, absolutamente em ninguém. Por toda a parte para que a gente vai ou em que esteja, ali está o Monsenhor no nosso calcanhar. Ele vê tudo, ouve tudo, espreita por toda parte, espiona em toda a parte, olha em cada panela, observa cada semblante, estuda cada palavra de seus inquilinos e os leva quase ao desespero. Seu melhor criado foi-se embora sem dizer

adeus. A velha e boa cozinheira esteve mais vezes a ponto de ir-se embora e deixou-se ficar em atenção ao Irmão José e a mim. Os outros empregados já teriam há muito se safado, se eu lhes tivesse feito a metade das repreensões que deveria fazer em nome do Monsenhor.

Como em casa, assim o Núncio é também fora. Todos que de alguma maneira são dependentes dele, devem sentir o peso de sua autoridade, especialmente os religiosos, de que ele se julga o superior supremo. Ai daqueles que deixam de fazer-lhe sua visita após sua chegada ao Rio. Ele não esquece isso nunca. Os Lazaristas, as Irmãs da Caridade e diversas outras ordens religiosas podem contar sobre isto. Há pouco chegou de Roma um Jesuíta no Rio de Janeiro, para de lá viajar para a Província de São Paulo. Ele escreveu do Rio ao Monsenhor para saudá-lo e dar-lhe notícias de seus parentes. O Núncio lhe levou a mal que ele não tivesse gasto oitenta marcos para ir do Rio a Petrópolis a fim de prestar-lhe pessoalmente suas homenagens. Ele escreveu imediatamente neste sentido a seu superior em São Paulo. Este achou de bom aviso fazer o padre, que entrementes tinha chegado a seu convento, viajar de volta ao Rio (uma viagem de dois dias de trem) para visitar Monsenhor em Petrópolis e pedir-lhe perdão por sua desatenção. Monsenhor ficou satisfeito com isto e contou-me a história com ar de triunfo. “Os Jesuítas, disse ele, confessam que precisam de mim; assim eles devem mostrar-se submissos para comigo”. O Dominicano que está aqui há dias, como já lhe contei, em vestes seculares, visitou recentemente Monsenhor para comunicar-lhe que havia decidido a vestir o hábito da ordem, já que seu superior deseja que finalmente deixasse de existir o híbrido de até agora. Monsenhor proibiu-lhe rigorosamente a execução deste plano. “O que querem seus superiores?”, perguntou ele ao padre, “eles não têm nenhuma ideia da situação daqui. Querem então eles atuar aqui como Dominicanos? Não podem fazer bem aqui como simples padres?”. Poderia ainda contar vários exemplos da arbitrariedade do Núncio, mas por hoje basta.

O senhor encontra em anexo um pequeno conspecto de nossos gastos e entradas. Eu deveria já antes ter prestado contas, mas nunca encontrava o tempo certo.

O Irmão José encontra-se consideravelmente melhor de saúde. Também o seu ânimo se ergueu um tanto. Aos poucos ele começa a arranhar um pouco de português. [...]

Termino com pedidos instantes de nos recomendar às piedosas orações de nossos confrades, já que em posição cheia de perigos precisamos tanto da proteção de Deus.

Com cordiais saudações a todos, permaneço seu muito dedicado servo e confrade,

Padre André Hellbach, C.Ss.R.⁴⁶

Não é fácil compreender o porquê Dom Luiz Matera não tenha aproveitado a presença do bispo do Rio de Janeiro na sua casa, e não falar dos Redentoristas. O próprio bispo disse que precisava de religiosos da Europa e que começara a conversar com Salesianos, para elevar o espírito religioso da população. Seria a hora e a vez de apresentar a Dom Pedro de Lacerda os dois Redentoristas que estavam com ele. Acabariam os boatos e mal-entendidos sobre serem Jesuítas e apresentaria o plano da Congregação, em querer uma fundação no Brasil.

5. *A esperança não vive mais...*

Em pouco mais de um mês que havia escrito ao provincial Padre Schmitz, Padre Hellbach recebeu uma carta do Padre Geral, Nicolau Mauron. Com a mesma data de dezesseis de fevereiro, Padre Mauron não escreveu apenas ao Padre Hellbach, mas também a Dom Matera. Se antes colocamos no subtítulo que a esperança é a última que vive, agora a esperança está morta. Já havia passado tempo suficiente para que o Internúncio pudesse ter agido em favor do que ele havia prometido ao Padre Geral: a introdução da Congregação Redentorista no Brasil.

A mentalidade e a prática do governo imperial eram de restrição para com a entrada de congregações no Brasil. Houve, no entanto, algumas exceções e os próprios Jesuítas retornaram na década de 1840, após a expulsão em 1759. O bispo do Rio de Janeiro diz ao Internúncio que precisava de congregações europeias. Dom Matera tinha a fa-

⁴⁶ Copresp B, vol. I, carta de número 26, escrita em 25 de janeiro de 1879, pelo Padre André Hellbach ao Padre Matias Schmitz. Original, em língua alemã, no AGHR, fundo 10, Província da G. Inferior.

ca e o queijo nas mãos e não agiu. A esperança de uma fundação por intermédio do Internúncio era dada como fracassada, tanto pelo provincial e, agora também, pelo Padre Geral da Congregação.

Padre Nicolau Mauron datou as duas cartas em um mesmo dia. Mas pelo conteúdo nelas escrito, a de Monsenhor Matera foi escrita primeiro. Interessante que esta é a terceira carta do Padre Geral ao Monsenhor, segundo ele mesmo afirma, ao iniciar a que vamos transcrever. Nesta carta o Padre Geral procura justificar ou mesmo explicar alguns mal-entendidos por parte do provincial, quando este recebeu a carta de Padre Hellbach e a enviou para Roma, endereçada ao Padre Geral. Vejamos a decisão tomada e a notícia anunciada.

Roma, 16 de fevereiro de 1879

Monsenhor,

Espero que tenha recebido as duas cartas que enviei para Petrópolis. Agora o Padre Provincial Schmitz envia-me uma carta, escrita por ordem de V. Revma. pelo Padre Hellbach, e dessa concluo que uma carta anterior do provincial lhe causou dissabores e certas declarações de V. Revma. A tal carta do Padre Provincial foi escrita sem meu conhecimento. Ele deveria ter-me prevenido e deixar-me o cuidado desse problema. Sua intenção, porém, foi boa, embora seu zelo tenha sido intempestivo.

Reservei-me o direito de responder diretamente às declarações feitas por V. Revma. acerca de uma eventual fundação nossa no Brasil e o relacionamento do Padre Hellbach e o do Irmão José com a Nunciatura.

Eis como foram formuladas as declarações de Vossa Revma. na acima referida carta do Padre Hellbach:

[...] ⁴⁷

⁴⁷ Cf. Citação da carta de número 22: Copresp B, vol. I, carta de número 22, escrita em 24 de dezembro de 1878, pelo Padre André Hellbach ao Padre Matias Schmitz. Na carta de número 27 da coleção do Copresp, Padre Geral reporta três parágrafos da carta do Padre Hellbach. Padre Geral entende que o Padre Hellbach havia escrito a mando de Dom Matera, que estava ressentido com as conversas de Padre Schmitz relatadas a Dom Matera pelo próprio Hellbach. No fundo, o próprio Padre Hellbach admite em carta posterior que a carta que havia escrito em 24 de dezembro fora com o espírito muito exaltado. Vejamos o trecho copiado da carta

Permita-me Monsenhor responder às suas tão precisas declarações com igual franqueza.

Em primeiro lugar, V. Revma. conhece a confiança e a sincera amizade que a Congregação do Santíssimo Redentor lhe demonstrou por meu intermédio. Prova indiscutível disso foi o conceder-lhe, a seu pedido, os dois missionários, que deveriam acompanhá-lo na viagem e prestar-lhe os seus serviços até que se encontrasse uma fundação no Brasil. Não entrou nisto, de nossa parte, nenhum fim egoístico, uma vez que tanto o padre como o irmão deveriam ser-lhe auxílio e não empregados pagos, unicamente por gratidão e devoção à pessoa de V. Revma. O fato de V. Revma. ter tomado sobre si as despesas de viagem de Pau ao Rio de Janeiro, não foi a meu pedido, mas por pura generosidade de V. Revma. De outra parte, V. Revma. me dizia que, na falta deles, deveria fazer-nos acompanhar por outros.

de Padre Hellbach e citado pelo Padre Geral a Dom Matera. «Monsenhor não quer dividir com ninguém a glória de introduzir aqui a nossa Congregação. Por isso não deixará que se lhe imponham condições a este respeito por ninguém, nem de Vossa Revma. (o Padre Provincial) nem do Revmo. Padre Geral. Ninguém lhe deverá dizer: gostaria que a coisa fosse feita deste ou de outro modo; querendo o Monsenhor agir sozinho e pedindo-nos um cego abandono e uma plena confiança. Se os superiores não aceitam estas condições, é melhor que os chamem de volta. Ao contrário, se as condições lhe parecem aceitáveis, Monsenhor fará pela Congregação o que puder. Pede somente que não seja forçado; não se podendo realizar tal negócio em poucos meses. Monsenhor se queixa da pouca atenção recebida de Vossa Revma. (o Padre Provincial), que deveria ter sido dada por uma carta a Dom Matera, na qual o agradesse e lhe dissesse: eis os dois missionários que confio a V. Senhoria, fazei aquilo que lhe aprouver. Mas, tendo nós chegado a Pau, Monsenhor suspeitou logo que não foram dados os missionários senão por um fim egoístico, isto é, para estabelecer a Congregação no Brasil, e não para prestar nossos serviços ao Núncio Apostólico. Ora, Monsenhor pede que mesmo quando se tenha encontrado aqui uma fundação que convenha, nós dois devemos ficar junto dele, pelo tempo que ele estiver no Brasil. Se não se quiser conceder isto, é melhor chamá-los de volta sem demora. Monsenhor pede escusas pelo seu modo franco de falar, uma vez que deseja que nossas relações sejam de vez claramente definidas. Ele percebe claramente que V. Revma. e provavelmente também o Padre Geral, têm a respeito deste relacionamento uma ideia diferente da sua. Se a gente quiser aceitar seus pontos de vista, tudo bem, se não, é necessário considerar o objetivo que se teve como um mal entendido e separar-nos amigavelmente. Eis o que devo relatar a Vossa Revma. da parte de Dom Matera».

Eu compreendia muito bem que passaria um certo tempo antes que se encontrasse ali um lugar conveniente para nossa fundação. E encontrado o lugar, graças a sua grande influência, eu entendia que V. Revma. não deveria fazer para isso nenhuma despesa. Todo o negócio de nosso estabelecimento e subsistência seria por nossa conta. Dito isto para mostrar que não tive neste negócio nenhum fim egoísta, se cometido não se queira chamar assim todo o desejo de ver implantada naquele país nossa Congregação.

Mas não posso aceitar a condição imposta por V. Revma. de segurar para seu trabalho exclusivo, enquanto permanecer no Brasil, o padre e o irmão, mesmo que fosse fundada uma casa nossa. Nunca tive a intenção de submeter-me a tal condição e não foi esta, na verdade, apresentada por V. Revma. em Roma. O tempo em que V. Revma. deverá permanecer na nunciatura poderá ser de oito, dez ou mais anos (como já aconteceu outras vezes). Ora, não posso impor a estes súditos (padre e irmão) estar por um período indefinido numa situação tão estranha à sua vocação, privando-os do grande benefício da vida comunitária estritamente de acordo com a Regra, pela qual abandonaram seus parentes, a pátria e tudo o mais.

Assim, pois, me pesa não poder aceitar a outra condição imposta por V. Revma., de eu não poder determinar as condições de uma eventual fundação nem de poder dizer: quero a fundação deste ou daquele modo e de ater-me em tudo, isto é, quanto ao lugar, despesas e quanto a tudo o mais; aquilo que será escolhido e disposto por V. Revma.

Uma vez que sou o Superior Geral da Congregação e como não se pode fundar uma casa sem o meu consentimento e aprovação, sou responsável diante de Deus e da Congregação pelas consequências de ter abandonado o meu direito.

De tudo isto concluo com V. Revma. que não podendo eu aceitar as acima mencionadas condições, devo considerar o desfecho do caso como um mal entendido. Também eu acredito que é melhor que se faça a separação amistosamente, chamando de volta para a Europa os dois missionários. Peço, portanto, a V. Revma. queira mandar de volta o Padre Hellbach e o Irmão José assim que tiver encontrado quem os possa substituir, não querendo que a partida deles lhe cause algum transtorno ou embaraço.

Em Roma até agora ninguém sabe da presença deles nesta Nunciatura. E, pois, minha expressa e definitiva vontade que a volta se faça

às expensas da Congregação, estando o Padre Hellbach provido de suficiente dinheiro. Consideraria como uma ofensa se ele aceitasse qualquer soma, que de resto não mereceram pelos poucos serviços que tenham podido prestar-lhe.

O meu desejo de estabelecer a Congregação no Brasil arrefeceu-se depois daquilo que li nos jornais do Brasil e especialmente depois que li a Carta Pastoral de Dom Macedo Costa, bispo de Belém do Pará, e ainda depois que ouvi um relato de um padre que esteve algum tempo no Brasil.

Espero senhor bispo, que este incidente não tenha diminuído os seus sentimentos de benevolência para com a Congregação. Da minha parte conservo e sempre conservei para com a sua pessoa uma estima e reconhecimento especiais e terei sempre o mais vivo interesse na importante missão confiada pela Santa Sé a V. Revma. Não deixarei de recomendar V. Revma. a Nosso Senhor Jesus Cristo e a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Anexo a esta, uma carta de sua sobrinha Adelaide Tarenghi, atualmente noviça no Mosteiro da Visitação do Monte Palatino. Diz-se que a 28 de fevereiro haverá um Consistório, no qual serão anunciados bispos, mas não cardeais. Já terá conhecimento da morte do despachante Colonna.

Com profundo respeito e gratidão, assino-me de Vossa Reverendíssima Ilustríssima, humilde e devotíssimo servo,
Padre Nicolau Mauron, C.Ss.R.⁴⁸

Após escrever a Dom Matera, Padre Mauron escreveu também ao Padre André Hellbach. Esta carta é menor e com menos assunto, visto que as coisas já estavam a meio caminho de serem resolvidas, devido às informações passadas pelo próprio Padre Hellbach. Padre Geral comenta sobre as correspondências trocadas entre os dois – ele, Geral e Hellbach – e também com o provincial. Acrescenta que ele mesmo, Padre Mauron se dignou a responder pessoalmente a Dom Matera. Logo a seguir, vai direto ao assunto com Padre Hellbach:

⁴⁸ Copresp B, vol. I, carta de número 27, escrita em 16 de fevereiro de 1879, pelo Padre Nicolau Mauron a Dom Luiz Matera. Original, segunda via, em língua italiana, no AGHR, fundo 10, Província da G. Inferior.

Logo que Monsenhor Matera permitir sua partida, o senhor voltará à Europa com o Irmão José. Mas esta viagem deve ser feita inteiramente às nossas custas e eu lhe proíbo absolutamente receber dinheiro de Monsenhor Matera. Ele bem que quis se encarregar de sua viagem de Pau ao Rio de Janeiro; e o pouco serviço que os senhores lhe puderam prestar não justificam de nenhum modo nem a menor gratificação pecuniária. É, pois, minha vontade expressa que não aceitem nada. Eu escrevi no mesmo sentido ao Monsenhor declarando-lhe que seria ofender lhes oferecer dinheiro; tanto mais que os senhores estão suficientemente providos.

Peço aos seus Anjos da Guarda que vos protejam a todos os dois durante a travessia e os conduzam sãos e salvos à Europa. Abençoo ao senhor, Revmo. Padre, bem como ao Irmão José, e sou nos Corações de Jesus e Maria, seu muito devotado confrade,
Padre Nicolau Mauron, C.Ss.R.⁴⁹

Naquele mesmo dia de fevereiro, em que o Padre Geral havia escrito ao Padre Hellbach, escreveu também o Padre Provincial ao Padre Geral. Uma longa carta, onde trata de vários assuntos, inclusive uma possível fundação na Austrália. Sobre os dois missionários redentoristas no Brasil, apenas uma frase: “Já escrevi ao Padre Hellbach de acordo com suas diretrizes. Meus consultores e eu estamos plenamente de acordo a respeito dessa questão do Brasil”.⁵⁰

Alguns dias depois, no dia vinte de fevereiro, Padre Provincial volta a se manifestar. Ele escreve ao Padre Geral Nicolau Mauron e dá por encerrada a tentativa de fundação no Brasil. Avisa que envia, em anexo, a carta do Padre Hellbach que havia recebido ainda no mês de janeiro. Nela, Padre Hellbach confirma as notícias anteriores sobre Dom Matera. “Conforme a carta, é muito difícil viver na companhia

⁴⁹ Copresp B, vol. I, carta de número 28, escrita em 16 de fevereiro de 1879, pelo Padre Nicolau Mauron ao Padre André Hellbach. Original, segunda via, em língua francesa, no AGHR, fundo 10, Província da Germânia Inferior.

⁵⁰ Copresp B, vol. I, carta de número 29, escrita em 16 de fevereiro de 1879, pelo Padre Matias Schmitz ao Padre Nicolau Mauron. Original, em língua alemã, no AGHR, fundo 10, Província da G. Inferior.

deste senhor e eu estou muito contente por poder em breve chamar os dois de volta (Hellbach e Irmão José). Minha carta de 18 de janeiro já terá chegado às mãos dele, o que eu espero”.⁵¹

Passado mais de um mês, somente no final de março é que tivemos outra comunicação. Aliás, duas cartas com datas do mesmo dia, 31 de março. Uma, em língua alemã do Padre Hellbach e outra, em língua italiana, escrita por Dom Matera, as duas ao Padre Nicolau Mauron. São dois registros, cada um expondo o seu ponto de vista. As duas, iremos transcrevê-las na íntegra.

Na carta de Padre Hellbach, ele deixa transparecer um sentimento de mágoa. A tão sonhada fundação nem sequer foi pauta de reunião ou conversas mais sérias entre ele e o Internúncio. Ainda por cima, todas as cartas que havia escrito antes, foram elas ao provincial e ao geral da Congregação, parecem que só complicaram a situação. O negócio, isto é, as tratativas da viagem e uma possível fundação com a vinda de dois missionários foram feitas entre o Padre Geral e o Monsenhor. O Padre Provincial ficou meio de escanteio e, a partir das cartas de Padre Hellbach, demonstrava não confiar no Monsenhor Matera. Primeiro, vejamos a carta de Padre Hellbach ao Padre Mauron.

Petrópolis, 31 de março de 1879

Reverendíssimo Pai!

Voltamos anteontem de uma longa viagem, na qual acompanhei Dom Matera. Ao chegarmos em casa ele encontrou a carta de Vossa Paternidade, que chegou no momento mais inoportuno possível. Cansado como estava da viagem, irritadíssimo pelo fracasso total de sua viagem e pelos aborrecimentos sofridos durante a mesma, abriu a carta e percorreu rapidamente com os olhos o conteúdo da mesma. Nem se pode descrever a irritação do pobre homem, sendo que nos últimos tempos ele recebeu de todos os lados ofensas e humilhações. Das 21 às 23 horas ficou andando nervosamente em seu quarto de um lado para outro e descarregou sobre mim toda a sua amargura.

⁵¹ Copresp B, vol. I, carta de número 30, escrita em 20 de fevereiro de 1879, pelo Padre Matias Schmitz ao Padre Nicolau Mauron. Original, em língua alemã, no AGHR, fundo 10, Província da G. Inferior.

Sendo que Vossa Paternidade destacou apenas os trechos mais fortes daquela carta que eu havia escrito ao Padre Provincial, aliás por ordem dele mesmo, tirou a conclusão que toda a carta havia sido redigida naqueles mesmos termos e acusou-me de ter sido infiel na reprodução de suas ideias. Lembrei a ele que havia lido apenas algumas passagens da carta e não deu a devida atenção ao texto todo e disse-lhe também que felizmente havia conservado o rascunho da carta. Ele mesmo reconheceu, sem objeção, que de fato me havia dado a incumbência de redigir a carta, mas a interpretação dada à mesma por Vossa Paternidade (ou como ele pensa, pelo Padre Provincial) de modo algum correspondia à verdade e acrescentou: “o maldoso inimigo intrometeu-se no assunto e pôs tudo em confusão”.

Pedi ao Núncio que se acalmasse e se de fato ocorrera algum equívoco, ainda havia tempo para novos esclarecimentos.

No dia seguinte (ontem, portanto) começou Dom Matera novamente a fazer suas queixas. O que o deixou profundamente magoado foi a suposição que ele nos considera mercenários (*servitori stipendiati*), suposição esta que não se justifica pelas palavras de minha carta e que é desmentida por todo o seu comportamento a nosso respeito. Também a palavra “egoísmo” foi tomada em tal sentido que não se pode justificar, tanto mais, afirma ele, que a palavra egoísmo foi usada apenas no calor da discussão, sem ter a intenção que eu pusesse isto na minha carta ao Provincial. Afirma também o Núncio não ter tido a intenção de dominar nós dois (eu e o Irmão José) de tal modo que os superiores nem teriam mais direito de nos substituir por outros oportunamente.

Declarei então a ele que quando redigi a tal carta ao Padre Provincial eu ponderei muito bem as palavras que estava usando, justamente para não falsear o seu pensamento. Lembrei-lhe também que depois de ter redigido a carta fui ter com ele para ler o que eu havia escrito para ele tomar conhecimento se estava tudo certo. Mas aconteceu que ele achou isso desnecessário, pois estava convencido que estava tudo de acordo com o que me havia encarregado de escrever.

Em seguida, Dom Matera declarou que, diante da carta de Vossa Paternidade, não havia mais condição para novas tentativas. Lamentando profundamente o ocorrido disse-me que a partir desse dia estávamos totalmente descomprometidos com a pessoa dele e poderíamos

tomar as nossas decisões sem nenhuma consideração para com ele. O Núncio sentiu-se confortado porque a Providência de Deus lhe trouxe um padre francês, que tempos atrás havia trabalhado no Seminário Saint Paul e se prontificou a colaborar com ele.

Ele afirmou que já começou a escrever uma carta a Vossa Paternidade, na qual vai expor as suas boas intenções a respeito de nossa Congregação e de seus membros e principalmente para com Vossa Paternidade. Vai esclarecer também que nunca teve a intenção de se intrometer nos assuntos da Congregação nem de diminuir a autoridade de Vossa Paternidade. As palavras de minha carta, que se referem a este ponto, eram realmente exatas, mas dirigiam-se mais ao Padre Provincial do que ao Padre Geral. Na sua opinião, o Padre Provincial não conhece a situação do Brasil e nem está bem a par do que foi combinado entre ele e o Padre Geral.

Hoje, primeiro de abril, Dom Matera pediu-me, esta manhã, que eu tomasse logo uma decisão, porque já não nos tolerava mais em sua presença.

A princípio pensamos em partir já no dia cinco de abril, aproveitando a companhia de um padre dominicano, que também havia sido chamado pelos seus superiores, mas vendo que o Núncio estava sobrecarregado de trabalho, ofereci-lhe os meus fracos préstimos espontaneamente por algum tempo, sem ficar a impressão que ele tivesse necessidade de nós. Assim, pois, prontifiquei-me de livre vontade a ficar mais algum tempo até a liquidação dos trabalhos mais urgentes. Ele aceitou esta minha oferta – como disse ele mesmo – como um ato de caridade fraterna.

Neste caso, embarcaremos no dia quinze de abril, tomando um navio francês, e se tudo correr bem, na segunda metade de maio estaremos em Bordeaux. É verdade que Vossa Paternidade nos havia dado a ordem de partirmos logo depois de recebida a licença de Dom Matera para viajarmos. Achamos, porém, que com esta pequena demora não estaríamos desobedecendo às suas determinações.

Vamos, pois, deixar, não sem mágoa, esta terra que pisamos apenas a um meio ano atrás, com as melhores esperanças. Queira o Bom Deus dirigir os acontecimentos de tal modo que mais cedo ou mais tarde a nossa Congregação possa estabelecer nesta terra, sendo que, de momento, não foi possível, devido aos grandes obstáculos que surgiram.

Nós agradecemos a Vossa Paternidade pela bênção que nos mandou para a nossa viagem de volta e garantimos-lhe o nosso amor e fidelidade inabaláveis.

Nos Sagrados Corações de Jesus e Maria, permaneço de Vossa Paternidade dedicado servo e filho,

Padre André Hellbach, C.Ss.R.⁵²

Nas próprias palavras de Padre Hellbach: deixaremos esta terra que pisamos há apenas meio ano, não sem mágoas. Triste fim... Se este subtítulo teve como tema que a esperança estava acabando, o próximo intitularemos de: a esperança fracassou. Qual teria sido o motivo do fracasso? A próxima carta que transcreveremos, escrita por Dom Matera, nos dá uma certa visão e uma tentativa de resposta. Interessante que, depois de sete meses, quando Padre Hellbach percebe que não havia mais esperança, apenas comunica uma data de volta e, diga-se de passagem, uma data tão próxima da decisão, menos de uma semana. Enquanto escrevia a carta ao Padre Geral, nos dias 31 de março e 1º de abril, ele falava em embarcar no dia cinco de abril.

6. A esperança fracassou... os missionários retornam à Europa

Passados mais de cem anos, fica fácil dizer que esse retorno tenha sido precipitado. Mas não podemos fazer tal afirmação, pois o contexto e a dificuldade de comunicação da época falam mais alto. A comunicação apenas por cartas, e com longo processo e demora entre idas e vindas. Tudo centralizado nas mãos do Padre Geral e, por conseguinte, nas mãos do Padre Provincial. Os objetivos eram diferentes entre os dois responsáveis pela estadia no Brasil, Dom Matera e Padre Hellbach. O diplomata ocupadíssimo em assuntos da Internunciatura. O missionário interessadíssimo em uma futura residência da Congregação. O primeiro, cautelosamente sondando terreno, segundo ele próprio em correspondência ao Padre Geral. O segundo, por inexpe-

⁵² Copresp B, vol. I, carta de número 31, escrita em 31 de março de 1879, pelo Padre André Hellbach ao Padre Nicolau Mauron. Original, em língua alemã, no AGHR. Fundo 10, Província da G. Inferior.

riência, relatando aos superiores na Europa as variações de temperamento do Monsenhor e convicto de que o assunto da fundação não estava na pauta do dia.

Como aludimos acima, a segunda carta escrita no mesmo dia que a de Padre Hellbach, foi escrita por Dom Matera. Também ela dirigida ao Padre Geral. Nela há expressão de gratidão e de explicações por parte do Monsenhor diante da decisão da volta dos dois redentoristas. A novidade é a manifestação da situação do Brasil: “conhecendo sob todos os aspectos seu lastimável estado... tristíssima situação desse país... para mim terra de exílio!” Posteriormente, o próprio Padre Hellbach, estando na Europa, vai descrever um pouco dessa situação. Iremos transcrever e comentar esta visão negativa de quem viveu apenas alguns meses no Brasil e envia para a Europa esse desenho superficial. Enfim, a carta é longa, mas fundamental para entender toda a trama vivida pelos “três mosqueteiros” europeus em terras tupiniquins, em nobre missão diplomática da Santa Sé.

Petrópolis, 31 de março de 1879

Reverendíssimo Padre!

Apresso-me a responder a carta que Vossa Reverendíssima teve a bondade de dirigir-me na data de dezesseis de fevereiro próximo passado, começando por recordar e esclarecer brevemente alguns fatos.

Destinado ao Brasil e conhecendo sob todos os aspectos seu lastimável estado, fui em primeiro lugar, por causa da amizade que já nos unia há muitos anos, informar Vossa Reverendíssima da missão recebida. Desejoso de ter junto comigo pessoas de plena confiança – que não comprometessem de nenhum modo a difícil incumbência que me fora dada, mas que antes, pelo seu bom exemplo, me edificassem e me sustentassem – pedi a V. Revma. um padre e um irmão da Congregação, prometendo-lhe que para bem da Igreja faria todos os esforços para introduzir os padres redentoristas no Brasil.

E nisso eu não seguia senão um impulso espontâneo de meu coração, que me inclinava a cumprir pelo serviço de Deus, e não para fazer carreira, uma escabrosa e difícil missão, quis valer-me de meios os mais aptos para ser bem-sucedido. Para isso não encontraria melhor companhia e ajuda do que os padres de Santo Afonso, aos quais eu me glorio de professar estima e acatamento muito sincero.

Mas pensei que não fosse preciso, falando com Vossa Reverendíssima que está muito bem informado de tristíssima situação desse país e de um assunto já conversado outras vezes entre nós, tratar com V. Revma. para explicar em pormenores a minha ideia e o compromisso que assumia.

Minha intenção não podia ser de prometer depois de poucos meses de minha chegada ao Brasil uma fundação de uma casa da Congregação. V. Revma. mesma teria tido toda a razão de não me prestar fé. Minhas ideias sinceríssimas eram que o padre e o irmão, ao mesmo tempo que me assistiam, aprendessem a língua, se adaptassem ao clima, tomassem conhecimento dos lugares e das pessoas enquanto eu sondasse o terreno, visse como e onde seria melhor estabelecer os padres, proporcionando-lhes ajuda e proteção; e finalmente preparasse possivelmente uma fundação para tempos mais distantes e com circunstâncias menos adversas que as atuais; e que então o Padre Hellbach ou qualquer outro que pudesse vir da Europa se estabelecesse e fizesse o bem, de maneira que sucede em Madri.

Entende-se que eu não teria feito ou concluído nada sem primeiro avisar V. Revma., meu caríssimo Padre Geral, e esperar primeiro seu consentimento.

Eu ambicionava introduzir os padres de Santo Afonso no Brasil e isto não era um crime; assumiria o pensamento, o cuidado e os atos práticos para fazer que este objetivo tivesse êxito. E isto vinha do desejo de prestar algum serviço à Igreja e à Congregação. Mas nunca me passou pela cabeça de assumir os encargos que a V. Revma., chefe da Congregação, compete exclusivamente.

Por bondade e condescendência da Congregação e pela benevolência que V. Revma. tinha por mim, o padre e o irmão me foram concedidos. Consagrei sempre à Congregação e a V. Revma., em especial, meu amantíssimo Padre Geral, o meu vivo reconhecimento.

Na cidade de Pau juntei-me ao Padre Hellbach e ao Irmão José, e tive-os, daquele momento em diante, como irmãos de sangue; tornei-me eu mesmo quase um da Congregação, deixava-os que cumprissem escrupulosamente a Regra, juntando-me a eles nas práticas de piedade e devoção. Arranjei minha casa não como um diplomático, mas como um religioso, estabelecendo nela um método de vida, como as circunstâncias o permitiam. Fiz com que o Irmão José vestisse o hábito

da Congregação, tratei o Padre Hellbach, embora jovem e sem experiência do mundo, com a mais íntima confiança, consultando-o, às vezes, sem necessidade, nas coisas mais insignificantes da casa, pondo-o informado dos negócios mais reservados e secretos, confinando-lhe a minha própria consciência. Recebia deles com gratidão os serviços que tanto um como o outro me prestavam; reconhecendo que era mais por sua devoção à Santa Sé que à minha pobre pessoa, e que nunca os tive e nunca pensei tratá-los como empregados assalariados.

Mas não demorei em perceber que, o padre e o irmão, não tinham uma ideia exata porque foram enviados. Vieram, como pensavam, ao Brasil para implantar uma residência da Congregação. E bem sabiam que o escopo era exatamente este. Enganavam-se, porém, quanto ao tempo e modo e também quanto aos meios para a realização. Nos meus colóquios particulares com o Padre Hellbach comecei a explicar-lhe como deveria entender as coisas; pedia que tivesse pleníssima confiança em mim, que me deixasse agir, que o negócio era delicadíssimo e exigia tempo e prudência. Dizia-lhe ainda que o Padre Geral e o Padre Provincial, estando tão longe não poderiam imaginar os meios pelos quais as empresas pudessem ter sucesso. Afirmava ainda que se ele insistisse comigo sobre o assunto da fundação para impor-me aquilo que não pudesse alcançar, seria colocar-me em grandes embaraços e muito sofrimento; que me parecia uma ofensa sugerir-me, por assim dizer, as palavras que eu devia usar e indicar-me os passos que deveria dar.

Queixei-me, é verdade, do Padre Provincial de Luxemburgo, mas porque não mereci do mesmo nem sequer duas linhas de resposta de uma minha carta, toda de cortesia e escrita de meu próprio punho. De outra parte eu não sabia conciliar perfeitamente aqui que ele escrevia com o que nós dois (V. Paternidade e eu) tínhamos conversado juntos. Usei em conversas particulares e como que por um desafo amoroso a palavra “egoísmo”, mas não no sentido grosseiro que, parece, lhe quiseram atribuir; mas unicamente para mostrar que também a Congregação deveria fazer para mim alguma exceção e dar-me prova de uma predileção que eu, com todo o esforço, pretendia chegar a merecer.

Não partiu de mim que os dois estivessem sempre juntos comigo. Teria ficado satisfeitíssimo que algum da Congregação permanecesse na

minha companhia na esperança que aumentasse seus membros, ocupando-se os demais onde fosse necessário no seu ministério. E seria um outro serviço que prestaria à Congregação, porque os novos indivíduos, vindos da Europa, permaneceriam na minha casa e ali teriam feito, se assim posso me exprimir, o seu noviciado no Brasil.

Insisti na necessidade de entender-me com o Padre Provincial de Luxemburgo porque me parecia que ele não estava inteiramente ciente sobre o acordo firmado entre nós dois, e que ele não conhecia de fato as circunstâncias críticas do país e a minha posição.

Quando eu estava para lhe escrever, chegou-me a supra mencionada carta de dezesseis de fevereiro. V. Revma. bem pode imaginar a surpresa e a impressão dolorosíssima que me tem causado no meio de tantas outras amarguras, trabalho e sofrimentos que sofro todos os dias no cumprimento de meus deveres!

Apoiado em diferente ponto de vista e sobre expressões não muito claras e não bem entendidas, V. Revma., Padre Geral, pensou que eu fosse capaz de impor a V. Revma. condições, de apropriar-me de atribuições que lhe são próprias! E sem primeiro me ouvir, sem pedir-me nenhuma explicação, V. Revma. decide e determina a partida dos dois missionários, que há sete meses vivem comigo! E este golpe me foi deferido de surpresa pelas mãos mais amigas que tinha, de quem há tantos anos conheço, venero e tanto amo!

Diante do Padre Hellbach que sem nenhuma contemplação para comigo, pois que, já não o mereço, se apressasse também em obedecer. A causa pela qual luto é tão santa e de tanto interesse para o serviço e glória de Deus, que lhe faria injúria se duvidassem um momento de ter-me abandonado e privado de todas as graças que me são necessárias.

Colocando os pés nesta terra, para mim terra de exílio, fiz o sacrifício de minha vida a Deus, e o renovo todos os dias, pronto a deixá-la na linha de combate, que pareça oportuno.

Não sei se ainda nos veremos; mas enquanto eu viver, V. Revma. esteja certo que não verá em mim menor gratidão, amizade e reverência que lhe professo.

Só uma coisa me permita pela última vez: é que talvez V. Revma. fechou a porta a qualquer indivíduo de sua Congregação, que com seus suores neste desventurado país, teria talvez recebido não a palma do

martírio, mas aquela gloriosíssima da salvação de centenas de almas, que pedem pão e não há – escrevo-lhe com lágrimas – quem lho dê. De Vossa Paternidade, humilíssimo servo,
Dom Luiz Matera.⁵³

A longa carta fala por si. Afinal, nesse epílogo da mal fadada proposta de fundação, os dissabores também falavam pelas correspondências trocadas. Se para os dois redentoristas a realidade vivida em pouco mais de seis meses não dava esperanças, era diferente para o Internúncio. O pensamento dele, revelado por ele e pelo Padre Hellbach, era ir postergando e conversando até que o momento certo aparecesse para concretizar a fundação. Com essa conversa de diplomacia, ele se vê frustrado ao dizer ao Padre Mauron: “e sem primeiro me ouvir, sem pedir-me nenhuma explicação, V. Revma. decide e determina a partida dos dois missionários, que há sete meses viviam comigo”. Para ele, foi um golpe de um amigo!

Dom Matera sabia que ele era encarregado dos negócios da Internúnciatura, mas de maneira provisória. Sabia que devia partir para a Europa assim que um Internúncio, digamos titular, fosse nomeado. Esteve várias vezes com o bispo Dom Pedro Maria de Lacerda, do Rio de Janeiro, e até mesmo com o Imperador Dom Pedro II e nada falou sobre a possibilidade da vinda dos Redentoristas. O desfecho é frustrante enquanto possibilidade perdida e ressentimentos de ambos os lados: Internúncio e redentoristas.

Passados alguns dias, o próprio Padre Hellbach, em carta ao Padre Geral, vai comentar sobre a carta acima, escrita por Dom Matera. Ele diz que Dom Matera gastou vários dias para escrever a carta e que, ao final, quem a passou a limpo foi o próprio Padre Hellbach. Segundo Padre Hellbach, não há nada de novo ou diferente da sua carta anterior, escrita também no dia 31 de março, acima transcrita.

Nesta carta – que vamos citar – o remetente diz que Dom Matera anda muito cansado e preocupado com a sua situação no Brasil. Coi-

⁵³ Copresp B, vol. I, carta de número 32, escrita em 31 de março de 1879, por Dom Luiz Matera ao Padre Nicolau Mauron. Original, em língua italiana, no AGHR, fundo 10, Província da G. Inferior.

sas que ele afirma na sua carta, ele mesmo havia conversado sobre isso, mas depois diz que era algo confidencial. Havia outras inexatidões, que nem vêm ao caso, segundo Padre Hellbach. Há também a confissão para o Padre Geral, que o padre, depois de tudo sucedido, admite que tenha falhado em comunicar, seja falando, ou melhor, escrevendo o que não devia.⁵⁴

A viagem planejada para o dia quinze de abril realmente aconteceu. Os dois redentoristas chegaram a Luxemburgo no dia treze de

⁵⁴ Copresp B, vol. I, carta de número 33, escrita em 3 de abril de 1879, pelo Padre André Hellbach ao Padre Nicolau Mauron. Original, em língua alemã, no AGHR, fundo 10, Vice-Província de Buenos Aires.

«Faço apenas mais uma observação. Dom Matera afirma ter enviado ao Padre Provincial “una lettera tutta di cortesie,” quando na realidade ele se contentou em colocar na carta escrita por mim um simples *post scriptum*. Depois se queixou que o Padre Provincial faltou às regras de urbanidade, porque como resposta fui encarregado de transmitir a ele saudações e agradecimentos de viva voz, sendo que essas saudações foram muito gentis e cordiais. O Núncio, porém, não deu valor ao fato que o Padre Provincial não escreve nem em francês nem em italiano.

Neste momento, sinto-me obrigado em consciência a comunicar a Vossa Paternidade com toda humildade que o Padre Provincial não havia me encarregado de transmitir ao Núncio o conteúdo da carta que me havia enviado. Eu fiz isso de própria iniciativa e reconheço que foi uma imprudência. Para meu consolo posso garantir a V. Paternidade que comuniquei a Dom Matera apenas algumas passagens e não a carta toda. Para mim é inexplicável como é que se introduziu tanto equívoco nesta questão. Em sua prezada carta de 16 de fevereiro, V. Paternidade faz referência a uma carta que o Padre Provincial me tinha escrito e cujo conteúdo eu devia comunicar ao Núncio. Conforme Dom Matera afirma, o Padre Provincial teria agido com um zelo intempestivo, o que ele lamenta. Penso que devo dar ao Padre Provincial os devidos esclarecimentos. Peço humildemente e com muita confiança que V. Paternidade dê o desconto ao meu procedimento em vista da minha idade juvenil e inexperiência e me dê também o perdão.

Do outro lado, agora o Núncio demonstra uma atitude muito virtuosa, pois ele nos trata, a mim e ao irmão José, com maior cordialidade. Também a respeito de V. Paternidade ele fala com o máximo respeito e imagina que houve falha da parte dos conselheiros (principalmente da parte do Provincial que, na sua opinião, é o único culpado). Dom Matera está convencido que bastaria um diálogo de meia hora com V. Paternidade e tudo ficaria esclarecido.

Sendo que na minha carta anterior já dei todas as informações sobre a nossa próxima partida, nada mais tenho a comunicar».

maio de 1879.⁵⁵ Enquanto os dois atravessavam o oceano, Padre Matias Schmitz comunica ao Padre Geral algumas notícias que havia recebido do Brasil, inclusive a data da viagem dos missionários de volta à Europa. Estando Padre Schmitz bem informado, ele diz ao Geral sobre a reação de Dom Matera, ao receber a notícia que os dois missionários estavam sendo chamados de volta. “Num primeiro momento ele teve uma terrível crise de nervos, queixando-se que não tínhamos nenhuma consideração com ele, mas depois se acalmou e disse que afinal ele concordava com Vossa Paternidade, pois este era o seu pensamento”.⁵⁶

Depois de tudo feito, ou melhor, desfeito, pois a intenção era possibilitar uma fundação redentorista no Brasil, o próprio Padre Geral admite que as coisas foram decididas com precipitação. No final de maio ele escreveu a Dom Matera reconhecendo essa pressa. Fala que recebeu a carta escrita no final de março pelo Internúncio e pede desculpas a ele, se alguma palavra tenha ofendido o diplomata. Depois admite: “é verdade que o Padre Hellbach agiu muito apressadamente e o Padre Provincial teria agido melhor se não tivesse intervindo sem me ter prevenido sobre o assunto. Mas tanto um como o outro tive-

⁵⁵ Copresp B, vol. I, carta de número 35, escrita em 16 de maio de 1879, pelo Padre Matias Schmitz ao Padre Nicolau Mauron. Original, em língua alemã, no AGHR, fundo 10, Província da Germânia Inferior.

⁵⁶ Copresp B, vol. I, carta de número 34, escrita em 4 de maio de 1879, pelo Padre Matias Schmitz ao Padre Nicolau Mauron. Original, em língua alemã, no AGHR, fundo 10, Província da G. Inferior. Padre Schmitz informa o Padre Mauron, com base nas informações do Padre Hellbach. Comentando sobre os dois, a partir de uma carta recebida do Padre Hellbach. «Queria que partíssemos logo para não dar a impressão que ainda estava precisando de nosso auxílio. Mas Padre Hellbach vendo o Núncio sobrecarregado de trabalho, ofereceu-lhe, de própria iniciativa, a ajudá-lo até liquidar os assuntos mais importantes. Dom Matera aceitou a oferta vendo na mesma simplesmente um ato de caridade. Assim a viagem ficou transferida do dia cinco para o dia quinze de abril. Fracassou então a esperança de fundar uma missão no Brasil, ao menos por enquanto. De maneira a mais, como conta o Padre Hellbach, a situação no Brasil é de tal maneira que não se pode pensar, de momento, numa fundação de fora. Não se faz uma ideia – escreve ele – como é terrível a situação ali. Logo que o Padre Hellbach chegar, direi a ele que prepare um amplo relatório sobre o Brasil que depois será enviado a Vossa Paternidade».

ram boa intenção, levados pelo seu zelo, embora não tivessem levado em conta as circunstâncias deste país”.⁵⁷

O Padre Mauron, imbuído de boa diplomacia, vai dizer a Dom Matera que os dois missionários, ao voltarem para a Europa, levaram consigo as melhores impressões do Monsenhor. Eles guardam grande estima e veneração pela pessoa e pelas virtudes de Dom Matera. Agora vem uma frase que foge totalmente à realidade dos fatos, ou melhor, do que pensava Padre Hellbach sobre o Brasil. Logo adiante, no último subitem, veremos o relatório que ele fez sobre a situação do Brasil. Uma visão negativa, com apenas um semestre e, apenas no Rio de Janeiro e Petrópolis. Mas, segundo o Padre Geral, “ele está convencido que por enquanto as condições do Brasil são tais que não dão fundadas esperanças para a Congregação aí florescer. Continua, pois, tendo sempre grande simpatia por esse país e por isso me pede que não me esqueça dele se no futuro se puder estabelecer aí a Congregação”.⁵⁸ Apesar de o país não estar preparado, ele, missionário, se oferecia para uma posterior fundação, quando então fosse a hora da Providência Divina.

Pelo que Padre Nicolau escreve a Dom Matera, o fracasso da fundação foi porque não era a hora da vontade de Deus. Mas ele tem consciência da falta de operários especializados para a messe do Senhor.

Enquanto ouço falar e posso concluir da carta do Padre Hellbach, aquele desditoso país tem grande necessidade de muitos sacerdotes e

⁵⁷ Copresp B, vol. I, carta de número 37, escrita em 28 de maio de 1879, pelo Padre Nicolau Mauron a Dom Luiz Matera. Original, segunda via, em língua alemã, no AGHR, fundo 10, Província da Germânia Inferior.

⁵⁸ Idem. Padre Geral continua nas suas explicações e esforço de superar os mal entendidos. «Quanto a mim, posso assegurar a V. Revma. que a determinação tomada em minha carta de dezesseis de fevereiro custou-me bastante. Tendo em vista, porém, a situação e as declarações de V. Revma., não podia, como V. Revma. facilmente poderá compreender, agir de outra forma. Seria bom, portanto, esquecer o acontecido, fato este que felizmente se ignora em Roma. Assim Deus permitiu, prevendo que ainda não chegou o tempo de nos estabelecermos no Brasil. Também eu pus o assunto de lado e não voltarei a tratar disso se a vontade de Deus não se manifestar claramente com um pedido espontâneo e claramente explícito de algum bispo brasileiro».

religiosos bons e zelosos. Daí que compreendo muito bem a dor de seu coração em meio a um estado de coisas tão deploráveis. Deus, porém, que escolheu Vossa Revma. para este difícil posto, continuará a ajudá-lo como tem feito até agora. De resto, espero que neste ano sua situação será definitivamente normalizada. Diz-me aqui em Roma que neste ano haverá um outro consistório para as esperadas mudanças e promoções das nunciaturas.⁵⁹

Depois de comentar as últimas notícias da Igreja em Roma – aquele ano era o segundo ano do pontificado de Leão XIII – Padre Mauron insiste no pedido ao Monsenhor Matera: não levar a mal o que havia acontecido. “Queira conservar para comigo e para com a Congregação aqueles sentimentos de amizade e benevolência, que teve por nós”.⁶⁰ Enfim, realmente é o fim, o final dessa saga de três europeus que, com objetivos diferentes, mas tendo em comum um projeto que poderia ter mudado a história dos Redentoristas no Brasil.

7. *A Igreja no Brasil vista por um estrangeiro*

Assim que os dois missionários chegaram a Luxemburgo, Padre Schmitz pediu ao Padre Hellbach que fizesse um relatório e enviasse ao Padre Geral. O relato, apesar de ter sido feito por alguém que passara menos de um ano no Brasil, é uma visão realista daquele momento eclesial no Brasil. Mostrar as consequências do regalismo imperial, conseguido pelo acordo do padroado com a Santa Sé deixou a Igreja no Brasil em estado vegetativo. Um missionário zeloso formado nas dificuldades de uma Alemanha que acabara de fazer seu processo de unificação e que colocara a Igreja de escanteio, ou melhor, proibira al-

⁵⁹ Ibidem.

⁶⁰ Ibidem. «Da minha parte alimento e sempre alimentarei para com Vossa Reverendíssima aqueles sentimentos de estima, veneração e afeto que sempre lhe consagrei. Seus interesses são sempre os meus interesses e se posso servi-lo em alguma coisa, não deixarei de fazê-lo por palavra e ação. Obrigó-me ainda por um dever recomendar Vossa Reverendíssima à Senhora do Perpétuo Socorro. Permaneço ainda sempre com todo o respeito e veneração de V. Revma., humilde e devotíssimo servo,
Padre Nicolau Mauron, C.Ss.R.».

gumas instituições de exercerem seu ministério, via a cena se repetir no Brasil. A carta-relatório fala por si. Mais do que um relatório para o Superior Geral dos Missionários Redentoristas, o documento mostra a situação da Igreja e a falta de elementos aptos para o serviço sacramental e pastoral. Situação essa após quase cinquenta anos da intenção e aplicação da reforma ou romanização dos bispos brasileiros à Igreja. Vejamos as impressões deixadas pelo Padre André Hellbach.

Luxemburgo, 17 de maio de 1879

Revmo. Padre Geral!

Como V. Revma. certamente já sabe através do Padre Provincial, o Irmão José e eu, após feliz viagem marítima, chegamos faz alguns dias (treze de maio) a Luxemburgo. Nós nos alegamos sumamente por estarmos novamente no convívio de nossos confrades e sob imediata direção de nossos superiores e esperamos ganhar de novo, em pouco tempo, por uma fiel observância regular, o que perdemos no espírito religioso na desagradável situação de exceção em que nos encontrávamos por tanto tempo.

O Padre Provincial (Schmitz) encarregou de fazer algumas comunicações sobre o estado religioso do Brasil e sobre as eventuais perspectivas de nossa Congregação naquele país. Infelizmente não posso anunciar nada de consolador. Tanto quanto os olhos podem penetrar no território eclesiástico do Brasil por toda a parte se encontram podridão e mofo. *Quod si sal evanuerit, in quo salietur?* Falta sal, quero dizer, um clero de costumes puros e zelosos. Vossa Paternidade bem sabe como estão a este respeito as repúblicas sul-americanas do Equador, Peru, etc. No Brasil é ainda pior.

A decadência moral do clero é tão profunda e tão generalizada que o mau exemplo de cada um mal suscita escândalo. O bispo do Rio de Janeiro disse-me até que em muitas paróquias de sua diocese não se tolera um padre que não tenha mulher por medo de que ele poderia tornar-se perigoso às filhas ou esposas de seus paroquianos. Oxalá fosse melhor com o clero religioso! Mas também aí há tantos escândalos, que mesmo os poucos bons religiosos que há no Brasil são tratados com muita desconfiança.

Este estado de coisas não é de data recente, ele persiste já há cem anos e mais previsivelmente não se alterará tão logo. Os bispos são inteira-

mente impotentes diante das mazelas do seu clero; eles podem suspender e excomungar à vontade, mas, os maus padres não se importam com isso, pois não há ninguém que possa levar a cabo as punições da Igreja.

Estou lendo agora mesmo a biografia do bispo de Mariana, Dom Antônio, falecido em 1875; um homem santo, que talvez virá ainda a ser venerado nos altares. Durante os quarenta anos de seu episcopado, em que este zelosíssimo apóstolo percorreu sua diocese em todas as direções, para levantar a disciplina e a ordem do clero, ele apenas conseguiu que o Cabido da catedral e uma pequena parte do clero paroquial consentissem em viver uma vida um pouco menos escandalosa. A grande maioria permaneceu aquilo que era e será por muito tempo, se Deus não fizer um milagre extraordinário.

O clero do Brasil se compõe, na sua maior parte e mesmo quase que exclusivamente, de padres estrangeiros. Padres que deixaram sua pátria europeia, em geral, não pelos motivos mais puros e que mal chegados ao Brasil exploram diante dos bispos a licenciosidade do clero da maneira mais despuorada. O clero nacional é muito escasso, pois que são raras as vocações para o estado clerical no Brasil. Vários seminários estão inteiramente vazios, os outros levam uma vida inteiramente miserável. Por exemplo: no Seminário Maior (Rio de Janeiro) estão apenas quatro seminaristas e isto para a diocese que conta com mais de dois milhões de almas. O bispo desta diocese chorou quando ele me contou isto e acrescentou que ele pediu mais vezes a sua exoneração de seu cargo, pois não está em condições de realizar uma melhoria na situação religiosa de sua diocese.

O pobre do povo faz o que vê seus pastores fazerem. Ele vai vivendo dias afora sem Deus e sem mandamentos e finalmente morre como viveu. Duvido muito se existe em qualquer outro lugar do mundo de Deus uma desaprovação tão limitada como a do Brasil. Não preciso de muitos exemplos para provar isto. Basta dizer que a quase totalidade dos meninos que frequentam o colégio, meninos de dez, onze anos, já têm sua escrava predileta, da qual eles dispõem à vontade com o conhecimento e permissão dos pais. Além disso, não é de se admirar se a gente ouve que há cem anos não se prega mais ao povo. Lá, catecismo é coisa inteiramente desconhecida e as pregações que se fazem nos poucos dias de festa do ano, não são de molde a doutri-

nar ou a converter quem quer que seja. Algumas louváveis exceções não mudam nada na verdade do que se disse.

Um redentorista que contempla esta situação fica com o coração partido e mais ainda quando não vê nenhuma possibilidade de ajudar a estas almas abandonadas. Como a gente gostaria de reforçar aquele pequeno número de religiosos, que se dedicam com zelo e dedicação à atividade apostólica naquele infeliz país! E, no entanto, em lugar de aumentar esse número, deve-se temer que se torne cada vez menor e finalmente desapareça para sempre.

Já está proibido às velhas ordens religiosas de receber noviços no Brasil, proibição, aliás, que não prejudica muito, porque não se apresenta, por assim dizer, ninguém para ser recebido e os poucos que até agora entraram nos Jesuítas, Lazaristas e Capuchinhos tiveram logo que ser despedidos. Todo o aumento das Ordens no Brasil tem que vir da Europa e tal crescimento é muito pequeno, porque as províncias religiosas da Europa não querem expor-se demais. E deve-se até temer que em breve seja proibido fazer recrutamento na Europa. Como indicação da proibição que se espera, considera-se a instrução que o governo fez chegar a uma comissão que queria introduzir a Conferência de São Vicente de Paulo no Rio de Janeiro. O teor da mesma é o seguinte: “a comissão apresente ao governo os estatutos da conferência e apresente a prova de que a Conferência é absolutamente independente de superiores estrangeiros”.

Alguns religiosos bem enfronhados na situação política do Brasil expressaram-me o temor de que o governo, que se compõe só de maçons, irá imitar o procedimento de Bismarck e expulsar do Brasil todos os Jesuítas e aparentados aos Jesuítas. Uma coisa é certa, na próxima sessão da Câmara serão apresentadas as mais incisivas das leis prussianas de maio (já estão impressas) e, como não se deve duvidar, irão também ser aceitas. Destas leis até a expulsão dos religiosos não haverá mais do que um passo.

Se por uma feliz circunstância pôr-se-ia fim à administração maçônica existente no Brasil, segundo meu parecer, não seria impossível a introdução da Congregação no Brasil. Os bispos em sua totalidade são bem intencionados e todos buscam atrair para suas dioceses bons religiosos e bons padres. O bispo do Rio de Janeiro, com quem falei no dia antes de minha partida, repetiu-me mais vezes que ficaria muito

alegre se os filhos de Santo Afonso pudessem fixar residência em sua diocese. Ele disse que no momento não poderia fazer qualquer coisa por eles, mas que poderiam contar com sua simpatia e boa vontade. Quanto à subsistência, parece-me, seria essa a menor dificuldade. O povo brasileiro é, em geral, bastante generoso. Penso que em nenhum lugar do mundo se faz tanto para aliviar a miséria humana como no Brasil. Também nunca soube que tivesse faltado qualquer coisa aos religiosos de lá. Os Capuchinhos, que não têm nenhuma propriedade e que não podem mendigar, apesar disso dão esmolas consideráveis.

O povo, apesar de toda sua depravação, tem, contudo, fé e não deixará bons religiosos passarem necessidade. Dificuldades para a fundação, respectivamente para a consolidação de nossa Congregação, provêm somente: primeiro do regime maçônico e segundo, da previsível falta de vocações e, para o momento, de M.M. (Monsenhor Matera). Se Vossa Paternidade um dia – o que Deus conceda – julgar as condições do Brasil tais que seja considerada vantajosa uma fundação, eu me alegraria muito de ser julgado digno para acompanhar aqueles que forem encarregados desta tarefa e apoiá-los de algum modo com meu trabalho e o meu suor.

Peço a V. Paternidade sua bênção paternal e permaneço afirmando meu mais sincero amor e consideração.

Seu muito dedicado servo e filho,

Padre André Hellbach, C.Ss.R.⁶¹

Interessante que, tendo uma visão negativa sobre o clero, Padre Hellbach tem uma visão positiva sobre o povo. Quando fala de Dom Antônio, é Dom Antônio Ferreira Viçoso, o bispo Lazarista que ficou trinta anos no pastoreio da diocese. Com certeza ele havia levado consigo para a Europa a biografia que acabara de ser publicada em Mariana, em 1876, pelo Padre Silvério Gomes Pimenta, que depois sucedeu Dom Viçoso na Sé de Mariana. Dom Silvério foi o responsável pela vinda dos primeiros redentoristas holandeses em 1893, para a

⁶¹ Copresp B, vol. I, carta de número 36, escrita em 17 de maio de 1879, pelo Padre André Hellbach ao Padre Nicolau Mauron. Original, em língua alemã, no AGHR, fundo 10, Vice-Província de Buenos Aires.

diocese de Mariana. O bispo do Rio de Janeiro, citado na carta, era Dom Pedro Maria de Lacerda, ordenado bispo por Antônio Viçoso e um dos responsáveis pela reforma católica em meados do século XIX.

8. *Conclusão*

Os fatos falam por si. Depois de mais de cem anos podemos pensar e afirmar que houve precipitação na volta dos dois missionários. Mas, foi a conclusão do próprio Padre Nicolau Mauron, ao escrever a Dom Matera, ainda no mês de maio daquele ano de 1879. “É verdade que o Padre agiu muito apressadamente e o Padre Provincial teria agido melhor se não tivesse intervindo sem me ter prevenido sobre o assunto.” A afirmação foi dita no desfecho da tentativa de fundação.

Mas, convenhamos, depois de ler todas as cartas que foram salvas nos arquivos citados, a impressão que temos é a de que Dom Matera não tenha agido em favor de uma fundação. Com isso, somente quem estava próximo, no local, pode avaliar, desanimar e concordar em voltar para a Europa, no caso, os dois redentoristas. Depois de tudo isso, dizer que agiram apressadamente coloca em xeque a boa vontade e, acima de tudo, a obediência irrestrita que seguiam, vendo em tudo a vontade de Deus. Havia ainda o temperamento do Internúncio, descrito mais de uma vez nas cartas: um homem sensível e desconfiado com forte tendência egoísta, não aceitando conselho de ninguém sobre o assunto.

Padre Geral comenta que tanto o Padre Hellbach como o Padre Schmitz, apesar de agirem apressadamente, os dois tinham boa vontade e foram levados pelo zelo, embora não tivessem levado em conta as circunstâncias da situação da Igreja no Brasil. É bom lembrar que não era somente a situação da Igreja, mas sim a situação política. Assim como citou na sua carta ao Padre Geral, Padre Hellbach sabia dos entraves e dificuldades do governo imperial para a vinda de religiosos da Europa. Por exemplo, dois freis Dominicanos estavam há dois anos em Petrópolis, aguardando aprovação para uma fundação, não permitida pelo gabinete de governo da época. Padre Geral diz ainda a Dom Matera:

Entretanto, posso assegurar a Vossa Reverendíssima que o Padre Hellbach, conforme me escreveu, guarda sempre grande estima e veneração pela sua pessoa e pelas suas virtudes. Ele está convencido que por

enquanto as condições do Brasil são tais que não dão fundadas esperanças para a Congregação aí florescer. Continua, pois, tendo sempre grande simpatia por esse país e por isso me pede que não me esqueça dele se no futuro se puder estabelecer aí a Congregação. Quanto a mim, posso assegurar a V. Revma. que a determinação tomada em minha carta de dezesseis de fevereiro custou-me bastante. Tendo em vista, porém, a situação e as declarações de V. Revma., não podia, como V. Revma. facilmente poderá compreender, agir de outra forma. Seria bom, portanto, esquecer o acontecido, fato este que felizmente se ignora em Roma. Assim Deus permitiu, prevendo que ainda não chegou o tempo de nos estabelecermos no Brasil. Também eu pus o assunto de lado e não voltarei a tratar disso se a vontade de Deus não se manifestar claramente com um pedido espontâneo e claramente explícito de algum bispo brasileiro.

Enquanto eu ouço falar e posso concluir da carta do Padre Hellbach, aquele desditoso país tem grande necessidade de muitos sacerdotes e religiosos bons e zelosos. Daí que compreendo muito bem a dor de seu coração em meio a um estado de coisas deploráveis. Deus, porém, que escolheu Vossa Revma. para este difícil posto, continuará a ajudá-lo como tem feito até agora. De resto, espero que neste ano sua situação será definitivamente normalizada. Diz-se aqui em Roma que neste ano haverá um outro consistório para as esperadas mudanças e promoções das nunciaturas.⁶²

No começo desse artigo nos referimos ao trabalho do Padre Júlio Brustoloni sobre esse assunto: a tentativa de fundação redentorista no Brasil. Ele intitulou o opúsculo elaborado de caminhos salvíficos de Deus e atalhos dos homens. Como também expressou: não era a hora da Providência e o Padre Geral disse que aguardaria que a vontade de Deus fosse manifestada mais claramente.

Passados quase trinta anos dos acontecimentos vividos em Petrópolis, Padre Hellbach retoma o assunto em carta para o Brasil. O en-

⁶² Copresp B, vol. I, carta de número 37, escrita em 28 de maio de 1879, pelo Padre Nicolau Mauron a Dom Luiz Matera. Original, segunda via, em língua alemã, no AGHR, fundo 10, Província da Germânia Inferior.

tão Vice-Provincial da Vice-Província do Rio de Janeiro, o holandês Padre Augusto Beukeers, pediu informações a ele, que em 1909, era Vice-Provincial da Vice-Província de Buenos Aires. Na carta não há novidade sobre a realidade que os dois redentoristas vivenciaram no Brasil, mas a reafirmação de que não restava outra saída a não ser voltar para a Europa.

Padre Hellbach recorda que os dois redentoristas viajaram em trajes civis e que mesmo no período que residiram no Brasil, nem o bispo do Rio de Janeiro sabia da existência dos dois missionários. Ficaram no convento dos Carmelitas, na Lapa, antes de se mudarem para Petrópolis. E completa dizendo: “De uma fundação de nossa Congregação no Brasil, nunca falava espontaneamente, somente constrangido tocava no assunto, dizendo que a fundação de um novo convento no Brasil seria uma empresa muito imprudente. O máximo que poderíamos esperar, consistiria em que alguns padres, trajados à paisana se estabelecessem no Rio de Janeiro e ali fizessem o bem que as circunstâncias permitissem. As observações de meu lado ele as ouvia muito a contragosto e não se mostrava absolutamente inclinado a tomar isso em consideração”.⁶³

⁶³ Copresp A, vol. V, carta de número 978, escrita em 6 de abril de 1909, pelo Padre André Hellbach ao Visitador da Vice-Província do Rio de Janeiro. Original, em língua alemã, no Arquivo Redentorista de Juiz de Fora.

«Revmo. e mui estimado Padre Visitador

Atendendo de boa vontade aos desejos demonstrados por V. Revma. envio-lhe aqui inclusa uma curta relação sobre as circunstâncias que há cerca de trinta anos levaram os primeiros redentoristas ao Brasil e motivaram, depois de breve permanência neste país, a regressar à Europa. No começo de julho de 1878 participou-me o Revmo. Padre Geral Mauron que ele havia escolhido a minha pequenez (*wenigkeit*) para acompanhar ao Brasil o prelado romano Mons. Aloisio Matera, onde devia exercer a função de Internúncio Papal. O referido prelado é amigo de nossa Congregação e tinha insistentemente pedido para levar consigo um de nossos padres como secretário e um irmão como camareiro (*kammerdiener*).

Não se pode dizer não, mas se tinha de atender o seu pedido sob a condição de que ele nos seria útil no Rio de Janeiro em estabelecer uma fundação de nossa Congregação. Era muito duvidoso que isto acontecesse. As coisas não corriam segundo os desejos e só seríamos convocados mais adiante e “por então não deveríamos pensar mais no Brasil”. [...]

Como descrito acima, Padre André Hellbach voltou para a América do Sul, desta vez para a Argentina, em 1892, onde havia uma fundação da então Província da Germânia Inferior, desde 1883. Quando veio para o Brasil era apenas um padre jovem e, no dizer do Padre Geral, inexperiente, com apenas quatro anos de padre e vinte e sete de idade. Na Argentina foi um líder e sucedeu no vice-provincia-lado o grande redentorista dos círculos operários, Padre Federico Grote, chegando até mesmo a embates institucionais.⁶⁴

Padre André Hellbach participou de dois Capítulos Gerais da Congregação Redentorista, em Roma, em 1894 e em 1909. No primeiro, com toda a certeza, ele tenha tido confabulações com o futuro Visitador, fundador da Vice-Província bávaro brasileira, Padre Gebardo Wiggermman. Padre Hellbach foi um homem intelectual e missionário prático, além de prefeito de estudantes, professor de latim, grego, inglês e espanhol, tradutor e difusor das obras de Santo Afonso.⁶⁵ Foi reitor da comunidade redentorista em Salta e, por duas

Evidentemente, mandei ao Padre Geral um minucioso relatório sobre a situação, que teve como consequência receber o senhor Internúncio em princípio de abril de 1879, uma carta, na qual o Padre Geral lhe agradecia a boa vontade, mas lhe pedia que permitisse o nosso regresso à Europa, onde seriam pensadas a natureza e modo de se introduzir a nossa Congregação no Brasil sem nenhuma discordância com nossas Regras.

Não nos restava mais senão voltar à pátria e deixar à Divina Providência que, sem ajuda de diplomatas introduziria os filhos de Santo Afonso no Brasil e lhes possibilitaria viver e trabalhar segundo as Constituições no espírito de seu santo fundador. Essa esperança, de modo tão admirável, se vê agora realizada, por isso agradecemos a Deus e à bem-aventurada Senhora dos Corações. Com verdadeiro amor e muita estima permaneço humílimo servo e confrade de V. Revma.

Padre André Hellbach, C.Ss.R.».

⁶⁴ Cf. Roberto Etcheverry, *El Padre Federico Grote – un misionero entre los trabajadores*, impresso en Argentina, 2017, página 148: “A partir del año 1904 asume como nuevo Visitador, el R. P. Hellbach, un constante opositor a la presencia de Grote en los Círculos y una verdadera cruz para el fundador”.

⁶⁵ Cf. Roberto Etcheverry, “La Misión en la puna argentina: el P. Armando Tisken, C.Ss.R. (1880-1951) y los caballeros de la Virgen”, in *Spicilegium Historicum*, ano LXX, 2022/1, página 70, nota de número 30.

vezes, reitor em Montevideo, onde faleceu em 1929. Foi Vice-Provincial da então Vice-Província de Buenos Aires, de 1905 a 1914.⁶⁶

O Irmão Josef Wiemers, depois de sua volta para a Europa, continuou sua missão como irmão redentorista nas casas da sua Província. Ele nasceu em 27 de março de 1844, na Borussia, na Renânia. Professou na Congregação do Santíssimo Redentor em 23 de outubro de 1872 e faleceu em Aachen, em 10 de novembro de 1922.⁶⁷

A história dos Redentoristas no Brasil teria sido outra, se naquela época, a fundação tivesse vingado.

⁶⁶ Cf. *Analecta Congregationis SS. Redemptoris*, vol. IX, fasc. 4, 1930, páginas 233-236.

⁶⁷ Cf. *Analecta Congregationis SS. Redemptoris*, vol. I, fasc. 6, 1922, página 265.



R. P. ANDRES HELLBACH

Nació el 2 de enero de 1851,
profesó el 19 de enero de 1868,
fué ordenado sacerdote el 24 de agosto de 1874,
murió el 11 de noviembre de 1929

Fotografia enviada do Arquivo/Memorial Redentorista em Buenos Aires,
pelo Fr. Nahuel Lezcano, C.Ss.R.

PETER SEDGWICK*

ST. ALPHONSUS LIGUORI'S MORAL THEOLOGY IN HISTORICAL CONTEXT

1. *Introduction: The new view of the Enlightenment*; 2. *St. Alphonsus in the context of the Eighteenth Century European Enlightenment*; 3. *The spirituality of St. Alphonsus*; 4. *The moral theology of St. Alphonsus*; 5. *The Significance of St. Alphonsus' moral theology today*

1. *Introduction: The new view of the Enlightenment*

This article wishes to place St. Alphonsus Liguori in the context of eighteenth century intellectual debate (including but not limited to theology), and to understand how recent historical research on the eighteenth century movement known as the (Western) European 'Enlightenment' has revealed a far more varied, Christian and complex pattern than was common in historians' understanding a few decades ago, which is the approach I have followed in my recent books on the history of Anglican moral theology, although there will be only occasional references to Anglicanism in this article.¹ One example of the earlier approach to the Enlightenment, which saw this period of intellectual thought as entirely anti-Christian, is found in Theodore Rey-

* Peter Sedgwick is a retired Anglican moral theologian, a priest in the Church in Wales, and a member of ARCIC III since 2011.

¹ Peter H. Sedgwick, *The Origins of Anglican Moral Theology* (Leiden: Brill, 2018) and *The Development of Anglican Moral Theology 1680-1950* (Leiden: Brill, 2024). For an excellent overview of the changes in historiography in the last decade, in which the Enlightenment is no longer seen as simply anti-religious, Jeffrey D. Burston, 'Process, Contingency, and Cultural Entanglement: Toward a Post-Revisionism in Enlightenment Historiography?', *Journal of the Western Society for French Literature*, Vol. 47, 2021, pp.1-21.

Mermet's excellent study, *Moral Choices: The Moral Theology of St. Alphonsus Liguori*, which has a substantial description of this period where he asserts 'The philosophers of the Enlightenment had little patience with theological morality. Of them, Paul Hazard has written: 'Morality based on religious dogma had been rejected by them as being too rigid, and as deriving from an authority external to man.'² Rey-Mermet gives a clear and helpful account of St. Alphonsus' moral theology, but the judgement on the Enlightenment is very out of date, since the Enlightenment was an enormous movement of ideas, events, architecture, painting and music, and some (although by no means all) of it was deeply Christian.

There have been many criticisms made of Hazard's over-simplistic work, most notably in a series of books in the last decade, including *God and the Enlightenment*, *Theology and the Enlightenment*, *Anglican Enlightenment*, and *The Catholic Enlightenment: The Forgotten History of a Global Movement*.³ One might note Paul Avis' astringent comment on Hazard: 'In place of the scenario, popularized with Gallic verve by Hazard ... of a sudden, unprecedented upsurge of radical ideas that tended to secularism, rationalism, liberalism and atheism, we have an emphasis on continuity with previous intellectual traditions.'⁴

Lehner writes of the change of mind in historians' perspective on the Enlightenment: 'Almost fifty years later, there has been a dramatic change in perspective. Today, historians recognize that only a small fraction of Enlighteners was anti-religious; the overwhelming majority

² Theodore Rey-Mermet, C.Ss.R., translated, Paul Laverdure, *Moral Choices: The Moral Theology of St. Alphonsus Liguori* (Liguori, Mo: Liguori Publications, 1998, original French edition 1987), p. 72. Paul Hazard, *The European Mind 1680-1715*, translated J. Lewis May (London: Penguin, 1964, original French edition 1953).

³ William J. Bulman and Robert G. Ingram (eds.), *God in the Enlightenment* (Oxford: Oxford University Press, 2016). Paul Avis, *Theology and the Enlightenment* (London: T and T Clark, 2023). Paul Avis, *In Search of Authority: Anglican Theological Method from the Reformation to the Enlightenment* (London: Bloomsbury, 2014). William J. Bulman, *Anglican Enlightenment* (Cambridge: Cambridge University Press, 2015). Ulrich Lehner, *The Catholic Enlightenment: The Forgotten History of a Global Movement* (Oxford: Oxford University Press, 2016).

⁴ Avis, *Theology and the Enlightenment*, p. 150.

was interested in finding a balanced relationship between reason and faith ... Common to all was the conviction that new discoveries in science and philosophy should renew the faith ... Its leading lights believed they could create a more tolerant society, more efficient government, more effective education, improved morals, and greater happiness.⁵ This sounds very like the quest of Pope Francis to renew the church in alliance with those who wish to remove poverty, end abuse of the vulnerable, challenge hostility to migrants, and protect the environment, and as a result Lehner (who is a Professor of church history at the Catholic University of Notre Dame in the United States) makes the comparison between Pope Francis and St. Alphonsus: 'In the footsteps of De Sales and St. Alphonsus of Liguori, an eighteenth-century saint, the pope tries to be a sensitive pastor who takes human frailty seriously while admonishing bishops and priests against shepherding with harshness and rigor. Like his forerunners De Sales and Liguori, Francis is also a journalistic missionary of sorts, using social media to reach out to millions of people – Catholics and non-Catholics alike'.⁶ James Keenan S.J. echoes this view in his recent book.⁷

Lehner continues by listing the ways in which the history of the Catholic church during the eighteenth century Enlightenment was concerned with 'prohibitions against domestic abuse, criticism of the denigration of women, and also the protection of the indigenous tribes of South and Middle America, and much else'.⁸ Catholics during the Enlightenment wished 'to use the newest achievements of philosophy and science to defend the essential dogmas of Catholic Christianity by explaining them in a new language, and (b) to reconcile Catholicism with modern culture.'⁹ They opposed the power of the church along-

⁵ Lehner, p. 2.

⁶ Lehner, p. 3.

⁷ James F. Keenan, S.J., *A History of Catholic Theological Ethics* (New York: Paulist Press, 2022), pp. 238-247 on St. Alphonsus. Cf p. 238: 'a worthy forerunner of the ministerial papacy of Pope Francis is not a Jesuit, nor even St. Francis after whom he is named, but the Redemptorist Alphonsus Liguori.'

⁸ Lehner, p. 3.

⁹ Lehner, p. 7.

side state reformers, and 'both identified papal influence as harmful and instead sought to strengthen the national character of the church; both believed that the church's freedom from taxation was no longer defensible, and thus they demanded that the church contribute more to national coffers; and both felt that the church should yield to modern states in disputes over jurisprudence.'¹⁰ What was considered shocking was the practice of imprisoning clergy and religious in ecclesiastical prisons, often in secret, after misdemeanours judged by an ecclesiastical court, after which the person would not be heard of again. Finally secular and Christian reformers in the Enlightenment had a 'shared disgust for enthusiasm, superstition, and prejudice.'¹¹

This meant that as well as the once received view of the Enlightenment as anti-religious, we now have a threefold understanding of this intellectual, social and political movement. Some were undoubtedly anti-religious, such as Voltaire; others were Christian but wished reform and opposed enthusiasm, the power of the church and anything that could not be justified by an alliance of reason and theology; while a third group (including John Wesley and St. Alphonsus) believed that Christianity could flourish in the new era of the sciences, while embracing enthusiasm as religious devotion, and believing that the church could be a force for good.

However, the catastrophe of the French revolution led to the closure of many monasteries which were centres of the Enlightenment, alienated Catholics (and indeed Christians throughout Europe) from political, social and intellectual reform, and allowed the Papacy to gain a moral and spiritual power which it had not previously had since the Pope was seen as the suffering victim of Napoleon, and as a result the Catholic Church became firmly opposed to modernity and adopted a highly defensive position, which meant the extinction of the Catholic Enlightenment.¹² However, what did survive and indeed flourished in the nineteenth century was popular devotion and the growth of local cults to particular saints, and instances

¹⁰ Lehner, p. 10.

¹¹ Lehner, p. 9.

¹² Lehner, p. 11.

of religious revival. Here St. Alphonsus was a crucial influence, as described below.

From the perspective of the period 1700-1750 this denouement was considered to be implausible, and there was confidence both from those who were anti-religious and those who were Christian, whether opposed to enthusiasm and devotion or embracing it like St. Alphonsus and John Wesley, that their fervour would win the day. The early Enlightenment was a period of intense intellectual thought, with its main centres being in Naples (rather than Rome), London, Edinburgh, Paris and Berlin, some of which was carried on by devout Christians fascinated by the advance of science and reason, and frustrated by the conservatism and power of the church, whether Protestant, Anglican, or Catholic, which in many ways reminds one of the context of the present-day synodal movement in the Catholic church, and the need for Christian moral theology to be in dialogue with the advances in psychology and neuroscience, on what one might mean by 'the nature of a human being'.

This article cannot give more detail on the changing understanding of the Enlightenment, but instead must return to the particular example of St. Alphonsus, living in Naples at the height of the early Enlightenment, with its vibrant intellectual culture, but also its great poverty, entrenched power of the Church, and the hopes for reform which St. Alphonsus embodied.

2. St. Alphonsus in the context of the Eighteenth Century European Enlightenment

As the Enlightenment progressed across Europe, there were significant currents stirring from the 1740s onwards. In Edinburgh, with its famous university, great centres of banking and commercial trade, and fine eighteenth century architecture which still survives today in what is called the 'New Town', the Scottish philosopher David Hume developed a deeply critical argument of epistemological and religious scepticism, although his agnosticism, attacks on established religion, especially Christianity, and defence of the moral permissibility of suicide were not made public until after his death, and in a fascinating complexity of outlook Hume also combined this corrosive scepticism with a toler-

ant political and social conservatism that accepted the norms and customs of educated eighteenth century literary and aristocratic society.

Until the 1740s, all European intellectuals, with the one striking exception of the seventeenth century English philosopher and political theorist Thomas Hobbes, accepted that it was possible to gain a hearing for a statement of orthodox Christianity: all that mattered was that the case for it was made with enough literary and intellectual skill, and the exception of Hobbes in the mid-seventeenth century ensured that he was regarded as either mad or very dangerous, known as 'the Monster of Malmsbury', because of his views of a mechanistic universe, determinism and pessimistic understanding of human nature: 'The life of man is solitary, poor, nasty, brutish and short'.¹³ St. Alphonsus was to answer Hobbes in his 1756 *Brief Dissertation*, where he drew on Vico's lectures, although there was nothing philosophically original about St. Alphonsus' rebuttal of Hobbes, and it is only significant because it shows how much St. Alphonsus was aware of the increasing way in which the Enlightenment was becoming anti-religious.¹⁴

Hume's genius in 1740 destroyed the sense in which orthodox Christianity was seen as the default intellectual position, even if deists and freethinkers attacked it, since Hume published anonymously *A Treatise of Human Nature* in sections over a year, and the complete text was the most concise statement of scepticism, empiricism, and naturalism so far published in Europe. Although Hume was careful to hide his agnosticism, which meant his most forthright attacks on religion were only published posthumously, he nevertheless published a great deal in the next two decades expanding the views set out in the *Treatise*.¹⁵

For some Christians, the answer to Hume was the Evangelical Revival, which meant a turn to emotion and experience, and a conviction that the Christian faith was correct because of his power in giving religious visions, inculcating a strong moral self-discipline, and

¹³ Thomas Hobbes, *Leviathan*, (London: Dent, Everyman edition, 1947), Chapter 13, p. 65.

¹⁴ Swanston, *Celebrating Eternity Now*, pp. 198-200.

¹⁵ David Hume, *A Treatise of Human Nature*, Ed D. Norton and J. Norton (Oxford: Oxford University Press, 2000).

binding individuals into a tight knit, cohesive social group, that could withstand the destructive effects of poverty, deprivation, and drunkenness. It is in this context that the work of John Wesley, the founder of Methodism, and St. Alphonsus, must be set. St. Alphonsus was at the same time a moral theologian, priest and then bishop, evangelist, and founder of the Redemptorist Order, but he was originally an aristocratic lawyer practicing in Naples in the 1720s.

Naples was the third city in Europe after Paris and London, and was deeply influenced by the early Enlightenment, with Giambattista Vico (1688-1754) being its most prominent intellectual at the University of Naples. One of the most interesting developments in recent years has been the exploration of the 'Catholic Enlightenment'. Instead of the eighteenth-century European Enlightenment being seen as anti-religious, rationalist and indifferent to history, there has been much attention paid to both the early English Enlightenment, and the Catholic Enlightenment as historical phenomena open to the discoveries of science, while remaining deeply Christian. One such centre was the Kingdom of Naples in the early eighteenth century.

Vico's *The New Science* was published in 1725, a year before St. Alphonsus was ordained, and revised in 1730, and the book argued against a philosophy which sought mathematical certainty. 'Thus, our Science comes to be at once a history of the ideas, the customs, the deeds of mankind. From these three we shall derive the principles of the history of human nature, which we shall show to be the principles of universal history, which principles it seems hitherto to have lacked.'¹⁶ Vico turned his back on rationalism, enunciating a princi-

¹⁶ *Scienza Nuova seconda* (1730/1744), *The New Science of Giambattista Vico*, revised translation of the third edition by Thomas Goddard Bergin and Max Harold Fisch (Ithaca: Cornell University Press, 1948; Cornell Paperbacks, 1976). The spelling of 'mankind' is kept in this article, since it is an original quotation. Hamish J. G. Swanston, *Celebrating Eternity Now: A Study in the Theology of St. Alphonsus de Liguori* (Alton, Hampshire, U.K.: Redemptorist Publications, 1995), pp. 82-89 on Vico's thought in relation to St. Alphonsus. P. 244: 'the wide sweep of Giambattista Vico's Law School lectures seem to me to have been at least as important as any particular notion which occurred to him in a reading of contemporary moralists and dogmatic deists.'

ple of historical relativism, which anticipated the historicist tradition that runs from Herder through Dilthey to Collingwood, and offered an account of historicist development,¹⁷ although his fame as a great European intellectual opposed to Cartesian rationalism and a uniformitarian way of thinking, was not established until much later, when Coleridge and Herder popularized his work.¹⁸

Not enough attention has been paid to the fact that Vico almost certainly taught St. Alphonsus, and while historical evidence is sadly lacking, it is possible to speculate that the young student would have met the old intellectual at evening discussions in the salons of Naples, since St. Alphonsus came from a prominent, aristocratic Neapolitan family.¹⁹ Professor Brendan Dooley, who is a specialist in eighteenth century Italian history and culture, writes: 'Although he may not, as Andrea Battistini suggests, have understood the novelty of Giambattista Vico, and he probably knew the ideas of Thomas Hobbes and Baruch Spinoza mainly through the works of Pierre Bayle, nonetheless, he apparently read John Locke, Helvétius, and Voltaire first-hand as examples of the turning tide toward a purely materialist and relativistic world view'.²⁰

However, St. Alphonsus was not an intellectual, seeking new ideas, but rather a clever young lawyer who wished to bring Naples into the eighteenth century, who attended Vico's lectures, and was aware of Vico's 'enquiry into the origins of contemporary social structures and the significances of myth at these origins'.²¹ What that meant was curb-

¹⁷ Paul Avis, *Foundations of Modern Historical Thought* (London: Croom Helm, 1986), p. 133.

¹⁸ Costelloe, Timothy, "Giambattista Vico", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Fall 2018 Edition).

¹⁹ Hamish J. G. Swanston, *Celebrating Eternity Now*, p. 81 on how Vico's father kept a bookshop in Naples which St. Alphonsus probably frequented, and also on other links between Vico and St. Alphonsus.

²⁰ Brendan Dooley, 'Review of *Alfonso M. de Liguori e la civiltà letteraria del Settecento*. Atti del Convegno internazionale per il tricentenario della nascita del Santo (1696-1996), Napoli, 20-23 Ottobre 1997', *The Catholic Historical Review*, Volume 88-4, 2002, pp. 780-782.

²¹ Swanston, *Celebrating Eternity Now*, p. 82. St. Alphonsus also belonged to a confraternity, the Congregation of Doctors, which prayed together and did charitable work. Keenan, *A History*, p. 238.

ing the power of the Church, since canon law was a feature of daily life. So too were the archiepiscopal and royal church curias, and the Inquisition.²² St. Alphonsus studied law at the University of Naples. Law was the discipline which was at the forefront of the early Enlightenment in Naples.²³ Nicola Caravita, professor of law at the university, sought to cut back the influence of canon law, and to establish jurisprudence on its historical basis.

St. Alphonsus's doctorate, granted in 1713, was on the precedence of equity over the letter of the law. St. Alphonsus became a well-known lawyer, but in 1723 he lost a case against the nephew of Pope Benedict XIII, who was Duke Filippo di Gravina. George Berkeley, 1685-1753, the eminent British idealist philosopher and Anglican bishop, met Duke Gravina while the bishop made a tour of Italy in 1734, and was appalled at his conduct, describing him as a 'wretch.'²⁴ St Alphonsus' anger at the corruption involved in the trial caused him to renounce law for the seminary.²⁵

He was ordained in 1726, aged thirty, and his intense immersion in the ideas of the early Enlightenment, alongside his great legal skill, were now replaced by an equally intense involvement with the poor, homeless and destitute, especially among the young, of Naples. Since he studied in Naples in the first two decades of the eighteenth century at the height of the Enlightenment crusade against tradition and privilege, and died a few years before the French Revolution, with its fierce antipathy to Christianity, he is the person whose life spans the intellectual stages of the eighteenth century.²⁶

²² There is a wonderfully vivid, and detailed, account of the power of the church in Naples in 1700 in John Robertson *The Case for the Enlightenment Naples and Scotland 1680-1760* (Cambridge: Cambridge University Press, 2005) pp. 79-80, which describes the prevalence of the church in Neapolitan society. Pp. 101-107 is on the university life of Naples.

²³ Lehner, p. 15.

²⁴ Harold Stone, *Vico's Cultural history* (Leiden: Brill, 1997), p. 197. D. Seward, *Old Puglia* (London: Haus Publishing, 2016) for Bishop Berkeley's tour of Puglia.

²⁵ Rey-Mermet, *Moral Choices*, p. xxv.

²⁶ Michael Printy, 'The Intellectual Origins of Popular Catholicism: Catholic Moral Theology in the Age of Enlightenment', *The Catholic Historical Review*, 91-3, pp. 438-461.

3. *The spirituality of St. Alphonsus*

Throughout the mid and late seventeenth century Jansenism sought to purify Catholicism of what it called popular superstition, seeing its commitment to Augustinian theology, an emphasis on the supremacy of divine grace, and a deep awareness of human sin as a means of reforming the church and calling it back to its primary, even sole, task of preaching the gospel, and in this spirit it was strongly opposed to popular adoration of the saints, much Mariology, and pilgrimages. By the mid eighteenth century this reform movement had merged into the desire of some clerics and laity who were not Jansenist, but who belonged to the Catholic Enlightenment, to have a liturgy fit for moral instruction without excessive devotion, often called in a pejorative manner superstition.

Lehner writes 'Catholic reformers in the Enlightenment felt that liturgy could be a source of moral teaching, although they often flattened the mystery and awe of the service, leaving the faithful feeling lost without popular devotion ... Catholic Enlighteners updated and reformed the devotional life of the church, though they sometimes acted without much pastoral sensitivity, especially when they robbed commoners of traditional forms of prayer.'²⁷ The Italian priest Ludovico Muratori's *The Science of Rational Devotion*, published in 1731, epitomized this elitist attempt to purge liturgy of the 'non-essential' elements.²⁸ This also sought to purify popular religion, and looked to state control of education, with restrictions on clergy and religious orders by the state. One example of this is the late eighteenth-century Austrian suppression of monasteries, state control of education, and the restriction on popular devotion, rituals, and pilgrimages.

St. Alphonsus became completely opposed to the teaching of Muratori, and his Marian devotion was a way of learning to love Jesus, as the Virgin Mary had loved her son during his life, crucifixion, and res-

²⁷ Lehner, pp. 134 and 154.

²⁸ Lehner, p. 131. Paola Vismara, 'Lodovico Antonio Muratori 1672-1750' in Jeffrey Burston and Ulrich Lehner, *Enlightenment and Catholicism in Europe: A Transnational History* (Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame Press, 2014), pp. 249-268.

urrection. Unlike Muratori, there was no distinction between adoration of the Virgin Mary and worship of Jesus Christ.²⁹ St. Alphonsus's embrace of popular religion then put him quite against the Enlightenment ethos which he had been educated in at the University of Naples, which was not anti-Christian but rather stressed the power of reason against the popular beliefs of the uneducated.

So although St. Alphonsus was a child of the Neapolitan early Enlightenment and took its spirit into the reform of moral theology, his appreciation of popular devotion made him opposed to Catholic Enlightenment as the eighteenth century progressed. St. Alphonsus also supported an ultramontane, Rome centred, ecclesiology, which again made him critical of the attempts to use local political authorities in reforming the church, while he also constantly referred his spirituality to what was suitable for personal evangelism among the poor. St. Alphonsus wrote much on spirituality, especially on Mary, as well as composing popular hymns and carols.

At this point we become aware of just how diverse the early Catholic Enlightenment actually was, raising questions as to whether there really was one 'Catholic Enlightenment' (a point emphasized by the many reviewers of Lehner's book).³⁰ Michael Printy has analyzed the change in attitude to religious practice by the Roman Catholic Church in the eighteenth century.³¹ He shows how popular Catholic piety among peasants was not always criticized as superstition but instead taken up by some Catholic thinkers in the early Enlightenment, who were primarily concerned with evangelization rather than those Catholic thinkers and theologians who emphasized moral, social and educational reform- although evangelists also supported such movements.

²⁹ Lehner, p. 157.

³⁰ Diego Lucci, *Intellectual History Review*, 27-2, pp. 275-277, 2017; Noah Shusterman, *The American Historical Review*, 122-3 (June 2017), pp. 916; James Byrne, *Journal of Church and State*, 59-3, pp.509-511, 2017: 'Lehner's work raises the obvious question: do even multiple examples of progressive Catholic thinking amount to what can be called a "Catholic" Enlightenment? That question remains open (not least because of the diversity of "Catholicisms").'

³¹ Printy, 'The Intellectual Origins of Popular Catholicism', p. 438.

Printy writes ‘The missionaries embraced what they now accepted as genuine piety and sought instead only to strengthen the connections between popular piety and the institutional Catholic Church.’³² This laid the basis for the later flourishing of Catholicism in Europe in the nineteenth century. St. Alphonsus brought together and valued. human experience, the adoration of local saints, and an intense Mariology which lay deep in traditional peasant culture. He was one of those in the eighteenth century who helped to create the popular Catholicism of the nineteenth century.

Hubert Cunliffe-Jones, who was an English, Congregationalist historian, saw St. Alphonsus as providing a Catholic parallel to John Wesley’s doctrine of holiness.³³ Several aspects of their work were identical. First, in a hierarchical and rigid society where the church accommodated itself to the social norms, they sought to break through this to reach those who were both poor and spiritually isolated. Secondly, they sought to reframe theology, especially moral and spiritual theology, into contemporary human experience. Both men valued the spirituality of ordinary, uneducated people, and brought this into their own profound knowledge of the Christian tradition, while always seeking to make it popular and easily accessible. St. Alphonsus taught that the love of the saints could lead one to Jesus, while Wesley’s more spirit filled and Christocentric theology did not emphasize the saints, while still retaining a fervent devotion to Jesus as redeemer and saviour like St. Alphonsus.

4. *The moral theology of St. Alphonsus*

Both John Wesley and St. Alphonsus were deeply concerned with holiness and moral perfection. St. Alphonsus had a difficult task, because he wanted to make the approach of the confessional less rigorous than it was, without becoming lax, and he preached the importance of holiness, as Wesley did, while seeking also to be pastoral. In

³² Printy, ‘The Intellectual Origins’, p. 439.

³³ Hubert Cunliffe-Jones, *A History of Christian Doctrine* (London: Bloomsbury, 2006), p. 478.

1768 he published a small book *The Practice of the Love of Jesus Christ*, which is described by Lehner as 'probably the most evangelical book a Catholic theologian had ever written until this point'.³⁴ Unlike the rationalism of secular reformers, and the moralistic teaching of the Jansenists, St. Alphonsus took desires and emotions seriously as the springboard of faith, which like Methodism led to a personal encounter with Jesus and the conversion of the sinner.

There is also a political element in this, for secular reformers of the Enlightenment felt that paupers could be educated to be industrious through the workhouse, and punishment for beggars would prevent those who, in the view of these reformers, would not contribute to society, but instead 'exploited' the kindness and charity of others. Jeremy Bentham in England was the most famous exponent of this with his utilitarian philosophy, whereas St. Alphonsus, like Pope Francis today, felt a closeness to the lives of the poor, and compassion for their suffering, whatever the cause of this, and condemned harsh social and economic programs that forced the poor to comply with conditions that were deliberately designed to be coercive.

St. Alphonsus wrote his moral theology for the confessional, and especially to encourage confessors to be compassionate but not lax. St. Alphonsus did not publish his *Theologia Moralis* in two volumes until 1752-5 (there was an earlier edition in 1748, but the second edition was almost a new work). When it came out, the eighteenth century had moved from the period of the early Enlightenment to a much more sceptical age.³⁵ St. Alphonsus's moral theology was not achieved easily. It is helpful to set out the history of the intense debate in Catholic moral theology at this point throughout the seventeenth century, as this gives the background to St. Alphonsus's own thought.

Cornelius Jansen had been rector of the University of Louvain, dying in 1638, and his posthumous book *Augustinus* was published in 1640, analysing St. Augustine's doctrine of grace, with an interpretation which denied free will and saw human beings as deeply fallen. The book was taken up enthusiastically by the convent of Port Royal

³⁴ Lehner, p. 173.

³⁵ Rey-Mermet, *Moral Choices*, p. 48.

outside Paris, which became the centre of Jansenism. It. This rigorist school was embraced strongly by many Dominican theologians in the seventeenth century. As Louis Vereecke, who was both a Redemptorist priest and one of the great historians of Catholic moral theology has written, the Jansenist reform of moral theology was both simple and rigorous: 'All of morality consists in knowing the will of God. Jansenist morality is always a leap of faith towards God because reason, corrupted by original sin, can never really know morality as it cannot know dogma. All ignorance or error in the moral realm is at once a result of original sin and the sin of a faithless conscience.'³⁶

Jansenism spread across Catholic Europe, seeking certainty, and opted for the most severe form of casuistry, known as tutorism, and as a result it also condemned the doctrine of 'probabilism', which was the belief that in a moral choice one could follow what was probable, so long as it was supported by some arguments or sound authorities, even if the contrary opinion is more probable.³⁷ Jansenism had no place for reason, experience, or contemporary theology, and it entirely relied on biblical and patristic sources, especially Augustine. Although Rome repeatedly condemned the doctrine from 1641 but especially in the papal bull *Unigenitus* in 1713, Jansenism continued to be dominant in Catholic moral theology.³⁸

In a confusing use of terms, Jansenists argued for 'probabiliorism', which is quite different from 'probabilism'. Probabiliorism argued that in cases of doubt one must always follow the safest doctrine, or one which was more probable, even if the alternative course was more compassionate, and almost as probable. Any doubt should be resolved by

³⁶ Louis Vereecke, C.Ss.R., *De Guillaume d'Ockham à saint Alphonse de Liguori: études d'histoire de la théologie morale moderne, 1300-1787* (Rome: Collegium S. Alfonsi de Urbe, 1986.), quoted Rey-Mermet, *Moral Choices*, p. 12.

³⁷ Sedgwick, *The Origins*, p. 330 for Jeremy Taylor's criticisms of probabilism. Rey-Mermet, *Moral Choices*, pp. 10-16 on probabilism. Albert Jonsen and Stephen Toulmin, *The Abuse of Casuistry* (Berkeley: University of California Press, 1988), pp. 164-175 surveys the debate about probabilism up to St. Alphonsus.

³⁸ Robertson, *The Case*, pp.130-134 on Jansenism in Naples. However this fails to describe the theological debates, and only refers to debates among moral philosophers.

looking for the authority of the Church, and the most rigorous course of action, and as a result confessors who followed this doctrine, and there were many, were instructed to withhold absolution if their counsel was not followed, since those who came to confession were sinners, who needed for the sake of their eternal destiny to be dealt with harshly. Tutorism was condemned by Pope Alexander VIII, but the severity of the doctrine continued to have its followers. '*In dubiis tutior via est elegenda*: in cases of doubt the safer way is to be followed.'³⁹

The opponents of Jansenism were the Jesuits, who had advocated probabilism, following the Spanish Jesuit, Luis Molina, who died in 1600.⁴⁰ There were repeated arguments between these two schools in the seventeenth century, and the Jesuits were accused of being lax, or 'laxist'. The Vatican once again condemned Jansenist doctrine, and the Pope sought to bring the Jesuits to accept a much more rigorous doctrine. This was only partially successful. There was a lengthy controversy throughout the later sixteenth century between the Jesuits on the one hand, and on the other the Papacy, the Dominicans, and Jansenists.⁴¹ Their approach took the confessional to insist on the highest degree of sanctity, which had never previously been applied to daily life. Hume mocked both Molinists and Jansenists as 'having a 'thousand unintelligible disputes, which are not worthy the reflection of a man of sense.'⁴²

All this meant that any priest being trained in the late seventeenth and early eighteenth century entered a theological battleground, and this was to be so for St. Alphonsus. What is striking is that even though

³⁹ Quoted by (and rejected by) St. Alphonsus Liguori, *Theologia Moral/ Moral Theology*, trans. Ryan Grant. 7 vols (Post Falls, ID: Mediatrix, 2017), Lib. I., tract. I., cap. III, 68.

⁴⁰ Sedgwick, *The Origins*, pp. 188 and 193 on Molina.

⁴¹ Stefania Tutino, *Uncertainty in Post Reformation Catholicism. A History of Probabilism* (Oxford: Oxford University Press, 2017). Julia Fleming *Defending Probabilism: The Moral Theology of Juan Caramuel* (Washington: Georgetown University Press, 2006). John Mahoney, *The Making of Moral Theology* (Oxford: Clarendon Press, 1987), pp. 52-53 and 89-96 gives a good account of Jansenism.

⁴² David Hume, Essay X, 'Of Superstition and Enthusiasm', in *Essays, Moral, Political and Literary* (Oxford: Oxford University Press, 1963, originally published 1741-42).

St. Alphonsus was part of the Neapolitan Enlightenment, when he entered the seminary, he became part of a different world. He was trained in the severe school of probabiliorism, which gave little allowances for human frailty, and whose hallmark was the denial of absolution at confession for an imperfect confession. The leading Italian theologian of this school in St. Alphonsus's time was the Dominican Daniel Concina, who died in 1756. Concina was favoured by Pope Benedict XIV. Duffy describes Benedict as 'a supreme papal exponent of common-sense realism ... he did what could be done to preserve as much of the Tridentine vision.'⁴³

In many ways Pope Benedict XIV, Concina and William Law represent a similar severity in the face of an increasingly lax society, which for the middle classes gave a taste of prosperity and consequent indulgence. William Law was an Anglican priest in England, whose book *A Serious Call to a Devout and Holy Life*, published in 1729, had great influence and advocated a simplicity of life, daily and rigorous self-examination, and commitment to Christian perfection.⁴⁴ However, St. Alphonsus found this approach impossible to maintain in view of the pastoral realities which he experienced daily on his missions. He believed that penitents were souls in need of salvation and not sinners to be punished. After years of pastoral and missionary work, St. Alphonsus turned against the rigorism of the Dominicans. Printy writes that St. Alphonsus brought about a revolution in moral theology which rejected 'the strongly negative Augustinian condemnation of human nature and embraced a generally more optimistic view of human moral capability.'⁴⁵

His moral theology developed through many editions of his work, constantly rewriting it. It was closely tied to a sacramental theology, where frequent reception of the Eucharist fills the believer with grace. Quoting Pope Innocent III, St. Alphonsus argued 'if Christ delivered us from sin by the Passion, the Eucharist delivers us from the will to

⁴³ Eamon Duffy, *Saints and Sinners A History of the Popes* (New Haven: Yale University Press, third edition 2006), pp. 242-243.

⁴⁴ Sedgwick, *The Development*, pp. 99-125 on William Law. William Law, *A Serious Call to a Devout and Holy Life* (London: Dent, Everyman, 1967).

⁴⁵ Printy, 'The Intellectual Origins', p. 439.

sin.⁴⁶ St. Alphonsus went on 'the principal effect of the sacrament is to ignite in hearts the flame of holy love of God. As the apostle John writes, God is charity.⁴⁷ The law of love, *lex caritatis*, is at the heart of his moral theology, informed by the judgement of conscience. Frequent communion was of course strongly opposed by Jansenism.

The judgement of conscience was to be trusted. An erroneous conscience, if it was in ignorance through no fault of its own (invincible ignorance), did not sin. It may be better to make mistakes if one acted in good faith, directed by reason and the love of God. This view was deeply opposed by rigorists and had profound and long-lasting implications for those hearing confessions, especially in the area of personal morality and relationships. St. Alphonsus moved moral theology in his time away from a belief in the necessity of obedience to absolute moral laws to a belief in the sanctity of conscience.⁴⁸ It has been, of course, a debate that has been repeated on many occasions in the Catholic Church since St. Alphonsus first enunciated his views.⁴⁹

St. Alphonsus's greatest contribution to moral theology was his writing about the judgement of conscience, and St. Alphonsus argued against the rigorist school, especially against several Dominican theologians, which he developed over decades in his writing. First, like Butler, St. Alphonsus sees the person as a moral agent. Moral theolo-

⁴⁶ Alphonse de Liguori *La Pratique de l'Amour de Jesus-Christ* (Lille, Paris, and Bruges, 1910), p. 31, quoting Innocent III, *De sacro altaris mysterio*, in Printy, 'The Intellectual Origins', p. 446.

⁴⁷ St. Alphonsus, *La Pratique*, p.38. On the frequency of reception, St. Alphonsus Liguori, *Conscience* (ed. and translated Raphael Gallagher, C.Ss.R., Liguori, Missouri: Liguori Publications, 2019), pp. 56-57.

⁴⁸ Swanton, *Celebrating Eternity Now*, p. 168.

⁴⁹ Gallagher, 'Commentary on Article 57' of St. Alphonsus's *Conscience*, in St. Alphonsus, *Conscience*, p. 225 references the current debate about the encyclical letter *Veritatis Splendor*, 1993, and the post synodal exhortation *Amoris Laetitia*, 2016. Gallagher shows how the Patuzzi-St. Alphonsus debate was on Question 94 of Aquinas' *Summa Theologiae*, as is the controversy between interpreters of the documents *Veritatis Splendor* and *Amoris Laetitia*. Vimal Tirimanna, 'Moral Norms/Principles and Lived Reality: Does *Amoris Laetitia* re-echo the Pastoral Moral Theological Spirit of St. Alphonsus?', *Studia Moralia*, 59-2, 2021, p. 297.

gy is about decision making. 'It is never allowed to operate with a practically doubtful conscience; and he who acts in such a state sins.'⁵⁰ Doubt should be removed before action. If that cannot be done by the individual, one can consult others. If there is still uncertainty, then the agent can opt for the decision which gives them the greatest liberty. In the arcane language of moral theology, this is called 'equiprobabilism', because a doubtful law does not oblige: '*lex dubia non obligat*.'⁵¹

St. Alphonsus is not a laxist, allowing any choice to be made, agreeing that where the law is clear, it must be followed. However, 'if two opinions are equiprobable, the opinion in favour of liberty enjoys a probability equal to that in favour of the law, and by consequence the existence of the law that prohibits an action is in doubt.'⁵² Against Dominicans like Giovanni Patuzzi who claimed that the law is eternal and absolute, St. Alphonsus replied that the law must be interpreted by reason. 'An uncertain law cannot lead to a certain obligation because human liberty is anterior to the law.'⁵³ Here the Enlightenment principle of liberty and reason comes to the fore.⁵⁴ 'Reason is prior to the demands of the law. By the priority of reason or nature, man was in the divine mind before the law was contemplated'⁵⁵. St. Alphonsus established an anthropology which allowed his pastoral zeal and moral theology to work together, and all of this was informed by an intense spiritual devotion. The call of conscience and the call to conversion are part of the same appeal to a life of following Christ.⁵⁶ Unusually,

⁵⁰ St. Alphonsus Liguori *Theologia Moralis*, Lib. I. Tr. 1, cap. 2, para. 21, p. 12, cited Printy, 'The Intellectual Origins'.

⁵¹ St. Alphonsus *Conscience*, p. 33. John A Gallagher, *Time past, Time future An Historical Study of Catholic Moral Theology* (Eugene, Oregon: Wipf and Stock, 1990), p. 36.

⁵² *Theologia Moralis*, para. 59, p. 24

⁵³ *Theologia Moralis*, para. 74, p. 41.

⁵⁴ Rey-Mermet, *Moral Choices*, pp. 92-94 discusses in what sense St. Alphonsus can be seen as an Enlightenment thinker in terms of ethical thinking using the concepts of reason and liberty and argues that he stands in the Enlightenment tradition.

⁵⁵ *Theologia Moralis*, para. 77, p. 43.

⁵⁶ Raphael Gallagher, C.Ss.R., 'Where moral theology began', in Robert C Korpel e Vimal Tirimanna, C.Ss.R., *Contemplating the Future of Moral Theology* (Eugene, Oregon: Pickwick Publications, 2017), pp. 33-34.

he had a positive view of sexuality in marriage, although not of course ever divorced from procreation.⁵⁷

5. *The Significance of St. Alphonsus' moral theology today*

Many theologians and church leaders have reflected on the significance of St. Alphonsus' moral theology, not least because Pope Francis has initiated a series of changes in the interpretation of moral teaching, such as in the apostolic exhortation *Amoris Laetitia*.⁵⁸ This significance is not only for the Catholic church, but it also matters ecumenically. First, there is the emphasis on praxis. As Sean O'Riordan said, 'its main contribution to the renewal of moral theology was its interdisciplinary approach that emphasized praxis over abstract theory'.⁵⁹ Moral theology is about action, as was said about the Anglican bishop and moral philosopher and theologian, Joseph Butler: 'we should, as Butler did, see man as active, often *engage* in practical matters ... willing, therefore, to chance his arm, and capable, in consequence, of transcending the limitations of conventional wisdom'.⁶⁰ Again, as J.R. Lucas, a distinguished recent Oxford moral philosopher, and Anglican layman, said, our starting point in matters of epistemology and moral truth should be not '*cogito, ergo sum*' but '*cogito, ergo, ago*- I am myself, therefore I act.'⁶¹ St. Alphonsus was himself a person of action, writing, preaching to, and caring for, people of ac-

⁵⁷ Kent Lasnoski, 'St. Alphonsus Liguori's Moral Theology of Marriage', *Nova et Vetera* 9-4, 2011, pp. 1003-1028.

⁵⁸ Elizabeth Kincaid, 'The Virtue of Equity and the Contemporary World', *Journal of Moral Theology*, 8-2, Spring 2019, pp. 114-133. Dennis Billy, C.Ss.R., 'The Vocation of the Catholic Moral Theologian Formed in the Alphonsian Tradition', *Studia Moralia*, 46-1, 2008, pp.105-114. Criticism of St. Alphonsus' influence is found in Matthew Levering's *The Abuse of Conscience A Century of Catholic Theology* (Grand Rapids, Michigan: Wm B. Eerdmans Publishing, 2021), Introduction: 'To my mind, Alphonsus's approach is insufficient.'

⁵⁹ Billy, 'The Vocation', p. 110.

⁶⁰ J. R. Lucas, *Butler's Philosophy of Religion Vindicated*, Durham Cathedral Lecture 1978 (Durham: Dean and Chapter of Durham, 1978), p.14.

⁶¹ Lucas, *Ibid*, p.15.

tion, whether mothers caring for children or men working in the hard toil so characteristic of urban and rural Italy.

Alongside this is the close connection between spirituality and moral action, with an emphasis on spirituality that takes seriously the cultural context in which religious practice takes place, which is why I have emphasized the influence of Vico's pioneering work on the historical development of culture, social norms and language on the young St. Alphonsus. When he left the university and seminary, and became a priest, St. Alphonsus realized his vision of a fully popularized spirituality and moral teaching that could reach out to the poor and ill-educated of Southern Italy. Printy puts his significance well: 'Liguori's moral theology is of such historical importance because of the way he so firmly embedded the sacrament of communion in an ethical system.'⁶² The life of prayer and the life of moral action are united in what Kenneth Kirk, Anglican bishop and moral theologian, called *The Vision of God*, and St. Alphonsus lived this out to the full.⁶³

The third area where St. Alphonsus remains of enormous importance is his use of casuistry and his merciful attitude. Kirk, who re-established moral theology in the Church of England in the first half of the twentieth century, quoted St. Alphonsus (primarily citing him as Liguori, St. Alphonso) repeatedly in his work on conscience, and it is clear that St. Alphonsus carried enormous weight for Kirk when discussing casuistry.⁶⁴ As for his merciful attitude, it is enough to quote David Grumett, a lecturer at Edinburgh University: 'In the

⁶² Printy, 'The Intellectual Origins', p. 444.

⁶³ Kenneth E. Kirk, *The Vision of God: The Christian Doctrine of the Summum Bonum* (London Longmans, 1931). Kirk felt that early twentieth century manual tradition of Catholic moral theology was legalist, and had lost touch with the creativity of St. Alphonsus. Keenan, *A History*, p. 246, says that as St. Alphonsus became more popular in the nineteenth century, 'he became more betrayed.'

⁶⁴ K. E. Kirk, *Conscience and its Problems* (London: Longmans, 1927). There are seventeen references in this work to St. Alphonsus, which are only just exceeded by St. Thomas Aquinas. No Anglican theologian, except for the seventeenth century Anglican Bishop Jeremy Taylor, who also wrote extensively on casuistry comes remotely close to the number of these references in this work. Sedgwick, *The Development*, pp. 343-370

sphere of marital sex, Alphonsus brought a move away from an intrusive Jansenist condemnation of all intentionally unproductive sex towards a recognition that penitents should not be interrogated on sexual matters.⁶⁵

Citations of St. Alphonsus could be piled up, but it is sufficient to note that his emphasis on action, the primacy of conscience, the union of spirituality and moral discernment, and lastly his pastoral compassion make him a moral theologian for the contemporary church, whether Catholic, or in my own case Anglican. The involvement of contemporary Redemptorists to the Anglican-Roman Catholic dialogue on ARCIC, especially on the moral theology documents, such as Brian Johnstone, C.Ss.R. on the 1994 document *Life in Christ* and Vimal Tirimanna C.Ss.R., on the current dialogue, is also worth noting.⁶⁶ There is much that St. Alphonsus, and the Redemptorist tradition, can offer to the contemporary church.

⁶⁵ David Grumett, 'Editorial: Ethics and the Church: A Roman Catholic–Anglican Encounter', *Ecclesiology*, 17, 2021, pp. 171–176.

⁶⁶ Anglican-Roman Catholic International Commission, *Life in Christ: Morals, Communion, and the Church* (London: Church House/Catholic Truth Society, 1994).

BISHOP VASYL' VSEVOLOD VELYCHKOVSKY, C.Ss.R.

**TO THE GLORY OF GOD
REMINISCENCES OF MY LIFE
An Autobiography***

1. *Introduction*; 2. *My Parents and Family*; 3. *My Childhood*; 4. *Youthful Years*; 5. *Polish Captivity*; 6. *The Clerical State*; 7. *Monastic Life*; 8. *Teacher in the Juvenile – Gymnasia and Priestly Ordination*; 9. *Journey to Belgium*; 10. *Stanyslaviv. My missions*; 11. *Kovel. Work in Volyn*; 12. *Superior in Stanyslaviv. The Year 1939*; 13. *The year 1940*; 14. *Kamianets Podilsk*; 15. *The Years 1943-44*; 16. *Ternopil*; 17. *Arrest. On Trial in Kyiv*; 18. *Cell on Death Row. Commutation of Sentence*; 19. *The "Staple Treatment": In the Kirov District*; 20. *Vorkuta. Vladimir on the River Kliazma. Vorkuta Again*; 21. *Return to Lviv*; 22. *The Year 1956*

1. *Introduction*

For the glory of God, and according to the will of God, because I write these reminiscences at the insistence of my spiritual Father... Poor will they be, if God allows me to write them, because, besides the misery of my depraved human nature, there is nothing of my own that is good; and so I must remember that "the guilt of my sin is before me always" (Ps 50/51). Poor, as well, will they be, because my memory no longer serves me well; but this does not disturb me much, for "I can do all in Christ who strengthens me", as the apostle Paul said.

Long ago, really, I should have taken myself to this task, but my hand could not betake itself to pen: it hesitated, as it were, did not dare, had not the boldness – maybe because, earlier, the hesitantly-

* This was true in 1991, when this text was edited by S.J. Bachtalowsky, C.Ss.R.. Nowadays, their names are omitted in respect for the Polish clergy.

written dates and numbers were lost, without a trace of letter or idea, not only once during many a search...

I must write briefly, both because I remember little and because I have only a little time. In fourteen days I must return to the homeland... I write this at the dwelling of my sister, Vera Nikolich, in Zagreb (Yugoslavia).

2. *My Parents and Family*

My father was Father Volodymyr Velychkovsky, son of Father Julian Velychkov-sky and Olena Lotocka. My father's family is sacerdotal, now, for well over three hundred years.

My father spoke little about our family. As a little boy I recall only once hearing from my father's mouth about the past history of our family. According to his account, our family comes from Eastern Ukraine, from Velychkiv.

Our ancestor was a Cossack otaman/chieftain. History (Kripiakevych's, I think) mentions a "Velychkivsky Kurin'/Company". When the Russian Tsarina Catherine demolished the Zaporizhian Sich, she then resettled the remnants of the Cossacks on the Kuban River where, until this day, there are two stanytsi (this is the name for large Cossack settlements)-Old Velychkivska and New Velychkivska. These stanytsi, as I heard from some Kuban people who were in prison in Vorkuta, were very devastated, and then settled, by the Russians.

According to the story, one brother of the Cossack otaman could not, or would not, live under Russian domination, and went over to the Western-Ukrainian territory of Halychyna. He was said to be a remarkable and a wealthy man: to him belonged the estates of Horokholyna; he had the coat-of-arms of nobility, and titles.

But he, or his descendant, because of his goodness and his easy credibility, as well as the intrigues and clevernesses of neighboring Polish lords, lost everything; and his son became a priest-and thence, from Horokholyna near Stanyslaviv (now renamed Ivano-Frankivske), originates our priestly lineage.

During the Great Mission that we gave in Horokholyna (this is a very large village, which even then had three churches – the upper, central, and lower church – and two priests) in the 1930's, when I was

preparing the children for confession and asked a small, very attentive child its name, the child answered, "Velychkovska". I realized then that our lineage continues among the inhabitants of that village.

From the spiritual literature in Eastern Ukraine we know of Velychkovsky priests – among others, about the priest-monk starets (i.e., spiritual teacher) Father Paissij Velychkovsky, who lived long years in a monastery on Mount Athos and died in Moldavia. He left a bountiful spiritual inheritance of religious teachings. Known as well are other religious works from Velychkovsky pens. One of them is mentioned in the Ukrainian Soviet Encyclopedia, namely "Velychkovsky, Ivan, 1726".

My grandfather, Father Julian Velychkovsky was a friend of Father Markian Shashkevych, the poet and illuminator of Halychyna, Western Ukraine, in the Major Seminary of Lviv. In the article of Professor Vasyl' Lev, "The Personality of Markian Shashkevych" in *Bohoslovia* (Rome, 1963), we read:

"After his appearance – the first time within the walls of the Seminary – with a speech in Ukrainian, he ventured out again – not alone, this time, but with two other theologians – with a sermon in Ukrainian in the churches of Lviv: Shashkevych in the church of St. George, M. Ustianovych in the church of St. Parascevia, and Julian Velychkovsky in the Volosky church, all three on the same day of the Pokrov/Protection of the Most Holy Mother of God, October 14, 1836..."

My grandfather was pastor in the village of Dytiatyn, district of Rohatyn, and died at an early age, at about forty. I preached a mission in that village. According to the mission custom, I visited the cemetery to pray for the deceased of the parish. Father Levytsky, the pastor, told me that near the parish home there was an older cemetery. I went there. The graves were fallen in, overgrown with grass; the wooden crosses had long ago rotted away; only at one mound in the center of the cemetery stood a stone cross, and on it was the inscription of who rested there, and below that these words: "On the Cross is my Love; beneath the Cross is my Hope-Jesus and Mary."

Shortly after Dido-Grandfather's death, Baba also died, and my father, still a small boy, was left orphaned, to be brought up by the rest of the family. He finished gymnasia in Lviv, and enrolled in the juridi-

cal faculty. One year, at the beginning of vacations, the young law-student came upon an advertisement in the papers for a tutor-instructor for the children of a priestly family. My father needed money for clothing and maintenance, so he immediately went to the address indicated. He went, and he never returned to the study of law. He never returned, because the priest, whose children he tutored during the time of vacation, was Father Nicholas Teodorovych, known among the clergy as a zealous and worthy priest. Under his influence, and under the influence of the devotion of that family, the young law student, after vacations, entered the Major Seminary, and enrolled in the theological faculty.

The following vacation, my father again returned to the same house, which became his own home, because there he found his life's companion – my good, saintly mother.

The daily schedule in the home of this diocesan priest and pastor was similar to that of a monastery. Morning rising was always at the same hour 5:00 a.m. Prayer and meditation for the head of the family; then the Holy Divine Liturgy; and the entire family, old and young and the children, together with the parishioners, came in long lines, on their knees, for Holy Communion. After praying the chasoslov, if there were no other pastoral duties, there followed breakfast; and then, during all his free moments, my grandfather read spiritual books, journals, and wrote sermons.

My Dido, Fr. Nicholas Teodorovych, was himself a great preacher. A whole heap of sermon manuscripts, about ten volumes, were accepted by the Basilian Fathers at Zhovkva for publication, but they printed only the first volume. His Excellency, Bishop Hryhory Khomyshyn of Stanyslaviv published Dido's "Mission Sermons," because my grandfather belonged, in his youth, to a group of missionaries.

My Dido had a saintly spouse, Charytyna Okhrymovych, who devoutly brought up her children. The children were seven in number; here they are, not in chronological order, but in order of religious calling... Two sons, Vasyl'-Epiphanius and Peter-Paul, were Basilian priests. The former was the editor of the journal *Misionar*, and subsequently ihumen in Chicago, U.S.A. Two daughters were Basilian nuns: Ivanna-Josaphata was humenia in Yavoriv, in Kyiv (in 1917, after the Revolution), and in America, in Philadelphia, where she died. Maria-

Monica was married to a holy priest named Ambrose Poliansky. She lived with him for three-four years; and immediately after the death of her husband, she left her four-year-old daughter with her parents and entered the monastery of the Basilian Sisters in Slovita, where the humenia was her father's sister Anna. Maria-Monica was later the humenia in Slovita, travelled to America, where she received so many offerings from among our people that she was able to buy a large house and property in Pidmykhajlivtsi, in the district of Rohatyn. Her activities were very productive; she had many novices; she sent Sisters to Argentina, and for studies to an academy in Belgium. She was arrested in 1945 (1946?), and died imprisoned in a lager-camp, as a sacrifice for the love of God and her neighbor. Two sons, Eustachius and Paul, were married priests-pastors. And the oldest daughter, Anna, to whom my father was married, was my mother.

Besides this, after the death of Dido in 1918, my Babka, right after the funeral, went to the monastery of the Basilian Sisters, where she was an exemplary religious for almost twenty years. And my mother, after the death of my father in 1940, also, on the very next day after the funeral, came to Stanyslaviv and, after a short while, with the permission of Metropolitan Andrew, entered the monastery of the Basilian Sisters in Pidmykhajlivtsi. She died in Ternopil', in 1959. And the daughter of Maria-Monica, Ivanna, who was raised in my Dido's house, studied at the gymnasia of the Basilian Sisters, and also entered the monastery—that of the Redemptoristine Sisters in Malines, Belgium, where she lived and died in the odor of sanctity.

Thus, in the family of my Dido, Fr. Nicholas Teodorovych, and my father, there were three religious priests, four diocesan priests, and five religious Sisters. Besides this, from Dido's parish there came a long line of religious men and women.

My father, as a priest, served as an assistant in the episcopal cathedral in Stanyslaviv, and as pastor in Shuparets, district of Borschiv, and in Yabluniv, district of Husiatyn (now the oblast-district of Ternopil'). My father was a zealous and holy priest, and my mother was a devout and exemplary mother and wife, a shining example for the home and the parish. I remember that Father, from morning on, was always praying, meditating, confessing, celebrating the Holy Divine Liturgy. He never missed saying the chasoslov and the rosary. When on the

road, he always had the rosary in hand. Before nightfall, with his entire family, he went to the church to visit Jesus Christ in the Most Holy Eucharist. In his free time, Father read books, and at night, when everyone was asleep, he would often write poetry, for the most part of a religious nature and, in part, of a national-patriotic nature. He often placed his verses in the journal *Misionar* in Zhovkva, as well as in the publications (almanacs, among others) of the Basilian Sisters in Philadelphia in America.

Every day Mother, together with us children and the household, assisted at the Divine Liturgy and received Holy Communion, as did many of the people from the village. On Sundays and Holydays, until late on the evening before, as well as in the morning at Matins, Father heard Confessions without pause; and at the Divine Liturgy long lines – hundreds of both young and old – approached for Holy Communion. So it was not surprising that, from Father's parish, came almost twenty monks, nuns, and priests. In the same godly spirit, Father also worked outside the church, in the library-reading hall, in the co-operatives, for the uplifting of the people in every aspect of life.

My Mother had a good and merciful heart; she took into the house the abandoned, the orphaned, and brought them up; and later assisted them in setting up their own family, or in entering a monastery. I remember how once she took, from the street in Shuparets, a poor blind little girl, and cared for her until her death.

3. *My Childhood*

I was born on the first day of June, 1903, in the city of Stanyslaviv, on Lypova Avenue, not far from the episcopal palace and the Major Seminary. At Holy Baptism, I was given the names Vasyl' Vsevolod. My mother had complications at my birth, and could not nurse me herself, and so I was nursed by another woman whose own child had died. Father served only a few years at the cathedral of Stanyslaviv, because he transferred to the parish assigned him in Shuparets, district of Borschiv (now the oblast of Ternopil').

I don't remember the first years of my life. I know, though, that I was not sent to primary school, maybe because it was a little too far away, but more likely because the director of the school was a Pole

who spoke out inimically among the people against Father. It seems to me that for the first two classes of primary school I was taught at home by a teacher named Vasylytsiv. Of course Mother, who received Holy Communion every day of her whole life, also brought us children to Jesus at a very early age. Therefore, unfortunately, I am embarrassed that I don't remember that blessed and most important day of First Holy Communion, when I first received Jesus, my God. I'm sure I was no more than six years old, and it was certainly in Shuparets; and from that day I received Jesus every day.

I remember that in my childhood I was stubborn on several occasions. Once, when we children accompanied Mother to Probizhnia (near Husiatyn) to see Dido, I, like a child, was disobedient in something. Mother threatened to put me off the wagon.

I replied, "Please do!" Mother told the driver to stop the wagon, and she lifted me from the wagon to the ground. I turned away, and walked and walked, so that they had to catch up to me and put me back on the wagon.

In my eighth year of life, my mother took me to my grandfather in Probizhnia, and there I attended primary school for two or three years. From those times I remember one important incident. We were in church, in the month of May, I think, at a retreat preached by a Basilian monk. At the conclusion, at Mother's request, the reverend preacher dedicated me, the little child, to the Mother of God before her altar. Thus from seven years old I am publicly consecrated and belong to the dear Mother of God; and She received this dedication, and publicly acknowledged it when She directed me later to the monastery of the Most Holy Redeemer, where she is the greatest patroness.

After finishing primary school in Probizhnia, I remember one day – evidently with the agreement, or at the request, of my parents – that my Dido drove me and the two other poor boys whom he had taken in to bring them up, Anton Hilya and Joseph Strutynsky, to Buchach, to the Institute of St. Josaphat. I was there in 1913-14.

The humen of the Basilian monastery, to which the Institute was attached, was Fr. Nicholas Lysko. The main superiors and teachers were Fr. Partyka and Fr. Yatsyk (later ihumen of Buchach, who abandoned the Basilians).

In 1914 – World War I.

In the years 1915-16, came the battle line on the Dniester River. Shuparets and all the villages were full of soldiers. Our house was used by the Russian Army staff.

We were under the barrage of the Austrian artillery. For safety, we moved into the cellar.

4. *Youthful Years*

I remember that when the artillery shells were falling, I immediately ran to the orchard and picked up pieces of them.

I also remember that, on the first Sunday of military activity in the village, the Orthodox military chaplain requested the keys to the church; however, Father refused his request, and the request of the colonel and the general, and did not hand over the keys. Then the general, in a rage, yelled at the top of his voice to the adjutant,

“Make arrangements... for the Irkutsk Province!” In a short while, a military vehicle arrived; but, at the same time, the yard became filled with an impenetrable mass of people, parishioners, because the soldiers had immediately announced everywhere that “your priest will be shipped out to Siberia.” Father was being led out, but such an outcry and weeping and protest was raised that the general became fearful, and retracted his order.

From then on, Father had services first, earlier, for his parishioners, and the Orthodox priest then had services later for the soldiers. In time, both the general and the other officers of the Russian army greatly respected Father, and were good to us, helping us, even, when necessary.

I remember that, when the fighting became more intense in Shuparets in 1916, Mother, with the assistance of the Russian army, evacuated us children to Dido's in Probizhnia, where I remained until 1917. I remember that there were no men around, and I, though a little lad, drove the horses, carted sheaves, potatoes, turnips from the fields; I worked hard.

When the Austrian forces drove out the Russians, and went on into their territory, and the times became more normal, then, that very same year of 1917, Mother took me to the district town of Horodenka, across the Dniester River beyond Zalischyky, to the gymnasia.

God, I guess, wanted that my education, because of the war or for other reasons, not be normal, so that I could more frequently repeat: "... it is good for me, that You have humbled me." And so, for the first primary years I was schooled at home, and the later ones I completed in a regular school.

The first class of gymnasia was normal, with the Basilian Fathers in Buchach; but the following classes – the second, third, and fourth – were not normal: they were at home. I and my sisters were taught by a theology student, John Bala (now a Redemptorist priest in Canada), Nicholas Kopiakivsky (also a Redemptorist, now, in Canada), and others. At the gymnasia in Horodenka they accepted me into the fifth class, which I completed normally. In the following year, in 1918, I began the sixth class, but I did not, already, complete it: again came the unnatural...

In Russia and in Ukraine, the Revolution was a year old; and in Austria, as well as with us in Halychyna, there was also a ferment among the people, especially among the young people. Though I lived, together with a friend, in a private home, I nevertheless frequented the bursa at the center of the little town: my friends and older acquaintances were there. And there secret meetings were held, preparations which were kept hidden even from younger friends. By way of exception they allowed me to attend these secret meetings because, though I was only fifteen years old, I was nevertheless not small in size.

I remember my first military expedition some time in mid-1918 in Horodenka. There was among us then in the gymnasia, it seems to me, an older non-commissioned officer of the Ukrainian Sitch/Riflemen, Kryzhanivsky, who came from Serafymec (near Horodenka). He taught us the military arts. Under his guidance, one night, the group to which I belonged set out for the Hungarian military depot, which was in a field behind the train station, to appropriate weapons and ammunition. Evidently, we went empty-handed. The dark night sheltered us. Our scouts reconnoitered the movements of the guards, and we crawled, in scout's fashion, to the windows of the depot that was dug into the ground. The dark night and the light whisper of the wind helped us, and we, with the help of God, returned successfully home with great loot. Similar incidents certainly happened with other groups as well.

By October 31, 1918, we young Striltsi/ Riflemen were militarily ready. This order came down: early on November 1, 1918, we were to take command in Horodenka and the county, which ordinarily under Austrian rule was in Polish hands, because Austria itself was crumbling. The order was executed with precision. Very early in the morning, in military dress and armed, I had to cross the town and join with the contingent of comrades from the bursa. I made the trip across town successfully, but I ran into a policeman who was returning briskly from his rounds; he passed me in the direction of his station. I immediately reported this, and we moved quickly on the police station, where we easily disarmed everyone; then we did the same with the Hungarian garrison and the Polish administration. Not a shot was fired; actually, shots were fired, but there were no casualties. And Horodenka came under the control of Ukrainian authority.

I am not going to write about these times in detail, but only briefly. The first days were very intense, and for more than a week I did not sleep, because I was forever on duty. Then I suddenly got sick with the grippe and, feverish, I do not even remember being laid up for a month. Then they sent me to a regiment in Kolomaya and then to the Ukrainian Sitch/Riflemen's camp in Stanyslaviv. Humanly speaking, I don't know why it happened – but in faith I do know that God so arranged it – that, though all the healthy men were sent to the front near Lviv, where the Poles were attacking and were to snatch it from Ukrainian hands, I was not sent there.

I did nothing to arrange this, nor did anyone arrange it for me with the commanding authorities, because I had neither acquaintances there, nor relatives – except that, perhaps, they had in mind my fifteen years of age...

I was sent for training in telephone-communications. After this course was finished, the trainees were sent to the front, but I went into accounting training for noncommissioned officers. I completed this training: my colleagues went to places at the front, but I was assigned to the office of the Ukrainian Sitch/Riflemen camp, where I was one of the accounting non-commissioned officers (in Stanyslaviv).

In truth, when I sent home my address as, supposedly, the permanent service in the Ukrainian Sitch/Riflemen camp, my mother and father began to write asking that I be given some leave at home. Com-

mander Dudinsky authorized my leave, and I, to the great satisfaction of my family, in late winter, on the Holy Eve of Christmas itself, arrived home. In this, too, was evident the wonderful Hand of God, because walking cross-country, from Ozerian, I think, I grew tired and wanted to stop and rest at least for a while; but, praise God, my Guardian Angel did not allow me to succumb to this temptation, for I would have frozen to death in the heavy frost in the field.

The holiday passed. Spring and summer also passed. And then came the sad retreat of the Ukrainian Sitch/Riflemen from their own land, under attack by the Poles strengthened with aid from France. In the autumn of 1919, we found ourselves beyond the River bruch, where began the territories of Eastern Ukraine which were under the control of Russia. And again, because of strange circumstances, I was separated from my division; however, I soon joined another section of the Ukrainian Sitch/Riflemen. And then, in the town of Starokonstantyn, I fell into Polish captivity.

So ended my war. I killed nobody and wounded nobody, and myself remained alive and unwounded, though I was amid bullets and dangers.

To me, it was clear – my Mother's rosary, blessing, and prayers were always with me...

5. Polish Captivity

It was November, it seems, in Starokonstantyn. There were sections of the Petlura forces there, among which was a small Galician group. The Polish army arrived unexpectedly, as a result of an understanding with the Petlura staff. And, all of a sudden, I hear the words of a Polish sergeant: "*Kabanie chcialesh Lvova? Kopaj jame!*" – You pigs wanted Lviv? Now dig your pits!" But the grave-pit was not yet ready, when perchance a passing Polish officer altered the sentence of the sergeant, and shipped me by the first train to the obuz jencuv, the place for the captured, in Zolochiv.

Here, every day, from that lager-camp for prisoners, which was situated outside the town, they forced us to do hard labor, sometimes on the railroad freight station, but generally at the rocks and at Kniazhe. I was allowed to write home; I soon received monetary assistance.

Some of the prisoners tried to escape at night, through the barbed wire, but they usually perished. I escaped, with the help of God and of Mary, because of money, with which I entertained the sergeant in the military canteen and then exited unnoticed by another door to the street, in broad daylight, and unhindered by anyone I caught a passing sleigh and went to Slovita, to the monastery of the Basilian Sisters, where my aunt Maria-Monica was ihumenia. From there they transferred me to Univ, where Fr. Ihumen Klement Sheptytsky received me heartily and gave me shelter in his Studite monastery there.

During all this time, there is a search for me, both at my parents' home and elsewhere. It becomes dangerous at Univ. I am transferred, in the spring of 1920, to Lviv; and our Metropolitan Andrew suggests that I take refuge in a building near St. George's Cathedral, on Peter Skarga Avenue, at the so-called "Cantors' bursa," where there was at the time an internat, or boarding school, for young boys; and where there were also four others like me, except that they were older; and where the rector was Fr. Ivan Buchko. Here, too, I did not long warm a place, because danger threatened. Our people advised me to go to a priest on the Czech border, who needed a teacher for his children, and from there to escape to the Czechs. I did so.

I arrived at the place, was heartily received at the home of Fr. Bula, and asked that someone take me across the border. Wiser heads and leading voices suggested that I wait, because there is activity at the border, and the military guard is augmented; but I stubbornly insisted that I must cross tomorrow morning. To the dismay of the local people, I departed for the forest, which they pointed out to me from afar.

Of course, I was apprehended, amid a hail of bullets, without even approaching the border. I said that I was a tutor for the children of the local priest, and that I had gone to the forest for a walk, not realizing the dangers there. They found nothing compromising on me; they asked where I had come from, and handed me over to the police to send me back to the district police in Borschiv for questioning.

On the way, I conversed with the accompanying policeman. In Lviv we had to change trains, but we had to wait for the other train. So I suggested to him that he accompany me to some acquaintances, where we could get something to eat, because we were both hungry. He hesitated at first, unwilling to go, but ultimately agreed.

I led him to 2 Peter Skarga Avenue, rang the doorbell, and asked Father Buchko to give us something to eat. In those first few moments, before Fr. Buchko recognized that there was no danger in my visitation with the policeman, he was very apprehensive. I had not realized that my visit would frighten my benefactor...

Finally I was in Borschiv, before the chief of the district police, who was searching for me only the previous year as a fugitive from the prison camp. The commissar of police read the report given to him by my convoy officer, asked me where I was from, and immediately handed me over to another policeman to take me the twenty-two kilometers to the police in Shuparets, where my parents lived, for further investigation.

We approach Shuparets. The policeman does not know the road very well. The forest ends; the village begins. I told him that the better road is by a side path; and I led him by the forester's house, because the forester and his family were friendly to my parents. My father, in his priestly zeal, had achieved such success that not only a couple of the Polish families in the village, but also some Polish teachers and foresters usually came to his church on Sunday and holydays. Now, when I came with the policeman to the forester's house, I immediately, in a loud voice, requested some buttermilk for my convoy and myself and, in a more quiet manner, whispered to the lady of the house that she quickly send someone to the chief of police, so that he also forget that I had escaped from Polish imprisonment, and let me go free. So it went, and I remained both free and at home near my family.

And if I had succeeded in escaping to Czecho-Slovakia, and had remained there-would I have then become that which I am now? Wondrous are the ways of God, marvelous the perpetual help of Mary, the Mother of God!...

And, in 1920, in the time of the Polish-Soviet war, when Budenny's cavalry came to Shuparets, and at the first meeting the commander shouted that the priest must be shot, the crowd of people protested and rallied to the defence of my father...

And on the next day, when the Polish forester was led out to the cemetery (the forester's house was near the cemetery), to be shot, the people got together and would not give up the old forester because they said, "He was always good to us"...

And later the wife and the children of the commander of the Polish police were also saved by the people because the commander, too, was a humane person...

And thus the spiritual work of my father, done in the holy spirit of God's love, produced good fruit. So many people, of different nationalities, religious traditions, and personal perspectives, helped each other and were saved in this time of trouble.

In 1920, after vacations, I went with Mother to Stanyslaviv. Mother found a place for me to live in the bursa, which was under the care of Professor Bilobram, and I enrolled in the eighth class at the state gymnasium, with the understanding that I must pass tests on the material of the sixth and seventh classes, which I had not attended because of the hindrance of the war. Again, studies under unnatural circumstances...

The purpose, if I may repeat: "... it is good for me, that you humbled me!"...

Obviously, that year, 1920, was a year of great effort in studying, day and night.

That year there were two sections of the eighth class – one for those who had normally finished the seventh class, and one for those like me who had served time in the army. This unnormality had, for me, salutary consequences in yet another way.

My companions, for the most part, were of a somewhat carefree, reckless disposition; and if it had not been for that avalanche of work at the books and the scarcity of time, who knows if I would not have succumbed to unfavorable influences. All the more so since, at the time, I was lukewarm in my spiritual life because I infrequently participated in the Holy Mysteries. Only daily prayer sustained me. My foot, though, never took part in any social festivities, or dances, or the theatre.

The year passed quickly. The time came for final examinations and graduation.

I knew all my subjects well, but in one of the easiest I failed – in Ukrainian Literature, I forgot the year 1814, the date of Shevchenko's birth. A great embarrassment for my proud nature. "...It is good for me, that You humbled me"... Solely out of His Love, God gave me this grace of embarrassment-humiliation, because I did not fail the year.

And in due time I went to Lviv, where I was accepted into the Major Seminary and was enrolled in the first year of the Theological Institute, which in a few years was transformed into the Theological Academy. The Rector of the Seminary was the good-hearted Fr. Titus Haluschynsky, OSBM., whom the students nicknamed, among themselves, tatunio, i.e., Daddio. Again, in due time, in a few months, on the notification of our good gymnasia catechist-chaplain from Stanyslaviv, Father Figol', I returned to the gymnasia and took my entrance examination.

I should have proceeded to theology in Stanyslaviv because I belonged to that eparchy, but I did not do so because, in the Major Seminary there, celibacy had been made compulsory, and I did not agree with that.

6. The Clerical State

In the Major Seminary at Lviv there was a return again to normal spiritual life – weekly Confession, daily Holy Communion, meditation, chapel visits, and the rest. The spiritual leadership and the Father Professors were good. I was in my right place, and I felt good about it.

Only one thing was negative, not very good, in the Seminary: because in Poland, except for theology, there were no higher studies for us Ukrainians, and because access to the Polish university was extremely difficult for Ukrainians, theology attracted, in the flood of these times, many who were undesirable, not called to the clerical state. The spirit of the world, which leads to a clouding of the mind and to spiritual blindness, to the domination of worldly pride, also infected me and had some influence on me; and in my soul I strove forcefully with it during the first years of my spiritual life in the Seminary.

I was certainly the youngest of all my companions, being nineteen years old when I began my theological studies, and in some not-so-very-good matters, I sometimes succumbed to some not-so-very-good influences. Thus, pursuing some not-so-verygood examples, I sometimes, without permission of superiors, went to town with a companion (never alone); I would peek down from the choir loft in church at the people who used to come there from town; I smoked more than

“normal”; I allowed myself a few times, at the instigation of a friend, to have a little glass of whiskey. I had begun to smoke in the army, and I smoked much in the Seminary, in spite of the doctor’s restriction because of pains in my chest, my lungs. As for drinking, I did not drink: in the army and throughout my entire life, in total, I think, I did not drink more than half a liter of whiskey.

But in spite of my light-mindedness and my inclination toward evil, Divine Grace, without any merit of mine, was not in me useless, and saved me from dangerous proximate occasions, and sometimes when such occasions occurred, saved me from big bad falls. And for the most part I was faithful to my daily spiritual exercises.

During vacations at home, not only were there no occasions for evil and for bad influences, but there was the bright light and shining example of my father – a zealous and holy priest – and of my saintly and good Mother.

Now I will speak of my relationship with women during these critical youthful years. Already in the innocent years of my infancy, my devout Mother fastened in my heart love for the good, the beautiful, and the innocent. Though I was not completely aware of what I was praying for, I prayed, as I had been taught by my Mother, for the grace that I become a monk, a bishop .

From my youngest years, the Most Holy Eucharist, daily Holy Communion, was the powerful force that worked against everything evil, unclean. And devotion to the Most Pure Virgin Mary, her rosary, was always powerful for unfailing victory against the reign of impurity.

There was a certain attraction to external feminine beauty, a certain vague inclination to married life which revealed itself in the choice, not of the Stanyslaviv Seminary, where celibacy prevailed, but of the Lviv Seminary, in the acquaintanceship with some of my sister’s girlfriends in Lviv, in my attendance with my sister at a party that included dancing – the only time in my life; and I did not even know how to dance. Evidently all these things were only sparks that quickly died out, youthful sproutings, without deeper roots, that soon were dead – because Divine Love sent its roots down deeper and ever deeper into my being, a Love, ever greater and greater, for the best and the highest, for God and the salvation of souls.

This Divine Love was triumphantly revealed publicly, during the retreat at the commencement of my third year of theology, in the strong, determined decision to accept priesthood in the celibate state. This decision was not the result of some unexpected shock, some inconsiderate, insensitive strength, but the fruit of the imperceptible, sweet, powerful, indomitable influence of divine grace, of God's love... Though I was as pleasant, lively, and somewhat light-hearted as before, I was unswerving in my decision, because the basis of that decision was steadfast and beloved: God Himself!

Right after the retreat, I went to Metropolitan Andrew, to reveal my decision and to request ordination to the diaconate. The Metropolitan smiled and said, "Good, good; but think about it some more." There was nothing more to be said.

A week later I again approached, with the same request, but again I received the same reply; and I had to think about it some more. Finally, the third time, the Metropolitan paternally pressed my head to his chest and said, "Good, good. Come on Sunday." One Sunday passed, and another; and then the status of my life was decided: earthly nuptials were not for me.

I had to endure a storm of angry protest and remonstrations from my classmates who complained, "If you have opted for celibacy, we may be pressured to do the same." Their fears were wrong.

I wrote home about my decision and my status, and evidently Father and Mother were, at this stage, not expecting this, but they were very happy with my decision. They wrote me a very encouraging congratulatory letter, in which they very discreetly noted that the fullness of dedication to God lies in the monastic life. I was not adverse to this, but I was not thinking about this at the time: the time had not yet come.

– I recall one other incident that had taken place a few months earlier, before receiving the diaconate, an incident in the matter of my studies. I had not been very attentive to my studies, all the more since my three friends, who shared the same room with me, also were not noted either for their piety or their dedication to studies. – And good or bad example does certainly have its consequences!...

One of the difficulties in my theological studies had been the lack of a fundamental knowledge of Latin because, as I had noted earlier,

my intermediate studies in gymnasias were, because of the war, not normal. That is the explanatory background for this incident: At the annual (final) examination in special dogmatic theology, I failed: at each of my answers to the three questions, the young professor – this was his first year of lectures – Father Doctor Josyf Slipyj responded, “Wrong!” But following this, something quite unexpected – both for me and for Father Professor! – happened. Let me explain...

The examinations took place, not in the lecture hall of the faculty of theology, but in the palace of the Metropolitan, and the chairman of the examination committee was Metropolitan Andrew himself. During my examination, the Metropolitan sat with head bowed and eyes closed, seemingly, as it were, napping. When Father Professor responded “Wrong!” at my third and final answer, the Metropolitan raised his head and queried, “What? What?”

Father Professor said, “The student has answered wrongly!” Then the Metropolitan requested Father Professor to ask the questions again.

And again I heard the three questions, but after each of my responses, the triple gentle “Good, good!” of the Metropolitan.

I don’t remember, now, those questions and answers; but I am convinced that Father Professor was right, because, careless and carefree, I had not adequately mastered the subject. On the other hand, the Metropolitan had, in this case, acted gently, paternally, closing his eyes to the justice of the matter. And here I had, again, another proof that Metropolitan Andrew loved me. – Of course, he also loved the professor; but his tender heart inclined towards the weaker, my most miserable self.

Father Professor never did sign my report card; it was signed, with an affirmative note, by the dean of the faculty, in lieu of an absent professor...

My classmates said, “You failed because you refused to buy his Pesch.” Father Professor had advised us all to buy Latin textbooks which he had himself ordered, written by his own professor, Father Pesch, S.J.; and I had not done so. Father Professor was certainly convinced that I had not bought the text simply because of sheer insolence, deliberately.

Meanwhile, such a thought was not in the least a part of me. I was, then, still smoking heavily, and I had barely enough money for ciga-

rettes; and it was simply out of this need that I could not buy the book. Obviously I could have justified myself before Father Professor, that I didn't have the means to buy the book, but such a thought didn't even occur to me, because of my thoughtlessness... And my father lived inadequately at the parish, because he was completely helpless as a hospodar, in economic matters, for he concerned himself only with his church and his books...

Again, I repeat: the explanation of my classmates was incorrect, because in this case I was guilty.

And thus my relations with Father Professor Slipyj, as well as his with me, were always the best.

7. Monastic Life

Once, in the summer of 1924, I was visited by my aunt, Maria-Monica, the ihumenia, or superior, of the Basilian Sisters in Slovita. We talked a little, and then she asked whether I could accompany her to Zboiska, to the monastery of the Redemptorist Fathers, for she had a spiritual matter to discuss with Fr. Joseph Schrijvers. This was after dinner, at a time free from lectures; and, with the permission of Father Vice-Rector, I went with my aunt to Zboiska.

We arrived at the monastery. My aunt rang the bell, and entered the parlor, where Fr. Schrijvers immediately met her; and I remained outside, in the park that surrounded the monastery, and had a cigarette. After a short time, my aunt came to the entrance, and called me inside.

I entered, and made the acquaintance of the grey-haired, gracious, smiling Father Joseph Schrijvers, whom I had not previously known or met, but who spoke to me, as if we were old acquaintances: "Good, good. I accept you into our monastery. Go home, for a little while, for vacation, and on August 1st come to Holosko for novitiate. You may smoke in your room, but one less cigarette every day, because we do not smoke."

This was a response, without any question on my part, without my request. I had a right, humanly speaking, to be annoyed, or at least to say that I myself had neither requested to be accepted, nor asked my aunt to mediate for me; however, I said nothing. I only said goodbye and left with my aunt, with whom I also spoke not a word about this

matter. In spirit I was so easy, so joyful – a fullness of grace, like a flash flood overwhelmed my soul. There were no words on my lips, nor on my aunt's lips, because this old religious woman and I who stood on the threshold of the monastery – both of us understood the weight and the wonder of this event; not earthly, not human, but heavenly and divine – the grace of a monastic vocation.

Very shortly afterward, I went to Metropolitan Andrew to request that he release me to go to the Redemptorist monastery. Graciously, as always, the Metropolitan told me paternally to think about it, because he would like to have me stay at the proto-cathedral of St. George's, near him. I spoke of this difficulty with Fr. Schrijvers, my future spiritual father until his death; and he gently arranged everything with the Metropolitan, because he was the Metropolitan's friend and confidant.

And so I was to interrupt my theological studies, in order to make my novitiate, and only after that, when already in the monastery, would I complete theology. Another interruption, again – humanly speaking, in the ways of the world – a setback, unnormality; but in ways of God – supreme normality, because it is the working out of God's Will. "Strange and wonderful are Your ways, Lord!"

– I must add one other incident that I left out ...

While I was in my first year of theology, I was at the same time registered in the faculty of law of the underground Ukrainian University established in Lviv by our scholars, the leaders of our people, because in spite of ancient demands and struggles, dating back to Austrian times, for a Ukrainian University in Lviv, the Poles, who occupied the dominant position in the government, refused even to talk about this matter. I registered at the Ukrainian University because I wanted to complete yet another faculty, and to support the persecuted academic foundation of my own people. And now this, too, was incomplete. To my further humiliation, and for the glory of God, I had, now, also to interrupt my studies in law. .

Vacations began, my last vacations, and the shortest. My dear Father, and especially my Mother, with alacrity and with joy, helped me to prepare for entrance into the monastery.

August 1st came. I went by train to Lviv, and by horses from the station to Holosko. Before entering the gates, I discarded my unfin-

ished cigarette. Father Ihumen and the Master of novitiate, Richard Costenoble, a Belgian, and all the Fathers and Brothers received me heartily.

And then I was in my little cell. I took the package of cigarettes out of my pocket and placed it on the table – from the day of my acceptance, I had permission to smoke in my room – but, after a little while, I tossed the cigarettes into the stove and never again touched them.

August 2nd, the feast of Saint Elias the Prophet and of Saint Alphonsus Liguori, the founder of the Congregation of the Most Holy Redeemer – the beginning of my candidacy. Before the feast of the Dormition of the Mother of God, I made a ten-day retreat, and in the ritual of investiture I received the monastic garb of St. Alphonsus' family. My novitiate began – my blessed days of testing in the monastic life, days of joyfulness until death. But, like almost everything else until now in my life, so novitiate, too, would prove to be not always normal.

The old house in Holosko, which the Fathers had acquired with the help of Metropolitan Andrew, and the orchard and the pond had become quite neglected; and so Father Ihumen-Master, and all the novices together with him, during every free moment outside of the spiritual exercises, were engaged in manual work around the house, in cleaning the large pond, and then in the building of a large concrete ice-house. In addition to this, Fr. Ihumen utilized me as his assistant, and I went almost daily into Lviv for various domestic and household matters. Obviously all spiritual exercises, all the prescribed prayers, were fulfilled precisely and zealously, but the rest of the time was spent in work amid the world; but this, too, was done prayerfully: on the lips and in the heart there was almost a continuous sigh to the Eucharistic Jesus through Mary, through the "Hail Mary",

And so, as they say, before I could get my bearings, it passed so quickly – my unnatural, but holy and blessedly completed novitiate. Again, a ten-day retreat, and then the rite of temporal vows for three years. Some of my family were also at this monastic celebration – Mother, and, I think, Aunt Monica: actually I don't remember now who else was there, for I was ecstatic, in a trance, full of joy. And my joy was reflected in the faces – certainly, too, in the hearts – of my family.

I remember that, previous to this, I had encountered various acquaintances on the streets in town, in Lviv, who would look at me in wonder, who would question me curiously about the conditions, the obligations, the spiritual exercises, the prescribed and the community prayers of the monastery. There was, for example, Fr. Joseph Luchynsky, a classmate in theology of my uncle Eustachius Teodorovych, who later became a Basilian monk. He remarked with a certain, almost, nostalgia, "Too bad that I did not know earlier all this about the monastic order of the Most Holy Redeemer." And my uncle, also a Basilian monk, when he heard about all our duties, prayers, and about the three – or two, at least – daily meditations, said, "Yes, you did very well in entering that religious order."

These words, obviously, were pleasing to me, but they did not teach me anything new, because I was always happy and full of joy on account of my monastic vacation; and there never was and, I firmly hope, there never will be a moment, until my death, in which I would feel any kind of doubt or regret, or unhappiness, for having trusted the words of my Redeemer, and for having followed His call, followed in His footsteps!

What more can I say about monastic life?

8. Teacher in the Juvenate – Gymnasia and Priestly Ordination

After completing novitiate, I was sent to Zboiska, where for two years I was a teacher in the so-called Juvenate, or gymnasia, of the Redemptorist Fathers. I taught various subjects, such as religion, Ukrainian language and literature, history of Ukraine, and world history, geography, and so on. This school trained candidates for our Congregation, because there was always a smaller or larger group every year that entered the novitiate. One of the other teachers there, at this time, was our righteous one, Father Doctor Nicholas Charnetsky, and others.

This was in 1925. I was then still a deacon, and at the same time I was studying to complete my theological courses. When I finally finished, I was unable to be ordained because of a canonical lack of years – I was too young. I wrote a petition to the Apostolic See to request the appropriate dispensation, and in a short time I received it.

Another joyful day – October 9, 1925, the feast of the Translation of St. John the Theologian: at twenty-two years of age I received the great Mystery of Priesthood from the hands of Bishop Joseph Bocian, Bishop of Lutsk, a great righteous man, who had been consecrated bishop by Metropolitan Andrew during the latter's exile, in Kyiv. Our Metropolitan Andrew was, at the time, resting in Pidliuty, and so the gracious Bishop Joseph came to us in Zboiska; and here, in the little monastery church, he carried out this great event – he conferred on me the Priesthood.

Now, there is nothing more that my heart could desire, because I have everything in Jesus, whom I hold in my hands, offer in sacrifice, give to the people. Christ is my strength, my God and my Lord! My heart – though it is so small, so miserable – is full of joy!

On the Feast of the Holy Protection of the Most Holy Mother of God, I brought this joy to my family home, where I solemnly celebrated my first Divine Liturgy. My good, upright parents were full of joy; the entire parish rejoiced. My uncle, Fr. Paul Teodorovych, OS-BM., gave the sermon at this celebration.

During the time of vacation, in accordance with the tradition that the teaching Fathers could go to another monastery to make their annual ten-day retreat, I went to Zarvanytsia, where there is a miraculous icon of the Mother of God. And there in the forest, in the simple but lovely monastery of the Studite Order, in a tiny little cell, I had a truly spiritual rest, experienced truly spiritual delights during these days of recollection.

I told myself then that, if there were not among us the missionary Congregation of the Most Holy Redeemer, I would have entered only the monastery of the Studite Order. With the Order of St. Basil the Great I have many links. It is dear and close; seven of my closest family members are there; there I, too, was for a short time, because of the War, in the St. Josaphat gymnasias at Buchach.

But to enter the monastic life of that Basilian Order was never the inclination of my heart – why, I do not know myself. But I am a monk of the Congregation of the Most Holy Redeemer because such is the will of God, such is the calling of Our Savior for me: here is my place, where I must accomplish the mission given to me by God, and here I must, with Jesus, be the sacrifice for our Church and our People.

After the retreat, I had the inspiration to drop in at the Basilian monastery in Buchach, where I had passed a small part of my youth. I was received here very cordially. Father Ihumen Yatsyk invited me to the monastery dining table and, during dinner, informed everybody that I was the first priest to come out of that Institute of St. Josaphat, because my older companions from the Institute Fathers Kamenetsky, Markiv, Shypitka – who entered the Basilian Order, became priests much later than I. Though my journey to the priesthood was not at all normal, nonetheless I did arrive there earlier than they. – For this, my praise and thanksgiving be to God and to Mary!...

I recall that, when I was still in theology at the Seminary, my uncle Paul Teodorovych, OSBM., advised me to request Father Rector to send me for higher studies to work on a doctorate in Rome, where he had earlier been. My aunt, Maria-Monica, OSBM., whose advice to me was that I should without any delay enter the Redemptorist Congregation, when I subsequently told her of this advice from my uncle Father Paul, told me: “Be aware, that in place of not being able to have the useless title of Doctor, you can become a missionary a whole year earlier; and how many more souls you can help save and snatch from perdi-tion.” Obviously these words, as an *argumentum ad hominem*, in homely, down-to-earth reasoning, had a decisive force for me.

Obvious, too – not because higher theological studies and a doctorate are useless, unnecessary, but because this is what God wanted for me – that my “higher studies” were to be in the Cross of the Redeemer, and my doctorate was to be earned in the subject of humility-lowliness of Jesus’ Heart.

The second year, too, of my teaching at our Juvenate in Zbois-ka, passed quickly. I strove to teach our youngest as best I could, but my whole heart was inclined to the preaching apostolate.

Now I see that I neglected my responsibilities, because too little, and sometimes not at all, did I prepare my lectures for my students; on this account, however, I never did receive admonitions from my superiors.

I would borrow writing-books of mission sermons from the older Fathers and, when I myself did not have time to re-write them, I would give them to the better students for re-copying. Noticing my

inclination for preaching, almost all the Fathers would ask me to take their turn in preaching, to which I most readily agreed. This was decisive in my teaching work coming soon to an end and to my becoming a missionary. But before this happened, my being a missionary, pleasant surprise awaited me.

9. Journey to Belgium

At the beginning of vacations for 1926, I was called in by Father Provincial Joseph Schrijvers. He asked me if I would like to go to Belgium. And, not waiting for my reply, he told me to make application immediately with the authorities in Lviv for a passport. As it turned out, the matter was simple and short, for I received the passport immediately, and was able to go to Belgium alone, without any companion or acquaintance. I was being sent simply on vacation, to see the great Redemptorist monasteries, to see Belgium, to please me.

But there was a problem here, for I did not know any foreign language – only a little German, and French not at all. So, in any case, I bought a small pocket French dictionary, and went.

In Cracow I had to leave the train in order to obtain a German visa. I went to the monastery of our Polish Redemptorist Fathers, who received me very graciously; they took me around to the museums in the city, and to Wawel. I stayed the night there, and next morning, after Divine Liturgy, I continued my journey.

I travelled the entire night, and about nine o'clock in the morning I arrived in Berlin. Approaching Berlin, I had the opportunity to speak, though with difficulty, with my neighbor in the coach – a German engineer, a Catholic. I asked if, and where, in Berlin there was a Catholic Church. Our international train made a longer stop there, and, if I had an address, I could quickly run into the city and celebrate the Holy Divine Liturgy. I could not imagine omitting the Divine Liturgy; and I had not queried the older Belgian Fathers about how they managed in such circumstances.

My travel companion told me that there was in Berlin a Catholic church called Elizabethkirche, and he named the street. As soon as the train stopped, I jumped off with my briefcase containing a light set of our vestments and other liturgical necessities, and hurried off in search

of the indicated address. There were some slight inconvenience. I noticed that some little boys – little brats, I thought – were pointing their fingers at me, were chasing after me and making fun of “the man in a dress.” I didn’t have the time to think about it much, or try to understand. Only later was it explained to me that I had created a sensation, one never seen in Berlin; for religious there priests, monks do not appear in public in their religious robes, in cassocks, but only in short civilian garb, with clerical collar. And I had been running around in my full monastic garments.

Ultimately, I found the street I was searching for, and the church of St. Elizabeth was pointed out to me. I ran into what seemed to be the sacristy or office, where there were a few young women with what appeared to be some kind of monastic covering on their heads. In response to my greeting and my asking whether this were the Catholic church of St. Elizabeth, I received the response that yes, this was St. Elizabeth Church, but no, it was not Catholic but Lutheran.

I was stunned by these words, and didn’t know what to say. But at once one of these deaconesses got up, put on her cloak, and said to me, “Come, I will show you where the Catholic church of St. Elizabeth is.” Not far away, on the next street, I arrived at my destination. I sincerely thanked the German Lutheran woman for her service of christian charity.

At the Catholic church I met, at last, real religious Sisters, who served there. I quickly explained that I was a Catholic priest of the Eastern, Ukrainian, Rite, and I wished to celebrate the Holy Divine Liturgy. And not waiting for a response, I put on my vestments and began my liturgical preparations. At once one of the Sisters ran out, and soon the parish priest came and asked me to produce my *Celebret* (an official document to prove that I might rightfully celebrate Mass), which I did not have. I showed him my passport and, among other things, the decree of the Roman Congregation dispensing me from the canonical lack of years necessary for priestly ordination. This proved fully adequate: I successfully celebrated the Holy Divine Liturgy in Berlin. I was unable, however, to refuse having coffee with the good Sisters. But I managed, anyway, to get back to the train on time.

Next morning, I arrived in Liege in Belgium. Here, normally now, in the local monastery, I celebrated the Holy Divine Liturgy, and,

even, a certain little Belgian brother, who was at one time in Halychyna, served quite well for me. I spent the night there, and in the morning I went to Bruxelles, the beautiful capital of Belgium.

When I came out on the square of the train station and was looking through my dictionary on how to ask directions for the streetcar to my desired destination, a certain distinguished gentleman approached me, took my suitcase, and deliberately asked me what street I needed to find. He realized my consternation – I was wondering whether he might not be some thieving con man – and explained that he was an official of such and such a ministry, but that it would be a honor for him to be of service to a priest. He recognized that I was a foreigner by my secular hat, even though it was black, because in Belgium the clergy use only a religious hat with a wide brim.

From Bruxelles I went to a large monastery with an extensive orchard and garden in Beauplateau, which houses the theological institute of the Congregation of the Most Holy Redeemer. Here, as Father Schrijvers had told me, I was supposed to stay for at least half a year, and more, in order to learn the French language, and thence to go to the mission house in Stanyslaviv. Neither one nor the other of these objectives were fulfilled – one, because the Ukrainian students spoke with me in Ukrainian; the other, because I had to leave Beauplateau and Belgium prematurely...

10. Stanyslaviv. My missions

The Superior of the monastery in Stanyslaviv, when he discovered that I was assigned to his house, immediately recalled me: the mission assigned to me was waiting for me.

I am back in Stanyslaviv, my home town, in the summer of 1926; and this is where my missions began. They were to last for twenty years, to the time of the liquidation of our Church in the lands of Western Ukraine by the soviet authorities.

I preached a series of first missions with the older missionary, Father Jacob Janssens, C.Ss.R., a very good and devout preacher, a great enthusiast for our Rite, who translated many of our services – such as the Akafist, the Parastas, and others – and had them printed in Belgian-Flemish journals. The missions were wonderful, the successes were always great; they are all recorded in the chronicles of the house.

We missionaries were constantly overwhelmed by the immensity of the miracles of God's grace, because we resurrected from the grave countless, innumerable, poor and unfortunate souls from the grave of terrible sins and crimes, and they became good, devout, holy individuals. Also families, villages, towns, that were previously evil, godless, corrupt, victims of the devil. There is not time, now, and it is difficult, to recall all these spiritual battle-fields, the sites of victory for Christ's love, the triumphs of Divine Grace. I remember the villages of Kosisvychyna, Mykulytchyn, Myluvania, Horokholyna, Tchajkovych, etc., etc. In all, I had before me approximately a million souls, maybe even more...

11. *Kovel. Work in Volyn*

I was at the monastery in Stanyslaviv close to two years, because near the end of 1927, after my profession of final vows, I was assigned as a missionary to Volyn at our monastery in Kovel' The first mission station in Volyn, in which Father Superior Richard Costenoble, Father Nicholas Charnetsky, and Father Gregory Shyshkovych labored, was in Kostopil', the district capital, because within its neighborhood there were many colonies of our settlers from Halychyna, who had sold their little bits of land at home, and for the money received, had bought two, three, and more, times the amount of land there, but, then, not infrequently, it was poorer land.

The Polish bishop, Adolf Szelazek, had allowed our Redemptorist Fathers to come to Volyn for missionary work because 1) the Holy Father in Rome had requested it, and insisted that all the Roman Catholic bishops assist in the work of Union; 2) some Roman Catholic Polish pastors, full of the Spirit of God, had declared to the bishop that there were many Greek-Catholic Ukrainians from Halychyna who, because they had no priests of their own, were going to Orthodox churches; 3) the bishop himself was convinced that our Redemptorist Fathers, having, at the time, Belgian superiors who had been born and bred in the Latin Rite, would sincerely help in transferring all the Orthodox Ukrainians in Volyn to the Roman Catholic Polish Church. And that is why he told our Fathers at the first mis-

sion station in Kostopil to give all the parish registry entries of our people to the Latin pastor and, in general, to be his assistants.

Our Fathers, in order to be able just to commence their work, tacitly accepted this limiting condition of the Bishop, and then proceeded to labor truly for God's sake – according to their own conscience.

In a little while, in their chapel, they had not only a good choir made up of local Orthodox people, but also had many Polish participants, who had come to know the Fathers at their church where they would occasionally help with preaching and confessing. It came to pass that the transferring did not always go to the advantage of the Polish church but, rather, always from the Polish church to our chapel, to our Ukrainian Catholic Rite. – The Roman Catholic Polish pastor, though he was our friend, panicked, and informed his bishop about all that was going on; and our Fathers had to leave their foundation quite abruptly and search for a new place for their residence, from which they might disperse to every part of Volyn. Divine Providence chose for us – Kovel', which was a natural center and a railroad hub.

I went to Kostopil' twice, as a guest, for temporary assistance.

To Kovel' I came permanently.

Our monastery was situated near the train station, in a roomy house rented to us by a good Polish man. There was a nice big domestic chapel with a small ikonostas, some small private rooms, a dining room, a kitchen, etc. In addition to our monastic prayers, there was for the people, every day, a sung Divine Liturgy in the morning, and in the evening Vespers or Moleben, with a short homily, all according to the local orthodox ritual, in agreement with the directives of the Holy Father: "nec plus nec minus nec aliter: neither more nor less nor otherwise."

The good word about the new Uniate church spread. More and more people came.

In addition to the local Divine Services, our Fathers, in turn, kept ever discovering new settlements of our immigrants from Halychyna, and helped in building new chapel-churches for them. All of this is recorded in the chronicles of the monastery, copies of which are in the Redemptorist house in Rome.

I will recall, in general only, that we went into the villages and farmsteads of these districts in Volyn: Volodymyrsky, Khorokhivsky,

Kovelsky, Kostopilsky, Sarnensky, and others. We helped the people build more than twelve little churches and chapels, and, in addition to that, we had services in private homes, when there were only a few families of our people. I don't recall the date, but it was somewhere about 1930 that our work progressed to such an extent that, with God's assistance-and miraculous at that! – we already had in Kovel' our own large church of St. George. This large wooden church, on a fine piece of property near the town cemetery, had been, during the time of tsarist Russia, a military church for the infantry, and now it was a Catholic garrison church.

And how did this Polish church become our church, our church? That in Poland churches, Ukrainian churches, became Polish churches, Polish Roman Catholic churches, was a very common occurrence; but that a Polish church should become a Ukrainian church – well, no one would believe this!

In Kovel', the pastor of the grand new Polish church was the prelate Father Tokarzhevski, a good, zealous priest, already old, very sincere, open, but an obstinate antagonist of the Union. He told us to our faces: "I admire your work, I respect you; but this work is a grave mistake, and the Holy Father is wrong in this matter, because it is not for the benefit of the Church, but for its detriment . . ., because the true Catholic Church is impossible in the Eastern Rite!"

I respected him for his frankness, and often dropped in on him for various advice. But other young Polish priests were not like that. There was also here, for example, a military chaplain, a young priest named Zavadski. It was he who suggested to us that we purchase his church – because he wanted to build a new military church near the barracks. We sent a request-proposal to the military headquarters. Father Zavadski helped, but the deciding factor would be the word of the minister of defence.

I went to Warsaw and dropped in on the Polish Redemptorist Fathers there, and explained the reasons and circumstances of my being there. One of the Fathers was the regular spiritual care-giver at the very exclusive hospital named after the Infant Jesus. He, in fact, went to the hospital and related to the superior of the Sisters of Charity that our Fathers had this certain problem (except that he did not explain that "our Fathers" were of the Eastern Rite and Ukrainians, and

wanted to buy the military church that was for sale, but there were difficulties...

Only yesterday, it turns out, Marshal Pilsudski had been released from the hospital, and he had telephoned to the superior in order to thank her once again for the good services of the Sisters, and had asked if there was anything he could do...

The superior explained the concern of the Redemptorist Fathers about this purchase. Pilsudski responded: "I've already noted this down. I shall order it done immediately."

And the miracle happened. I returned from Warsaw, and the next day a telegram came from army command headquarters in Lublin to come for contract arrangements. I went, and for a minimal price we bought the church, to the amazement of all and to our great joy. Our superior at the time was Fr. Joseph Ghekiere, C.Ss.R.

We immediately took possession of the church, and I myself took up residence in a small cubicle at the entrance of the church beneath the choir loft. I went immediately to Lviv, to our Metropolitan Andrew, and he donated to us a beautiful and precious ikonostas, which he had the occasion to acquire, one that had been removed by the Poles from a former Orthodox church (now serving as a Roman Catholic church). Very soon afterwards, we began to hold services in our church; and also, very soon afterwards, we began to build, on our property near the church, a fine, large, multi-level monastery, with a large hall for gatherings of the faithful.

The monastery was built by a local contractor, Vasyliwsky, a good man. After he had finished the building, he registered in our parish, because before that he belonged to the Orthodox parish.

Almost from the opening of the church, the choir director Damian Kulish came to us; he organized a fine choir, and was the cantor in our church. I told him that he need not, in coming to us, abandon Orthodoxy, that, simply, if he is certain about the rightness of so doing, he could approach the Holy Mysteries, the Sacraments, in our church. As it was, the director and many singers in the choir, and other parishioners, came over to us from the Ukrainian Orthodox church of the Holy Annunciation. There were soon in our parish about a thousand souls: the more prominent of them were the Bodnaruk's, the Morozowsky's, the Tyshetsky's, the Pyvovar's...

On the occasion of the Mazeppa commemoration, the Ukrainian Orthodox approached us to ask us to have in our church a solemn Panachyda, or prayer service for the dead, for the soul of Hetman Ivan (Mazeppa), because the Orthodox authorities had forbidden this in the Orthodox Church. We had the service. A great crowd of people, like never before. People came to thank us, among others one of Petlura's colonels, Kuprijchuk, the three brother-farmers Balak, and others. They invited us to drop in on their village Kolodiazhne, six kilometers down our road in the direction of Luts'k.

There, too, soon enough, we had a parish. Kolodiazhne was the former estate of the family Kossach, the birthplace of Lesya Ukrainka (Larissa Kossach) and her brother Mykola, who was living then in a little cottage in the orchard, because there was a school now in his large estate house. There was no church there, because the hamlet was not very big, and neglected. Communist agitation had spread out there. But soon after a few lectures, a group of informed individuals signed a declaration stating their intention to be accepted into the Greek Catholic Church; and the first among them was Mykola Kossach and his son Yuriy Kossach, the writer. Within a short time, on a donated plot of land near the main road, was built a large building, supposedly for a certain farmer Balack; but, one night, a cupola was placed on it, and a cross; and the next morning, on the feast of "the warm St. Nicholas" (May 9, [22]), a procession and a crowd of people came from Kovel', and the new church of St. Nicholas in Kolodiazhne was blessed and dedicated. Soon after that, even many of the communists, who had the assignment to kill me when I was riding my bicycle to the church or to the school, became my friends.

This is only one scene of many episodes, because there isn't time for more precision-and there were many such scenes. There were many villages that invited me to come to them because they wanted to be united with the Catholic Church, but all their desires and yearnings, and all our labors ended up worse than nothing – because "enemies" forcibly did not allow it!...

...In short, the PRIMARY enemy of the re-union of our Orthodox brethren in Volyn with the Catholic Church were the Polish Catholics, the Polish clergy, especially the higher clergy. The second, in terms of rank, enemy of Union was the Polish government.

The third enemy of Union was the Moscow hierarchy. On the other hand, the friends of Union were the Ukrainian Orthodox people and clergy.

In many Orthodox parishes in Volyn, where the entire populace wanted to belong to the Catholic Church – e.g., Tutovichi; in the district of Sarn – the Polish police used to restrict me, used to inflict punishments on the people. There were many such parishes – almost all of them. Obviously, the struggle against union with the Catholic Church is a struggle against God, which always fiercely finds its revenge upon its “heroes”... There is not even a trace now, in Volyn, of the enemies of Union during Volyn’s days under Poland. Thus it was, and is, and will be.

A short conclusion, corollary: The Holy Union, which was not allowed to flourish and live, which was considered moribund and deleterious to the Catholic Church in Volyn, has produced marvelous fruits sufferers-martyrs for the Catholic Church in Volyn.

Here they are: 1) of the diocesan married priests, Fr. Petro Tabynsky, the former rector of the Orthodox major seminary in Kremia-nets, and Fr. Ksenofont Kerta, the former pastor of the Orthodox parish near Volodymyr and Kovel’ died confessors of the faith as prisoners in lager-camps; 2) of the monks from the Orthodox Lavra monastery in Pochajiv: Fr. Serafim Yarosevych, former superior in Zdolbuniv, was burned alive by Red partisans in the wooden church of Zhabche near Lutsk; and Fr. Nikita Denysenko was killed in Tutovychi near Sarn; and Fr. Deacon Avim Kovalchuk was poisoned in Lviv.

The underhanded struggle against my work in Volyn was so powerful (e.g., protests to the Apostolic See) that it was deemed prudent to recall me from Volyn. In 1935, I was again in Stanyslaviv, again on mission. The superior of the monastery was Fr. Achilles Boels, C.Ss.R., a Belgian, who loved our people very much. He often said, both privately and at the gatherings of the brethren: “Pray hard, my dear ones, because soon, now, there will be a (free) Ukraine.” This did not get by without punishment: the police heard about it, and our Fr. Boels was expelled beyond the borders of Poland. For some time I filled in for him, as rector.

In 1938, appointments came from Rome, and I was named superior of the monastery in Stanyslaviv.

12. *Superior in Stanyslaviv. The Year 1939*

In 1939, during the conclusion of the mission in Stryj, news arrived about the outbreak of the German-Polish war. I was still able successfully to reach Stanyslaviv.

The abrupt retreat of the Polish – this was September 1st.

And, on September 17, came the “liberators” – soviet authority.

I remember that it was Sunday morning. I went out after the Divine Liturgy in our church. Many of our people who were standing around turned to me and said that Minister Molotov had announced on radio from Moscow that the soviet armies are crossing the border “to liberate their brothers in Western Ukraine.” This presaged a terrible persecution of religion. In Stanyslaviv, the Fathers were planning to build a grand church; understandably, the advent of the bolsheviks destroyed every hope for the realization of these plans.

Sad to say, the Polish government had made all kinds of difficulties to hinder the building of the church. For two years, already, the Fathers and I had been preaching missions, and at the end of every mission we would mention that we were preparing to build a large church in Stanyslaviv in honor of the Mother of God of Perpetual Help. I had gathered, in short time, more than 120,000 zloty, had bought almost all the materials; but the Polish government had not permitted us to build. Now I was to learn the reason: our boys brought me, from the military headquarters in Stanyslaviv, a document which the Poles had left behind when they fled, and it contained an order from the ministry of military affairs in Warsaw not to allow the Ukrainian Redemptorists to build their church on their property in the middle of the town, but, instead, to build themselves a military church there, and to give the Redemptorists property outside the town.

This persecution on the part of Catholic Poles was, in a way, more painful than even the bloody persecution on the part of the godless.

13. *The year 1940*

In 1940, the local soviet authorities wanted to force us out of our monastery, and take over the house for the state.

We told the people.

In a few days, the girls and the women of the Confraternity of the Mother of Perpetual Help gathered several thousand signatures in protest against the expulsion of our Fathers, and took these signatures to the chief procurator, while a mass of people waited on the street for the result.

The procurator read the grievance, and said, "Your words and signatures do not impress us. Go away!"

And the girls responded, "And blood – will it also not impress you? Because if you move in on our Fathers, then-look out on the street: those people, and thousands of other people – we will all oppose you and shed our blood, and we will not allow it." The Procurator responded: "Well, then, go away. Nobody will move in on your Fathers. I was only joking about that." And so we were safe, for a while.

The time came for our Feast Day: the Feast of the Mother of God of Perpetual Help. The people were pleased when I assured them that the festival would take place normally, as always.

A few days before the Feast Day, Bishop Gregory Khomyshyn told me not to make the procession through the town, because it would be dangerous. I responded that I agreed; but that when the people asked about it, I would tell them that this was the order of the bishop. The bishop did not agree to this. Then I said that I myself, personally, did not have the right to abolish customs-traditions in the Divine Services, and to take upon myself that responsibility before my superiors and the people.

The day of the Feast Day. Beautiful weather. A mass of people, close to twenty thousand, packed the large open area in front of the monastery. Divine Liturgy outside, in the open.

After the Divine Liturgy, the procession, the parade, is formed.

Many banners. The icon of the Mother of God of Perpetual Help is carried on high by the priests. The Eucharistic Jesus Himself in a monstrance under a canopy. Blue-and-yellow ribbons on the banners. Many boys from the Confraternity of the Mother of God of Perpetual Help perform the service of monitors, in blue-and-yellow arm bands. The entire populace sings, full-throatedly, hymns in honor of Jesus and Mary. A great uplifting of spirit!

The procession goes in long files around the center of town.

On both sides of the streets are "soviet citizens": the old people bless themselves, with tears in their eyes, in great wonder. The holy procession – the resounding sermon of Jesus Himself, who proceeds in the most holy Mystery of the Eucharist. And the great blessing of the Mother of God of Perpetual Help!

The parade proceeds, taking up the full width of the street. The oncoming military vehicles have to turn off. I go about in an epitrichil-stole, keeping order.

Suddenly, at the end of the first street, there is a disturbance. I am there immediately.

The large personal automobile of the NKVD – the district head of the NKVD himself, as we later learned – was barrelling down directly on the procession, to disrupt it and, hopefully, to dis-arrange the procession, to create confusion. I yell out to the monitors. The boys line up like a wall in front of the vehicle, their posture suggesting, "...over our dead bodies...". One of the boys pounds his fist on the window beside the driver. A moment... The doors of the automobile open. One of the monitors disappears into the car, forcibly pulled in. The automobile turned around, then disappeared. Because of the terrible indignation of the people, they subsequently released the boy, I don't recall whether it was that same night or next morning.

The procession came back to the church area. I preached a solemn sermon on the triumphant power of Jesus and Mary. The people lingered long, though everything was ended, as if caught up in prayerful exaltation. I thanked God, and said to myself, "It was well worth taking the responsibility upon myself, taking the risk and putting my life on the line!"

A few days passed.

A letter came from the NKVD: "... Appear at such and such an hour, in such and such a room..." It went into the stove.

A few days later, another such letter. It, too, went the same way.

Another few days. Another like letter, and it also went up in smoke.

A few days later, after Divine Liturgy-the doorbell rings. I am called to the door. I go.

"*Zdravstuj*: Greetings!"

I understand – the expected visitor. "Please sit down."

"Did you receive our letter?" he asks.

"I did."

"And the second."

"I did."

"And the third?"

"I did."

"Why didn't you show up?"

"Because I did not wish to."

"Why?"

"Because I am not your sexote, your sick little plaything!"

"You will come!"

"No, I will not!"

He unbuttoned his civilian topcoat, and revealed his NKVD uniform. And his revolver. "You will come with me, immediately."

"Yes, then, I will go with you. But alone – never! Allow me, though, to go and make arrangements for some of my affairs."

"Please."

And I left.

I quickly handed over to Father Sterniuk the accounts, and all my affairs as superior, because everyone knows that to go with the NKVD – especially in those days! – meant never again to return.

I knelt down, prayed, "... Thy will be done... Hail Mary..." I clutched the rosary hanging at my cincture (then we still went about in our religious habits), and left.

Outside, my captain paused, and – again a discussion.

"I shall go ahead," he said, "and you will follow, a little after me."

"Don't kid yourself," I replied. "Because if you leave me behind, I will immediately run off. So you had better take me along beside you."

I am in the district bureau of the NKVD, the former courthouse.

The protocol-biography begins, and then the questions: "Did you deliberately, on your own, or at someone else's advice or order, perpetrate that anti-soviet demonstration with that Cross-Walk" – (the procession-parade at our feast a few weeks ago) – "with those yellow-and-blue ribbons?" (Blue-and-yellow are the colors of the pre-soviet Ukrainian national banner.)

"I did not make any anti-soviet demonstration at all! I myself, on my own initiative, did make a walk with the Cross, with all those

whom you saw, because your authorities told us that we in the church are allowed to do everything that was done in the past. And in the past we always did this without any permission." And more, and more, on this theme...

"And did you, before we arrived, preach against the Soviet authorities?... When and where?."

"Yes, I did preach against. Always and everywhere!..."

"Why?"

"Because we knew, from the newspapers and from witnesses who fled here, about the destruction and the burning of churches, crosses, icons; about the killing of bishops, priests; about the destruction of all religion. And I, according to my conscience, had to preach and to call the people to pray that God, by His powerful strength, stem that wild, destructive force"...

Long past noon time, he asks me many questions, and I give him many answers...

...Suddenly the doors burst open. An NKVD officer stalks in, tall, dark, with fearsome face, like Mephistopheles, unlike anyone I have ever seen. This is the head of the district NKVD himself.

"This is Velychkovsky? Has he admitted?" he barks.

"No," replies my interrogator.

He throws himself at me, fists flailing at my head, my face, screaming wildly, rabidly, "*Pryznavajsia* – confess, admit it, or you go immediately against the wall like a mongrel dog! Admit it, *ovietchaj*, scoundrel!"

I look at him, and say, loudly and leisurely, "To this uncultured man I will answer not a single word!" And I turn away from him, sit with my hands on the back of the chair, and begin to say the rosary, holding it high in my hands.

He continues to shout. My head rings. I am almost uncon-scious. I just keep praying the "Hail Mary" – of that prayer I am aware, nothing else. For a long while he screams at me, assaults me. I pray... It was a long time, for I recited a whole full-length rosary.

Then, suddenly, a loud slam of the door. And silence.

I open my eyes.

My interrogator-captain is looking at me, a smile on his face. he asks me, "And will you answer me?"

I reply, "Yes, I will, because you are a man of culture." He questions me some more, gently. I respond.

It begins to grow dark. He asks if I want to eat, drink. I decline.

He concludes. "Sign at the bottom of each page."

A whole stack of pages. On the last page, the writing covers only half the page. I mechanically sign at the bottom of the page.

He notices, and says, "You have just signed your death warrant, because, above your signature there, can be written in whatever is convenient."

"Too late," I reply. "That, then, is your affair."

"No," he answers quietly. "Take your pen and sign again higher up the page, and stroke through the blank space." I think to myself, "This is a human being!" Aloud I say,

Spasybih – Thanks be to God! Thank you."

"And now I will let you go," he remarks, "but I want to tell you something else – just remember, though, that I am a communist and an atheist, and that you not presume to think otherwise about me."

I assure him I won't...

He glances at me, and in a quiet but intense voice he tells me:

"I respect you, from the entirety of my soul, for being ready to give your life for what you believe, because those who act otherwise – are the ultimate svolotch, garbage."

He told me, in addition, to sign a printed form stating that I would not reveal to anyone what had transpired here. I signed it, of course, as a mere formality that does not bind me; and immediately, on the street and at home, told everyone everything.

Within a few days, it seems, or a week, my "friend" Captain Nazarov again came to see me, and requested that I again go with him for a short while to his office. We went.

We sit down.

He begins: "That 'uncultured' chief of ours – you will never again see him." Then he asks if I have spoken to anyone about all that happened.

I reply that I have.

"To whom?"

"To everyone I met."

"But why?"

"So that they not think worse of it. Because everyone asked, for they knew where I had gone."

"Well, let's go now, because better people want to talk to you." He takes me to a large room where, at a long table, were gathered the "big guns" of the NKVD. They ask me to sit at the center of the table, and begin to ask about where the Redemptorist Congregation originated, about its history, about the Basilians, the Studites. And after that they dismissed me.

Captain Nazarov, in escorting me away, said to me, "Do you see with what respect they spoke to you? But the man who insulted you – you'll never see him again." And, really, I never again did see him.

But I also never again saw the good Captain Nazarov, even though I asked about him; for, subsequent to the withdrawal of the Germans, and with the return of soviet rule, he was no longer around.

14. *Kamianets Podilsk*

In 1941 I leave Stanyslaviv. Father Roman Bachtalowsky came to take my place as superior of Stanyslaviv, and I was supposed to go to Lviv; and from there His Excellency, Metropolitan Andrew was to send me into Great Ukraine, where people were asking for a Greek Catholic priest.

Orders are orders. Soon I am packed. On the train. In Lviv, at the Metropolitan's.

I am given several letters received by the Metropolitan from Orthodox people in Kamianets Podilsky, together with the assignment to go out there immediately, and investigate the situation, and to begin working there.

The train, in that direction – to Ivan Pusty – is not running. I return to Stanyslaviv, where the people are all friendly towards us. They come upon an old automobile, repair it, and instruct the driver to take me to Kudrynets on the bruch River (the former boundary between Halychyna and Great Ukraine).

Early next morning we leave, through Zalischyky and Melnytsia; and toward evening we arrive in Kudrynets, at the monastery of the Basilian Sisters. Here I stayed the night. After Divine Liturgy, they sent a girl to the river, to call over to the people on the other side and

inquire whether they needed a priest for the next day, for Sunday services, “because there is a priest here now, who is on his way to Kami-anets Podilsk.”

The people there gasped. “Surely God is providing us with this worthy Father because, just today, we finished the refurbishing of our church, which had been transformed by the bolsheviks into a warehouse – and it needs to be consecrated.”

Within half an hour our Orthodox brethren had gathered my belongings, and I found myself in the church with its new altar. I had to remain here for two days. The first day I consecrated the church and confessed everyone who requested, especially the elderly and the sick. The next day I baptized the children, and there were, when one looked around, children without end – several hundred: i.e., children a few days old to children several years old, including 12-15 year olds. Several rows, from the altar to the entrance.

Now I had to reconsider how, in what manner, I was to baptize them – each child individually, or all of them in some general way. There was no time to think very long. I took the Trebnyk, the Service Book, and began “The Order of Baptism.” I prayed the general prayers once, for all of them; and the particular prayers – the act of Baptism itself, and the anointing with oil, and the Chrismation – I did separately for each individual child. And, thank God, everything finished quite quickly, quite well, and quite happily, even though they didn’t teach us in theology about such situations, or write about them, because nobody foresaw such times and circumstances.

But already there are horses waiting, now, from the next village in the direction of Kamianets. I went, and did the same there. And, again, horses are waiting for the NEXT village in the direction of Kamianets! Again I went, with the same work there...

After finishing these spiritual labors, the head of the village provided horses which took me to Kamianets, the destination of my journey.

I arrived towards evening. I ask on the street, of passers-by, policemen, for the residence of the people whose address I have in my pocket; but unfortunately nobody can tell me anything, because they don’t know. No time to search further on the street. I ask where the town hall is. They show me where. I enter. Full of people. I survey the situation, and make my decision.

I push my way through to the front of the crowd. I approach, and relate that, at the request of local people, I have been sent from Lviv by Metropolitan Andrew as the priest for this town, and I proffer my papers with seal and signature.

When the man in charge read the papers, he lifted up his hands and exclaimed, "Oh, how long we have awaited you!" It was dark outside, and late, so he said that we would talk more tomorrow; but for now: "Officer, take the reverend Father to the hotel. Let them give him a room there. And tomorrow morning show the reverend Father all the available churches, so that reverend Father can choose for himself whichever one he wants." And I chose one in the center of the old town near the Roman Catholic Church, the small stone wall-enclosed Church of St. Nicholas, together with the empty parochial residence.

Just the day before my arrival, the Germans had completed the execution of all the Jews. The city is open...

I looked over the church, which, during the soviet interval, had been a place to repair broken-down automobiles.

Soon many people gathered around, even from the lower new section of the town. They ask if there is to be Vsenichna, the Vesper Vigil, tonight, because tomorrow is the great feast of the Exaltation of the Precious Cross.

An elderly man approaches, and introduces himself – the choir director and psalm-singer, cantor, from the church in the lower section of town – and asks, "May I, with my choir, come over to your church?"

I reply, "Of course you may." And he ran off, rejoicing, with the good news.

...How did I know that this little old church had been built, long ago, by a generation that was still Uniate, and that it was the church most beloved by all the people?...

People found, in some Jewish basements, a large golden icon of St. Nicholas and other church objects. I had left the church to go over to the hotel for my valises; and when I returned, I did not recognize the church — it was so cleaned up, so dressed up, so decorated. And I did not recognize the residence, either: all the furniture was in place, the bed and everything else necessary. Simply a miracle!

That evening I celebrated the Vesper Vigil, preached a sermon about the opening of the Greek-Catholic-Orthodox parish: "...a

parish as it was, once upon a time, during the days of your grandparents and great-grandparents... Those who wish to become parishioners, may do so through Confession and Holy Communion. I will immediately begin to hear confessions. If anything is unclear to anyone, then tomorrow or after tomorrow they can come to me at the residence for further explanation. And now you may all go home... Tomorrow's schedule will be as follows..."

But the people all stand around, every one! Nobody leaves.

"Anyone for confession?" I ask.

Everyone. They withdraw a pace or two, and I begin to hear confessions. By midnight, I barely manage to stop: the rest I would still finish tomorrow morning.

Next morning, as day breaks, I am already confessing again; meanwhile, the people sing Matins.

About one o'clock in the afternoon, I finish the solemn Liturgy. I am completely enraptured. Wonderful work! Very good people! And all the intelligentsia is here, as well as the youth!

And all this because of one short sermon, right?... No, this is obviously impossible! This is not the result of brief human words, no matter how good they might be. These are the results of the almighty power of God's grace, which illumines, motivates, attracts. Obviously so!

The following day I am invited to a meeting of the workers of Osvita: Education-i.e., of the schools. The directors of the entire Kami-anets district are present. The meeting begins immediately by involving me. The head of Osvita invites me to take on religious education in the entire town, completely excluding the Orthodox priests. They ask me to give catechism to the children. They ask me to provide them with a calendar of all the Feasts in the calendar year, so that they be aware of which days should be free of classes. There is present not a single Orthodox priest. The directors from the villages ask their principals whether they should allow the Orthodox priests into the schools, because so few of them know anything themselves. They turn to me. I tell them that they should allow the head pastor of the church. There will be some benefit – at least he can teach the daily prayers; but he must teach using the Ukrainian language, obligatorily.

From among the teachers, some older, respectable Muscovite, Russian, stood up, and commenced to contradict me: "But we are all

Orthodox, and all the children. .. On what basis should a Catholic priest be teaching us... For, after all, even our great poet Shevchenko writes against the Union, that it is foreign to us. And Hrushevsky says the same. ..”

I respond: “... Professor Hrushevsky is an authority on the history of Ukraine, but not on religion... In this case, the authority, which will decide who will teach religion to the children, is not you, my friend, nor is it I, but the people who see the reality, who see the life, the work, of Ukrainian Catholic priests across the river in Halychyna, and who see the orthodox priests here... And that’s why they wrote to Lviv and begged our great Metropolitan, and he sent me here. And these same people – your people – told me: ‘Away with our orthodox priests! We want your priests from the West’...”

And, finally: “...The head of Osvita, thought about it long and well, about what is to be done, before he invited me here. And not himself alone, but he also sought advice of others... And if Shevchenko and Hrushevsky were here, they would provide you with an even stronger reply... I will add, finally, that we are not the Uniates, as they – they, the Muscovites! – used to call us demeaningly in the olden days. We are orthodox-catholic Ukrainians, and we are governed, not by the tsar, not by any Muscovite, or other tattered good-for-nothing, but by the Roman Pope, the universal Patriarch; and this, for us, is an honor and an assurance... And in this most important matter, which religion really is, we stand – precisely because of this – no less than the Italians, the French, the Spanish, or any other nation in the world which is also under the authority of the Holy Father, the Pope of Rome...”

My opponent is very dissatisfied. He did not say anything else, and took his seat. But I sensed that he would yet show his true destructive nature...

On the third day, Thursday, after the morning Divine Liturgy, at which there were many to Holy Communion because they had, even earlier that morning, been to confession, I also celebrated Akafist, the standing prayer service, to our holy Father among the saints Nicholas. I had scarcely finished, when they are tugging at my hand to tell me that a messenger from the German chief for the town is waiting for me.

I unvested. Then I hear him out...

He tells me that the Kommandant wants to see me, and is waiting, that I must go immediately...

"In a moment." I have my breakfast, and then go.

The ceremony was very short. The Kommandant began shouting at me that I had disobeyed him, that I had neglected to announce in church about "voluntary" gifts for the Germans, that I was a *banderovets*, allied with the Ukrainian nationalist partisans, etc., etc. He then sealed an already-written letter that I was to present to the commander of the place where I was to cross the River Zbruch, and told me that within twenty-four hours I must be across this river-border – otherwise, I could expect the severest of punishments: the firing squad.

I left. I headed for the bazaar, the commercial area of the town, where I thought I might find some automobile, some transportation, for Halychyna. But who would be going, now, from there?

I sent for the church trustee whom I had appointed. He came – truly, I had not been mistaken about him: a good man. I packed quickly – it was getting dark – and he took me to his home, by side paths, unnoticed.

I slept a little; and very early in the morning, while it was still dark, he hitched a horse, prepared two sets of seats "Not so," I insist: "one set will be enough!" We hid the valise in the hay, both got in and sat down side-by-side, and departed.

We noticed that German military vehicles were flitting back and forth. It seemed that they might be searching for me... My driver immediately turned into the side streets, and we got through safely. Towards evening, we were on the rise by the Zbruch River.

I told him to stop: we should appraise the situation.

I look around-by the river, there are Germans and a pair of boys. A few moments later, a German comes running from the village. They whisper something to each other, say something to the boys, and run back to the village. A telephone call, maybe, or a superior. – Praise God! As if by miracle!

We dash to the river – "Boys, give us a boat!"

– They recognize me.

They gave me the boat. I said goodbye to my good friend; and soon, by side streets and lanes, I am again at the monastery of the Basilian Sisters...

Thus my mission ended rather sadly! But successfully: the letter containing the order to finish me off – I destroyed it. Next day, I was driven to the nearest train station, and again I was in Lviv.

Some kind German in the area suggested that I should sit quiet, keep myself out of sight, because they were looking for me. I immediately wrote down an account of everything that had happened – the work and the experiences and took it to Metropolitan Andrew, together with letters from the people.

Thus the year ended. I work now at the church in Lviv, on Zyblikevych Street, and live in a little room near the church.

15. *The Years 1943-1944*

What will these years bring?...

For a while, things are quiet, normal. The rector of the Major Seminary in Lviv, Father Josyf Slipyj, asks me to have a retreat for the seminarians. Little time, and the retreat is a ten-day one. I sit at my books, my Holy Scripture, and prepare myself, because this is a very important matter. I set up my outline-plan – this is primary, and the material, God grant, will come!

They say that the walls of the Seminary do not remember so many candidates glory be to God, a little less than two hundred! That is a consolation. And the men are from all across Ukraine, for there are about ten of them even from Great Ukraine, prisoners from the bolshevik army who had been kept in the monastery of the Basilian Sisters at Potocki. The Sisters had helped them to escape and to get into the Seminary.

I announced that anyone who so desired might, during free time, come to talk with me, for clarification of unresolved difficulties. And they came, in all their varieties... A couple were sincere and open adversaries. I suffered through with them, did whatever I could-mainly prayed, for this is mainly a matter of God! – And, apparently, one of them might have been a sexual deviant – that's what was heard, after the bolsheviks came, though, it seems, he did not manufacture a pile of lies, and create any harm. Glory be to God for everything!!!

Meanwhile, the war rages on...

The Germans falter; the bolsheviks approach. For a long while, al-

ready, evacuation has been taking place at a fast pace. Lviv is almost empty of the German army, and the various government departments.

In the evening of every day, one of the Fathers, whose interest it is to keep track of the front, explains the situation at length. And lo, one evening, he states, "The bolsheviks are near Ternopil'."

Father Provincial De Vocht lowers his head and, almost in tears, says, "And in Ternopil', right at this moment, none of our confreres is home-Father Superior has gone to Cracow, the other two Fathers are on mission. O my, what a shame the bolsheviks will arrive, and they'll allege that all the Redemptorists have all run off... Ach!"

And I, at these words, respond, "Please say but one word, and tomorrow morning I'll be off for Ternopil'."

"I cannot send you to the front, into danger."

"But I volunteer myself, to avoid that predicament."

He pondered. And replied, "Good! Go early in the morning to "Orbis" and inquire whether they will issue you a ticket to Ternopil'; then – 'May God bless you!'"

"Good," I respond.

I went to "Orbis" early next morning. Some German officer is speaking with the teller. I interrupt their conversation: "A ticket, please, to Ternopil'."

"To Ternopil'?" she asks.

"To Ternopil'," I reply.

She casually makes out the ticket and gives it to me. Almost in tears, I withdraw wondering, because I know that it was on the part of the teller, sheer unthinkingness and carelessness to issue the ticket...

I return with the ticket. Father Provincial is amazed, and we agree, "God's will!"

Morning. I hitch up my religious habit, sling my bag onto my shoulder, and take off for the station. The train did not show up for a long time, but finally it arrived. I boarded. We are on our way...

The coach is almost empty. The conductor comes through, but does not ask for tickets. I proffer my ticket; he looks at it, and expresses his amazement, saying, "What kind of idiot issued you a ticket to Ternopil'? We'll be lucky if we get to Zolochiv."

We did manage to get to Zolochiv, and he shouts, "Everybody off, because the train is returning to Lviv."

Some German boards the train, and it leaves; and I am left alone at the station in Zolochiv. I walk about, and check whether there might be some military train around. – There is one, standing out there, some distance beyond the station! I walk towards it, and find a string of freight cars. I slide open the door of one of them, and listen. The sounds of the Russian language is heard. “What is this?” I wonder. They come closer. They are Russians captured by the Germans, with horses and a wagon, and are carrying something for the front.

“May I get in?” I board, and together with me, a woman and an SS officer who is going to Ternopil’ on furlough. This trio of us will surely get through; we won’t be lost.

And we did get through to Ternopil’.

We got off the train, and went to the house of the parish priest. he was not home. His family suggested that we go beyond the little town, to the fields beyond, and try our luck in finding some transportation.

And some soldier picked us up on his military vehicle, and we were on our way...

16. *Ternopil*

Finally – the outskirts!

The driver halts the vehicle, and says, “Get off, because there is a control point a little way ahead, and I could have some unpleasantness, because I am not allowed to be carrying anyone.”

We get off, because we are already in Ternopil’, and begin walking. Truly, there is a control point ahead – a couple of German soldiers point their weapons at us and bark, “*Halt!*”

Our SS officer shows his documents, and they permit him to go ahead. Then, to me and the woman, they say, “Go back. This is the front line, and nobody is allowed to enter the city.”

I reply, “Good, we will not go ahead. But we will not go back, either. If you do not have permission to let us through for the reasons that I gave you, then soon enough someone more senior in rank will come along, and I’ll tell him the same things I told you; and he will allow us to enter the town. So we shall wait,” I said. And our guards had to hold their peace.

We waited, perhaps, about half an hour, and just as I had predicted, a supervising officer came along and asked who these people were that were standing around. The sentinels replied, "They refuse to leave, as I had ordered."

I then explained that I was a priest, the rector of the church and monastery, that I had gone to Lviv, and now I was back to retrieve some documents; and that I could then return today to Lviv. "So please allow me to carry out my obligations, to fulfill my orders. You, I think, can well understand my situation. You are given orders, and you give orders yourself, and they are obeyed and carried out. This guard did not let me through; perhaps he didn't have the authority. So I accepted that, and waited for you. Now, you are an officer, a captain. You do have the right to let me through, and you, of course, understand me, and why I had to come here..."

And he waved us on, and told them to let us through, me and the woman who was returning home, and said, "*Gegen si* – go ahead." And we went, the woman to the left, down the road, and I straight ahead until I reached the parish church.

But there is a wall around the church, and the iron gates are locked. So I lifted up my rucksack and tossed it over the wall, then clambered up the gate, and jumped over on the other side. Some Germans observed my efforts, but said nothing. I got up and went to the house of the parish priest.

The house is unlocked, but empty – nobody is home. I stood, quietly waiting. Maybe I'll hear something. And indeed, as if from under the ground, a voice is heard, one and then another. I found the door to the cellar, and banged on it with a stick.

Father Ratych came out. "Who is there?" he asks.

I identify myself. The entire family comes out.

"I have come," I explain, "in order to remain here."

"And we are leaving tomorrow morning," replied Father Ratych. "The Germans are providing us with a transport truck to Lviv. But let us go into the cellar, because soon the bolsheviks will begin shelling; they're never been silent for so long."

I respond, "You go to your places, and I will go to mine. I'll lie down here on this sofa beneath the window. I'm not afraid of the shelling; everything is in God's hands... Good night!..."

And they went down into the cellar, and I lay down in the room, beneath the window.

And then the shelling of the artillery began – farther off somewhere, then closer by, then almost beneath my window itself, because the glass pane shattered. But I did not get up. Somehow I slept through the night – or, rather, I lay there until morning.

Father Ratych also came out in the morning, and we went to the church, which was still intact: only the exterior was scarred by bullets. We celebrated the Divine Liturgy, and consumed the Holy Mysteries. Father Ratych told me what steps to take to get to the monastery, and I went.

I got to the children's shelter on Ostrozhsky Avenue, where the orphan children lived with the Sisters Servants. They were all very impressed by my "daringness," and were glad to see me.

Finally I got to my own people, and found Father Lemishka and a couple of brother-monks. They were also glad to see me. They spoke of the general orders for everyone to abandon Ternopil because the battle front was here.

That the front was here, I was well aware – I saw for myself, on a street near the parish church, a shattered soviet tank, and the corpses lying here and there, bruised and crushed. It seems that, at the same time that I was leaving Lviv, the Reds had broken into the town with their tanks, and almost all of them had been killed; hardly anyone had escaped alive.

The Ratych's did, after all, leave; and we remained. I gave orders that, when the Germans came to evacuate us, everyone present was to nod his head and say "*Gut. Gut!*" and then quickly hide himself somewhere. And everybody did so, and we all remained there.

We maintained the following schedule: We got up in the morning as usual, at 5:00 a.m. Meditation. The Divine Liturgy. I went to have the Divine Liturgy at the Sisters, at the Shelter where, besides the children and Sisters, there were a few sick people from the hospital, and other persons, neighbors. Every day, there were some for confession.

One day, there was the following incident. I came quite early to the Shelter, heard a few confessions, celebrated the Divine Liturgy, preached a few words, unvested; and was ready to leave. But Sister Superior requested me quite insistently to remain for breakfast, to have

an opportunity to ask my advice on some matters. I stayed. We went down to the cellar, where everybody lived, because I celebrated the Divine Liturgy upstairs, in the parlor. They invited me into the kitchen, where breakfast was prepared; and here we talked, as I leisurely drank coffee.

Sister Superior was in a hurry: "Please finish quickly, because the shooting starts soon." They already knew at what time the shelling began, but I was – indifferent!

And scarcely had I finished – artillery fire!

Everyone jumped up and ran for the kitchen door, deeper into the cellar. Someone grabbed me by the arm and threw me full force through the door – at the exact moment of a terrifying impact, explosion. The large window was shattered, and the wall beneath it crumbled into dust. Children screamed, as though someone was cutting their throats. Finally – quiet.

We return to the kitchen. I thank them for breakfast. "Be of good health..." I go home – but now it will be much quicker, closer, because there is no need to take the stairs up: one foot on the pile of the shattered wall, and the other foot outside...

I am out in the street. A frightening sight! In the middle of the street lies a large horse, dead; and all around it are people with knives, in order to cut off pieces of fresh horse meat, to boil it for food. Hunger, starvation, lurks...

I reach my monastery. I use the key to my room-somehow it doesn't seem to work. Finally, after much difficulty, I open the door. I could scarcely shove the door open, because the floor of the room is covered with dirt. The window is broken. Shattered glass and chunks of the wall on the table.

Everything becomes clear – if I had not gone today to the sisters, but had instead celebrated the Divine Liturgy at home, then I would have been sitting at home in my room, precisely at that table beneath the window – and I would have taken that shattered glass in the head, and chest; and would I, then, be still alive now?... "Glory be to You, Our God, glory be to You!"

A few days after this, a woman managed to get out of Ternopil, and made it to Lviv. She visited Father Provincial and reported that she had seen Fr. Velychkovsky going, early in the morning, along Os-

trozhsky Avenue, and saw him fall dead, hit by an artillery shell – that she had seen it with her own eyes! For poor Father De Vocht this was a great shock, for it meant that he had sent me to my death... Of course, the Divine Liturgy was immediately celebrated for the deceased Fr. Velychkovsky... But he is still alive...

Ternopil was long under siege by the Russians-Moscovites, because a strong contingent of Germans was left behind to defend Ternopil' to the last man. But finally the "comrades" came to us. They came to the monastery before dawn, when it was barely light. The Germans had retreated to the Polish church, and were making their stand there. Three soviet officers, artillery men, came to me, and asked, in amazement, why we had not fled, why we had remained behind.

"Why run away?" I said. "You did, after all, announce on the radio that you are coming to liberate us!"

One of them said, "Open up your church and have your services, do your work. We won't interfere. But," he continued softly, bending toward me, "the time will come when you will be persecuted, and even worse things will happen..."

They set up their artillery beyond our road, in a neighbor's garden, and began to shell the town. I recalled something, and spoke up: "I have a request to make of you, because you are good people and I trust you. Please don't fire at the little church in the center of the town because it is very ancient and thus very precious as an architectural treasure. Besides, it is too small for the Germans to take shelter in it."

They listened to me and promised, though they had intended to destroy it. And, indeed, the parish church remained intact. But our monastery church, intact even after the fighting, was completely demolished by the bolsheviks with mines and dismantled down to the very last brick.

When it was finally quiet, I went to Lviv where I was greeted with amazement and with joy. I was appointed to continue as superior of Ternopil. I return to my place.

One day I am summoned, but I immediately move with alacrity to the station and catch a train for a place where I have a mission arranged. I return, and then again I am soon gone on mission. And thus I was in Terebovlia, in Zbarazh, in Zolochiv – very nice, successful work, everywhere.

17. Arrest. On Trial in Kyiv

Finally one day, when I had returned from a journey, the NKVD had the whole monastery surrounded, and came inside the building, and summoned me. I sent my assistant to the parlor, and myself went out the rear entrance into the garden-orchard, where I crouched down among the bushes. Through the openings in the fence I look out on the street, and see a heavy contingent of militia near the road...

On the opposite side stands the fence surrounding the neighbor's garden: perhaps I could scramble over there and escape-but could I be sure of that, and for how long?...

Ideas, like lightning, flash through my head. What to do?

Rosary in hand. "Hail Mary.." And the clear insight: return to the house and give yourself into their hands – this will be best and most honorable. And so I did

They grabbed me, and took me to a waiting auto, then to NKVD headquarters.

... But I forgot to mention one thing... This had happened a few weeks earlier. The pastor, Father Ratych, had come, and informed us that, according to the disposition of the NKVD, our monastery had been designated as the meeting place for a clergy conference of the 'Ternopil' deanery. I had categorically declared that this had never happened before and that it would not happen now, because, in fact, except for Missions, we were not involved with parishes, and that he should so inform those gentlemen.

Father had gone and so informed them.

Now they had the opportunity to challenge me. The head of the NKVD asked me how I felt about the unification of our Greek Catholic Church with the Russian Orthodox Church. I replied, quite resolutely, that my thoughts about that were quite negative!...

"Ah yes. So you do, then, agree to be united with the Orthodox Church?"

I respond: "No. Never! Under any circumstances."

"Think upon it well, because your life is on the line here.

Either you subscribe to Russian Orthodoxy – and you are immediately free to go home – or else you do not ever leave here."

"Your efforts are of no avail. Your words are useless. You are wasting your time. I have said NO once and for all; and you can shoot me,

and kill me, but you shall get from me no other word.” From the tone of my words, the NKVD chief deduced that my words were resolute and irrevocable... He told me to leave the room, adding, “Tomorrow you will go on further.”

How I passed the night, I know not, on a chair or on the floor; but nothing else happened in that room. Next morning two men, armed with files on my case, escorted me to the station and on the train to Chortkiv, because Ternopil', though it was the district center, did not have its own jail, either; and so they threw me into the deep basement of some home which housed the KGB. Here I stayed something like two months.

Finally, some general came down to see me, and told me that I would be going the next day to Kyiv. They wanted to begin my process here, the summoning, the challenging. They wanted to write down the “protocols”, as they are called. But they didn't

even make a beginning, because they had no accusations, no incriminations, whatsoever. And therefore (therefore, indeed?) they shipped me out early in the morning to Kyiv, to the internal prison of the KGB.

Barely, with great difficulty, we found seats – that is, I and my two guards – in the train for Kyiv, and we were on our way. We sat on the benches in a regular train coach filled to overflowing with people. There was no room left even for standing! My convoys immediately proceeded to complain that they had not slept for days and were very tired; and thus they decided that one would alternately keep guard while the other slept in his seat. But it soon happened that both of them fell asleep. And so we went...

At about the sixth station from Ternopil', when some of the passengers stepped out for a break, I also arose and went outside.

And my guards continued sleeping. I returned to my place and they then bestirred themselves. I reassured them that I would not run off, that they could rest unperturbed, because, had I so desired, I could already have absconded. And so they again dozed off.

We arrived in Kyiv, located the internal MKGB prison, where they deposited me. I was locked up in a solitary cell where I could hardly sit down because the closed door pressed in on my knees. That same day, after the overseers came around, I was thrown into a larger cell

containing an iron bed for one person, on top of which was a thin mattress. It had once been stuffed with straw, but now, through prolonged usage, the straw had been transformed into fine chaff. At night I attempted to sleep on this bed, in which the shredded straw sifted down through the iron rods on which I had to rest. Somehow I suffered through the night, somehow I slept, because there really was no other choice. After about a month of such misery, I was transferred to another cell, where there were three of us, and where we slept on the floor. Here, things were, already, more possible...

The interrogations began: "Confess! Admit your guilt!"

"For what?"

"You know..."

"I know nothing!..."

We long suffered through such exchanges. The interrogator punished both himself and me. He threatened beatings, but never struck me; he only yelled at me, pounding me with words...

Together with me, they had brought along a sackful of my papers. They went over them, scrutinizing them carefully; however, there was not a single shred useful to the investigation. There had been, at one time, in my possession some anti-communist sermons; but I had picked through all that, and prepared myself for investigations, so that now there was nothing available.

But, on one occasion, one night, the investigator fixes me with a glance, eyes shining, and blurts, "...And now I will prove to you your anti-soviet agitation!" He shows me a little pocket calendar printed in Stanyslaviv during the German occupation, in which, after the calendar section, there was an article, "A Most Important Matter," about Prayer. There was a prayer of thanksgiving: "...we are grateful that God liberated us from the Red band..." There was a prayer of petition: "...We ask, we pray, to Jesus and Mary, that they safeguard us from the return, the coming back, of the Red horde." Those two words: band and horde. Nowhere, to be sure, was it written that I had written this. But there was not escaping: he maneuvered me into tacitly acknowledging, accepting, responsibility for the article-for those expressions, really.

And the case was closed, and it was handed on to the district court in Kyiv.

The day came, and they took me to the Kyivan district court.

Here the waiting was longer, because there were more people, who had been brought in before me. There were many women teachers.

Finally, my turn came.

First question: "Do you have any questions?"

"Yes I do, because this is my first time in a soviet court. I do not know if I have the right to have my own lawyer."

"Absolutely. Look, this is your lawyer." And he is pointed out to me.

I laugh. "Strange. I see him sitting there, but I haven't yet heard him speak, and I haven't yet talked to him myself. So how is he to defend me?"

"Counsellor, is he telling the truth?"

"Yes. But when did I have time to speak with him?"

"Comrades, let us leave the room," says the presiding judge;

"let this be according to the law. Counsellor, talk to the accused." They all leave.

The lawyer tells me, "I know your case. Do not acknowledge that you are responsible for the calendar. Deny it, and nothing terrible will happen to you."

"No, I cannot do that. I did not deny it before, during the preliminary hearing, so I won't deny it here, either." The lawyer, a good person, insisted further; but the few moments passed, and the judicial commission returned, and the process began. They ask the question. I answer, and admit.

Finished.

"Leave the chamber..."

I return. They read the verdict: the highest level of retribution by firing squad!

The lawyer leaves the room with me, to calm and comfort me; he asks for the address of my family in Ternopil'. But I, thank God, am completely calm and, even, smiling.

Those who are waiting in the room ask, "What sentence?" My answer, "The firing squad."

The women stare at me, and weep. A normal reaction.

We waited for another hour, and finally I am led out to an auto, and driven back to the prison – but now to another cell and another section of the prison: death row.

18. *Cell on Death Row. Commutation of Sentence*

It is already evening. They bring me in, to the long corridor of my new section. We march along, and pause before the final cell.

The door is opened. The cell is full. Everybody lying down: it is night! They release me into the cell, and lock the door.

The cell chief raises himself, and asks, "Are you a priest?" I reply,

"Yes." They have noticed, by my beard.

"Pick a place for yourself, and lie down to sleep."

"You pick a place for me..."

"No, out of respect for your position, we ask you to choose for yourself, and we will give you any place you want."

"Thank you..."

He tells everyone to move away from the wall beneath the window, and I take my place there. I say my prayers, and calmly fall asleep.

In the morning, after breakfast, the cell chief, formerly a worker at the Kyivan Arsenal, begins: "Pan Otche, Reverend Father, we'd like to ask you to talk to us. We want to listen to you." I reply: "And I'd like to ask you to let me have some peace, because what you would like to hear, I am not able to talk about; and, on the other hand, what I would like to talk about, you would not want to hear."

"Whatever you want, Reverend Father. After all, we are all facing death, and this may be the final day for some of us, so we want to hear about Godly matters: about prayer, about confession.

In fact, we don't even know our prayers... Please, teach us!" And the teaching began! First item: each of them had to write out, on bits of paper, the prayer Our Father and Hail Mary... They wrote and they memorized.

Next day, early in the morning, the guard opens the door, to let the prisoners take out the so-called "perfume pot"... – Ordinarily, at that moment, there was much noisy activity, because almost everybody wanted to exit the cell to pick up a stray cigarette butt or something. – But now, this morning, there is a deep silence: all the men are on their knees... The guard is astounded, and mutters to himself, "They're praying? Well, I'll come by later...", and closes the door...

Lessons continue on the Holy Mysteries/Sacraments: on confession, Holy Communion, and other subjects. At last – their confessions. Oh, how ardently these people aspired to this Holy Mystery of

God's love and forgiveness. Finally, all had made their confession, and, early in the morning, received the Holy Communion. After a common thanksgiving, we sat down for breakfast.

And after that, it was as if they had all agreed upon certain arrangements. That night they again threw in a new prisoner, and removed one of the old... Well, I waited a long time for my turn to come.

On one occasion, I am called to the cell wicket. I approach.

They pass through a sizeable sack of sugar. I look at it: it carries the label "Bishop Hryhory Khomyshyn" and I say that it is not for me, and return it.

But I hear the reply, "Take it. It is for You!" I take it, because I realize that Bishop Khomyshyn is dead, and they who had brought the item for him had asked that it be passed on to me... And I must pray for this departed servant of God, who, at times, had unusual views and opinions, but was indeed a goodly man.

Again, another time, there is a parcel sent by a person with a Russian name and family name. The person is unknown to me, but I deduce that it is some religious sister from a nearby monastery of women in the city. And this transmission, with the same signature, was repeated every week. And the parcels were always quite copious—various extraordinary fruits, meats, and sweet foods. These parcels were not, in fact, very necessary, because the food we were allotted was more than adequate, since the cell which I occupied was designated for prisoners who were weakened in strength, and these were always provided with very nutritious and good food – for example, there was often served a thick boiled fish roe from fresh fish.

But all things eventually come to an end.

One night, before dawn, the cell door opened, and they call out, "Anyone here whose name begins with V?" I respond with my name, and I hear the reply, "Yes, good. You are to leave, with all your things." I see an officer and a few guards with automatic weapons, waiting.

I rise quickly and begin packing. I distribute any produce I have to those who need them, because I know that I shall never return here. The rest of the things I pack, and then I stand up and say a few words of farewell.

I say, "Dear brothers, some of you will certainly, one day, be set free of this prison. Then, I beg of you, when you meet anyone from the

western districts of Ukraine, tell them – you know my family – that the priest Velychkovsky was shot, killed by a firing squad, for his Catholic Church, for his holy faith... And now – goodbye: may all go well with you...” And I leave, looking for the last time upon these good people.

“Go to the left, upstairs..”

Where are we going? Ah yes, to the bureau. The final process-examination, and the final signature!

And indeed it was so. Slowly, deliberately, in a dull voice, the questions were placed by the officials. I answered.

Finally, the declaration: “Here is the response that has come from the Supreme Soviet of the USSR – that your sentence of the highest level of retribution by firing squad be replaced with ten years of incarceration in prison. .. Sign here, please.”

I burst into laughter. ..

“Why do you laugh?”

“Because all of this is so laughable,” I assert. “Because, if my first sentence is justified, then even life imprisonment will already be a bonus. But if that first sentence is unjustified, then I deserve a full pardon.”

“Don’t talk so much! Leave the room.” I leave.

I am thrown into the cell for sentenced prisoners.

Within about a week I was already in the cell for the “staple” prisoners.

19. The “Staple Treatment”: In the Kirov District

In a few days, I am taken to the freight wagons, and quickly we are carried on the long journey for transport to some far, distant place. We finish travelling, finally, and arrive in Kharkiv.

They remove us for the freight car, and we go into a prison. It is, apparently, from here that the major staging will take place.

For those of us from Kyiv, there is not enough room under roof cover, but there still remains room enough under the open sky... We are lucky that there is no rain, at least, and that the earth is not damp. We pass the night outdoors. As soon as it begins to dawn, I celebrate the Divine Liturgy, and pray. There is still some time left before breakfast, but people are already up and around

I turn my eyes automatically in the direction of the prison, and notice three people. One of them raises a hand and points in my direction; and suddenly all three start together toward me. And then they are next to me, and one of them stares hard at me and, in a severe voice, says, "Do you know that man?" pointing his finger at one of the others standing beside me.

I look at the designated man, and reply, "The face is familiar, but I don't remember the circumstances.

"Father, how is it that you don't remember me? After all, we both sat together, in Kyiv, 'up against the wall,' under the same prospect of a firing squad!"

"Is that really you, Mitia?"

"It is I, Mitia! I also am snatched from death... And these are my friends with whom I lived and did things before my trial.

They don't believe that I was with you, that you instructed us, that you confessed us, that I gave you my word not to talk dirty.

They suspected that I had sold myself to the militia – that I had changed my way of talking... They want to kill me for lying thus to them, for betraying their trust..."

And I say, "No, comrades, don't think that way. I am old, but I am a priest. Mitia is telling the truth: he was with me 'up against the wall' He did confess to me, and promised to change his life. That resolution of his was inspired by God."

"Thank you, Father, we believe you – and you, Mitia, that you are not deceiving us... We'll be seeing you later, though, because breakfast is now being served."

"Glory be to You, our God, glory be to You!"

We all sit down in rows around the large field, and wait for the ladle of soup and the chunk of bread. But it all goes very slowly, because there are only ten bowls allotted for such a mass of people.

As soon as someone finishes eating, he passes on his bowl to the next one, who then receives his portion; and so on, down the line.

I remember that I still have in my possession an earthen bowl that I had received while still in Kyiv from the local sisters who had sent me a parcel of food. I pull out this bowl, and wait, and bypass taking the regular tin bowl.

My turn comes, and I receive my ladle of soup. Then the little thief

who was serving out the soup tells me to wait a moment, while he pours yet another ladle-full into my bowl, which is big enough to hold it. "*Spasybih*: God bless you! Thank you," I respond; and I share it with a neighbor, because I am not very hungry.

Then this happened again at dinner, and yet again at supper, and the next day.

Some malicious and envious individual couldn't tolerate this, and in a loud voice objects: "And what kind of preferential treatment is this, your giving this priest a double ration?" The server heard this, interrupted his work, and in a very loud voice, shouted: "This may not make much sense to you, idiot, but listen to why I do this. Assume that I, like you, am an unbeliever; our mothers, however, were believers – and for the sake of our mothers, we ought to respect such people as this... Now do you understand?" And he then continued to ladle out the soup.

And I prayed an Our Father. Hail Mary for that young lad who so publicly exhibited such an act of faith.

That night we were placed under a roof – literally under the roof, because we were given a place on about the fifth floor, i.e., in the attic under the roof itself. Of course, everyone surged to get ahead; they squeezed and shoved so that ultimately I ended up almost in the same place. I stood at the end of the attic, surveying the situation to find a place where I could rest my head. I was noticed, because I was the only one left standing.

Then, from one of the groups of people who had taken over the center of the attic, a young man came over to me, greeted me, asked me who I was, where I was from, and so on. And then: "If you are alone, and have nobody around, then you are invited to join our group. We are from Vynnytsia. You are welcome among us because, it would seem, there will be some unrest here tonight..."

I thanked him and accepted the invitation, and took my place among these daring young men. We drifted off to sleep.

I awoke to see around our group various faces – wild, beastly faces, shouting, "Take off your boots!" and the like. Ah, I understand: they are robbers-plunderers who are intent on benefitting from the situation to despoil and clean out our boys. "Little lord: take a lot!" The attackers grasp for feet, attempting to take things – when, of a sud-

den, a word of command: our boys bestir them-selves, stand up together, and begin to pummel and pound the attackers. Screams, squeals, and shrieks from the beaten, who quickly, in one moment, disappear.

And then we calmly go back to sleep.

The bandits certainly did not anticipate such welcoming services. They were radically routed, and they would remember the incident all their lives!

But we were not kept in the attic very long. The next day, or the day after, they took us outside and ordered us: "Line up in files of four, and march to the train." And again the freight cars, multi-leveled, and we are shipped, finally, at last, to the ultimate staging area.

And we travelled and travelled, all the way to Kirov. I no longer remember how much, how long, we travelled. In Ukraine, which we had left behind, it had been late autumn; but here, in Russia, it was already well into winter.

After a few days, we were taken by train from the town of Kirov into the interior of the Kirov district, where until recently there had been a *lager*-camp for captured Germans; but now the Germans had been taken elsewhere, and the place was ready for us. We arrived at the final station, disembarked from the boxcars, but we were unable to walk: our feet were immobilized, frozen from the frost, because all we had on our feet were tattered boots and ragged socks. However, I was assisted in finding a place on the sleighs, and we went on. And those who had better footwear made their way, somehow, on foot.

We arrive. I began to care for my feet with ointments and massage: we were being sent out into the forest that surrounded us, to get wood, carrying it on our shoulders or on sleighs, for heating the *San-chast*: the hospital. The head of the hospital, an elderly Georgian doctor, found work for me in his stockroom at the hospital.

And so Christmas went by, and the other winter holydays.

Spring came. They take us out into the cleared land amid the forest, where they kept the garden, for planting potatoes and other vegetables.

It was permitted, here in the camp, to receive parcels from home. These parcels came from all over our country – from Ternopil' and Lviv and Stanyslaviv, and other places. Here, in this forest-camp, I

stayed almost two years. And finally there was some kind of inspection, and I was ordered to be sent from here to Vorkuta – that is, from here to Kirov, and then by train from Kirov to Vorkuta.

20. Vorkuta. Vladimir on the River Kliazma. Vorkuta Again

Oh, this was a very different place, because Vorkuta is in the extreme north, on the Arctic Ocean itself, where there are only coal mines. Soon I was already at my new place in Vorkuta, at the Number One Capital Mine... We are sent out every day into the mines; meanwhile, at the same time, there are the so-called “Courses” for orientation and indoctrination...

After a few weeks, a month, I am told, “Go to the bookkeeper, because they are looking for help.” I went, identified myself, and expressed my availability. And there, among others, sits the bookkeeper, formerly a lawyer from Stanyslaviv – I forget his name – who tells me that he used to sing in the choir at our church. He had learned about me, my being here, from the roster of inmates, and he wants to snatch me away from the dangerous work in the mines.

“For what?”

“Perhaps the bath house, where everyone takes the required daily bath/shower, and exchanges dirty laundry for clean clothes?” I agree. And, again, this is a great improvement, because here there were also separate quarters and, as well, the work was not too demanding. Praised be God and Mary!

But here, as well, I did not stay long. The place was full of spies, who reported that I was operating as a priest, that I was conversing with the miners, etc., etc. I am transferred to the #5 mine, then the #6, then the #7. At hardly any of them did I stay much more than a year, a year and a half, two years at the most.

During that time, there was, at the mines, much ferment, and, at some of them, strikes; and some who were suspected of agitation were arrested and shipped out.

On one occasion, the same thing happened to me. A few officials came by, called me out, and told me to get myself ready, “with all your things!”

And again I am on my way – to Kirov, and from there to Vladimir on the Kliazma River, near Moscow, to the notorious, infamous clan-

destine prison there. Here they throw me into a cell already containing three Ukrainians, and I am the fourth. One of them is familiar to me, huge in height, known as a break-in robber of the highest caliber.

He speaks up: "Fellows, our carefree lie here has come to an end. Now there is a priest among us. Finished is our talking with all those certain words... We must adjust to Father here – because it really won't do us any harm. I can tell you all this, because I know the Reverend Father from the Capital Mine." And indeed, that big bandit told the truth. And I had no trouble with him, because, in short time, they asked me for spiritual instruction, made their confessions, and received Holy Communion. And, in addition, that same bandit scrutinized my case very closely with me, suggested that I request a review of my sentence, and that I file a grievance.

He persuaded me, and I requested a review. I was sent for, and was given a chance to read and review the official statements on my sentence. I read for a long time, in order to appropriate the contents and fix them in my mind; and then I went to my cell and immediately wrote out everything from memory, and sent my grievance to Moscow.

I did not wait long. A commission came from Moscow, and sent for me. They asked if I had filed a grievance. They asked me to point out which of the officials sitting there had suggested my writing to Moscow.

I replied that, beside the head of the prison, I did not know anyone there.

"Which means – you choose not to say anything? Get out, then!" And they left.

And next day, early in the morning, they packed me off, back again to Vorkuta.

And again I go to Kirov, and then to Vorkuta. I present myself for assignment. All the mines refuse to accept me. So I sit there.

Some fellows familiar to me, who are there at the time, convince the head of the hospital, a doctor, to requisition me right away for the hospital, as a worker of weak constitution, and as a medical assistant (I had completed such a course with the old Georgian doctor at the forest camp). And indeed they took me in at the hospital, and I was there quite a long time.

One day the head of the lager-camp summons me, and tells me to get myself ready, “with all your things.” Another “staging”, of course. I was soon ready, and went for staging to a camp-lager where there are only the customary arrestees, no political prisoners. I went and stood at the commissioning office; and the head of the hospital – a woman colonel – received me very well.

She allowed me to reside in the hospital study, and to take the nightly shift in the wards.

And here, again, it went well with me, and freely.

21. *Return to Lviv*

But not for long.

In a few months. I am summoned to the staff room. They ask me where I want to go, because my prison sentence terminates today, so by tomorrow I must abandon the camp, and get myself beyond the sentry gates.

I am dumbfounded, and without thinking I express my wish to go – “to Lviv.”

So unexpectedly, suddenly, passed for me the ten years of my punishment-for this only offence: that I refused to renounce the Catholic Church.

I was given a certificate of release – for Lviv. I was issued a passport, and money for a ticket. They said, “Have a good trip...” At the station, there is a train already waiting, with the designation Vorkuta-Lviv. They give me an entire bench to myself. I make myself at home – I can sit or lie down at will. And thus I journey to Lviv.

I arrive by streetcar at the street where my acquaintances live, those who had written to me and assured me of a place to stay.

By the time I got to the house where they lived, I was well worn out, because my packages were heavy.

In a few days, my acquaintances found me a room with an old Polish lady, and I transferred my things there. Within a few more days, I was already permanently assigned and registered for Lviv. After a little while, I took in with me our brother Ireneus (Oleksa).

And my feet once again walk the earth of my native Lviv. And how long will this last? God alone only knows, and for us humans – this remains a mystery.

My address: 11 Vozjednania, Room #3.

For a few days, I go to visit with my elderly Mother, who lives with my younger sister Barbara. Then I go to Stanyslaviv and to Ternopil', to some old acquaintances. And, beyond that, I return to my permanent place in Lviv, where, as it is in a large city, there is always enough work to do. I also instruct young people who desire theological studies...

... It is already late autumn.

I again went to see Mother. I take her to Stanyslaviv, to the home of Katrusha, an older girl who, all her life, dreamed of the monastery. She, as it were, with gladness received my elderly Mother – because “she is your Mother, Father,” as she puts it. Of course, I paid her a suitable sum of money for Mother’s upkeep.

It was good for Mother here, and acquaintances would often come and talk with her, I mentioned, recalled, that Mother had always dreamed during her whole life that, if she were left to live alone—meaning that if Father were to die first, before her – then she might be able to seek entrance into a monastery. Immediately they (my acquaintances) responded: “Give them a retreat, and then your Mother and Katrusha can receive their investiture as religious...”

And so it came to pass. And both candidates, young and old, with tears of gratitude, received the holy monastic garb of the Basilian Sisters.

After some time, I went to Ternopil', and told them there that my Mother is now a religious sister in Stanyslaviv, at Katrusha's.

“And why not here, with us?” they all responded. “Here they would more often have the opportunity for Divine Liturgy; and you, Father Superior, would more often visit us. This would be very good, for everyone...”

And the word soon became fact, indeed... One of the Sisters, that very night, went to Stanyslaviv; and next day brought with her to Ternopil' the elderly Sister Emilia. And all the young Sisters rejoiced in the exemplary presence of old Sister Emilia.

Only Katrusha in Stanyslaviv lost out on the move, because she remained alone. The reassignment of domicile for old Sr. Emilia was effected by the militia without difficulty: Sr. Emilia now had more work, because she helped in the kitchen.

Once, the evening before Christmas, I was hearing the confession of school children in the house of acquaintances. The militia broke in,

and encountered me at this holy work. The older girls remonstrated and protested, but to no avail: they took me to an auto, and drove me to the KGB, together with a briefcase containing my holy objects. I maintained the tactic of silence – I did not respond.

Finally, I realized from their conversation that they really wanted to be rid of me. They waited until midnight. Late Holy Night. Then they dumped everything out of the briefcase on the table, and said, “Take whatever you need, and leave the rest.” Naming every item one after the other, I put everything back into the briefcase, close it, and affirm, “I am ready now.”

“Well, then, let’s go,” they say.

“Let’s go, then,” I repeat. And we got into the car and drove home, where my Mother – or rather, Sr. Emilia – refused for the longest time to open the door; finally she recognized my voice, and let us in. Everyone entered the house, spoke with Mother and the Sisters; and then they went home, to their own houses for the Holy Supper... And we, having been reassured that all had ended well, also sat down to the Holy Supper, though it was very belated.

Next day, after the Divine Services, I left for Lviv.

... All of which means one must be very careful...

Glory be to God, for everything!...

22. The Year 1956

Mother loved First Fridays very much; therefore, I always came around on the Thursday before the first Friday of the month.

Everyone participated in a Holy Hour. Then, on Friday morning, there was the Divine Liturgy. And all were very gratified.

My Aunt, the Mother Ihumenia, was arrested for permitting the sisters to nurse wounded Ukrainian soldiers. She died in a lager-camp for political prisoners in Mordovia.

I am very indebted to her – she contributed to, and assisted me in, my monastic vocation. Therefore, I am now bound to help her spiritual family, so that they can, with the help of good people, receive suitable housing, where all of them – the entire family, both old and young – can freely be accommodated.

MACIEJ SADOWSKI, C.Ss.R.

REDENTORISTI POLACCHI IN SOCCORSO DEGLI EBREI E DEL PATRIMONIO RELIGIOSO EBRAICO DURANTE L'OLOCAUSTO*

1. Aiuto presso la porta del convento; 2. Confratelli del convento di Tuchów di fronte alle persecuzioni della diaspora ebraica; 3. La Torah di Dąbrowa nel deposito del monastero; L'attività di padre Franciszek Świątek nella regione di Vilnius; 5. Aiuto agli ebrei a Mościska; 6. Giusto tra le nazioni del mondo. Il periodo di attività di padre Marian Pirożyński a Varsavia; Conclusione

Le tragiche vicende della seconda guerra mondiale, il dramma dell'Olocausto e le persecuzioni degli interi popoli e comunità sottoposti allo sterminio da parte del nazismo tedesco costringono a interrogarsi sui limiti della responsabilità, sulla definizione di bene e male e sull'etica della sopravvivenza in condizioni estreme, diventando il fondamento dei diritti umani e un monito ancora sottovalutato per il mondo contemporaneo. Il presente articolo è un tentativo di rispondere alla domanda su come i redentoristi polacchi si siano impegnati nell'azione di salvataggio degli ebrei e del loro patrimonio religioso durante l'Olocausto. Quando si affronta il tema dell'aiuto agli ebrei durante la guerra, è necessario tenere presente che, tra tutti i paesi europei occupati dai nazisti o alleati con il Terzo Reich, solo nei territori dell'Europa occupata dalla Polonia, dal 1941 era prevista la pena di morte per chi nascondeva o aiutava gli ebrei.

I polacchi, in una situazione di persecuzione, terrore e costante pericolo di morte, intrapresero, nei limiti delle loro possibilità, una lotta efficace per salvare i loro vicini ebrei. In molti casi ciò era dovuto alla loro profonda fede. Tale testimonianza è stata lasciata da molti ec

* Questo articolo è una versione ampliata e integrata del testo pubblicato nell'annuario *Studia Redemptorystowskie*, volume 21 (2023), pp. 181-196.

clesiastici e laici che hanno rischiato non solo la propria vita, ma anche il destino dei propri cari e dei fedeli loro affidati. San Massimiliano Kolbe accolse a Niepokalanów circa 1.500 ebrei, il che fu la causa diretta del suo arresto e poi della sua morte martiriale nel campo di concentramento di Auschwitz. Fu elevato agli onori degli altari anche padre Michał Sopoćko, noto apostolo della Divina Misericordia e confessore di Santa Faustina Kowalska. Durante la guerra contribuì a salvare oltre 100 ebrei dal ghetto di Vilnius, fornendo loro certificati di battesimo redatti di proprio pugno¹.

La beatificazione nel 2023 della famiglia di Józef e Wiktoria Ulm insieme ai loro sette figli è stata un'altra occasione per ricordare la pagina gloriosa della storia dei polacchi che hanno salvato i loro vicini e concittadini ebrei durante il tragico periodo dell'occupazione tedesca nel corso della seconda guerra mondiale. I martiri di Markowa hanno ispirato ancora una volta la domanda sulla portata e la natura dell'impegno della Chiesa nell'azione di aiuto agli ebrei polacchi. Nel presente studio sono state utilizzate fonti provenienti sia dagli archivi ecclesiastici che da quelli statali, insieme alla letteratura disponibile sull'argomento. Lo studio discute l'impegno delle singole comunità e di specifici confratelli redentoristi che hanno intrapreso l'opera di aiuto agli ebrei a Varsavia, Tuchów, Mościska e Vilnius, nonché il caso particolarmente interessante e finora sconosciuto alla storiografia della custodia segreta da parte dei redentoristi di Tuchów della torah della sinagoga di Dąbrowa Tarnowska.

1. *Aiuto presso la porta del convento*

I sacerdoti, i frati e le suore polacche, nella realtà della guerra e dell'occupazione, furono privati dai tedeschi della possibilità di svolgere i loro compiti apostolici prioritari nella Chiesa. Di fronte alle complesse esigenze, l'attività della Chiesa non poteva tuttavia limitarsi alla semplice pastorale, ma doveva anche ricorrere all'insegnamento segreto o

¹ J. Wąsowicz, *Kościół ratujący Żydów* [La Chiesa che salvò gli ebrei], «Biuletyn IPN. Pismo o najnowszej historii Polski» [Bollettino dell'IPN. Rivista sulla storia recente della Polonia] 3 (160): 2019, p. 100.

alla cappellania nelle unità clandestine dello Stato Polacco Sommerso. La Chiesa e le sue agenzie hanno svolto un ruolo enorme nell'attività caritativa. Anche i redentoristi polacchi, di fronte al divieto di svolgere attività missionaria e di ritiro spirituale, che era la loro vera missione nella Chiesa, hanno intrapreso compiti pastorali e caritativi a seconda delle condizioni locali e delle possibilità delle singole comunità.

I redentoristi, pur non avendo parrocchie proprie, fornivano assistenza completa ai fedeli legati ai loro conventi e templi. Alla porta del convento trovavano sostegno intere famiglie sfollate dalle loro case, nonché perseguitati e latitanti, minacciati di arresto o persone sull'orlo della miseria. I religiosi condividevano con loro l'alloggio, il cibo e le medicine. Il loro atteggiamento eroico di amore attivo verso il prossimo e la loro disponibilità ad aiutare senza badare alla propria sicurezza erano un grande sostegno e un grande conforto morale per la popolazione sofferente. Una caratteristica di questo aiuto era il principio secondo cui, oltre al sostegno materiale, i bisognosi ricevevano un sostegno spirituale altrettanto importante, recuperando spesso la fede in Dio e nella dignità umana. Nei conventi redentoristi trovavano rifugio anche gli ebrei che si nascondevano dallo sterminio, ai quali venivano forniti un tetto, cibo e documenti falsi².

Va ricordato che non solo i redentoristi polacchi si affrettarono ad aiutare i loro vicini ebrei. Una delle azioni di aiuto più spettacolari a livello dell'intera Congregazione fu quella a favore di 15 ebrei nella chiesa romana di San Gioacchino, dove dal 1898 prestavano servizio i redentoristi italiani. Insieme a un ristretto gruppo di fidati collaboratori laici, il superiore e parroco locale, padre Antonio Drèssino, nascose per sette mesi, dal 2 novembre 1943 al 7 giugno 1944, un gruppo di profughi ebrei, murati in un nascondiglio segreto tra la cupola e la volta della chiesa. Il loro unico contatto con il mondo esterno era una piccola finestra al centro della cupola. Attraverso di essa, sotto la copertura della notte, venivano passati ai nascosti cibo, acqua e vestiti. Tutti gli ebrei furono salvati nonostante le perquisizioni e i controlli tedeschi. Ancora oggi, in questo luogo speciale dell'eroismo reden-

² M. Sadowski, *Redemptoryści polscy w latach 1939-1945* [I Redentoristi polacchi negli anni 1939-1945], Cracovia 2005, p. 259.

torista, si possono vedere le immagini disegnate a carboncino sulla parete bianca all'interno della cupola da uno dei profughi: Gesù con la corona di spine e la Madonna con il Bambino. Nel 1974 e nel 1976, l'Istituto Yad Vashem di Gerusalemme ha conferito medaglie e diplomi di "Giusti tra le Nazioni" al suddetto redentorista e ai suoi tre collaboratori laici, eroi della chiesa di San Gioacchino³.

Il processo di sterminio definitivo della popolazione ebraica in corso nell'Europa occupata dai tedeschi divenne un'occasione per portare loro un aiuto speciale, ovvero salvare loro la vita. Tuttavia, tra tutti i paesi conquistati da Hitler, solo in Polonia era in vigore una legge rigorosamente applicata che prevedeva la pena di morte per qualsiasi aiuto prestato agli ebrei⁴. Nonostante i decreti delle autorità di occupazione, la società polacca partecipò attivamente all'azione di salvataggio. Nel volantino "Protest" distribuito a Varsavia nell'agosto 1942, la sua autrice Zofia Kossak-Szczucka, considerando vile il silenzio del mondo di fronte alla tragedia dell'Olocausto ebraico, scriveva:

Noi, cattolici polacchi, prendiamo quindi la parola. I nostri sentimenti nei confronti degli ebrei non sono cambiati. Continuiamo a considerarli nemici politici, economici e ideologici della Polonia. Inoltre, siamo consapevoli che essi ci odiano più dei tedeschi, che ci ritengono responsabili delle loro disgrazie. [...] La consapevolezza di questi sentimenti, tuttavia, non ci esime dal dovere di condannare i crimini. Non vogliamo essere come Ponzio Pilato⁵.

³ S. Berger, *Ich gebe zu, dass mir manchmal die Hände zitterten: Hilfe für verfolgte Juden in Italien 1943-1945*, Berlin 2021, p. 363-404; cfr. G. Lestini, S.A.S.G., Roma 1993, pp. 3-142; cfr. S. Bruniano, *Murati nel sottotetto della chiesa per sopravvivere*, in: <https://www.tropeadintorni.it/murati-nel-sottotetto-della-chiesa-per-sopravvivere.html> (accesso: 20.11.2023).

⁴ E. Kurek-Lesik, *Gdy klasztor znaczył życie. Udział żeńskich zgromadzeń zakonnych w akcji ratowania dzieci żydowskich w Polsce w latach 1939-1945* [Quando il convento significava la vita. Il contributo delle congregazioni religiose femminili all'azione di salvataggio dei bambini ebrei in Polonia negli anni 1939-1945], Cracovia 1992, pp. 32-34.

⁵ T. Prekerowa, *Zarys dziejów Żydów w Polsce w latach 1939-1945* [Cenni di storia degli ebrei in Polonia negli anni 1939-1945], Varsavia 1992, p. 162.

Anche il clero cattolico si è unito all'azione di aiuto agli ebrei. I predicatori sottolineavano il comandamento dell'amore attivo per il prossimo, condannando gli esempi di comportamento non cristiano di alcuni fedeli nei confronti dei vicini ebrei, i parroci rilasciavano certificati di battesimo, nei conventi e negli edifici parrocchiali venivano allestiti nascondigli speciali, spesso per intere famiglie ebrei, venivano condotte azioni segrete di distribuzione di cibo e i sacerdoti e i religiosi più coraggiosi aiutavano persino nella fuga dal ghetto. Poiché la Gestapo aveva possibilità illimitate di sorvegliare la popolazione, soprattutto nelle province polacche, tutte queste attività comportavano un enorme rischio di ritorsioni naziste, fino alla minaccia di perdere la vita. Anche i redentoristi polacchi si unirono all'azione di salvataggio degli ebrei.

2. Confratelli del convento di Tuchów di fronte alle persecuzioni della diaspora ebraica

La comunità di Tuchów era ben informata sulla situazione degli ebrei locali. Nel settembre 1941 i nazisti iniziarono il sistematico trasferimento degli ebrei da numerosi villaggi e frazioni verso località designate. Anche Tuchów divenne una città di concentrazione. Nel 1942 i tedeschi iniziarono a organizzare qui un ghetto ebraico, che rientrava nel piano generale della cosiddetta soluzione finale della questione ebraica. Nella primavera di quell'anno, il complesso di edifici del monastero fu preso in considerazione dalla Gestapo come sede del ghetto per la popolazione circostante ebraica⁶. Alla fine, il sindaco Jan Eilmes sistemò gli ebrei in 18 case situate nel centro della città, sul lato occidentale della piazza del mercato⁷.

Dal 22 luglio 1942, per due giorni fu condotta una spietata operazione di confinamento degli ebrei della zona nel ghetto di Tuchów.

⁶ W. Szoldrski, *Redemptoryści w Polsce* [Redentoristi in Polonia], vol. 2, [Breslavia 1953] manoscritto conservato nell'Archivio della Provincia di Varsavia dei Redentoristi a Tuchów (di seguito: AWPR), p. 105; cfr. A. Męzyk, *Karl Oppermann – kat ziemi tuchowskiej*, Tuchów 2001, pp. 62-63.

⁷ Archivio del convento dei Redentoristi a Tuchów (di seguito: AKT), *Kronika klasztoru tuchowskiego* [Cronaca del convento di Tuchów], vol. 5, p. 216.

In un'area ristretta furono concentrate almeno 1360 persone. Entrare nel ghetto, fornire cibo o, tanto meno, nascondere gli ebrei era severamente vietato e punibile con la pena di morte. Il 16 settembre 1942, i restanti abitanti del ghetto furono deportati nel campo di Belżec⁸. Alla fine, il ghetto di Tuchów fu smantellato il 23 dicembre 1942. Nel corso di tre anni, dall'inizio della guerra alla fine del 1942, i tedeschi uccisero 45 ebrei⁹ solo a Tuchów e nelle immediate vicinanze. I religiosi di Tuchów furono testimoni di un simile sterminio durante le loro visite a Tarnów. Il clima di depressione che contagiava i testimoni dello sterminio degli ebrei è ben illustrato da un frammento di un resoconto del giugno 1942, scritto dall'allora chierico redentorista Tadeusz Sitko: "[I tedeschi] sparavano su di loro per diversi giorni. I giovani venivano presi per i lavori forzati, gli anziani e i bambini dovevano morire. Ogni giorno se ne andavano a migliaia. Tarnów era in preda al panico. È impossibile pensarci con calma, figuriamoci scriverne"¹⁰.

Nonostante il pericolo che comportava aiutare gli ebrei, la comunità dei redentoristi di Tuchów, insieme alla comunità locale, si affrettò ad aiutarli per quanto possibile. Il più coinvolto in questa azione fu padre Stanisław Wójcik. Nel 1941 si impegnò a salvare una ragazza ebrea di Cracovia, Maria Rotwein, che poco prima della guerra aveva ricevuto il battesimo. I suoi genitori, fedeli alla religione ebraica, nel tentativo di salvare la figlia, si rivolsero al provinciale Franciszek Marcinek affinché le trovasse un rifugio. Questi affidò la questione a padre Kazimierz Hołda, che però non conosceva bene la comunità locale come Wójcik, il quale aveva numerosi contatti personali con gli abitanti di Tuchów. Wójcik trovò un rifugio per la signorina Rotwein nei pressi del convento, nell'appartamento dell'insegnante Janina Jaskólska. Stefania Brodówna, che lavorava all'ufficio anagrafe di Tuchów,

⁸ AWPR, *Kronika studentatu* [Cronaca dello studentato polacco], vol. 8, pp. 16-17; AKT, *Cronaca del convento di Tuchów*, vol. 5, pp. 226, 217; cfr. S. Derus, *Tuchów – città e comune fino al 1945*, Tuchów 1992, p. 132.

⁹ AKT, *Cronaca del convento di Tuchów*, vol. 5, p. 248; cfr. A. Kowalik, *650 lat Miasta Tuchowa 1340-1990*, Tuchów 1991, p. 43.

¹⁰ AWPR, *Cronaca dello studentato polacco*, vol. 8, p. 457.

rilasciò alla ragazza ebrea una carta d'identità falsa a nome di Maria Rotnicka¹¹. L'intera impresa, che comportava gravi rischi per diverse persone, fu incautamente compromessa a causa del comportamento irresponsabile della ragazza ebrea nascosta, che iniziò una relazione con un agente della Gestapo. Il tedesco, dopo aver scoperto la verità sulle sue origini, nonostante le promesse di aiuto, la consegnò alla sede della Gestapo di Tarnów, dove morì. Allora caddero i sospetti su tutti coloro che le avevano fornito aiuto proibito. A seguito delle indagini, il 14 agosto 1941 padre Wójcik, Jaskólska e Brodówna furono convocati dalla Gestapo a Tarnów e arrestati. Dopo tre ore di interrogatorio, padre Wójcik e Jaskólska furono rilasciati, mentre Brodówna fu condannata a un anno di prigione per aver emesso una carta falsa¹². I padri del convento dovevano sicuramente sapere anche che nella vicina Burzyn, nella villa degli Els – amici dei religiosi che beneficiavano della loro assistenza materiale – era nascosta un'altra giovane ebrea, Anna Krawczyk, che il 17 marzo 1944 fu arrestata dalla Gestapo e fucilata insieme ai polacchi che la nascondevano¹³.

Nel salvataggio delle figlie ebree della famiglia Jakubowski di Siedliska, vicino a Tuchów, furono invece coinvolti i padri Kazimierz Smoroński e Józef Puchalik. Tuttavia, nelle fonti disponibili non sono conservate informazioni dettagliate al riguardo¹⁴. Va ricordato che il convento di Tuchów era sottoposto a un controllo costante da parte delle truppe tedesche che vi erano acquartierate. Inoltre, venivano effettuate ispezioni irregolari degli edifici del convento. In questa situazione era impossibile nascondere attivamente gli ebrei all'interno del monastero per motivi di sicurezza dei suoi abitanti. Secondo Stanisław Derus, te-

¹¹ AKT, *Cronaca del convento di Tuchów*, vol. 5, pp. 132-133; cfr. M. Brudzisz, *Redemptoryści*, in: *Życie religijne w Polsce pod okupacją hitlerowską 1939-1945* [La vita religiosa in Polonia sotto l'occupazione nazista 1939-1945], a cura di Z. Zieliński, Varsavia 1982, p. 717.

¹² AKT, *Cronaca del convento di Tuchów*, vol. 5, pp. 134-135, 220; cfr. S. Derus, *Tuchów – città e comune...*, op. cit., pp. 134-135.

¹³ S. Derus, *Tuchów – città e comune...*, op. cit., p. 135.

¹⁴ M. Brudzisz, *Redemptoryści*, op. cit., p. 717; id., *Puchalik Józef (1893-1958)*, *Słownik polskich teologów katolickich*, vol. 6, a cura di L. Grzebień, Varsavia 1983, pp. 737-738.

stimone oculare attendibile di quegli eventi, la polacca Ludwika Horyńska, che prima della guerra aveva sposato un ebreo, si rivolse al superiore del monastero, padre Karol Legutki. Chiese al rettore di accogliere nel convento suo figlio, che, travestito da chierichetto con un abito religioso, avrebbe così evitato l'arresto. Legutki, dopo essersi consultato con il consiglio interno e tenendo conto della sicurezza dell'intera comunità del seminario, non acconsentì tuttavia a questo piano¹⁵.

3. *La Torah di Dąbrowa nel deposito del monastero*

Un segno eccezionale di fiducia nei redentoristi di Tuchów da parte degli ebrei perseguitati fu il fatto, finora sconosciuto alla storiografia e tenuto segreto per decenni, dell'affidamento del più prezioso oggetto di culto sinagogale proveniente dalla storica sinagoga di Dąbrowa Tarnowska. Ancor prima dello scoppio della guerra, la sinagoga in via Berka Joselewicza era una delle più grandi della Piccola Polonia e fungeva da luogo di preghiera per circa 3.000 ebrei che vivevano nella cittadina galiziana prima dello scoppio della seconda guerra mondiale¹⁶.

Nella mostra permanente del Centro di Incontro delle Culture, esistente dal 2012 nella sinagoga ristrutturata di Dąbrowa, su una delle tavole dedicate allo Olocausto si legge:

Nonostante le severe conseguenze che minacciavano chiunque aiutasse o nascondesse un ebreo, alcuni non si lasciarono intimidire e continuarono a prestare aiuto con dedizione. A questo scopo furono coinvolti anche sacerdoti polacchi, che rilasciavano ai ebrei falsi certificati di battesimo cristiani. Molti abitanti di Dąbrowa pagarono con la vita il loro atteggiamento umanitario. Nel giro di poche settimane

¹⁵ Resoconto scritto di S. Derus, Tuchów, 7 gennaio 1992 (manoscritto conservato presso l'AWPR).

¹⁶ Sulla base dei rapporti del Comitato Polacco di Assistenza, nel maggio 1942 nell'intero distretto di Dąbrowa vivevano 5646 ebrei, di cui 3106 nella sola Dąbrowa Tarnowska; cfr. A. Pietrzyk, *Powiat dąbrowski w latach okupacji hitlerowskiej (1939-1945)* [Il distretto di Dąbrowa durante l'occupazione nazista (1939-1945)], in: *Dąbrowa Tarnowska. Zarys dziejów miasta i powiatu* [Dąbrowa Tarnowska. Cenni storici sulla città e il distretto], a cura di F. Kiryk, Z. Ruta, Varsavia 1974, p. 576.

nel 1942, 62 persone furono fucilate a Dąbrowa e dintorni per aver aiutato a nascondere gli ebrei. La seconda guerra mondiale mise a dura prova i rapporti tra polacchi ed ebrei, i rapporti tra vicini polacchi e vicini ebrei. Con il loro atteggiamento, molti abitanti di Dąbrowa e dintorni dimostrarono tuttavia la fermezza di alcuni principi e rafforzarono ancora di più il legame tra le due culture, che appartenevano territorialmente l'una all'altra da così tanto tempo¹⁷.

In tali circostanze, di fronte alla minaccia di sterminio non solo della popolazione ebraica, ma anche dei paramenti religiosi e spirituali del culto, la Torah della grande sinagoga di Dąbrowa fu segretamente depositato nel convento dei redentoristi di Tuchów. Purtroppo è difficile indicare con precisione la data del trasferimento a Tuchów, ma molto probabilmente avvenne a cavallo tra il 1941 e il 1942. Si presume che ciò sia avvenuto prima del saccheggio della sinagoga di Dąbrowa da parte dei tedeschi e dello sterminio definitivo degli ebrei nell'ambito della cosiddetta Aktion Reinhardt (fino al 12 settembre 1942). I tedeschi trasformarono la sinagoga in un magazzino, che rimase in funzione fino alla fine degli anni '60. Per motivi di sicurezza, al momento del trasferimento della Torah non furono redatti documenti, il che non sorprende dato che in quel periodo al piano terra del convento dei redentoristi di Tuchów erano alloggiati soldati tedeschi. È rimasta quindi solo la tradizione orale su questo straordinario deposito. Un rappresentante della diaspora ebraica di Dąbrowa, di cui non si conosce il nome e il cognome, che consegnò la Torah, esprime la volontà di conservarla durante il periodo di guerra fino a quando la sinagoga non fosse tornata ad essere un luogo di preghiera. Allora i redentoristi si impegnarono a restituirla ai legittimi proprietari. Tuttavia, in caso di distruzione della sinagoga, la Torah sarebbe rimasta nel

¹⁷ Queste conclusioni sono il risultato delle testimonianze raccolte nel dopoguerra e delle ricerche di un giornalista locale specializzato in tematiche regionali; cfr. J. Rzeszuto, *Żydzi dąbrowscy*, Dąbrowa Tarnowska 1993, pp. 8-9; cfr. J. Kozaczka, *Pomoc Żydom w powiecie Dąbrowa Tarnowska* [Aiuto agli ebrei nella contea di Dąbrowa Tarnowska], in: *Polacy-Żydzi 1939-1945* [Polacchi-Ebrei 1939-1945], a cura di S. Wroński, M. Zwolakowa, Varsavia 1971, pp. 341-346.

convento di Tuchów, “nel luogo dove si rende culto a Dio”¹⁸. Il deposito consegnato all’epoca comprendeva due rotoli di pergamena della Torah avvolti su bastoncini di legno, uno largo 47 cm e l’altro 54 cm, e due mezuzah in pelle nera¹⁹.

La persona che affidò questi manufatti non poteva prevedere che solo un piccolo numero di ebrei di Dąbrowa Tarnowska sarebbe riuscito a sopravvivere all’Olocausto e che la sinagoga di Dąbrowa non avrebbe mai più svolto la sua funzione culturale fondamentale nella misura in cui lo aveva fatto prima del 1939. Nel dopoguerra, per molti anni l’edificio fu oggetto di sistematiche devastazioni. Pertanto, in conformità con la volontà espressa al momento della consegna, i rotoli della Torah e le mezuzot rimasero nascosti nel convento di Tuchów. Dato che questi oggetti, oltre al loro valore culturale e religioso, avevano anche un notevole valore materiale, durante il regime comunista nella Repubblica Popolare di Polonia i redentoristi tennero segreta la loro esistenza. I religiosi non volevano che la Torah diventasse oggetto di azioni illegali da parte delle autorità amministrative dell’epoca. Tuttavia, di fronte alla ristrutturazione della sinagoga di Dąbrowa Tarnowska, avviata nel 2007, nonostante l’edificio dovesse da quel momento in poi svolgere solo funzioni culturali ed educative, i redentoristi ritennero di aver compiuto la loro missione di custodire il prezioso deposito degli ebrei di Dąbrowa e decisero di trasferire i rotoli della Torah e le mezuzah al Centro di Incontro delle Culture che stava sorgendo in quel luogo. Nel verbale di consegna dei manufatti ebraici si legge:

Sicuramente tra le mura di questo Tempio risuoneranno più volte le parole delle preghiere dei membri delle famiglie ebrei di Dąbrowa

¹⁸ AWPR, Protocollo di consegna delle tavole della sinagoga di Dąbrowa Tarnowska da parte della Provincia di Varsavia dei Rgedentoristi, rappresentata da padre Kazimierz Piotrowski CSsR, a Stanisław Początek, sindaco di Dąbrowa Tarnowska, Dąbrowa Tarnowska, 13 settembre 2010 (copia).

¹⁹ Queste conclusioni sono il risultato delle testimonianze raccolte nel dopoguerra e delle ricerche di un giornalista locale specializzato in tematiche regionali; cfr. J. Rzeszuto, *Żydzi dąbrowscy*, Dąbrowa Tarnowska 1993, pp. 8-9; cfr. J. Kozaczka, *Pomoc Żydom w powiecie Dąbrowa Tarnowska* [Aiuto agli ebrei nella contea di Dąbrowa Tarnowska], in: *Polacy-Żydzi 1939-1945* [Polacchi-Ebrei 1939-1945], a cura di S. Wroński, M. Zwolakowa, Varsavia 1971, pp. 341-346.

Tarnowska, le cui ceneri riposano nel cimitero locale. Tenendo presente questo, abbiamo ritenuto che fossero state soddisfatte le condizioni affinché la Torah tornasse al suo posto originario. Possa Dio, che ci ha creati, donare gioia eterna ai defunti e benedire i vivi²⁰.

Consegnati in questo modo dai redentoristi nel 2010 al sindaco di Dąbrowa Tarnowska, gli storici rotoli della torah e le mezuzah della sinagoga di Dąbrowa, dopo i necessari lavori di restauro, sono diventati gli elementi più preziosi della mostra permanente del locale Centro di Incontro delle Culture.

4. *L'attività di padre Franciszek wi tek nella regione di Vilnius*

Nella zona di Vilnius, durante l'occupazione tedesca della regione, partecipò al salvataggio degli ebrei p. Franciszek Świątek²¹, già allora parzialmente paralizzato. Poco prima della chiusura del convento dei redentoristi a Pośpieszka, nel febbraio 1942, Świątek battezzò una donna ebrea di nome Mościcka insieme alla figlia tredicenne Iwona,

²⁰ AWPR, *Protocollo di consegna la Torah...*, op. cit.

²¹ P. Franciszek Świątek, redentorista, nato il 16 maggio 1889 a Mędrzychów, prima professione il 2 agosto 1909, ordinazione sacerdotale il 25 luglio 1915 a Maurn (Austria). Negli anni 1916-1924 insegnò in varie istituzioni di formazione dei redentoristi polacchi a Tuchów, Mościska, Cracovia e Stawki vicino a Toruń. Successivamente lavorò come missionario e predicatore di ritiri spirituali: a Mościska (1924-1927), Cracovia (1927-1932), Tuchów (1932-1934), Varsavia (1934-1937) e a Vilnius. Si occupò anche delle questioni relative alla beatificazione e alla canonizzazione dei santi polacchi e alla promozione del loro culto. Fu membro dell'Accademia Mariana Vilnensis, il cui obiettivo era, tra l'altro, quello di diffondere il culto dei santi polacchi. Nel periodo 1937-1942 ricoprì la carica di superiore della neonata fondazione redentorista a Pośpieszka, Vilnius. Dopo la partenza degli altri confratelli per la Polonia al termine della seconda guerra mondiale, rimase a Vilnius e, nonostante l'invalidità causata da una paralisi progressiva e la necessità di muoversi su una sedia a rotelle, continuò il suo ministero pastorale nell'allora Unione Sovietica. Dal 1952 lavorò a Borysław, e dal 1959 nuovamente a Vilnius. Morì in odore di santità il 4 marzo 1976 a Vilnius. Sono in corso i preparativi per il suo processo di beatificazione; cfr. M. Brudzisz, *Świątek Franciszek (1889-1976), Słownik polskich teologów katolickich*, vol. 7, a cura di L. Grzebień, Varsavia 1883, pp. 287-289.

che al battesimo ricevette il nome di Teresa. Świątek rimase particolarmente colpito dalla fervida religiosità della ragazza liceale:

Lei manteneva un contatto costante con me, soprattutto quando sua madre assunse l'incarico di governante in una villa vicino a Niemenczyn. Aveva spesso occasione di recarsi a Vilnius per fare commissioni, e allora Iwonka veniva a volte a stare tutto il giorno dai Godycki [ad Antokol, dove Świątek si nascondeva nel 1943], si confessava e io dovevo passare alcune ore a conferire con lei sui misteri della fede e della vita spirituale²².

La ragazza confidò al suo direttore spirituale il desiderio segreto di entrare in convento, ma uno degli informatori ebrei, che era anche parente di entrambi neofite, le consegnò ai tedeschi. Lo stesso padre Świątek ricordò in seguito l'atteggiamento eroico dei suoi protetti:

La Gestapo venne a sapere che le avevo battezzate. Chiese a Iwonka dove abitassi. Lei non lo disse... «Troveremo quel bandito, lo puniremo!». Iwonka mandò tre persone dalla prigione con l'avvertimento di nascondermi dalla Gestapo, che poco dopo fucilò lei e sua madre. Vere martiri²³.

Durante il suo soggiorno presso le Suore di Santa Maria Maddalena a Wołokumpie nel 1944, padre Świątek preparò per tre mesi al battesimo un'altra ebrea, Rebeka, che battezzò segretamente nella casa della famiglia Godycki, erano i suoi amici, il 25 maggio 1944, dandole il nome di Helena. Quest'ultima a sua volta intercedette per la sua amica Maria, che Świątek battezzò poco dopo, senza però fornire, per motivi di sicurezza, alcun dato personale sulle donne così salvate²⁴. Pa-

²² AWPR, *Cronaca del convento di Vilnius*, p. 339.

²³ Ibidem, p. 340.

²⁴ AWPR, *Documenti personali di padre Franciszek Świątek*: manoscritto F. Świątek, *Diario missionario...*, pp. 216-217; cfr. F. Stopniak, *Archidiecezja wileńska w czasie II wojny światowej* [L'arcidiocesi di Vilnius durante la seconda guerra mondiale], «*Studia Teologiczne*» 5-6 (1987-1988), pp. 352-355.

dre Ludwik Fraś, invece, già nel novembre 1941 battezzò segretamente il neurologo ebreo dottor Szaja, alias Stanisław Juchniewicz²⁵. Nel 1943, durante il suo soggiorno presso Władysław e Bronisława Pedów a Ożerle, aiutò la famiglia del rabbino Salita. Uno dei redentoristi di Vilnius ha anche mediato nella creazione di documenti falsi per amici ebrei di Vilnius²⁶.

5. Aiuto agli ebrei a Mościska

Un posto speciale nella storia bellica dei redentoristi polacchi e nel loro impegno nell'aiuto agli ebrei spetta a padre Marian Pirożyński²⁷. Questo redentorista, già noto prima della guerra, definito dai circoli liberali un rappresentante del bigottismo cattolico e dell'antisemitismo per le sue opinioni, era molto sensibile alle manifestazioni di ingiustizia sociale e di discriminazione. Si dedicò all'aiuto agli ebrei soprattutto a Mościska e a Varsavia, e si può supporre che non abbia ab-

²⁵ AWPR, *Cronaca del convento di Vilnius*, p. 265.

²⁶ M. Brudzisz, *Redentoristi*, op. cit., p. 717.

²⁷ P. Marian Pirożyński, redentorista, nato il 17 ottobre 1899 a Lublino, prima professione il 19 marzo 1922, ordinazione sacerdotale il 28 giugno 1925. Negli anni 1930-1932 fu direttore del noviziato a Toruń. Successivamente lavorò come missionario a Varsavia (1932-1933), Cracovia (1933-1938), Mościska (1938-1939), Tuchów (1939-1940), Mościska (1942-1943) e Cracovia (1943-1945). Durante la seconda guerra mondiale si impegnò nell'insegnamento clandestino e nelle attività di resistenza dell'Armia Krajowa. Dopo la guerra soggiornò a Breslavia, dove, oltre alla ricostruzione della chiesa e al lavoro pastorale, sviluppò un'ampia attività caritativa, soprattutto tra gli studenti, e divenne il primo direttore della sezione locale della Caritas. Alla fine del 1946 riprese la pubblicazione del trimestrale "Homo Dei" e lo diresse fino al 1948. Il 28 settembre 1953 fu arrestato dalle autorità comuniste con l'accusa di acquisto illegale di carta e di stampati illegali e condannato a un anno di reclusione. Rilasciato il 22 dicembre 1954, soggiornò prima a Gliwice e poi, dal gennaio 1957, a Varsavia, dove riprese per la seconda volta la pubblicazione di «Homo Dei». Arrestato nuovamente il 30 maggio 1958, fu condannato a due anni di reclusione. Dopo il rilascio, dal luglio 1960 visse a Gliwice e dal maggio 1961 nuovamente a Varsavia. Lavorò come missionario e predicatore di ritiri spirituali, occupandosi anche della preparazione del processo di beatificazione di padre Bernard Łubieński. Morì il 4 maggio 1964 a Varsavia; cfr. M. Brudzisz, *Pirożyński Marian, Słownik polskich teologów katolickich*, vol. 6, op. cit., pp. 683-690.

bandonato questa attività a Cracovia, dove visse dal giugno 1943 al giugno 1945. Sviluppò un'attività di aiuto particolarmente attiva a partire dall'aprile 1942 a Mościska, dove era stato trasferito come consultore del rettore. Pirożyński si specializzò allora nell'organizzazione dell'aiuto agli ebrei in fuga dal ghetto locale. Nel novembre 1942 cercò di salvare dalla morte, tra gli altri, la figlia del dentista di Mościska, Zofia Katzówna²⁸.

Una descrizione dettagliata di questi eventi drammatici è stata riportata nella cronaca del Carmelo di Przemyśl, con cui Pirożyński era in stretti contatti:

[I Katz] erano persone benestanti e avevano due figli: un maschio di circa 14 anni e una figlia di 18. Per salvare i bambini dalla morte, nascosero il ragazzo in campagna, mentre padre Pirożyński promise di nascondere la figlia, che non aveva affatto i tratti tipici degli ebrei, a Cracovia sotto un cognome polacco. Le procurò dei documenti polacchi e la ragazza ebrea si recò a Cracovia con una persona conosciuta da padre Pirożyński. Nel vagone, durante il controllo dei biglietti e dei bagagli, qualcosa insospettì il controllore, che le chiese se fosse ebrea. La ragazza negò, ma il controllore iniziò a farle domande sul catechismo, alle quali lei non sapeva rispondere. Allora le chiese i documenti e le prese la borsa dalle mani. E lei fu così imprudente da portare con sé sia la sua carta d'identità ebraica che quella polacca²⁹.

La Katzówna fu arrestata, mentre Pirożyński, informato dell'accaduto, si rese conto del pericolo che incombeva su di lui, tanto più che nello stesso periodo probabilmente anche lui aveva camuffato un na-

²⁸ Archivio della Città Capitale di Varsavia (di seguito: AMstW), SWW, IV3 K31/54, vol. 1, pag. 11: Verbale dell'interrogatorio del sospettato Marian Pirożyński, Varsavia, 29.09.1953; cfr. *Ten jest z ojczyzny mojej. Polacy z pomocą Żydom 1939-1945* [È della mia patria. I polacchi in aiuto agli ebrei 1939.1945], a cura di W. Bartoszewski, Z. Lewinówna, Cracovia 1969, p. 1022; K. Pelczarski, *Działalność wychowawcza o. Mariana Pirożyńskiego (1899-1964)* [L'attività educativa di padre Marian Pirożyński (1899-1964)], Lublino 2006, p. 162.

²⁹ Archivio del monastero delle Carmelitane di Przemyśl, *Kronika Karmelu Przemyńskiego* [Cronaca del Carmelo di Przemyśl], vol. 2, pp. 323-324.

scondiglio speciale per gli ebrei sotto il gazebo nel giardino del convento di Mościska. Lì trovarono rifugio le famiglie Metzger e Grünberg³⁰. All'operazione partecipò anche il fratello Tarsycjusz Franciszek Tomaszewski, che clandestinamente portava cibo ai nascosti. L'imprudente abbandono del nascondiglio sicuro portò alla loro scoperta e alla quasi totale distruzione, con la conseguente minaccia di arresto del principale organizzatore dell'operazione di soccorso, padre Pirożyński, che dal 23 novembre 1942 dovette nascondersi dalla Gestapo³¹. Il 18 dicembre inviò da Cracovia al Carmelo di Przemyśl una cartolina postale in cui riferiva:

Finora tutto sta andando bene e non ci sono state conseguenze gravi. Su ordine delle autorità mi trovo lontano da casa. Non so quanto durerà questa situazione. Con l'avvicinarsi delle festività natalizie, raccomanderò ancora di più al Bambin Gesù il Carmelo di Przemyśl, che mi è rimasto profondamente impresso nella memoria, poiché lì ho vissuto una delle notti più terribili della mia vita...³².

³⁰ Il nascondiglio all'interno dell'ospedale di Mościska è menzionato nel racconto di Lidia Grünberg, all'epoca figlia dodicenne del direttore della "clinica" che si trovava all'interno del convento dei Redentoristi; Archivio dell'Istituto Storico Ebraico di Varsavia [di seguito: AŻIH], 301/673: Testimonianza di Lidia Grünberg davanti a Dawid Haust, presidente della Commissione Storica Ebraica Provinciale di Przemyśl, Przemyśl, 12 agosto 1945.

³¹ AMstW, SWW, IV3 K31/54, t. 2, k. 100: Protokół przesłuchania podejrzanego Mariana Pirożyńskiego, Warszawa, 29.09.1953; W. Szoldrski, *Martyrologium duchowieństwa polskiego 1939-1945*, Wrocław 1950 p. 166 (correzioni editoriali in AWPR); cfr. F. Kącki, *Udział księży i zakonnic w holokaucie Żydów* [Il coinvolgimento di sacerdoti e suore nell'Olocausto degli ebrei], Varsavia 2002, pp. 39, 41; M. Karaś, *Szlakiem zesłanych. Szesnaście trudnych lat w ZSRR 1944-1959*, Kraków 1998, s. 15-16.

³² AKKP, *Cronaca del Carmelo di Przemyśl*, vol. 2, p. 324.

6. *Giusto tra le nazioni del mondo.*

Il periodo di attività di padre Marian Pirożyński a Varsavia

Pirożyński condusse la campagna per il salvataggio degli ebrei anche a Varsavia e nei dintorni già dal 1941. Questa attività era favorita dalla posizione del convento dei Redentoristi a Wola, in via Karolkowa, a breve distanza dai confini del ghetto. Particolarmente nota fu il suo aiuto a una bambina ebrea gettata da sua madre su un tram che attraversava il ghetto³³. Pirożyński assicurò alla bambina un rifugio nei pressi di Skierniewice³⁴. Il redentorista collaborò nell'opera di aiuto agli ebrei di Varsavia con Wanda Tazbir, insignita dopo la guerra del titolo di Giusta tra le Nazioni, che nelle sue memorie confessò: «Agli ebrei veniva prestata la stessa assistenza che avremmo prestato a un polacco in caso di necessità». Tra le persone salvate c'era Salomea Bergstein (Szlifersztein), insegnante di Wanda prima della guerra. Dopo essere fuggita nella cosiddetta parte ariana della città, contattò la sua ex allieva chiedendole aiuto per trovare un nascondiglio sicuro³⁵. Quest'ultima chiese al suo amico padre Pirożyński di rilasciare un certificato di nascita falso a nome di Marta Janiszewska di Miechów e la sistemò presso Emilia Sołtykowa in via Mokotowska, dove si nasconde-

³³ S. Świderski, *Działalność charytatywna Kościoła wśród Żydów w Warszawie w latach okupacji* [L'attività caritativa della Chiesa tra gli ebrei di Varsavia durante l'occupazione], in: *Kościół katolicki na ziemiach Polski w czasie II wojny światowej. Materiały i studia* [La Chiesa cattolica in Polonia durante la seconda guerra mondiale. Materiali e studi], a cura di F. Stopniak, vol. 7, n. 3, Varsavia 1978, pp. 252-262.

³⁴ Archivio della Curia della Provincia Redentorista di Varsavia, sigla 72/Ch: manoscritto di C. Baran, *O. Marian Pirożyński redentorista*, Varsavia 1980, p. 4; manoscritto W. Szoldrski, *O. Marian Pirożyński*, pp. 4-5; lo stesso, *Ricordo di O. Pirożyński*, Varsavia, 8.05.1964, pp. 3-4; cfr. F. Stopniak, *Pomoc kleru polskiego dla dzieci w II wojnie światowej*, in: *Kościół katolicki na ziemiach Polski w czasie II wojny światowej. Materiały i studia*, a cura di F. Stopniak, vol. 10, n. 5, Varsavia 1981, pp. 56-57; M. Brudzisz, *Redemptoryści*, op. cit., p. 717; K. Pelczarski, *Działalność wychowawcza o. Mariana Pirożyńskiego...*, op. cit., pp. 161-162.

³⁵ K. Dzięciołowska, *La famiglia Tazbir*, ottobre 2018, <https://sprawiedliwi.org.pl/pl/historie-pomocy/personel-internatu-nie-skladal-sie-ani-ze-swietych-ani-z-bohaterow-wylacznie-ale-z-zupelnie-zwyklych-ludzi-historia-rodziny-tazbirow> (accesso: 20.11.2023).

vano dai 20 ai 30 ebrei del ghetto di Varsavia. Allo stesso modo, Pirożyński aiutò a salvare la piccola Tusi Rosenberg, di due anni, come ricordò dopo la guerra Wanda Tazbir con queste parole: «Padre Marian Pirożyński rilasciò a Tusi un certificato di nascita (gratuitamente). Ovviamente tenevamo la bambina (che sembrava molto ebrea) lontana dalle finestre, ma evidentemente approfittò di un nostro momento di distrazione, perché nell'autunno del 1942 un passante casuale venne da noi dicendo che aveva visto una bambina ebrea alla nostra finestra e che bisognava nasconderla meglio».

Durante uno dei processi postbellici contro Pirożyński nel 1954, le sue collaboratrici laiche Maria e Leokadia Wochelskie e Teresa Kowalska, salvata da Pirożyński insieme alla madre Stefania, testimoniarono a suo favore riguardo alla sua attività di salvataggio degli ebrei a Varsavia. Secondo le loro testimonianze concordanti, nel 1943 Pirożyński propose alle sorelle Wochelskie di prendersi segretamente cura di una bambina ebrea, Teresa Kowalska, allora di due anni. All'epoca stavano già crescendo un altro bambino, di cui non conoscevano il nome, salvato da Pirożyński e successivamente trasferito in un altro luogo per motivi di sicurezza. Il salvataggio di Teresa Kowalska è stato attestato soprattutto da sua madre: «Mi nascondevo dai tedeschi. Sono stata arrestata dalla Gestapo. Non ho ammesso la mia origine ebraica e sono stata rilasciata. Allora ho conosciuto una studentessa. Mi ha detto che solo padre Pirożyński poteva aiutarci»³⁶. Il bambino affidato al religioso fu portato dai Wochelski – come hanno testimoniato loro stessi – da «una certa signorina», il che significa che padre Pirożyński aveva organizzato un gruppo di aiutanti fidati in questa attività³⁷. Il redentorista si prese cura dei bambini affidatigli per tutta la durata dell'occupazione. Teresa Kowalska ricordava: «Sentivo che era la persona più vicina a me»³⁸. Grazie a questo aiuto, sopravvisse feli-

³⁶ AMstW, SWW, IV 3 K 31/54, vol. 2, pag. 71: Verbale dell'interrogatorio dei testimoni della difesa nel processo contro Marian Pirożyński, Varsavia, 27 luglio 1954.

³⁷ P. Mazanka, *Redemptoryści Woli*, Cracovia 2018, pp. 267-268.

³⁸ AMstW, SWW, IV 3 K 31/54, vol. 2, pag. 71: Verbale dell'interrogatorio dei testimoni della difesa nel processo contro Marian Pirożyński, op. cit., p. 71v.

cemente nella casa delle sorelle Wochelski fino alla fine della guerra, quando la madre riprese la custodia di lei, rivelando altri fatti sconosciuti sull'attività di Pirożyński: "Durante la rivolta [di Varsavia] fui portata in Germania. Da una donna ebrea ho saputo che padre Pirożyński aveva salvato suo figlio. Padre Pirożyński aveva anche procurato dei documenti a una donna ebrea. Quando lei fu arrestata, lui dovette nascondersi"³⁹. Molto significativo fu anche il comportamento successivo di Pirożyński, che alla proposta di Maria Wochelska di battezzare il bambino ebreo si oppose con decisione, non volendo decidere in assenza della madre sulle questioni di coscienza della figlia minore. Oggi è impossibile stabilire l'elenco completo delle persone salvate da Pirożyński durante il dramma dell'Olocausto. Va infatti notato che egli non ha mai sottolineato i suoi meriti nell'azione di salvataggio degli ebrei e non ha lasciato alcuna testimonianza scritta della sua attività durante la guerra, poiché il suo atteggiamento scaturiva dalla solidarietà umana e dall'imperativo sacerdotale e religioso dell'amore attivo per il prossimo⁴⁰.

Conclusione

Di fronte al terrore della guerra e al costante pericolo di morte, molti polacchi hanno corso il rischio di aiutare i loro vicini ebrei con-

³⁹ Ibidem, p. 71.

⁴⁰ Resoconto orale di padre Tadeusz Sitko, Varsavia, 17 marzo 2001; cfr. J. Losow, *Ekumeniczne świadectwo o. Mariana Pirożyńskiego, redemptorysty* [Testimonianza ecumenica di padre Marian Pirożyński, redentorista], «Jednota» 5 (1997), pp. 20-21; M. Brudzisz, *Pirożyński Marian*, op. cit., pp. 683; T. Bednarczyk, *Obowiązek silniejszy od śmierci. Wspomnienia z lat 1939-1944 o polskiej pomocy dla Żydów w Warszawie*, Varsavia 1986, pp. 56-57; idem, *Życie codzienne warszawskiego getta: Warszawskie getto i ludzie, 1939-1945 i dalej*, Varsavia 1995, pp. 139; *La società polacca di fronte al martirio e alla lotta degli ebrei durante la seconda guerra mondiale*, a cura di K. Dunin-Wąsowicz, Varsavia 1996, p. 41; S. Bogaczewicz, *Ojciec Marian Pirożyński CSsR – pierwszy duszpasterz akademicki Wrocławia, w: Młodzież w oporze społecznym 1944-1989* [Padre Marian Pirożyński CSsR – primo pastore accademico di Breslavia], in: *[I giovani nella resistenza sociale 1944-1989]*, a cura di M. Kała, Ł. Kamiński, Breslavia 2002, pp. 90-91.

dannati allo sterminio. Come nel caso della beata famiglia Ulm, ciò era dovuto principalmente alla loro profonda fede. Una buona testimonianza della loro vocazione religiosa e della solidarietà umana è stata lasciata anche dai redentoristi, che hanno rischiato non solo la vita, ma anche il destino dei loro confratelli e dei fedeli loro affidati. Oggi i polacchi sono i più numerosi tra i insigniti della medaglia Giusti tra le Nazioni. In questo gruppo troviamo oltre 20 sacerdoti e 40 suore. Alla luce del materiale di riferimento e delle testimonianze attendibili, diversi redentoristi hanno meritato postumo questo onore, in particolare i padri Franciszek Świątek e Marian Pirożyński. Vale la pena non solo ricordare il loro comportamento eroico in quei tempi difficili, ma soprattutto dire la verità su di loro.

BOSCO JOSÉ RODRÍGUEZ ALVARADO, C.Ss.R.

SUMARIO HISTÓRICO DE LOS MISIONEROS REDENTORISTAS DE AMÉRICA CENTRAL

A modo de introducción; 1. Llegada de los misioneros redentoristas a Costa Rica; 1.1 Fundación redentorista en la ciudad capital de San José; 2. Los redentoristas en la República de Honduras; 2.1 Fundación en la capital de Tegucigalpa; 2.2 Los redentoristas en el departamento de El Paraíso; 2.3 Los redentoristas fundan el carisma en la ciudad de San Pedro Sula; 3. Los redentoristas en la República de El Salvador; 3.1 Fundación del carisma en San Salvador; 3.2 El juniorado "San Alfonso"; 4. Los redentoristas en la República de Guatemala; 4.1 Misión redentorista en Ciudad de Guatemala; 5. Los redentoristas en la República de Nicaragua; 5.1 Creación de la parroquia Santísima Trinidad; 6. Los redentoristas en la República de Panamá; 6.1 Misión redentorista en Ciudad de Panamá; 7. Los misioneros redentoristas en Belice

A modo de introducción

Contexto sociopolítico, eclesial, congregacional, cultural, tecnológico, científico y literario: el año 1927 fue un año común que comenzó en sábado, día de la Bienaventurada Virgen María. En ese año, el vicario de Cristo era Su Santidad el papa Pío XI. El superior general de la Congregación del Santísimo Redentor era el M. R. P. Patricio Murray, y el provincial de la provincia de Madrid, el M. R. P. Nicanor Mutiloa Irurita. En los Estados Unidos de América, el presidente era el republicano Calvin Coolidge.

En España gobernaba el teniente general Miguel Primo de Rivera y Orbaneja. La República de Costa Rica era gobernada por Ricardo Jiménez Oreamuno. Nació en Marktl, Alta Baviera, Alemania, Joseph Alois Ratzinger, quien más tarde sería Benedicto XVI, el 265.º papa de la Iglesia católica.

En el ámbito eclesial, el papa Pío XI prohibió el periódico francés *Action Française*, lo que marcó la primera vez que se prohibía un pe-

riódico por decreto. En América del Norte, estalló la Guerra Cristera en México, en la que elevaron su voz de protesta laicos contra la persecución y las leyes anticlericales del presidente Plutarco Elías Calles Campuzano.

Esta ley controló el ejercicio del culto católico, limitó el número de sacerdotes y prohibió el uso de hábitos religiosos fuera de los templos. En este contexto, la Iglesia católica en Centroamérica vivió tensiones frente a las políticas anticlericales y la consolidación de los Estados nacionales liberales, quienes limitaron a la Iglesia en la educación y el control social.

Se celebra el Congreso de Solvay, con figuras como Albert Einstein y Niels Bohr. En el ámbito cultural, Sigmund Freud publica *El porvenir de una ilusión* y Virginia Woolf publica *To the Lighthouse*.

El Premio Nobel de Literatura de 1927 fue otorgado al filósofo francés Henri Bergson, mientras que el Premio Nobel de la Paz fue concedido conjuntamente al historiador alemán Ludwig Quidde y al educador francés Ferdinand Buisson.

En este año se dieron avances tecnológicos y científicos: el primer vuelo transatlántico de Nueva York a París y la primera transmisión de televisión en Estados Unidos, realizada por Philo Farnsworth.

La Guerra Cristera en los Estados Unidos Mexicanos obligó a varias órdenes y congregaciones religiosas a abandonar sus fundaciones, vivir bajo el velo de la clandestinidad, cambiar sus nombres y huir del país, como consecuencia de las políticas anticlericales dictadas por la Ley Calles. En uno de sus discursos, pronunciado el 11 de mayo de 1924 en el Teatro Ocampo de Morelia, Calles afirmó vehementemente:

Dicen mis enemigos que soy enemigo de las religiones y de los cultos, y que no respeto las creencias religiosas. Yo soy un liberal de espíritu amplio, que dentro de mi cerebro me explico todas las creencias y las justifico, porque las considero buenas por el programa moral que encierran. Yo soy enemigo de la casta sacerdotal, del cura intrigante, del cura explotador, del cura que pretende tener sumido a nuestro pueblo en la ignorancia, a merced del explotador, del trabajador. Yo declaro que respeto todas las religiones y todas las creencias, mientras los ministros de culto no se mezclen en nuestras contiendas políticas con

desprecio a nuestras leyes, ni sirvan de instrumento a los poderosos para explotar a los desvalidos¹.

Algunos de nuestros cohermanos se dirigieron hacia varios puntos geográficos del continente, entre los cuales se encontraban Cuba y América Central.

La mayor de las Antillas, la República insular de Cuba, recibió en su puerto de La Habana, el 16 de julio de 1926 – día de Nuestra Señora del Carmen –, a los padres Baldomero Fernández Silva, viceprovincial de México, y José Morán Pan, quienes llegaron a la “Perla del Caribe” con la intención de fundar y sembrar el carisma redentorista en la mayor de las islas del área. Al año siguiente, partieron desde México hacia América Central.

1. *Llegada de los misioneros redentoristas a Costa Rica*

Fue el luminoso y mariano 13 de mayo de 1927 cuando los misioneros redentoristas Pedro del Palacio y Félix Ruiz de Samaniego -ambos españoles-, desembarcaron del vapor “Galicia”, en el vivo y ardiente Puerto Limón, Costa Rica.

Venían bajo la sombra de la gran persecución de don Francisco Plutarco Elías Campuzano, mejor conocido como Plutarco Elías Calles. Pero impulsados por el ardor del Espíritu Santo para predicar en el istmo centroamericano la “redención copiosa”: anunciar con viva voz la pasión, muerte y resurrección de Nuestro Señor Jesucristo.

Las crónicas nos dicen que, llegados a Puerto Limón, aquellos misioneros se encaminaron a la ciudad de Alajuela, en el Valle Central de la República de Costa Rica. Allí, los misioneros fueron recibidos por el obispo de la ciudad, monseñor Antonio del Carmen Monestel, quien les ofreció una iglesita de pocas dimensiones, del siglo XIX.

La ermita que encontraron aquellos misioneros nuestros, según las crónicas, comenzó a construirse en 1849. En junio de 1852 se bendi-

¹ López Alcaraz, Helena Judith (2024), *Victoria electoral de Plutarco Elías Calles y la persecución religiosa en México*. <https://cronicasdelacienega.com/2024/07/08/victoria-electoral-de-plutarco-elias-calles-y-la-persecucion-religiosa-en-mexico/>

jo aquella humilde iglesita, la cual era de paredes de barro y horcones antiguos. Las vigas que sostenían el techo eran de cedro amargo. Las paredes estaban desniveladas y mal pintadas y el techo era de tejas.

Antes de la llegada de los misioneros redentoristas, en 1923, la iglesia estuvo a cargo de los padres de la Orden de Predicadores, o dominicos. Se recuerda que aquella antigua ermita era de arquitectura humilde, con paredes de adobe hechas de ladrillos de barro sin cocer y una fachada no muy elevada. En su interior se apreciaban columnas, vigas y ventanas de madera labrada. Las personas mayores de la ciudad de Alajuela comentan que era una ermita muy bonita.

Esa iglesita hoy es un hermoso santuario dedicado al Santo Cristo de Esquipulas de la Agonía. En la actualidad, es el segundo templo más importante de la ciudad de Alajuela y uno de los más visitados del país; fue, además, hasta noviembre del año 2023, la residencia adyacente al templo, sede del Gobierno provincial de América Central.

Hay un dato curioso sobre la llegada de los padres Pedro del Palacio y Félix Ruiz de Samaniego a Puerto Limón, Costa Rica. En sus respectivas necrologías, se lee que el padre Pedro llega a Puerto Limón un 13 de marzo, no de mayo de 1927, y solo... No se menciona al P. Samaniego que le acompañara. El padre Pedro del Palacio no escribe en primera persona del plural, sino en primera persona del singular: "Fui el primer redentorista, que puso los pies en esas bellísimas Repúblicas"².

En la necrología del padre Samaniego se lee que llegó él solo, a Puerto Limón, un 13 de mayo de 1927, saliendo de Puerto Barrios, Guatemala, y no se menciona al padre Pedro del Palacio. Las crónicas de la viceprovincia de San Salvador y el padre Roberto Bolaños, en su libro *Herederos de una tradición: Los Redentoristas en Centro América (1927-1987)* mencionan que ambos misioneros salieron de Puerto Barrios y llegaron a Puerto Limón³.

Los padres Samaniego y Del Palacio, como hijos genuinos de san Alfonso María de Ligorio, comenzaron la labor apostólica en Alajuela, con misas, confesiones, predicaciones y la administración de los sa-

² Necrología del R.P. Pedro del Palacio (1870-1958), p. 6.

³ Necrología del R. P. Félix Ruiz de Samaniego, p. 6.

cramentos. En el cumplimiento de su deber, pasaron por muchas dificultades, que con la ayuda de Dios fueron superando con paciencia de santos. Nuestros misioneros vivieron por un tiempo en la casa cural, situada al oeste de lo que se conocía como la plaza de La Agonía, en la calle que conduce a la catedral. La vivienda estaba ubicada a mano derecha, ocupando la segunda casa de la cuadra⁴.

Los misioneros redentoristas que conformaron la primera comunidad en La Agonía entre 1927 y 1929 fueron los PP. Pedro del Palacio, como superior; Félix Ruiz de Samaniego, Miguel Raimóndez, Dionisio Monroy Alaguero, Carlos Caverro Combarros, Javier García Portero, Perfecto Crespo y el Hno. Demetrio Álvarez.

El carisma de la congregación fue creciendo y desarrollándose poco a poco, como crece y se desarrolla una planta, que cumple con un ciclo vital constituido por varias etapas: la etapa germinativa de la semilla, echa sus primeras hojas, su tallo, raíces y ramificaciones; así, como una planta, fue creciendo y desarrollándose el carisma redentorista en América Central.

Los años 1940, 1950 y 1960 fueron de gran vigor impulsor en la expansión del carisma redentorista. La redención copiosa predicada por aquellos misioneros fue cobrando cada vez mayor fuerza en toda América Central. En la década de 1950 asistimos al nacimiento de la viceprovincia de San Salvador. Fue el 2 de febrero de 1955 cuando el padre general, Guillermo Gaudreau, creó la nueva viceprovincia de San Salvador. La naciente viceprovincia comprendía, para ese entonces, todos los países de América Central y 'la perla del Caribe', Cuba. El Gobierno general de la Congregación nombró como primer viceprovincial al padre Manuel Cid Riesco, conocido como Agapito Martínez.

Es en estos años que se fundan nuevas comunidades en los países de Guatemala, Nicaragua y Panamá.

Como óleo santo, desde Alajuela, Costa Rica, fue derramándose el carisma de san Alfonso por los demás países del istmo. Costa Rica, como tierra de misión para los misioneros redentoristas, no ha sido la excepción. A todo lo recomendado por las Constituciones y Estatutos se

⁴ Bolaños A., Roberto (1993), *Los Misioneros Redentoristas en Costa Rica 1927-1990*, Guilá Imprenta y Litografía S.A.

han dedicado los misioneros de la gran alegría. En la parroquia San Gerardo María Mayela y Santuario Santo Cristo de Esquipulas de la Agonía, en Alajuela, el pueblo fiel ha encontrado en los misioneros redentoristas, consejeros, maestros, misioneros y pastores.

Los primeros lugares bendecidos con la predicación de misiones fueron diez en total: San Ramón, San Antonio del Tejar, La Guácima, Desamparados de Alajuela, La Merced en San José, San Josecito de Alajuela, Naranjo, San Vicente de Moravia, El Tambor de Alajuela y San Rafael de Ojo de Agua.

En cuanto al R.P. Carlos Caveró Combarros, recordado por sus hermosos sermones, hemos de decir lo siguiente: si el pueblo costarricense y centroamericano conoce la vida y las obras de san Gerardo María Mayela, esto se debe en parte al padre Carlos Caveró, quien, con una vigorosa labor de difusión, dio a conocer a este gran santo redentorista por medio de las misiones populares tradicionales.

Después vendrían más misiones y más trabajo apostólico para los hijos de san Alfonso. Entre 1930 y 1965, tiempo en que los misioneros redentoristas solamente se dedicaban al trabajo del apostolado misionero itinerante, se predicaron alrededor de 700 misiones en distintos lugares de las provincias de Costa Rica (San José, Alajuela, Heredia, Cartago y Guanacaste), llevando a esos lugares la Palabra de Dios.

Los misioneros redentoristas, además de predicar misiones, se dedicaron con gran ahínco a las asociaciones y grupos apostólicos existentes en el Santuario Santo Cristo de Esquipulas de la Agonía; por ejemplo, en 1956, encontramos a los padres Carlos Caveró, Miguel Cervantes, José Elorza y José de Prada, acompañando a los hermanos que asistían a los grupos de la Liga de San Gerardo, Archicofradía del Perpetuo Socorro, Jueves Eucarísticos, Santo Cristo de Esquipulas y Catequesis. Y a la altura de 1963 encontramos, por ejemplo, al R.P. Juan Nuin como director de la Archicofradía del Perpetuo Socorro y la Corte de María. Al padre Heraclio Hermosilla, dirigiendo como subdirector a la Archicofradía del Perpetuo Socorro. Al padre Virgilio de Castro, como director de los Jueves Eucarísticos y de la Hermandad de Caballeros del Santo Cristo de Esquipulas. Y al padre Jesús García Portero, como subdirector de los Jueves Eucarísticos, asociación que en sus últimos años tuvo como director al padre Joaquín Mendoza Samaniego.

El 1 de enero de 1965, entró en vigencia el decreto de la segunda erección canónica del Santuario de La Agonía como parroquia, dado por Mons. Enrique Bolaños Quesada, que en ese entonces era administrador apostólico de la diócesis de Alajuela. Fue nombrado como primer párroco el R.P. Juan Nuín Gorosterratzu (párroco entre 1965-1967 y 1969-1974).

De aquella memorable fecha hasta el año de 1990, encuentran un espacio vital para su apostolado, los siguientes grupos: Cursillos de Cristiandad, Movimiento Familiar Cristiano (MFC) en 1973, Encuentros de Promoción Juvenil y Renovación Espiritual Católica. Los sacerdotes que acompañaron a estos grupos con eficacia y mucho empeño fueron los padres Juan Nuín, párroco; José de Prada y Jesús Rico Aldave (párroco de La Agonía 1975-1980).

En 1977, funcionaban en la parroquia y santuario los siguientes grupos apostólicos: Martes en honor a la Virgen del Perpetuo Socorro, Legión de María y Jueves Eucarísticos. Estos grupos desaparecen más tarde. Con mayor presencia de hermanos permanecen Cursillos de Cristiandad, Emproístas y Renovación Carismática. Y en los años de 1980, el Movimiento de Jornadas de Vida Cristiana y la Escuela de Catequistas, desempeñaron un papel importantísimo en la vida parroquial de La Agonía.

A comienzos de los años de 1990, la pastoral del santuario de La Agonía comienza a orientarse en la dinámica de la Nueva Evangelización para formar Pequeñas Comunidades. En esos años, el párroco y superior de La Agonía era el muy querido y recordado P. Laureano Salgado Estévez, último párroco español. Bajo su tercera gestión como párroco se construyó, en 1991, el Centro Pastoral del Santuario y Parroquia Santo Cristo de La Agonía. “Honor a quien honor merece”. “A tal señor, tal honor”.

Con el primer párroco centroamericano de origen costarricense, R.P. Ramón Obdulio Coto Gómez (párroco 1993-1995), los movimientos o grupos apostólicos como Cursillos de Cristiandad, Movimiento Familiar Cristiano, Renovación Carismática y Pastoral Juvenil, continuaban su caminar en la fe con grandes experiencias en su vida testimonial. La parroquia también había vivido varias misiones predicadas por el Equipo Misionero de la entonces viceprovincia de San Salvador, posteriormente provincia de América Central. Es importan-

te anotar que, durante el tiempo del padre Ramón Coto, en La Agonía servían seis sacerdotes, y que en la casa adyacente a la iglesia de El Llano vivían un sacerdote y tres diáconos redentoristas. ¡Tiempos floridos aquellos!

La feligresía del Santuario de La Agonía atesora en su mente y corazón, gratísimos recuerdos de todos los misioneros sacerdotes y hermanos redentoristas de ayer y hoy, que con su entrega generosa en el apostolado han dejado una grandísima estela luminosa.

El amable lector que sostiene entre sus manos este escrito, o lo visualiza, sabe muy bien que, al pasar las páginas con la yema de los dedos, estas no podrían contener en sus espacios los nombres ni la labor que han realizado los hijos de san Alfonso desde su llegada a Alajuela, en 1927, hasta nuestros días.

¿Cómo olvidar, por ejemplo, a estos apóstoles del Evangelio? A los Hnos. Sergio Porras y Esteban Ezquer Miralles, quien realzó al órgano tantas y tantas misas; y a los padres Gratiniano Fernández de Labastida, Pedro María Castro Valderrama, Juan Azcona, Jesús Ibáñez Cabodevilla, Ángel Morán, José Casal Calviño, Miguel Rodríguez del Palacio, Julián Domínguez, Julián Pereda González (primer director del Colegio Redentorista San Alfonso, 1972), Manuel Pérez Cancela (párroco de La Agonía, 1981-1983), Evaristo Martínez López, el queridísimo padre Rufino Tedejo Martínez y Roberto Bolaños, escritor e historiador, a quien consideraban el “boca de oro” por sus homilías tan apreciadas por los feligreses.

Del P. Laureano Salgado como último párroco español, al P. Ramón Coto como primer párroco centroamericano, la parroquia San Gerardo María Mayela y Santuario Santo Cristo de Esquipulas de la Agonía vive un tiempo de transición. En un libro, hace muchos años, leí que las transiciones son por lo general, complejas, difíciles, y sobre todo muy ingratas. El hombre cuando pasa por una transición, también pasa el dolor e incomprensión.

Los padres españoles fundaron la otrora provincia de América Central. Durante muchas décadas fueron padres, maestros, hermanos y amigos en Cristo Redentor. Con su sabiduría, enseñaron a muchas personas a madurar en la fe.

En 1995, cuando el padre Ramón Coto deja la parroquia de San Gerardo, le suceden en el cargo de párroco misioneros redentoristas

que, junto a otros hermanos, formando comunidad, desempeñaron una labor apostólica verdaderamente encomiable.

Al frente de esa transición estuvo el primer párroco nicaragüense, el P. Óscar Meléndez Loásiga (párroco 1996-1998). Antes de la transición, es importante anotar, que el Equipo Misionero Redentorista de Centroamérica ya había predicado misiones en la parroquia a principios de los años de 1990. Tenían como residencia la casa adyacente de la iglesia Inmaculada Concepción de El Llano, cuyo director era el P. Minor Sandoval. De esta experiencia misionera, se pasa de Asambleas Familiares a Pequeñas Comunidades con el método de Sistema Integral de la Nueva Evangelización (SINE). Se hace la sectorización de la parroquia Santo Cristo de La Agonía, y se crean los consejos sectoriales, ampliándose así el Consejo Parroquial. Nacen en el seno de la parroquia, los diferentes ministerios al servicio de la misma. Se crea la oficina de Evangelización desde la cual se hacían las diferentes programaciones para la formación de los laicos al servicio de la parroquia. También se le brindó un espacio a las Comunidades del Camino Neocatecumenal, quienes colaboraron en el ministerio de Liturgia.

Después de la gestión del padre Meléndez, continúa la lista de sacerdotes redentoristas centroamericanos que estuvieron al frente de la parroquia, y bajo cuyo ejercicio como párrocos, se realizaron proyectos pastorales de digna recordación.

En 1999 tomó posesión como párroco el padre Iván Rolando Ávila Monge, hijo de esta parroquia, quien desarrolló un excelente y brillante trabajo pastoral. Le sucedieron los padres Óscar Rojas Paniagua (2002), Gerardo Vargas Rodríguez (2003-2004), Jesús María Rojas Quesada (2005-2010) y Jeffry Artavia Céspedes (2011-2015), todos de origen costarricense, así como José Manuel Batres Orellana, de nacionalidad salvadoreña.

Al padre Batres Orellana le sucedieron los padres José Manuel Araya Chavarría, Rubén Moncada Landa (como administrador parroquial) y nuevamente Jesús María Rojas Quesada. Durante la administración del padre Rojas Quesada se dio una mayor apertura a las Pequeñas Comunidades, una mayor colaboración de los laicos, la organización económica de los sectores de la parroquia, la descentralización administrativa y la realización de reuniones mensuales del Consejo Parroquial.

De 1927 a 1963, etapa preconiliar, encontramos los siguientes grupos apostólicos en la parroquia San Gerardo María Mayela y Santuario Santo Cristo de Esquipulas de la Agonía: Hijas de María (cuyo director fue el P. Del Palacio), Cofradía del Santo Cristo de Esquipulas, Asociación de Intrépidos Caballeros del Santo Cristo de Esquipulas, Corazón Eucarístico de Jesús, Catequesis, Acción Católica, Archicofradía del Perpetuo Socorro, Jueves Eucarísticos, Liga Gerardina, Corte de María y la Archicofradía de San Alfonso María de Liguorio.

Etapa posterior al Concilio Vaticano II. Con la renovación eclesial del Concilio Vaticano II (1962-1965), a partir de este gran evento de la Iglesia, se proyectan con mayor fuerza en La Agonía, entre 1963 al 2002, los siguientes grupos apostólicos: Cáritas Parroquial, Legión de María, Escuela de Catequistas, Movimiento Familiar Cristiano (MFC), Cursillos de Cristiandad, Movimiento Emproista, Pastoral Juvenil, Renovación Espiritual Católica o Renovación Carismática, Archicofradía del Perpetuo Socorro, Jornadas de Vida Cristiana y Camino Neocatecumenal.

En la actualidad, la parroquia cuenta con cuatro áreas pastorales: Litúrgica, Profética, Social y Evangelizadora.

Pastoral Litúrgica: ministros extraordinarios de la Comunión, lectores, ornato y decoración, sacristán, coros y cantores.

Pastoral Profética: Catequesis parroquial (niños, jóvenes, adultos, bautismal, matrimonial), Pastoral Familiar, Pastoral Juvenil, Pastoral Vocacional, Jóvenes Adultos, Pastoral de la Mujer.

Pastoral Social: atención primaria de necesidades básicas de alimentación (diarios), tiendita, apoyo psicológico y asesoría legal.

Acción Evangelizadora: Renovación Carismática, Comunidades de Emaús, Movimiento Familiar Cristiano, Movimiento Matrimonios en Victoria (niños, jóvenes, novios, matrimonios), y EMIJAR.

La parroquia San Gerardo María Mayela está compuesta por ocho diaconías: Nuestra Señora de Guadalupe (Guadalupe), Santa Eduvigis (La Guaria), Nuestra Señora de Los Ángeles (Canoas de Alajuela), Nuestra Señora la Virgen de la Divina Providencia (La Providencia), Nuestra Señora de Fátima (Los Higueros), Inmaculada Concepción de María (El Llano), Nuestra Señora del Perpetuo Socorro (Barrio el Brasil) y Nuestra Señora la Virgen de la Medalla Milagrosa (Urbanización Ciruelas).

La parroquia San Gerardo María Mayela, que hasta el 15 de enero de 2023 tenía como titular al Santo Cristo de Esquipulas de la Agonía, cuenta ahora con un nuevo titular. Atendiendo al deseo de la comunidad parroquial, según consta en el Acta de la Declaración del Patrocinio, y conforme a lo dispuesto por la Congregación para el Culto Divino (Acerca del título de una Iglesia, n. 8, CCD, Ciudad del Vaticano, 10 de febrero de 1999), se establece que una comunidad debe tener como patrono, intercesor o abogado ante Dios a una persona creada: la Bienaventurada Virgen María, los Santos Ángeles, un Santo o un Beato, quedando excluido este patronazgo para la Santísima Trinidad y las Divinas Personas.

Por lo tanto, la parroquia pasa a tener como patrón principal a san Gerardo María Mayela. Se mantiene el templo parroquial como Santuario Diocesano consagrado al Santo Cristo de Esquipulas de la Agonía, cuya fiesta se celebra el 15 de enero de cada año. La fiesta patronal de la parroquia deberá celebrarse con rango de solemnidad el 16 de octubre, en honor a san Gerardo María Mayela.

Es por ello que, en el presente escrito, se han utilizado indistintamente los nombres Santuario del Santo Cristo de Esquipulas de la Agonía y San Gerardo María Mayela, según el contexto pastoral y jurídico correspondiente.

1.1 Fundación redentorista en la ciudad capital de San José

A san Clemente María Hofbauer se le considera el segundo fundador de la Congregación, pues llevó el carisma redentorista allende las fronteras del Reino de Nápoles. Su corazón de apóstol lo hacía repetir una y otra vez, que el Evangelio debía ser predicado de nuevo.

Con el nombre de San Clemente fue inaugurada, en el año de 1987, la casa destinada a la formación de jóvenes aspirantes a la vida religiosa sacerdotal en la Congregación del Santísimo Redentor, ubicada en Barrio Córdoba. La bendición de la casa, en la que residen los aspirantes, futuros misioneros, fue realizada por monseñor Román Arrieta Villalobos, arzobispo metropolitano de San José, siendo viceprovincial el M.R.P. Miguel Rodríguez del Palacio. La historia como mensajera del tiempo, señala a figuras como los PP. Jesús Rico Aldave, José Casal Calviño, quien estuvo al frente de la construcción de la

casa de formación; Ángel Morán Combarros, primer superior y prefecto; y Laureano Salgado Estévez, como los que impulsaron grandemente la realización de tan grande proyecto. Entre 1987 y 1988, la formación fue conjunta: postulantedo y juniorado.

Al recordar con letras delgadas y puntos en huelga de hambre, parafraseando al poeta Rubén Izaguirre, a san Clemente y al postulantedo que lleva su nombre, el pensamiento vuela y abraza con grandísima nostalgia a la parroquia Nuestra Señora de Ujarrás, situada en Barrio Córdoba, que un día estuvo regentada por los misioneros redentoristas... Así es la historia. Los misioneros redentoristas estuvieron al frente de dicha parroquia desde el 2 de febrero de 1985 hasta 1999.

2. Los redentoristas en la República de Honduras

El primer misionero redentorista en poner pie en la tierra que vio nacer al general Francisco Morazán, y contemplar la belleza sinigual de la iglesia de Los Dolores, fue el R.P. Pedro del Palacio, en aquel lejano año de 1928, cuando se entrevistó en el Palacio Episcopal con el segundo arzobispo de Tegucigalpa, Mons. Agustín Hombach.

La intención del padre Pedro se fundaba en pedirle al arzobispo el cuidado pastoral de la iglesia de Los Dolores. Tal petición no fue concedida. Mons. Agustín Hombach se decantó en entregar a los misioneros redentoristas la histórica iglesia de San Francisco, en la hermosa ciudad de Comayagua, antigua capital de la República de Honduras.

La primera comunidad de misioneros redentoristas quedó conformada por los padres Pedro Larrañeta, superior; Pedro del Palacio, Micael Abia Carpintero y el Hno. Bernardo Vicente.

2.1 Fundación en la capital de Tegucigalpa

En 1930, dos años después de la llegada de los misioneros redentoristas a suelo hondureño, pasando por una serie de dificultades en la ciudad de Comayagua, dificultades que llegaron con el paso del tiempo, los redentoristas dejan la ciudad de Comayagua, y por fin, con la venia del arzobispo Hombach y su Cabildo, conformado por los ilustrísimos padres canónigos, tomaron posesión de la iglesia de Santa María de Los Dolores el 1 de noviembre del año en mención. Los mi-

sioneros redentoristas se hicieron cargo de la iglesia de Los Dolores, emprendiendo con mucho ahínco trabajos pastorales intensos, como también trabajos de restauración, remodelación y construcción en áreas de la iglesia.

A partir de esa fecha memorable, comenzó la gran misión de los redentoristas en Tegucigalpa y sus alrededores. Los misioneros no tenían una casa para residir, es por ello que alquilaron una casita situada calle de por medio de la iglesia. Era una antigua y pequeña casa esquinera. No fue hasta febrero del año siguiente, que se estableció la comunidad de Los Dolores.

La iglesia de Los Dolores fue elevada a categoría de parroquia en 1949, siendo su primer párroco el R.P. Valentín Martínez. A partir de esa fecha comienza un apostolado intenso que ha dado grandes frutos, los cuales aún permanecen fortalecidos con la gracia del Espíritu Santo hasta nuestros días. Si escribiéramos toda la actividad apostólica de los misioneros redentoristas, tendríamos que publicar no un libro, sino varios. Por ejemplo: solamente en la década de 1940, los misioneros redentoristas predicaron en más de ciento veinte ciudades, pueblos, aldeas y caseríos. La predicación de misiones populares, ejercicios espirituales, retiros, jornadas misioneras, novenas, triduos, sermones particulares, catequesis, semanas santas, ha sido parte integral de la misión de los hijos de san Alfonso.

De 1928, año en que llegaron los redentoristas a la tierra del cacique Lempira, a la fecha actual, la iglesia de Los Dolores ha tenido grandes transformaciones, hasta tomar un nuevo aspecto. La iglesia con su nuevo aspecto fue inaugurada solemnemente el 15 de septiembre de 1958, en la festividad de Nuestra Señora de Los Dolores. En el año de 1967, se había construido un ala nueva de la casa de los misioneros y un 5 de noviembre de 1968, se inauguraba la hermosa capilla dedicada a Nuestra Patrona de las Misiones, la Virgen del Perpetuo Socorro. Las últimas transformaciones a la casa e iglesia se realizaron en el año de 1985.

El paso del tiempo y las inclemencias del mismo no perdonan; es por ello que en ese periodo se hicieron trabajos de reparaciones y restauraciones a la casi tricentenaria iglesia de Santa María de Los Dolores. Con toda seguridad, se puede afirmar que, además del recio trabajo apostólico de los misioneros redentoristas durante las nueve dé-

cadadas de permanencia en la iglesia de Los Dolores, no han descuidado lo encomendado a ellos ni en lo espiritual ni en lo material.

La parroquia de Los Dolores cuenta en su territorio con cuatro iglesias filiales o diaconías: El Calvario (esta iglesia data del siglo XIX), Capilla de los Caballeros del Santo Entierro, en el barrio Abajo; Divina Providencia, en el barrio El Chile, y Sagrado Corazón de Jesús, en el barrio popular de Miramesí. En cada una de estas iglesias se trabaja pastoral y sacramentalmente.

La parroquia de Los Dolores es muy visitada por personas de todas partes de Honduras y del mundo. Turistas de diversos lugares incluyen siempre en su agenda una visita a Tegucigalpa y a sus hermosas iglesias, como es el caso de nuestra iglesia de Los Dolores. Por estar ubicada en el corazón de la ciudad, entre los barrios Los Dolores y Abajo, hacia ella acuden feligreses de todas las parroquias, convirtiéndose así en un verdadero santuario que recibe personas de todas partes. Una de las grandes riquezas de la parroquia de Los Dolores es que, durante muchos años, fue sede del Noviciado Redentorista San Juan Nepomuceno Neumann.

2.2 Los redentoristas en el departamento de El Paraíso

El espíritu ardoroso del apostolado redentorista impulsó a los hijos de san Alfonso a dirigirse al oriente de Honduras, a la porción del pueblo de Dios que peregrina en el departamento de El Paraíso, a la diócesis de Danlí.

El departamento de El Paraíso es uno de los dieciocho departamentos de la República de Honduras, conformado por diecinueve municipios. Fue en la capital de esa división política, la ciudad de Yuscarán, cuna de la histórica familia Fortín Ordoñez, en la histórica parroquia de San José de la Montaña, donde los redentoristas levantaron su tienda un mes de septiembre de 1990, con la venia del cuarto arzobispo de Tegucigalpa, Mons. Héctor Enrique Santos y Hernández, siendo viceprovincial el M.R.P. Rufino Tedejo Martínez. Los fundadores en Yuscarán fueron los padres Óscar Eduardo Rojas Paniagua y Javier Castro Espinoza.

La parroquia de San José de la Montaña abarca tres municipios: Yuscarán, Morocelí (Río de los Gorriones) y Oropolí, la 'perla azul de

Oriente'. Estos municipios fueron acompañados pastoralmente por los redentoristas que llegaron en enero de 1991, para constituir la Estación Misionera. Eran los padres Óscar Eduardo Rojas Paniagua, Javier Castro Espinoza; diáconos Leovigildo García, Héctor Arturo Artola, Karl Madrid Acevedo, Jorge Rodenas, Nery René Méndez Vides y los juniore Jesús María Rojas Quesada y José Rodrigo Quesada Pereira.

Cuatro años más tarde, se dio por terminada la misión de inserción en Yuscarán y Oropolí. Entretanto, el 5 de enero de 1994, a los misioneros redentoristas se les entregó la casa e iglesia de Morocelí, actual parroquia del Señor de las Aguas, como nueva sede del noviciado, que años más tarde, después de valorar 'deficiencias y fallos', se tuvo que desasistir. Ocupaba ya la silla arzobispal Óscar Andrés Rodríguez Maradiaga, como V arzobispo de Tegucigalpa y creado cardenal por san Juan Pablo II un 21 de febrero del 2001.

La misión de inserción se traslada un 15 de marzo de 1995, día de san Clemente María Hofbauer, a la ciudad de Trojes. En abril de 1995 se realiza la primera misión en la ciudad de Trojes; participaron en esa histórica misión los PP. Javier Castro Espinoza, Mario Matamoros, Óscar Viquez, Horacio Ramírez; los diáconos Eliomar Benavides, Bosco José Rodríguez Alvarado y el Hno. Dimas Miranda. Después vinieron otras misiones que han marcado la vida espiritual y pastoral configurando la parroquia Nuestra Señora del Perpetuo Socorro, hoy puesto de misión que abrigó por unos años la casa de formación Gaspar Stangassinger, donde se formaban nuestros estudiantes propedeutas.

El 15 de marzo de 2025 se cumplió el XXX aniversario de la llegada de los misioneros redentoristas al municipio de Trojes, departamento de El Paraíso. Los misioneros redentoristas han dejado una estela luminosa en estas tierras del oriente del país.

2.3 Los redentoristas fundan el carisma en la ciudad de San Pedro Sula

Esta ciudad es la capital administrativa del departamento de Corrés y la segunda ciudad más importante del país.

La iniciativa de fundar en la calurosa ciudad de San Pedro Sula, fue del R.P. Jesús María Rojas Quesada. La iniciativa obedecía a la necesidad de abrir en la ciudad norteña una casa para jóvenes con aspiraciones sacerdotales. Es así que se crea un aspirantado para jóvenes próxi-

mos a terminar el bachillerato, y continuar sus estudios superiores eclesiásticos en nuestras casas de formación.

El 8 de febrero de 1998, Mons. Ángel Garachana Pérez, obispo de la ciudad, erigió canónicamente la parroquia de San Antonio de Padua, teniendo como sede la Colonia Fesitranh, siendo su primer párroco redentorista el R.P. Jesús María Rojas Quesada. La casa para el aspirantado estaba adyacente a la iglesia San Antonio de Padua. Los primeros en residir en la nueva fundación fueron: P. Jesús María Rojas Quesada, superior, párroco y prefecto; diáconos Carlos Enrique Corrales, Gary Gáez Samaniego, Hno. Luis Ángel Valverde y aspirantes. La parroquia San Antonio de Padua está conformada por once aldeas y caseríos. Cuando los redentoristas llegaron se encontraron con las siguientes realidades apostólicas: Renovación Carismática Católica (movimiento fuerte en los años de 1980 en la diócesis de San Pedro Sula), Legión de María, Comunidades Familiares, Grupos Juveniles, Catequistas y Delegados de la Palabra.

El papa Francisco erigió la Provincia Eclesiástica de San Pedro Sula, separándola de la hasta entonces única provincia existente – la de Tegucigalpa – y conformándola con varias diócesis sufragáneas del norte del país. La diócesis de San Pedro Sula fue elevada al rango de arquidiócesis, y su primer arzobispo es monseñor Michael Lenihan, de la Orden de Frailes Menores.

3. Los redentoristas en la República de El Salvador

Un 26 de octubre de 1928, los redentoristas llegaron a la hermosa y alegre, aunque abrasadora, ciudad de San Miguel, donde se venera en su altar la imagen de Nuestra Señora de la Paz, patrona de la República de El Salvador.

El obispo de la ciudad, monseñor y doctor Juan Antonio Dueñas y Argumedo, fue quien invitó a los misioneros redentoristas a trabajar apostólicamente en su diócesis. Según las crónicas, Dueñas y Argumedo era un hombre de carácter fuerte y expresivo; en ocasiones olvidaba las reglas de la prudencia y de la caridad, hasta el punto de pronunciar palabras poco convenientes para su dignidad episcopal. No obstante, su corazón de pastor y su gran celo apostólico cubrían, como un manto de misericordia y amor, su fragilidad humana.

Para la fundación en San Miguel, fueron designados los padres Misael Abia, Valentín Martínez, José Guaresti Ugarte y el Hno. Félix Álvarez García. Los hijos de san Alfonso fueron recibidos por un grupo de feligreses que llenos de emoción, junto al obispo de la ciudad, Mons. Juan Antonio Dueñas y Argumedo, el alcalde y músicos de la banda regimental, a las notas musicales de la ópera Aída, dieron la más cordial de las bienvenidas a los misioneros. El reloj marcaba las ocho y media de la mañana. Si leemos detenidamente las crónicas de la viceprovincia de San Salvador sobre la llegada de los Redentoristas a la ciudad de San Miguel, parece haber sido un recibimiento casi papal...

El centro de operaciones apostólicas de los padres redentoristas fue, al igual que en Comayagua, la iglesia de San Francisco, que en ese tiempo albergaba la bendita imagen de Nuestra Señora de la Paz, ya que entonces fungía como catedral. El 1 de noviembre, día solemne de Todos los Santos, los redentoristas tomaron posesión de la iglesia de San Francisco.

La casa donde vivió la comunidad contaba con zaguán, jardín y una sala amplia. Se encontraba situada a unos cuantos metros de la iglesia. A los pocos días de su llegada a la ciudad de San Miguel, los redentoristas predicaron la “gran misión de San Miguel”, la cual concluyó con el éxito esperado, gracias a Dios.

Los malos entendidos con el obispo Dueñas y Argumedo que cada vez crecían más y más, llegaron a su término con la visita del P. Gregorio Arbeloa, viceprovincial de Venezuela y casas de Centroamérica. Los misioneros redentoristas, después de una tensa relación con el obispo de la ciudad, debido a que este había interpretado que el contrato de fundación era cosa definitiva. El contrato decía claramente que la permanencia de los hijos de san Alfonso era solo un principio de fundación, como ha sido siempre en las cláusulas de contratos fundacionales. Los misioneros se despidieron predicando la novena en honor a Nuestra Señora del Perpetuo Socorro. Así, dijeron adiós a la ciudad de San Miguel, el 23 de julio de 1929.

3.1 Fundación del carisma en San Salvador

Los redentoristas se desplazaron a San Salvador un histórico 23 de julio de 1929. Fueron recibidos por el arzobispo José Alfonso Belloso

y Sánchez, segundo en ocupar la silla arzobispal, según el episcopologio del listado de obispos de San Salvador. Les concedió la iglesia de Candelaria en el antiguo barrio homónimo de la capital salvadoreña; barrio pobre, bañado por dos ríos, sumido en la más absoluta miseria humana y material. Esta iglesia fue construida a principios del siglo XIX, estilo neoclásico, considerada por los expertos del arte como una de las iglesias más bellas del San Salvador de ayer y de hoy.

La arquidiócesis de San Salvador estuvo apacentada por su cuarto arzobispo, san Óscar Arnulfo Romero y Galdámez, el más universal de todos los salvadoreños. Es en esa histórica arquidiócesis, donde los redentoristas levantaron su tienda para proclamar la redención copiosa por todos los rincones de la patria salvadoreña, predicando misiones en el municipio de San Nicolás Tonacatepeque, ciudad histórica fundada en 1560, en el departamento de San Salvador. Del centro de Tonacatepeque, donde se estableció la Archicofradía del Perpetuo Socorro, se desplazaron al Valle del Rosario y Valle de La Fuente. Los predicadores fueron los padres Carlos Seisdedos y José Guaresti.

La vida en comunidad de los redentoristas transcurría conforme a las normas propias de la Congregación. El apostolado que realizaron mientras vivieron en el barrio de Candelaria fue verdaderamente intenso. Se sentían a gusto, lo cual resultaba edificante para vivir con alegría los consejos evangélicos. Contaban con una hermosa biblioteca que, después del *Tabernaculum Domini*, era para ellos un lugar de sosiego y recogimiento.

Tan a gusto se encontraban que surgió la idea de compartir el carisma de san Alfonso con jóvenes valientes que desearan vivir y entregar su vida en la Congregación del Santísimo Redentor. Así, en el año 1930, el padre Carlos Seisdedos pensó en la creación de un jovenado para las vocaciones centroamericanas. No contaban con la infraestructura necesaria, pero sí con el ardor del carisma. El 9 de noviembre de 1931 fue admitido el joven Julio Rivas como primer postulante salvadoreño, quien, al día siguiente, movido por el llanto inconsolable de su madre, abandonó la formación. Fue una vocación efímera... Posteriormente llegaron otros dos jóvenes que tampoco perseveraron. Finalmente, el 16 de noviembre de 1934, fue erigida canónicamente la casa de los redentoristas en el barrio de Candelaria.

Iglesia del Perpetuo Socorro, tercera fundación de los redentoristas. Debido a las intensas lluvias en el año de 1934, y el desbordamiento de los ríos Acelhuate y Arenal, la comunidad reflexionó y decidió buscar un lugar más seguro para construir casa y templo propios. Dos años más tarde de aquel aluvión, los redentoristas ya tenían un terreno propio sobre la 17 avenida Sur de San Salvador. Ni el cronista ni nuestro historiador Roberto Bolaños nos consignan los detalles de cómo se obtuvo dicho terreno. Y por fin, en agosto de 1937 casa e iglesia estaban construidas. El santuario del Perpetuo Socorro fue bendecido por el arzobispo Mons. José Alfonso Belloso y Sánchez.

En la Colonia Atlacatl y el nuevo templo dedicado a la Madre del Perpetuo Socorro. Fue el P. José Morán Pan quien, en 1964, ‘encontró’ la Colonia Atlacatl en San Salvador. En el mencionado lugar no había iglesia alguna, y es por ello que se consideró oportuno fundar allí. Con la venia de Mons. Luis Chávez y González, tercer arzobispo de San Salvador, comenzó la construcción de lo que sería la parroquia de La Divina Providencia. En la década de 1970, iglesia y casa de padres redentoristas ya estaban concluidas.

En la siguiente década, en el área pastoral, comenzaron a brotar los siguientes grupos apostólicos: Renovación Espiritual Católica, Legión de María, Camino Neocatecumenal y Pastoral Juvenil. El trabajo de los redentoristas, como en otras fundaciones, fue intenso en lo pastoral y sacramental, trabajo que se recoge fielmente en el libro *Abundante Redención en El Salvador – Los Redentoristas 1928-1988*. Con muchos porqués, un 25 de septiembre de 1994, los redentoristas dejaron la parroquia de Atlacatl.

La construcción del actual templo en honor a la Virgen del Perpetuo Socorro comenzó en 1967. Francisco Ferri y Roberto Monge, pusieron la firma para realizar, proyectar, dirigir y fiscalizar la construcción del nuevo templo. El 29 de octubre de ese año, Mons. Luis Chávez y González bendijo y colocó la primera piedra. Con el paso del tiempo y espacio de cuatro años, concluyó la construcción de dicho templo, no exento de serias dificultades con la firma Ferri y Monge. El 27 de junio de 1971, fiesta de Nuestra Señora del Perpetuo Socorro, el arzobispo Luis Chávez y González, bendijo la nueva iglesia, acompañado del viceprovincial, el M.R.P. José Casal Calviño y los PP. José Morán Pan y Eladio Buznego.

3.2 *El juniorado "San Alfonso"*

El juniorado "San Alfonso". Aquella casa de los misioneros redentoristas construida y finalizada a finales de los años de 1930, con el paso incontenible del tiempo sufrió una transformación arquitectónica. Se levantaron, en el segundo piso, habitaciones y una sala común amplia y muy ventilada.

A finales de los años de 1970, comenzaron a llegar los primeros estudiantes, y en el séptimo año de esa década, comenzaron a llegar los primeros aspirantes a la vida religiosa sacerdotal, que por la situación política que atravesaba el país en 1980, hubo que enviarlos a continuar sus estudios a Alajuela, Costa Rica.

Nueve años más tarde, los junioreos regresan a la casa del Perpetuo Socorro, la cual, por la nueva experiencia, un 26 de enero de 1989, recibe el nombre de 'Teologado Centroamericano San Alfonso'. Su primer superior y prefecto fue el R.P. Walter Eduardo Hidalgo García.

Con una misa solemne presidida por el M.R.P. Miguel Rodríguez del Palacio, superior viceprovincial, y concelebrada por los padres Walter Eduardo Hidalgo García, superior y prefecto; Eladio Buznego y Óscar Viquez, socio de prefecto, se inauguró el Teologado San Alfonso en San Salvador, El Salvador.

Los junioreos de tercero y cuarto año de Teología, en 1989, cursaron sus estudios en el Seminario Mayor San José de la Montaña. A partir del primer año y en los años posteriores, la formación teológica se ha recibido en la Universidad Centroamericana José Simeón Cañas (UCA), donde continúa hasta la fecha.

4. *Los redentoristas en la República de Guatemala*

La Santa Sede y la República de Guatemala, constituyeron relaciones diplomáticas en el año de 1869. A partir de esa fecha, los delegados y nuncios apostólicos han desempeñado un papel preponderante en la evangelización del país de la 'eterna primavera' y cuna del gran escritor don Miguel Ángel Asturias, autor de la obra *El señor Presidente*.

En agosto de 1952, el nuncio apostólico de Guatemala, monseñor Gennaro Verolino, tres años antes de la erección canónica de la entonces viceprovincia de San Salvador, y en el último año del sexenio del viceprovincialato del padre Antonio Armada, invita a los misioneros

redentoristas a establecerse en Guatemala. La Iglesia católica en Guatemala no estaba pasando por su mejor momento apostólico, pues adolecía de la escasez del clero diocesano y religioso.

Ocupaba entonces la silla arzobispal Mons. Mariano Rossell y Arellano, quien, según los historiadores, desempeñó un papel decisivo y profético durante el gobierno del Partido Revolucionario presidido por el coronel Juan Jacobo Árbenz Guzmán.

Fue el arzobispo Arellano y Rossell quien dio la bienvenida a los hijos de san Alfonso María de Ligorio. Para la fundación se le presentó a los redentoristas la posibilidad de fundar en la diócesis de Sololá-Chimaltenango.

Mons. Jorge García Caballeros, quien entonces era el administrador apostólico de esa diócesis, les ofreció fundar en la parroquia de San Bartolomé en la ciudad de Mazatenango, ciudad cabecera del departamento de Suchitepéquez.

Así, el 19 de agosto de 1952, Mons. García Caballeros entregó dicha parroquia a los Misioneros Redentoristas, nombrando como primer párroco al R.P. Agapito Martínez. Los primeros redentoristas en residir en la nueva fundación, fueron: Fausto Hernando, Manuel Morán, Carlos Caveró y el Hno. Abundio García.

El 18 de diciembre de 1983, treinta y un años después, se dejó dicha parroquia. La razón: reestructuración pastoral de la entonces viceprovincia de San Salvador, razón que no convenció a muchos...

4.1 Misión redentorista en Ciudad de Guatemala

Los redentoristas en Ciudad de Guatemala. En el año de 1954, el arzobispo de Guatemala, Mons. Mariano Rossell y Arellano, concedió temporalmente la iglesia de Belén a los padres redentoristas en la persona del padre Agapito Martínez.

En 1955, el nuncio apostólico, Mons. Gennaro Verolino, entregó a los padres redentoristas en donación un terreno en la Colonia Roosevelt, donde se creará el 26 de enero de 1958, la actual parroquia de San Cristóbal. Su primer párroco fue el muy querido y siempre recordado padre Felipe Huertas.

En ese mismo año, el 8 de diciembre, solemnidad de la Inmaculada Concepción, el arzobispo Rossell Arellano entregó a los redentoris-

tas la iglesia de Nuestra Señora de Fátima, la cual pertenece a la parroquia de La Asunción.

A la altura de 1959, la situación domiciliar de los padres redentoristas era la siguiente: el superior residía en la iglesia de Fátima, los demás cohermanos, en la iglesia del Beaterio de Nuestra Señora de Belén, realizando su apostolado en la parroquia de San Cristóbal.

Es por ello que el 5 de julio de ese mismo año, los redentoristas inauguran su nueva casa donde residirá la comunidad. Y en ese mismo año, el viceprovincial Valentín Villar determina dejar la iglesia Nuestra Señora de Fátima.

De igual forma lo haría en 1964 el viceprovincial Laurentino Pisabarro, dejando la iglesia de Nuestra Señora de Belén. La razón fundamental: cuatro iglesias atendidas por cuatro misioneros.

Los misioneros redentoristas se establecieron en la colonia Utatlán. El 12 de octubre de 1965, día de Nuestra Señora del Pilar, los redentoristas adquirieron un terreno en Jardines de Utatlán II, en la ciudad capital, para construir el templo del Divino Redentor, que inicialmente iba a llamarse San Alfonso. El terreno tenía una extensión de 3,500 metros cuadrados y un valor de 35,000 quetzales.

La parroquia fue creada el 30 de octubre de 1966. La primera piedra del templo se colocó y bendijo el 14 de mayo de 1967, solemnidad de Pentecostés, y el 10 de mayo de 1968 el templo parroquial ya estaba concluido. Monseñor Ramiro Pellecer Samayoa, obispo auxiliar de la Arquidiócesis de Santiago de Guatemala, bendijo el templo de la parroquia Divino Redentor. Para esa fecha, la parroquia contaba con aproximadamente 5,000 habitantes.

Este bello templo fue destruido por el terremoto del 4 de febrero de 1976, de magnitud 7.5, considerado uno de los desastres naturales más devastadores en la historia de Guatemala. Fallecieron alrededor de 23,000 personas y unas 76,000 resultaron heridas. Entre los templos más afectados estuvieron la Catedral Metropolitana, la iglesia La Recolección y la Ermita del Carmen. Nuestro templo tenía 620 metros cuadrados y era de forma ovalada. El nuevo templo del Divino Redentor fue bendecido el 31 de agosto de 1980 y tuvo un costo de Q148,009.80. Para su construcción se recibió ayuda de Adveniat, así como de comunidades como la de Mazatenango y de otras provincias. Es el actual templo que todos conocemos.

5. Los redentoristas en la República de Nicaragua

Los misioneros redentoristas en Nicaragua y la fundación. Nicaragua abre sus puertas a los hijos de san Alfonso María de Ligorio. En 1928, pasó por Nicaragua el primer redentorista, el padre Pedro del Palacio, quien hizo el primer intento para fundar en Nicaragua. El cual no tuvo resonancia positiva, pues el primer arzobispo de Managua, Mons. José Antonio Lezcano y Ortega, ofreció a los misioneros redentoristas una fundación en la 'ciudad de las flores', Masaya, cuna de la artesanía; ofrecimiento que no gustó a la Congregación por razones muy válidas en su momento.

En febrero de 1955 se fundó el carisma en la ciudad de Managua, Nicaragua; posteriormente, los redentoristas asumieron la atención de las parroquias del Santísimo Redentor y de la Santísima Trinidad.

Para la fundación se contó con el apoyo del segundo arzobispo de Managua, Mons. Alejandro González y Robleto, quien ocupó la sede episcopal de Managua entre 1952 y 1968. Asimismo, de Mons. Carlos Borge y Castrillo, obispo auxiliar de Managua. Ambos obispos proporcionaron lo necesario para la fundación del carisma redentorista.

Primeros pasos de los misioneros redentoristas en Nicaragua. Del libro *Herederos de una tradición* extraje la crónica de la llegada del primer redentorista a Nicaragua para la fundación:

Procedente de Colombia llega el P. José Morán Pan, el día 10 de febrero del 55, y se le confía, como avezado en fundaciones que era, la fundación de una casa en Managua. Hospedado en casa de los hermanos de La Salle se dedica a ver, conocer y a buscar un lugar a propósito para la fundación.

Interinamente se hace cargo de la Iglesia de La Suspensión, donde se dedica a la predicación y otros trabajos apostólicos. El Viceprovincial hace una visita al P. Morán y le promete ayuda; efectivamente el 9 de junio salen para Managua el P. Emilio Fernández y el Hno. José Mena. En febrero del 56 se agregaría a la comunidad el P. Evaristo Martínez y en noviembre el P. Jacinto Labalde⁵.

⁵ Bolaños A., Roberto (1991), *Herederos de una Tradición: Los Redentoristas en Centro América (1927-1987)*, Imprenta del Instituto Técnico Don Bosco, p. 26.

La primera comunidad de misioneros redentoristas. La erección canónica de la casa de Managua fue el 23 de mayo de 1956. Los primeros misioneros redentoristas fueron los padres Emilio Fernández, Evaristo Martínez, Jacinto Labalde y el Hno. José Mena. Importante mención es la del P. José Morán, quien fuera el fundador de la primera casa de Managua.

Creación de la parroquia del Santísimo Redentor. El 20 de junio de 1958 se colocó la primera piedra del templo, con características de estilo medioevo francés, según entendidos del arte, y el 10 de enero de 1960 se bendijo la primera parte del templo. La parroquia del Santísimo Redentor en Managua fue creada por S.E. Mons. Vicente Alejandro González y Robleto, arzobispo de Managua el 5 de abril de 1961. Para esa memorable fecha, el templo todavía se encontraba en construcción. En 1967 fue concluido. La bendición del altar y retablo estuvo a cargo de monseñor Carlos Borge Castrillo, obispo auxiliar de Managua, considerado bienhechor de la comunidad.

Después del R.P. José Morán Pan, el siguiente sacerdote que llega a trabajar en la iglesia de El Redentor, como párroco, es el R.P. Valentín Villar, quien al llegar encontró que todavía faltaban algunos retoques en las paredes del templo, trabajo que él concluye porque el R.P. José Morán tiene que viajar a Panamá para empezar la obra redentorista en el hermano país canalero.

Lugares misionados por los misioneros redentoristas en Nicaragua. En Nicaragua se ha misionado en los departamentos de Managua, León, Chinandega, Chontales, Matagalpa y Carazo, según datos que nos ofrece nuestro historiador, el P. Roberto Bolaños y las recientes crónicas. Más tarde, inicia con los misioneros redentoristas la experiencia parroquial, vivida en dos parroquias: Santísimo Redentor y Santísima Trinidad.

El apostolado de los misioneros redentoristas en Nicaragua. Nuestras Constituciones y Estatutos, renovados y aprobados bajo el pontificado de san Juan Pablo II, siendo superior general de la Congregación el padre José G. Pfab, nos dicen de las formas y la acción misionera de los hijos de san Alfonso. Los Estatutos 016 – 025 mencionan, por ejemplo: las misiones populares (017), el ministerio parroquial (018), la instrucción catequética (019), los ejercicios espirituales (020), el fomento de la justicia y promoción humana (021), el

apostolado por los medios de comunicación social (022), los estudios de teología moral y pastoral (023), la consulta espiritual (024); y en el artículo 3, (025), se recomienda la adaptación de los métodos apostólicos.

Los redentoristas se han dedicado a todo lo mencionado anteriormente y a más, no porque sean ‘superhéroes’, sino que, como dice el estatuto 016, ellos “se han de promover con tenacidad y gran empeño”, adaptándose a las necesidades pastorales. Así lo han hecho desde san Alfonso hasta el último redentorista de nuestros días. Nicaragua, como tierra de misión para los misioneros redentoristas, no ha sido la excepción. A todo el apostolado recomendado por nuestras Constituciones y Estatutos se han dedicado en esta linda Nicaragua.

En las parroquias del Santísimo Redentor y de la Santísima Trinidad, el pueblo fiel ha encontrado en los misioneros redentoristas, a lo largo de estos sesenta y dos años de presencia, consejeros, maestros, misioneros y pastores.

Los primeros pasos dados por los misioneros redentoristas en relación con las misiones populares están narrados en las crónicas de la antigua viceprovincia de San Salvador:

Nicaragua ha sido muy poco misionada por los redentoristas, debido a la constante escasez de personal, excepto quizás en la época de gloria en que la sede viceprovincial estuvo en Managua (1971). Corinto, El Viejo, Tipitapa, Nandaime, barrio Monseñor Lezcano, El Viejo de Chinandega, Comalapa, Condega, nuevamente Nandaime, Buenos Aires y Moyogalpa. Recordemos también las misiones del EMA (FEDAP) en Nicaragua, que concluyeron con la gran misión en Managua⁶.

Pero diríamos que el primer campo de acción de forma estable para el apostolado de los misioneros redentoristas, en la tierra de lagos y volcanes, fue el campo parroquial, llevando al pueblo el evangelio mediante el método sencillo y eficaz de las asambleas familiares, para hacer de ellas comunidad de comunidades.

⁶ Crónica Viceprovincial, t. II, p. 43.

Los redentoristas, durante décadas, han trabajado en dos parroquias en la ciudad de Managua; la primera, como primogénita e iniciadora de la cual se expande la labor de los hijos de san Alfonso, es la parroquia del Santísimo Redentor, y la segunda, la parroquia Santísima Trinidad. Esta se considera como una segunda fundación de los misioneros redentoristas en Managua, Nicaragua.

Entre 1995 y 1996 se dio ese momento que llamaron transición, momento en que la entonces viceprovincia de San Salvador, que desde 1927 había sido guiada por los padres redentoristas españoles, pasaba a manos de padres redentoristas autóctonos, saliendo electo como primer viceprovincial centroamericano el padre Walter Eduardo Hidalgo García, de nacionalidad costarricense.

Al igual que los pueblos experimentan transiciones necesarias, la Iglesia, las diócesis, las parroquias y los institutos religiosos también las viven hacia adentro. Para algunos redentoristas no fue tan fácil pasar de la dirección de los padres españoles a la de los padres centroamericanos, pero era el momento; era la hora de la transición de la viceprovincia centroamericana.

La parroquia del Santísimo Redentor también ha vivido sus momentos de transición, aunque en menor medida, pues a principios de la década de 1990 fue nombrado como párroco el primer centroamericano, el padre Johanny Álvarez Castro, de nacionalidad costarricense, y en septiembre de 1996 tomó posesión canónica como pastor propio de la parroquia el primer nicaragüense, el padre Bosco José Rodríguez Alvarado. Varios feligreses añoraban los tiempos de los padres españoles.

Pero antes, la parroquia del Santísimo Redentor vivió un momento de transición, debido a un acontecimiento meramente natural: el sismo que hizo cambiar la vida de muchos nicaragüenses y los llevó a vivir su propia transición. El terremoto que destruyó la ciudad de Managua en 1972 no sólo destruyó más de la tercera parte de edificios, casas y demás infraestructura, sino que destruyó algo más valioso: la vida de tantos managuas que vieron sus sueños e ideales derrumbados en escombros como tantos edificios.

La parroquia del Santísimo Redentor no fue la excepción. El hermoso templo y las viviendas de sus feligreses se convirtieron en escombros en cuestión de minutos. Después de esa fatídica y oscura fecha,

la parroquia vivió un tiempo de inactividad pastoral; parecía que todo estaba perdido. Sin embargo, permanecía vivo el espíritu apostólico que había impulsado a aquellos misioneros redentoristas a levantar la parroquia y, con ella, el ánimo de los pocos feligreses que aún habitaban el territorio parroquial. Un nuevo templo se construyó en 1993 y fue remodelado en mayo de 2006.

5.1 Creación de la parroquia Santísima Trinidad

La parroquia Santísima Trinidad fue creada en 1973 por el cardinal Miguel Obando y Bravo, arzobispo de Managua. Esta segunda fundación de los misioneros redentoristas, se encuentra en las afueras de la ciudad de Managua, sobre la famosa Carretera Norte. Comprende las siguientes diaconías: Waspam Sur (Dios Padre Eterno, centro), Mombacho (San Juan Nepomuceno Neumann), Oswaldo Manzanares (Inmaculado Corazón de María), Carlos Marx (San Gerardo María Mayela), Miguel Gutiérrez (Virgen de las Escuelas Pías), Villa Reconciliación (San Clemente María Hofbauer) y Colonia Xolotlán (Nuestra Señora del Perpetuo Socorro). Su primer párroco fue el inolvidable Ricardo Alonso Yárritu, quien es recordado por la feligresía, con mucho amor y agradecimiento. Fue para esa pequeña porción de la Iglesia, un verdadero pastor y guía⁷.

Las realidades pastorales que peregrinan en esta amada parroquia, son: Consejos Pastorales, Sistema Integral de la Nueva Evangelización (SINE), Renovación Carismática Católica, Pastoral Juvenil Vocacional Redentorista (PJVR), Camino Neocatecumenal, Escuela de Evangelización Nueva Vida, Catequesis, Pastoral de Liturgia y Enfermos, Pastoral Social, Salud y Educación (Dispensario Clínico), Consagrados al Corazón de Jesús y a la Virgen María y Formación para Laicos Redentoristas.

Las realidades arriba mencionadas, juegan un papel preponderante en el quehacer parroquial. ¿Cómo trabajan? Trabajan en un espacio eclesial concreto: la arquidiócesis de Managua. Estas trabajan a nivel participativo, dinámico. Todos son protagonistas en el quehacer pas-

⁷ Crónica de la Casa de Managua, pp. 57-64.

toral, trabajando en comunión con el equipo sacerdotal. Son protagonistas como cristianos en la sociedad política, económica y culturalmente. En dichas realidades hay disponibilidad en obedecer a la Iglesia y apoyar los esfuerzos pastorales y espirituales emanados de la provincia de América Central.

6. Los redentoristas en la República de Panamá

Este amado país abrió sus puertas a los misioneros de san Alfonso en el año de 1964, cuando los redentoristas llegaron a la ciudad de Las Tablas. Si hay una ciudad que ama con locura a santa Librada, esa ciudad, sin duda alguna, es la ciudad de Las Tablas, en la provincia de Los Santos. Según los historiadores, Las Tablas fue fundada el 19 de julio de 1671, tiene como patrona a santa Librada.

Las Tablas es la cuna y guardiana del folklore de la República de Panamá, y en la cual la 'Moñona' tiene su altar. Esta ciudad llena de arte y cultura se distingue de las otras ciudades de la república panameña, por el famoso Carnaval de Las Tablas. El templo dedicado a santa Librada está en el corazón de Las Tablas, es verdaderamente hermoso; la iglesia fue elevada a la categoría de parroquia en el año de 1797. El templo fue restaurado entre 1995 y 1996, siendo cura párroco el R.P. Ricardo Paredes Amador. La parroquia de Las Tablas fue regentada por los redentoristas desde el 2 de mayo de 1964, cuando el obispo de Chitré, Mons. José María Carrizo Villarreal, y el nuncio apostólico de Panamá, Mons. Antonino Pinci, quien era propicio para la fundación de los redentoristas, confió a los hijos de san Alfonso la parroquia de Santa Librada. El pueblo de Las Tablas sintió profundamente y con dolor la partida de los misioneros redentoristas; pues al hablar de Las Tablas, se habla también de la labor ingente de los hijos de san Alfonso en esa alegre ciudad por casi cuatro décadas.

6.1 Misión redentorista en Ciudad de Panamá

El arzobispo metropolitano de Panamá, Mons. Tomás Alberto Clavel Méndez, autoriza la fundación redentorista en su arquidiócesis, para trabajar en la parroquia de La Asunción en Panamá Viejo. A mediados de los años de 1960, encontramos a los redentoristas trabajando arduosamente en Ciudad de Panamá, atendiendo las parroquias

de La Asunción, primero; y luego la parroquia de San Gerardo María Mayela⁸.

La casa de los redentoristas fue erigida canónicamente un 23 de julio, fiesta de santa Brígida de Suecia, del año 1966, uno de los mejores años de la historia. Esta iglesia se bendijo un día 2 de agosto de 1967, día de Nuestra Señora de los Ángeles, y erigida como parroquia por el arzobispo Clavel Méndez, el 7 de octubre, del mismo año, en la fiesta de Nuestra Señora del Rosario. Esta parroquia, aunque tiene como patrono a san Gerardo, está llamada a ser eminentemente mariana.

7. Los misioneros redentoristas en Belice

El territorio de Belice es la diócesis de Belice-Belmopán, sufragánea de la arquidiócesis de Kingston, compuesta por 12 parroquias.

Fue Mons. Dorick McGowan Wright, obispo de Belice, quien en el año 2012 invitó a los redentoristas para conocer el carisma de la Congregación. Aceptando la invitación de Mons. McGowan Wright y realizando una primera expedición, enviados por el Gobierno provincial de entonces, viajaron hacia Belice los padres Johanny Álvarez Castro y José Manuel Batres Orellana. La visita la realizaron entre los días del 23 al 26 de octubre. Visitaron la parroquia Sagrado Corazón de Jesús para conocer la realidad pastoral de aquella porción de la Iglesia regentada por los padres de la Congregación de los Misioneros Hijos del Inmaculado Corazón de María o Claretianos.

Como una segunda expedición, del 13 al 16 de enero del 2013, viajaron a Belice el M.R.P. provincial Manuel Cruz Meza, acompañado de los PP. José Manuel Batres, Rodolfo García y el junior Eduardo Andrés Martínez Ávila, para entrevistarse con el obispo auxiliar Mons. Cristopher Glancy, quien se mostró muy interesado en que los redentoristas fundaran en aquel país. Mons. Cristopher devolvió la visita al M.R.P. provincial Manuel Cruz Meza un 23 de septiembre del 2013, en Alajuela, Costa Rica. El objetivo de la visita de monseñor Cristopher, fue deliberar con el padre Manuel Cruz sobre la fundación redentorista en firme en aquel país⁹.

⁸ Crónica Viceprovincial, t. II, p. 102.

⁹ Crónica de la Provincia de América Central, t I, pp. 29-30.

El día 19 de marzo del 2014, día solemne de san José, esposo de la bienaventurada siempre Virgen María, inició oficialmente la misión en Belice. Inauguraron esta misión los padres José Manuel Bares Orellana, como superior y párroco; Rodolfo García, vicario; y el junior Eduardo Andrés Martínez Ávila. El objetivo de la fundación en ese país de clima tropical, cálido y húmedo, es entrar en la realidad eclesial y sociocultural de la parroquia Sagrado Corazón de Jesús (Sacred Heart Parish).

Los redentoristas residen en la parroquia Sagrado Corazón de Jesús (Sacred Heart Parish), situada en el distrito Stann Creek, con su cabecera (Town) en Dangriga. El territorio de dicha parroquia abarca 18 aldeas, a saber: Dangriga (centro parroquial), Pomona, Hopkins, Maya Centre, San Román, Santa Cruz, Sagitún, Seing baite, Red Bank, Georgetown y Maya Mopán, San Juan, Cowpen, Bella Vista, San Isidro, San Pablo, Trio, Balden e Independence. En estas aldeas se hablan el inglés, español, Q'eqchi', garífuna y Maya Mopán.

* Otros libros consultados: Crónica de los Misioneros Redentoristas en Honduras (1928-1998); Bolaños A., Roberto, *Abundante Redención en El Salvador: Los Redentoristas (1928-1988)*; Rodríguez Alvarado, Bosco José, *En Jesucristo hay abundante redención: Hacia los 50 años de la parroquia Santísimo Redentor (1961-2011)*.

VINCENZO LA MENDOLA, C.Ss.R.

P. DAVIDE OLDANI MISSIONARIO REDENTORISTA Un profilo spirituale e pastorale*

1. *Ambiente familiare e primi anni di vita*; 2. *La prima formazione: il Seminario Minore e la Scuola Missionaria*; 3. *La formazione iniziale nella Congregazione*; 4. *Il ministero sacerdotale*; 5. *Il ministero parrocchiale*; 6. *La malattia e la morte*; 7. *Le esequie e il ricordo*

1. *Ambiente familiare e primi anni di vita*

Nasce a Magenta, comune dell'arcidiocesi e della provincia di Milano, il 16 dicembre 1919, da Carlo e Cecilia Trezzi¹. È il quarto di sette figli: Gaspare, Giuseppe, Rosina, Davide, Teresa, Luigi, Mariuc-

* Testo della conferenza tenuta nella chiesa della B.V.M. del Buon Consiglio, a Scifelli (FR) domenica 25 gennaio 2026, in occasione del Sessantesimo Anniversario della inaugurazione della chiesa di Fontana Fratta, organizzato dal parroco p. Habib Badran, C.Ss.R.. Una cronaca dell'evento è riportata in «Il Soccorso Perpetuo di Maria», 2 (2026), 18-19. Alla preparazione della conferenza ha contribuito p. Fernando Centurion Sanabria C.Ss.R., con la preparazione di una PowerPoint, proiettato durante l'evento.

¹ Tutte le informazioni biografiche e i documenti menzionati nel testo sono stati consultati in APR (sez. Monterone), Cartelle dei confratelli defunti, *P. Davide Oldani*, documenti e fogli sparsi. E dall'opuscolo commemorativo per il venticinquesimo anniversario della morte, di Alfredo Gabriele del 2007. Per le informazioni sulle vicende della Provincia Romana CSSR ci siamo riferiti a: V. LA MENDOLA, *La Provincia Romana dei Redentoristi. Origine, espansione e missione dell'Istituto Alfonsiano nelle regioni centro settentrionali d'Italia (1841-2023)*, in G. PEPE, P. SATURNO, V. LA MENDOLA, *Il Cammino dei Redentoristi in Italia 1732-2024*, Edizioni Parco culturale S. Alfonso, Pagani SA 2025, 105-172; *Memoriale della Congregazione del SS. Redentore per la Provincia Romana*, Roma 1950; *Memoriale dei Defunti della Provincia Romana C.Ss.R.*, a cura di P. Sulkowski, Bussolengo VR, 2000.

cia. Nel registro del Comune, è censito al n. 130, in data 16 dicembre, nel registro dei Battesimi dell'archivio della parrocchia Basilica S. Martino Vescovo (vol. II, p. 78, n. 60) è registrato al 17 dicembre.

Riceve il Battesimo il 21 dicembre 1919, nella chiesa prepositurale dei Santi Martino e Gioacchino, essendo padrino lo zio materno Carlo Trezzi e madrina Angela Oldani, zia paterna, come leggiamo dal certificato di Battesimo, rilasciato il 26 gennaio 1982.

Non abbiamo testimonianze dirette circa la fanciullezza, che trascorse in famiglia come quella di tanti bambini della sua epoca e della sua regione di appartenenza: la Lombardia, nel primo decennio del regime fascista.

Tra i pochi ricordi della sua infanzia vi è un episodio, rimasto nella memoria di famiglia e tramandato. Quando era neonato, la culla dove dormiva era collocata vicino al davanzale di una finestra, sul quale era collocato un vecchio ferro da stiro. A causa del vento forte, la finestra si aprì bruscamente, provocando la caduta del ferro che ruzzolò sul neonato. Quando la mamma si accorse di ciò che era avvenuto, pensava che il fanciullo fosse morto. Ma lo trovò incolume, che dormiva placidamente. I familiari considerarono l'accaduto alla stregua di un miracolo.

Durante la fanciullezza ebbe un altro non precisato incidente, quasi mortale ma senza conseguenze. Ne parlava a Boville, a casa di monsignor Giuseppe Paglia. Dopo aver narrato l'accaduto, naturalmente attribuiva la sua incolumità alla protezione del Signore. La mamma, infatti, fin da bambino lo aveva consacrato a Gesù, come egli stesso amava ricordare, con commozione. Fu cresimato il 26 novembre 1928, nella chiesa prepositurale di Magenta, dal vescovo monsignor Rossi, essendo padrino il cugino Ambrogio Oldani.

L'ambiente familiare, stando ai suoi ricordi personali, era sereno. Si pregava insieme il Rosario. La mamma aveva sempre la corona tra le mani e la scorreva per trovare forza e riposo dai lunghi e serrati ritmi di lavoro. La domenica i figli si recavano in chiesa accompagnati dal papà, per partecipare alla messa. In casa, il piccolo Davide, insieme con i fratelli e le sorelle, si esercitava nei piccoli servizi domestici. La famiglia, inoltre, in un momento di emergenza, accolse alcuni cugini, rimasti orfani. In tutto erano dieci bambini che vivevano come fratelli. Era un ambiente tradizionale, una vera famiglia di stampo patriar-

cale, che viveva legata ai ritmi della terra e delle stagioni, in cui si era educati al sacrificio, alla solidarietà, alla laboriosità e alla condivisione. La povertà del primo dopoguerra era grande. Ad aggravarla vi fu l'epidemia detta "spagnola" e diverse annate scarse, a causa di elementi climatici avversi.

Il piccolo Davide era affascinato dai ragazzi che servivano all'altare. Sentiva nascere dentro di sé il desiderio di emularli. Quando arrivò il momento di poter esercitare le mansioni di ministrante, la sua felicità era al colmo. L'altare rimase sempre il suo centro. Tra l'altare e il tabernacolo si è snodata tutta la sua vita.

Un altro particolare ci riporta al periodo dell'infanzia: l'esperienza della scuola elementare. La maestra Maria Magnaghi seguiva con particolare attenzione il piccolo Davide, pur sapendo che il suo tempo per lo studio era risicato, dovendo adempiere a lavori domestici, a volte pesanti per la sua età. Ma questo non la rese meno esigente nei suoi confronti. Lo interrogava frequentemente ed esigeva il massimo da lui. Da parte sua il ragazzo si impegnava nello studio e non senza sacrifici: i compiti li faceva la mattina presto e per la strada ripassava le lezioni.

Già da quegli anni manifestava il desiderio di essere sacerdote. Tutti notavano la sua inclinazione alla pietà, come testimonia la sorella Teresa. Tra i ragazzi era il più generoso e quello più predisposto a svolgere i servizi che gli venivano affidati. E anche di fronte agli scherzi dei compagni o ai loro scherni non rispondeva con aggressività. La mitezza caratterizzava la sua personalità già da quegli anni.

Pregava e imitava i sacerdoti del suo paese, improvvisando piccoli altarini e ripetendo le prediche che aveva udito in chiesa. Terminato il corso di istruzione elementare, manifestò il desiderio di entrare in seminario. L'entusiasmo da solo non bastava. Le risorse della famiglia erano decisamente insufficienti a sostenere l'onere di una retta mensile.

2. La prima formazione: il Seminario Minore e la Scuola Missionaria

L'Anno Scolastico 1931-1932 fu per il giovane Oldani quello della sua prima esperienza vocazionale. Nonostante le difficoltà economiche della famiglia, fu accolto al Seminario Minore San Pietro, per la prima classe ginnasiale, trascorrendo l'anno lontano dai suoi cari. Fu

la prima esperienza di distacco, vissuta con maturità. La maestra Magnaghi, che per prima aveva intercettato la sua vocazione, e alcune donne benestanti della sua cerchia si offrirono di pagare la retta.

Ci sono pervenute tre pagelle del seminario milanese per l'anno scolastico, che comprendevano i tre trimestri della prima classe del ginnasio, dove si rilevano gli esiti dell'impegno del giovane seminarista, classificato il primo o il secondo della classe, con votazione alta. Nonostante i risultati lusinghieri riportati, il parroco non sembrava particolarmente entusiasta del suo percorso vocazionale, probabilmente propendeva per altri candidati, che riteneva più dotati intellettualmente. Un fatto occorso tra lui e la famiglia, qualche anno prima, non gli permetteva di guardare con oggettività il giovane aspirante. L'occasione in cui si manifestò chiaramente la sua esitazione accadde alla fine dell'anno. In paese si seppe della cerchia di donne che pagavano la retta al seminarista Oldani. Questo scatenò l'invidia delle famiglie di altri seminaristi, più agiate della famiglia Oldani. Le lagnanze arrivarono al parroco, il quale mise le pie benefattrici di fronte ad una scelta impossibile da sostenere: o si accollavano l'onere di aiutare tutti i candidati allo stesso modo, oppure erano costrette ad interrompere la retta di Oldani. Alla predica della messa domenicale, il parroco sollevò la questione pubblicamente, mettendo in difficoltà la famiglia Oldani e specialmente il papà che si sentì puntare addosso gli occhi di tutta la gente presente. Il prevosto concluse perentoriamente: *o per tutti o per nessuno!* Furono interrotti i pagamenti e Davide Oldani fu costretto a ritornare in famiglia.

Nonostante questo arresto forzato del suo cammino, egli rimase sereno. Alcuni atteggiamenti sono rivelativi della convinzione e della forza d'animo con cui affrontò quel momento doloroso. Non svestì mai la talare da seminarista. Mostrò una perseveranza quasi ostinata, anche contro la disapprovazione dei familiari e la pressione continua per costringerlo a dismettere la divisa clericale. Continuò inoltre, ad essere fedele ai ritmi di preghiera appresi nell'anno seminaristico. Il fratello Luigi e la sorella Teresa lo vedevano spesso pregare in ginocchio, o appartarsi in luoghi solitari per la meditazione. E lo spiavano continuamente per sorprenderlo in raccoglimento. Evidentemente quel ragazzo aveva qualcosa di diverso dagli altri, e gli stessi suoi fratelli lo riconoscevano.

Egli trovò consolazione nel frequentare la cappella delle Suore Canossiane, le quali, avendo ascoltato la sua triste vicenda, ne presero a cuore la causa. Serviva all'altare ogni giorno, edificando le suore e i fedeli per la sua pietà.

Fu decisivo per la sua vocazione l'incontro con il redentorista p. Gennaro Finelli (1885-1970), zelante e intuitivo reclutatore vocazione di larga fama, e predicatore di esercizi spirituali presso la comunità delle Suore Canossiane. La superiora dell'epoca madre Rosa che aveva preso a cuore il giovane seminarista gli presentò il caso. Per tutta risposta p. Finelli, che aveva già notato la pietà del chierichetto, si offrì di condurlo con sé a Bussolengo, dandogli la possibilità di continuare a fare gli studi superiori e di diventare missionario redentorista, qualora lo volesse. È inutile descrivere la gioia del giovane Oldani che vedeva così aperto davanti a sé un nuovo cammino verso la consacrazione e il sacerdozio: *batteva le mani per la contentezza e pregava il padre di lasciarlo partire*. Ma anche in questa tappa della sua vita non mancarono prove, che a prima impressione, sembrano spropositate per un adolescente.

Il papà, per provare la forza delle sue convinzioni, lo sottopose alla inconsueta prova di farlo dormire a terra per diversi giorni. Non bisogna trascurare il contesto politico in cui veniva impartita questa rigida educazione. Il ventennio fascista con la sua pedagogia della disciplina e il mito della forza del popolo italiano, proponeva anche ai genitori metodi educativi improntati alla rigidità. Tutta la famiglia trepidava cercando di rendere meno dura la prova. La sorella Teresa nel cuore della notte, gli porgeva un cuscino, affinché fosse meno difficile il suo riposo, mentre cercava di dormire, avvolto in una coperta sul nudo pavimento. Il ragazzo, anche in questa occasione rivelò il suo temperamento: accettava la prova, con calma e costanza, pur di raggiungere il suo scopo. Voleva diventare a tutti i costi sacerdote.

In quei giorni di tensione si verificò un altro episodio, poi a distanza di anni, interpretato come un segno. In una di quelle notti, trascorse al freddo, fece un sogno. Non uno di quelli abituali facili da dimenticare, ma un sogno che rimase impresso nella sua mente. Si trovava nella chiesa parrocchiale di Magenta, e dopo la messa, una bellissima signora lo prese per mano e lo condusse su un campanile altissimo. Di là vedeva sotto a sé tanta gente, accalcata. E la signora gli disse che tutta quella gente si era radunata in quel luogo perché aspettava la sua pa-

rola. Poi sparì. Lasciando impressa nel giovane la certezza di aver ricevuto una conferma dal cielo: quella che stava per intraprendere, a costo di immani sacrifici, era la strada giusta. Anche in questo piccolo dettaglio esistenziale l'esperienza del giovane aspirante si faceva prossima a quella di san Giovanni Bosco, che a otto anni, fece un sogno simile che fu l'inizio della sua vocazione e l'anticipazione del carisma di cui sarebbe stato portatore nella Chiesa. La testimonianza è giunta a noi grazie alla sorella Teresa, che ascoltò il racconto mentre Davide sottovoce lo confidava alla mamma, in cucina. La madre, dopo aver ascoltato, fece come se non volesse dargli importanza, pur avendone intuito la portata del segno.

La prova fu superata brillantemente e il permesso paterno fu accordato. Il 27 agosto 1932 i genitori, presso i quali padre Finelli aveva saputo fare una convincente opera di mediazione, firmarono un documento in cui dichiaravano: «Noi genitori del giovane Davide Oldani, consegnando nostro figlio al p. Pietro Piller, attuale direttore del Collegio redentorista di Bussolengo, dichiariamo quanto segue. 1. Vogliamo che il nostro figlio sia educato secondo il fine dell'Istituto del SS. Redentore, perché possa un giorno diventare missionario. 2. Promettiamo di non contraddirlo nella sua vocazione, ma di lasciarlo libero pienamente, qualora giunto all'età competente, si determini definitivamente ad entrare nell'Istituto. 3. Di pagare in bimestri o trimestri anticipati la retta di lire 40 mensile e di fornire il vestiario personale per il corso degli studi e la biancheria pel noviziato».

L'impegno che si assumevano non lasciava adito ad altre interpretazioni e prevedeva qualunque occasione si sarebbe potuta verificare. Colpisce come nel testo ci si soffermi sulla libertà del candidato, che sia i genitori, sia i futuri formatori si impegnavano a rispettare, e a sostenerne la decisione, *qualora giunto all'età competente, si determini definitivamente ad entrare nell'Istituto*.

Per essere ammesso alla Scuola Missionaria era richiesto un attestato del parroco che certificasse con la sua autorità i segni di vocazione, la buona fama del candidato e della sua famiglia, le sue condizioni di salute e il grado di istruzione conseguita. La breve presentazione fu vergata da don Luigi Crespi, e porta la data del 27 settembre 1932. Si celebrava in quell'anno il Secondo Centenario della fondazione della Congregazione del Santissimo Redentore.

Forse per rimediare alla sua iniziale esitazione e per non smentire il p. Finelli, il parroco formulò un giudizio positivo. Tra le altre informazioni richieste egli attestava: *Ha sempre manifestato buona inclinazione alla vita sacerdotale, per frequenza ai SS. Sacramenti ed alle funzioni di culto e con spontaneità accettò la proposta di entrare in codesta casa religiosa, come consentanea ai suoi desideri. [...] D'intelligenza buona, ma non distinta, applicazione discreta, carattere vivace ma rispettoso.* Anche in questo caso la mite resistenza di Davide ebbe la meglio.

Non ci sono stati tramandati i particolari della partenza e della conseguente separazione della famiglia, probabilmente perché ritenuti riti di passaggio, obbligatori per chiunque volesse intraprendere una speciale vocazione. Il distacco dei parenti, consigliato in più occasioni da sant'Alfonso, era la prima nota che avrebbe dato inizio al cammino del futuro missionario redentorista. Nei confronti dei suoi familiari avrebbe conservato sempre un affetto sentito ma libero, manifestando in più occasioni che la sua vera e unica famiglia era la Congregazione.

P. Finelli, con la sua nota intraprendenza, racimolò un po' di biancheria da alcuni benefattori, che, messa insieme ai pochi vestiti avuti dalla famiglia, formarono il povero corredo di Davide, finalmente aspirante redentorista.

3. La formazione iniziale nella Congregazione

L'ingresso nella Scuola Missionaria di Bussolengo avvenne il 14 settembre 1932, festa dell'Esaltazione della Santa Croce. Non abbiamo elementi per entrare nelle emozioni che la casa religiosa e la comunità formativa suscitarono nel giovane Oldani. Ma non possiamo non supporre che certamente furono molte, e sicuramente vissute nell'abituale discrezione del suo mondo interiore, portato alla riservatezza.

Era direttore della Scuola Missionaria, che reclutava e formava le vocazioni provenienti dall'Italia settentrionale, p. Pietro Piller (1867-1956). Da tutti considerato un educatore aperto, *moderno e materno*. Per questi motivi non sempre compreso appieno e apprezzato dai suoi confratelli e da alcuni superiori, legati ad un modello tradizionalmente austero di formazione religiosa. Il suo ricordo nell'antica Provincia Romana della Congregazione si tramandava da una generazione all'altra, con evidente ammirazione di chi lo aveva avuto primo formatore nel proprio iter vocazionale.

Davide aveva soltanto 13 anni, in piena fase adolescenziale. Quella che grossomodo doveva corrispondere al classico seminario minore era una struttura formativa, pensata per i giovani in discernimento, da orientare verso una scelta radicale di vita missionaria². Un apposito *Regolamento* ne normava ogni aspetto³. Vigeva al suo interno una rigida disciplina, mitigata dall'intuito e dalla sensibilità paterna del p. Piller. La messa quotidiana, le preghiere, distribuite durante tutto l'arco della giornata, erano la parte più importante del cammino formativo. A questo aspetto primario si aggiungeva quello scolastico, non meno esigente. Le scuole erano interne, e i docenti delle varie discipline erano i padri della comunità. Il direttore sovrintendeva a tutta la vita della comunità formativa e un suo assistente lo coadiuvava nelle mansioni pedagogiche. I programmi prevedevano il classico corso di *retorica* e i primi rudimenti di *umanità*, secondo il metodo redentorista, ben collaudato. Per darci un'idea del corso di studi possiamo immaginare che fosse pressappoco quello che si fa nei licei classici. Gli esami finali, presieduti dal superiore provinciale o da un suo delegato, concludevano l'anno scolastico.

Il ragazzo si ambientò subito e si inserì nei ritmi dell'educando. Stando ai ricordi della sorella Teresa, mandava lettere entusiaste alla famiglia. Anche in questa prima fase della sua formazione egli affrontò alcune prove. Una persistente febbre malarica lo costrinse a lungo a letto, destando preoccupazioni nei superiori circa la sua idoneità a proseguire nella Congregazione. Ma anche questa prova fu superata.

Le vacanze al Santuario della Madonna della Corona erano uno dei momenti più attesi dagli educandi, alla fine dell'anno. P. Piller attribuiva grande importanza allo sport e ai momenti ricreativi, nei quali ogni candidato rivelava il proprio temperamento e manifestava la propria personalità, fuori da schemi imposti.

² L'unico studio condotto sugli educandi redentoristi della Provincia Romana, al quale si è fatto riferimento, è quello di P. SULKOWSKI, *Il Seminario minore nella Provincia Romana dei Redentoristi tra '800 e '900. Storia e fisionomia*. Esercitazione scritta per il Baccalaureato, Verona 1998/1999.

³ Cf. *Regolamento per l'Educando della Provincia Romana C.Ss.R.* Roma 1907.

Un ulteriore esercizio di distacco, dall'ambiente e dal modo di vivere a cui si era abituato, fu richiesto al giovane aspirante due anni dopo. L'esperienza di Bussolengo si concludeva brillantemente, aprendo la strada alla tappa successiva.

Il biennio 1934 -1936 egli lo trascorse nell'Educandato di Scifelli, dove avrebbe espletato le ultime due classi superiori: la IV e V ginnasiale. Vi giunse il 20 settembre 1934, con altri tre educandi, accompagnati da p. Antonio Maria Di Stefano (1907-1991). Il loro arrivo trovò la comunità in un momento di lutto per la inaspettata e prematura morte di p. Guido Parente (1902-1935). Questo impedì che i nuovi arrivati venissero festeggiati, come era consuetudine. Anzi gli fu richiesto di partecipare al rito funebre, che fu officiato il giorno successivo.

Direttore dell'Educandato, che reclutava vocazioni dal centro Italia, era p. Vittorio Bonello (1930-1939), che godeva larga fama di severità e di metodi austeri. La formazione, anche all'interno dell'Educandato, non era esente dall'influsso dei criteri pedagogici propugnati dal Fascismo, che si stabiliva di educare la gioventù alla disciplina, nella prospettiva dell'arruolamento nell'esercito o della chiamata alla leva, in caso di guerra. I metodi paterni e improntati a serena bontà del p. Piller erano un ricordo già lontano. Il giovane aspirante dovette abituarsi all'impostazione quasi "militaresca" del p. Bonello, che non risparmiava penitenze agli aspiranti. Nonostante la sua fama di uomo inflessibile, il direttore seppe cogliere le caratteristiche della personalità del nuovo arrivato, come si può desumere dal giudizio oggettivo, seppure asciutto ed essenziale, che egli formulava alla fine del biennio, definendo l'alunno: *di buona intelligenza e di buon carattere, caritatevole coi compagni, e docile coi superiori*. Inoltre, aggiungeva: *Si è dimostrato molto attaccato alla vocazione religiosa*. E precisava: *di sana e robusta costituzione fisica*, informazione che ci lascia intuire che la salute era stata pienamente recuperata.

Il parroco di Magenta, interpellato da p. Bonello, attestava in una lettera del 3 gennaio 1935, che le condizioni della famiglia Oldani non erano economicamente buone, per la numerosa prole, la disoccupazione e la crisi del lavoro. E si offriva di pagare alcune rette, non soddisfatte dai genitori. E nello stesso tempo forniva notizie circa la breve permanenza di Oldani in famiglia, nell'estate del 1934, prima di incamminarsi per Scifelli: «Vidi l'alunno Davide nelle passate vacanze

e fui lieto di sentirlo contento e di trovarlo in buona salute. Confido che egli corrisponde a dovere alle cure affettuose che gli prodigano per la sua istruzione ed educazione al sacerdozio e si voglia meritare con la benedizione di Dio anche la benevolenza dei suoi superiori». Probabilmente in quella circostanza dovette ricredersi ulteriormente riguardo al proprio giudizio sulla vocazione di Oldani.

Un ricordo della sorella Teresa ci apre uno spaccato sulla povertà di quegli anni. Quando il papà lo andò a prendere alla stazione, nella breve visita che i superiori gli concessero al paese natio, si accorse che i pantaloni erano quelli di due anni prima: gli arrivavano a mezza gamba. Prima di portarlo a casa, entrò in un negozio e gliene comprò un paio nuovi, *a costo di lasciare la famiglia senza mangiare*, commentava Teresa.

Una nota manoscritta giunta fino a noi riporta i voti del secondo e del terzo anno scolastico, con il giudizio complessivo: «*excellenter* 10».

Anche la permanenza a Scifelli volgeva al termine, rappresentando un ulteriore tappa superata nel cammino di preparazione alla vita religiosa che sarebbe stata ufficialmente e canonicamente avviata con l'ammissione al Noviziato.

L'anno di prova fu trascorso a Ciorani (SA), nella casa madre della Congregazione. Oldani vi giunse il 12 settembre 1936. Dopo qualche giorno, fece, come da prassi, i quindici giorni di esercizi spirituali che precedevano la vestizione religiosa, avvenuta il 28 settembre 1936, essendo maestro dei novizi p. Francesco Grimaldi (1887-1959). Anche questa insigne figura di formatore, ricordato per *esemplarità, generosità, dominio di sé, riserbo e pietà* ebbe certamente un notevole influsso sul cammino del giovane novizio.

L'anno del noviziato, come veniva descritto nella Regola e nelle Costituzioni della Congregazione, era un banco di prova, nel quale vagliare ulteriormente la vocazione dei candidati e addestrarli alla vita religiosa, puntando soprattutto sulla dimensione della vita spirituale e sulla interiorizzazione dei contenuti della Regola di S. Alfonso. Lo ribadiva *La Regola dei Novizi*: «Il fine del Noviziato nella nostra Congregazione, come nelle altre religioni, è doppio; cioè provare ed essere provato»⁴.

⁴ *Regola dei Novizi della Congregazione del SS. Redentore, voltata dal testo latino e pubblicata coll'autorità del R.mo P. Niccolò Mauron, Roma 1868, 69.*

I ritmi che scandivano questo tempo di assoluto ritiro non erano esenti da momenti di verifica e connotati da una impostazione esigente e disciplinata di osservanza. Un piccolo aneddoto, ricordato dallo stesso Oldani, dimostra la rigidità di tale impostazione. La tentazione di mangiare caramelle nel tempo proibito colse il novizio in un momento di fragilità, e fu all'origine della formulazione del proposito di essere sempre fedele, *specialmente nelle piccole cose*. Al candidato era richiesta l'osservanza rigorosa della Regola dell'Istituto, la prontezza all'obbedienza e lo spirito di preghiera. L'esercizio delle virtù religiose che contraddistinse questo periodo della sua vita religiosa, destò l'ammirazione dei superiori che additavano il giovane Oldani a modello per i suoi stessi compagni.

Nella domanda autografa per la professione, indirizzata al rettore maggiore p. Patrizio Murray (1865-1959), e datata 22 agosto 1937, il giovane novizio, ormai alla fine dell'anno canonico di noviziato, asseriva: «Alla presenza della SS. Trinità e di Maria SS. dichiaro sentire in me la vocazione allo stato clericale nella Congregazione del SS. Redentore e di abbracciare tale divina vocazione, con tutta libertà, con piena cognizione, e senza coazione veruna. Pertanto, umilmente prostrato ai suoi piedi, la prego di accettarmi, benché indegno, nel numero dei suoi figli in questo santo istituto, ove dichiaro essere risoluto con la grazia di Dio, di Maria SS e di S. Alfonso, di vivere fino alla morte, ed inoltre, la supplico a volermi ammettere alla professione dei voti temporanei».

La Professione temporanea, emessa il 29 settembre 1937, nella chiesa della SS. Trinità di Ciorani, nelle mani del p. Biagio Parlato (1884-1963), superiore provinciale dei Redentoristi napoletani, concludeva anche l'anno di Noviziato, inserendo a pieno titolo il candidato nella vita della Congregazione. Furono testimoni al rito di professione: lo stesso p. Francesco Grimaldi e p. Bernardino Casaburi (1909-1979). Si concludeva anche l'esperienza vissuta in uno dei luoghi più cari alla memoria del Fondatore e dei suoi primi compagni, dove Davide certamente respirò il fascino dell'ideale redentorista che aveva abbracciato con tutto sé stesso.

Liter di preparazione al sacerdozio continuò nello Studentato di Filosofia e Teologia di Cortona, nell'arco cronologico compreso tra il 1937 e il 1943. Nell'ampia struttura erano riuniti gli studenti reden-

toristi delle tre provincie italiane: romana, napoletana e siciliana. Lo Studentato redentorista apriva le sue porte anche ai seminaristi diocesani e ai chierici di altri ordini o congregazioni religiose, riscuotendo ampio consenso dai vescovi delle diocesi vicine, per la qualità del suo programma di studi. Il 13 ottobre 1939 inoltre, giungevano a Cortona cinque studenti polacchi, a completare il quadro dello studentato che arrivò a contare sessanta chierici, ai quali si aggiungevano 14 seminaristi esterni. Erano gli anni della dittatura fascista e delle conquiste africane, oltre che quelli in cui si preparava il secondo conflitto mondiale. La guerra non risparmiò disagi alla comunità. Nel 1941 la casa fu adibita ad ospedale militare, determinando il trasferimento degli studenti in diverse residenze provvisorie: a S. Egidio, a Villa Modena e al Collegio vescovile San Giuseppe. Nel 1942 la comunità veniva di nuovo smembrata, e alcuni studenti trasferiti a Scifelli.

Oldani fu tra quelli che rimasero a Cortona. Un episodio, riportato nella Cronaca dello Studentato lo menziona esplicitamente. Una sera di un imprecisato giorno del 1943, giungeva al collegio un convoglio di soldati tedeschi con alcuni prigionieri di guerra che intendevano collocare nella casa religiosa: «Fra Oldani salta dal letto, mezzo vestito, esce di stanza si imbatte all'improvviso in un soldato interprete di varie lingue che chiede dal nostro deposito l'occorrente per far dormire venti inglesi e tre croati, prigionieri che giungono dal fronte. Sentito di che si tratta, e calmato dall'interprete che sembrava molto deciso, si veste completamente e va ad avvisare il p. Rettore»⁵.

Diversi furono in quegli anni i padri che ricoprirono il ruolo di "prefetto" dello Studentato: p. Vladimiro Felici (1888-1964), p. Luigi Vori (1897-1996), p. Antonio Canuto (1907-1972). Tra i docenti merita una speciale menzione lo storico p. Riccardo Pitigliani (1881-1951), che fu anche rettore della comunità. Fu padre spirituale dei chierici p. Luigi Bertasi (1867-1951), confessore di San Luigi Orione e di quasi tutto il clero cortonese. Erano certamente religiosi distinti, tra i migliori che in quell'epoca poteva vantare l'antica Provincia Romana della Congregazione, personalità forti, che hanno avuto una in-

⁵ APR, S. TROIANI, *Cronaca dello Studentato della Provincia Romana 1892-1963*, dattiloscritto, Roma 1982, 70.

dubbia e notevole influenza sulla formazione del candidato, in uno dei momenti più delicati del suo percorso vocazionale, la preparazione al sacerdozio.

In questo periodo a Cortona egli emise anche la professione perpetua, il 13 aprile 1940, «ritardata per mancanza di età», nelle mani di p. Luigi Vori; testimoni al rito furono i padri Bernardo Bonello, già suo direttore a Scifelli e p. Enrico Iannoni (1915-1944). La concisa relazione, a firma di p. Bonello definiva il chierico Oldani: «di buon ingegno e di buona indole». Il giudizio del Bonello, formulato pochi anni prima a Scifelli, non era mutato, anzi, veniva acclarato da quello di altri autorevoli membri della comunità formativa.

Il *cursus studiorum* adottato nello studentato cortonese prevedeva l'insegnamento sistematico delle discipline teologiche: Morale, Dogmatica, Sacra Scrittura, Diritto Canonico, Storica Ecclesiastica, Eloquenza Sacra, Storia della Filosofia, Patrologia e Liturgia, per la durata un quadriennio circa. Era preceduto in genere da un triennio di studi filosofici. In ognuna delle materie studiate egli riportò il massimo dei voti. Non è secondario nella vicenda biografica di Oldani imbattersi in questo dettaglio. Egli, pur non essendo un religioso che si distinse per particolare cultura, ebbe sempre una peculiare attenzione per lo studio e per la formazione permanente, indizio che lascia vedere il suo impegno nella vita consacrata e nel ministero sacerdotale.

A Cortona gli furono conferiti gli Ordini minori, il Suddiaconato e il Diaconato, in date non precisate. La relazione per l'ammissione è del 30 gennaio 1942 e riporta il seguente giudizio, rigorosamente in latino: «*mores, graves; pietas laudabilis; modestia laudabilis; castitas preclara; propensio ad status ecclesiasticum valde evidens; profectus in studiis bonus; religiosa disciplina laudabilis; Spes quam praebebat de sua futura idoneitate ad ministerium sacerdotale bona*». La relazione era ancora firmata dal socio del prefetto p. Bonello. Allo scrutinio della comunità, richiesto per l'ammissione, ebbe 11 suffragi di approvazione su 11. L'esito non è scontato per una comunità religiosa, formata da religiosi di diversa sensibilità provenienza e cultura. Il 6 luglio 1943 dunque riceveva ufficialmente l'unanime approvazione della comunità e dei superiori della Provincia, per accedere all'ordinazione presbiterale, con una relazione più che positiva, firmata dal socio p. Canuto che ricalcava sostanzialmente il giudizio di tutti i suoi formatori precedenti.

Fu ordinato presbitero il 13 ottobre 1943, per l'imposizione delle mani di monsignor Giuseppe Franciolini (1891-1989) vescovo di Cortona. Erano assenti i genitori e il resto della famiglia a causa della guerra. Egli finalmente coronava il sogno di essere sacerdote di Cristo, perseguito con indomita costanza.

4. *Il ministero sacerdotale*

Dopo l'ordinazione, come era consuetudine per tutti i novelli presbiteri, venne assegnato nelle varie case della Provincia per il primo tirocinio pastorale. Si ricorda il suo passaggio nelle comunità di Venezia, Milano, Roma. A Milano prestò la sua assistenza pastorale alle parrocchie del Buon Pastore e di San Pietro in Sala. E predicò nelle parrocchie di Solano, Magnano, Voghera, Cislago. La piccola comunità dei Redentoristi, ubicata a Via Ruggero VII, era di supporto ai confratelli che studiavano all'Università Cattolica e si dedicava all'aiuto pastorale ai parroci della città e della periferia milanese. Non è escluso che durante la permanenza a Milano abbia frequentato qualche corso alla Cattolica, come uditore, come facevano molti giovani redentoristi nei primi anni del loro sacerdozio, per completare la formazione iniziale.

Anche dopo l'ordinazione sacerdotale p. Oldani rimase fedele agli impegni di preghiera e di studio acquisiti durante la lunga formazione. I confratelli che avevano convissuto con lui lo ricordavano come un uomo di preghiera. La prima caratteristica che colpisce chi vive con lui o chi lo incontra è la sua assiduità al raccoglimento, al silenzio e la sua dedizione alla vita interiore. Ad un confratello che si lamentava di non riuscire a fare l'ora di preghiera personale, prescritta dalla Regola, con carità rispondeva: «Non c'è bisogno di dedicare un'ora alla preghiera, tutta la giornata e tutta la vita deve essere preghiera». Egli, infatti, viveva immerso in un clima abituale di preghiera, sempre raccolto in sé stesso e sereno negli atteggiamenti. Pregava con la comunità con una puntualità costante, ma soprattutto pregava personalmente e durante il ministero, anche con il popolo.

Un'altra tappa significativa nel primo periodo della sua vita sacerdotale fu la frequenza al corso di Spiritualità, all'Angelicum di Roma, nel biennio 1951-1952, certamente in previsione di un suo inseri-

mento negli organismi della formazione iniziale. Al termine del corso egli non ritirava il diploma «perché costava», essendogli sufficiente il certificato di segreteria, rilasciato il 24 giugno 1952.

Lo studio della spiritualità gli diede modo di approfondire ulteriormente i contenuti della vita spirituale e di avvicinare autori e scuole di spiritualità, arricchendo così il suo bagaglio di conoscenze.

Il suo primo incarico ufficiale fu quello di “socio” del maestro dei novizi, a Marzocca (AN), dove i Redentoristi avevano fondato una casa religiosa attigua al santuario di S. Antonio di Padova, aprendovi una casa di esercizi spirituali per il clero ed erigendovi anche il Noviziato. Successivamente gli viene data la nomina di “maestro”. La prima volta dal 31 dicembre 1952 al 1° luglio 1955. Tale incarico gli venne conferito dal superiore provinciale dell’epoca p. Luigi Vori che era stato suo prefetto e che aveva fama di essere un uomo osservante, austero ed esigente, caratteristiche che palesano la stima di cui godeva presso i superiori. Gli ambienti formativi erano tenuti in debito conto dai superiori dell’epoca che vi destinavano generalmente i religiosi più osservanti e di provata fiducia. Terminato il periodo di permanenza nella casa di Marzocca fu trasferito in quella di Scifelli (FR), con la seconda nomina a maestro dei novizi, dal 1° luglio 1955 al 20 luglio 1958. Fu riconfermato nell’incarico per la terza volta, il 20 luglio 1958 fino al 16 luglio 1961 e ancora: dal 22 settembre 1973 a tutto il 1974. Quelle che sembrano semplici date, legate ad un incarico, ci rimandano alla fiducia che i superiori che in quegli anni si avvicendarono alla guida della Provincia, ebbero nei confronti di p. Oldani, affidandogli un incarico di estrema importanza per la vita della Congregazione, quello di formare i giovani candidati e di introdurli nelle dinamiche della vita consacrata. Egli fu considerato in quegli anni il primo formatore della Provincia.

All’incarico di formatore venne associato successivamente quello di superiore della comunità. Lo espletò a Scifelli dal 16 luglio 1961 al 27 giugno 1964. Vi fu riconfermato dal 27 giugno 1964 al 27 giugno 1967. Le date di inizio mandato sono quelle della festa Madonna del Perpetuo Soccorso, come era consuetudine nella Congregazione. La comunità era complessa e numerosa, perché al suo interno vi erano l’Educandato e il Noviziato, oltre ad alcuni padri dediti alla predica-
zione itinerante.

La guida della comunità e la sua organizzazione fecero emergere in modo più esplicito le doti di prudenza e di carità del p. Oldani. Egli ebbe la stima e la fiducia di tutti i confratelli e dei superiori maggiori che spesso lo interpellavano per questioni delicate. Lo esprime una lettera del 15 dicembre 1977, indirizzata al superiore provinciale, una delle pochissime giunte fino a noi, in occasione della morte del fratello, in cui lo ringraziava per le attestazioni di vicinanza dei confratelli della comunità di Milano e quelli della sua comunità: «Sono grato ai nostri confratelli che mi hanno lasciato libero tutto il tempo possibile e hanno supplito tutto tra una missione e l'altra. Sono queste le prove più sincere dell'amore fraterno che ci unisce nella nostra vocazione».

Un'altra forma di apostolato lo coinvolse in prima persona in quegli anni. Sacerdoti, religiosi e religiose lo richiesero per la confessione e la direzione spirituale. Aveva il dono dell'ascolto e del consiglio e una grande delicatezza di coscienza, che traspariva maggiormente in quelle occasioni.

All'occorrenza si dedicava anche alla predicazione itinerante. Abbiamo notizia di brevi corsi di predicazione: a Guarcino, per il triduo all'Immacolata; presso le Benedettine di Arpino per gli esercizi spirituali; nel monastero delle Benedettine di Veroli, in qualità di confessore ordinario per quasi vent'anni. Partecipò anche ad una missione popolare a San Benedetto dei Marsi, in sostituzione di p. Di Stefano, nel 1974. Forse l'unica della sua vita missionaria.

A giudizio dei suoi contemporanei, p. Oldani non fu un predicatore popolare, secondo lo stile classico in voga nella sua Congregazione. Non era teatrale, non attirava l'attenzione con gesti eclatanti. Il suo stile piuttosto era essenziale e disadorno. Egli porgeva la Parola di Dio con un tono dimesso e cadenzato, ma con argomenti profondi e pertinenti: *le sue parole piano piano arrivavano e penetravano nell'anima*, testimoniano coloro che lo avevano ascoltato a lungo. *Viveva ciò che predicava*. La sua vera continua ed efficace predica era l'esempio di una vita completamente dedicata a Dio e alle anime. *In lui preghiera, vita e Parola erano un tutt'uno*. Durante la missione a Fontana Fratta disse al p. Gino Carinci: *vai tu per le famiglie, io faccio la missione pregando*. Al ritorno, la sera, il confratello lo trovò ancora in ginocchio. *La preghiera*, secondo un adagio gesuitico, *è l'anima di ogni apostolato*. E lo fu realmente per p. Oldani, che ne fece il motore di ogni sua for-

ma di apostolato e di ministero parrocchiale. E questi contenuti li aveva ereditati dalla scuola di spiritualità redentorista.

La permanenza a Scifelli, sebbene nel clima ritirato del Noviziato, gli permise di conoscere gradualmente il territorio, grazie alle passeggiate e alle escursioni che organizzava con i suoi novizi. Visitando le varie frazioni e i luoghi più marginali, comprese che era urgente la creazione di una parrocchia e la caldeggiò presso i superiori e il vescovo diocesano monsignor Carlo Livraghi (1899-1975).

L'istituzione ed erezione canonica della parrocchia di Scifelli, intitolata alla Madonna del Buon Consiglio, avvenne il 5 novembre 1958. Ad essa fu aggregata la piccola succursale di Fontana Fratta, che per la sollecitudine di p. Oldani, il vescovo monsignor Giuseppe Marafini (1917-1973) erigeva in Vicaria. Si apriva per i Redentoristi di Scifelli una nuova modalità di apostolato missionario. Le piccole comunità rurali diventavano così un nuovo ambito di *missione permanente*, non più straordinaria, come era stato fino ad allora, ma sistematica e continua, significata nella cura pastorale della parrocchia.

5. *Il ministero parrocchiale*

P. Oldani non fu il primo parroco di Scifelli. Viene designato a tale ufficio il 16 luglio 1961 (un'altra data mariana!). Il suo ministero pastorale si protrasse per un ventennio, ossia fino al 20 gennaio 1982. E si svolgeva un momento storico di transizione, caratterizzato dal rinnovamento ecclesiale, promosso dal Concilio Vaticano II e in un contesto culturale, segnato dalle conseguenze della rivoluzione culturale del Sessantotto. Anche se questi cambiamenti epocali arrivavano più lentamente nel piccolo paese, gli abitanti della sua parrocchia e in particolare i giovani non ne erano esenti. La trasformazione di mentalità determinata da questi eventi ecclesiali e culturali interessava in modo più diretto le comunità religiose e la concezione dell'attività pastorale. L'equilibrio e il discernimento di p. Oldani furono determinanti in questo passaggio che non fu esente da tensioni e facili entusiasmi.

Egli, infatti, non ebbe grandi mire pastorali e non si lasciò trascinare dalla tempeste di novità del momento. Pur vivendo il suo ministero parrocchiale in un'epoca di continue sperimentazioni pastorali mantenne fede all'essenziale, richiesto dalla *cura animarum*, senza tra-

scurare l'*aggiornamento* e il *sentire cum Ecclesia* che fu uno dei capisaldi della sua vita sacerdotale.

Il suo profilo può essere inquadrato in quello letterario del *parroco di campagna*, a servizio di tutti, e a tempo pieno. Lo attesta un questionario del 1974, in cui si richiedeva ai congregati la descrizione delle attività apostoliche compiute nell'anno. Alla voce *attività parrocchiali* egli rispose in modo stringato: «cura ordinaria, preparazione ai sacramenti, a Scifelli e alla Vicaria. Accostamento individuale presso malati, loro famiglie, presso bisognosi». In queste risposte lapidarie e asciutte è possibile individuare l'idea di apostolato maturata da p. Oldani e il suo stile di parroco. La vita pastorale ordinaria e la preparazione ai sacramenti egli le impostò e le visse con una chiara connotazione missionaria, adeguata alle esigenze del proprio territorio, frammentato e dislocato. Egli sceglieva la metodologia più impegnativa e meno eclatante: *l'accostamento individuale*. La sua idea di ministero parrocchiale si basava essenzialmente sulla relazione umana, sul rapporto personale, con particolare priorità verso le categorie più abbandonate. I principali destinatari della sua sollecitudine pastorale furono essenzialmente i malati, i bisognosi e le famiglie. Con la sua nota delicatezza, a poco a poco, visitò tutte le case del territorio parrocchiale e si introdusse nella vita delle famiglie e dei singoli, guadagnandosi la fiducia e la stima di tutti. La sua innata bontà e la discrezione con cui si accostava a persone e situazioni lo aiutarono a vincere la iniziale diffidenza della gente, che si era ritrovata ad avere un parroco di origini lombarde! E dall'altra parte possiamo immaginare che non fu facile nemmeno per lui comprendere immediatamente le dinamiche sociali e la mentalità dei contadini ciociari. Anche questa nota umana del ministero di p. Oldani merita la nostra attenzione. La sua fu a tutti gli effetti una capacità di inculturazione e di adattamento, che non è scontata, data la distanza culturale tra i due mondi che lo interessavano: quello di provenienza e quello di apostolato.

L'imparzialità fu un altro dei criteri vincenti del suo ministero. Accoglieva e aiutava indistintamente tutti. Sbrigava e seguiva personalmente tutte le pratiche burocratiche per le pensioni e i contributi, le pratiche sanitarie di gente analfabeta e bisognosa, spesso in condizioni di degrado, ignoranza e abbandono, in molti casi inconsapevole dei propri diritti. Si recava di persona agli uffici competenti perorando la

causa dei suoi parrocchiani più disagiati con fermezza, dedicando a questa attività gran parte del suo tempo. Fu questa la sua modalità di rimanere vicino agli ultimi, promuovendo in tutti i modi possibili la loro emancipazione e la garanzia dei diritti fondamentali.

Un impiegato statale testimonia che *al p. Oldani non si poteva dire di no*. La sua innata signorilità e la gentilezza del suo tratto conquistavano letteralmente quanti lo incontravano.

Visitava frequentemente tutti gli ammalati della parrocchia, a volte offrendosi anche per qualche servizio, senza calcolare tempo e fatica. Conosceva tutte le famiglie e tutte le case, anche le più marginali. Si fermava ad ascoltare le persone, offrendo consiglio e conforto. Molti anziani affidavano al loro parroco i risparmi e i libretti postali, essendo l'unica persona di cui si potevano fidare ciecamente.

Si impegnò anche a celebrare in alcune chiesette rurali, distribuite sul territorio circostante e nelle contrade San Lorenzo, Morelli, Morroni e San Sossio, ad Arpino, recandosi in quei luoghi, in alcuni casi, a piedi e anche con la neve.

Fu anche docente di religione nelle scuole elementari, per quattro ore settimanali. Accoglieva nei locali del collegio, ormai per la maggior parte dismessi, gruppi di scouts dalle periferie romane, a prezzi davvero irrisori, per dare ai ragazzi la possibilità dei campi scuola e dei ritiri.

Tra le innumerevoli iniziative, messe in atto per elevare il tenore di vita spirituale e sociale dei suoi parrocchiani, p. Oldani è ricordato dagli abitanti di Fontana Fratta, per aver progettato e realizzato la chiesa della Madonna del Perpetuo Soccorso, in un luogo quasi nascosto, riqualificandolo, e offrendo alla popolazione la possibilità di partecipare all'Eucaristia domenicale. Con la sua paziente opera di mediazione, silenziosa e tenace, promosse la realizzazione della strada rotabile che collega la piccola località a Scifelli, un tempo mulattiera di terra battuta. La chiesa è stata tra le prime iniziative del suo ministero di parroco, segno di attenzione per i suoi parrocchiani, logisticamente lontani dal centro parrocchiale, e spesso impossibilitati a raggiungerlo. Iniziata nel 1962, ancora in costruzione, la chiesa ospitò la missione popolare, predicata in quei mesi. Corredata dal piccolo campanile, con due campane, una delle quali dedicata alla Madonna del Perpetuo Soccorso e forgiata dalla Pontificia Fonderia Marinelli di Agnone, e dalla sacrestia, l'edificio fu edificato in un triennio, grazie al Cantie-

re scuola, finanziato dal Ministero del Lavoro e con la manodopera di volontari, tra cui i novizi redentoristi e il loro maestro. La costruzione fu affidata all'impresa di Serafino Fasari ed Eugenio Campoli, su progetto del geometra Umberto Scarsella. L'inaugurazione avvenne nel 1966, come ricorda una targa marmorea sulla facciata⁶.

L'edificio, proporzionato alle esigenze di una piccola comunità ed essenziale nelle sue linee architettoniche, è costituito da un'unica aula liturgica, in forma rettangolare (lunga mt. 13,20 e larga 7,40) e converge sul piccolo presbiterio con altare rialzato. Sulla parete frontale, in un'ampia cornice in marmo bianco, si ammira l'immagine della Madre del Perpetuo Soccorso, con corone dorate, in un'artistica riproduzione dell'icona originale, poggiata sull'antica, come certifica il documento di accompagnamento, sul retro della stessa. La copia è la n. 6864, tra quelle spedite da Roma, e porta l'autenticazione del superiore generale dei Redentoristi p. Guglielmo Gaudreau (1897-1968). E la data di autenticazione: 27 giugno 1964. Incastonata in una bella cornice, con passe-partout bianco, risalta nei colori e nelle forme che mettono in rilievo il soggetto sacro, ispirando devozione a chi prega. Nel 1966 si celebrava il Primo Centenario del ripristino del culto all'icona, nella chiesa romana di S. Alfonso all'Esquilino⁷.

La cappella nel 1968 fu dichiarata *vicaria autonoma perpetua*, diventando chiesa sacramentale e garantendo la possibilità della pratica di vita cristiana agli abitanti.

P. Oldani ebbe anche alcuni incarichi provinciali, all'interno della Congregazione: fu scelto in più occasioni come delegato al Capitolo provinciale (1969-1972 e 1972-1975). Inoltre, fu votato dai confratelli come primo consigliere provinciale ordinario, incarico che espletò dal 12 luglio 1972 al 4 luglio 1975.

Il 22 agosto 1973 ebbe la gioia di essere ricevuto in udienza da San Paolo VI, a Castelgandolfo, in occasione dei festeggiamenti per il Secondo Centenario della fondazione della Casa di Scifelli. Il comita-

⁶ Cf. V. LA MENDOLA, *La chiesa della Madonna del Perpetuo Soccorso a Fontana Fratta*, in «Il Soccorso Perpetuo di Maria», 4 (2024), 12-13.

⁷ Cf. V. LA MENDOLA, *Padre Davide Oldani. Missionario di Maria in terra ciociara*, in «Il Soccorso Perpetuo di Maria», 2 (2026), 18-19.

to, presieduto da Ernesto Boccia, attraverso una sua delegazione, presentò al Papa copia della Madonna del Buon Consiglio del Gagliardi (realizzata nel 1898). Il Pontefice allargando le braccia e fissando l'immagine esclamò: *quanto è bella!*

La commemorazione della fondazione della casa ebbe un eco in tutta la Congregazione e nella Diocesi. Per quella occasione fu inaugurato il nuovo altare e l'impianto elettrico delle campane. Ma l'evento che più di ogni altro diede risalto al Centenario fu l'incoronazione della Madonna del Buon Consiglio, "regina di Scifelli", il 25 agosto 1973, dal vescovo monsignor Umberto Florenzani (1919-1987). La cronaca dettagliata degli avvenimenti è stata pubblicata a cura di p. Giuseppe Maria Pascoli (1911-2006)⁸. Ciò che colpisce, leggendola, è l'assenza di qualsiasi riferimento diretto a p. Oldani, che fu l'anima di tutte le iniziative realizzate, ma mantenne il suo anonimato, lasciando agli altri il merito, come nel suo stile, evangelicamente defilato.

6. La malattia e la morte

Certamente la pagina più edificante della vita di p. Oldani fu quella finale che comprende il lungo periodo della malattia e della morte. Anche di questi eventi ci è stata trasmessa una cronaca dettagliata, in forma di diario, a cura di p. Giuseppe Scelzi (1926-2025), coadiuvato dagli amici di p. Oldani. L'opuscolo dattiloscritto fu distribuito in occasione del trigesimo, il 20 febbraio 1982. Ad oggi è la fonte principale a cui attingere per conoscere il decorso della malattia di p. Oldani e le circostanze materiali e spirituali che hanno scandito quell'ultimo brano della sua esistenza.

L'incipit del diario merita di essere riportato integralmente come introduzione a quanto segue, essendo un quadro esauriente della personalità e della spiritualità del parroco di Scifelli: «P. Oldani non ha fatto miracoli, né compiuto gesti strepitosi di virtù eroiche. È stato sempre pio, raccolto, tutto dedito alla causa di Dio. Verso i fratelli è stato l'umile servitore di tutti, specialmente con i più umili, gli anziani, gli

⁸ P. GIUSEPPE M. PASCOLI, *Solenni celebrazioni per il 2 Centenario della fondazione di Scifelli (1773-1793)*, dattiloscritto, Roma 1973.

emigrati, i malati. Non ha parlato mai di sé, né conosceva la prima persona "Io". I seguenti ricordi dell'ultima malattia sono lo specchio della sua semplicità e della sua religiosità, maturata nel nascondimento».

Le vicende che riguardano l'ultima malattia iniziarono nel 1979, con i primi accertamenti e il relativo ricovero a Roma presso la clinica Moscati, poi Columbus, su prescrizione del medico curante dottor Mione, dove si procedette ad una gastrectomia subtotale. Già da quel primo ricovero la figura mite e umile di p. Oldani attirò l'attenzione dei medici e del personale della clinica. Emerse fin dai primi giorni il suo contegno sereno e la pazienza nel sopportare i disagi causati da una stanza doppia, da condividere con un altro paziente, che gli impedivano il raccoglimento e la preghiera.

Il biennio successivo trascorse relativamente sereno. I problemi riemersero nell'autunno del 1981. Nel mese di novembre trascorse un periodo di riposo a Magenta, ritornando nel suo ambiente familiare. Il 22 novembre, dopo ripetuti inviti dei confratelli e di alcuni amici, accetta di ricoverarsi nuovamente alla clinica Moscati. Questa volta gli viene assegnata una camera singola dove può rimanere raccolto e pregare a suo agio. A chi lo visita egli risponde con la sua consueta serenità che *la sua malattia è nelle mani di Dio*. Si proseguono intanto ulteriori accertamenti che non lasciano dubbi sulla diagnosi temuta: tumore al fegato in metastasi. La diagnosi e le cure erano state effettuate dal dottor Pasquale Ficara che divenne uno dei più autorevoli testimoni di quegli eventi. Alla richiesta se fosse il caso di mettere al corrente il paziente della sua situazione, avanzata da p. Scelzi, egli rispondeva: «Il padre ha una personalità straordinaria. È un uomo di una religiosità intensa». Fu lo stesso medico ad illustrargli le sue condizioni, in un colloquio privato avvenuto in quei giorni.

Si proseguirono le indagini cliniche, e si paventava la possibilità che le cure proseguissero nella casa religiosa, dove il dottor Mione si offriva di prestare assistenza a domicilio. Fu in questa prima fase che egli, prendendo coscienza della delicatezza della sua salute, esprime le sue intenzioni su come vivere la malattia: «Offro la mia vita perché si faccia pace tra i miei parrocchiani». Una divisione in due fazioni della comunità lo faceva soffrire immensamente. Nonostante la sua opera di mediazione, non era riuscito a ricucire lo strappo. Pregava e aspettava la conversione dei suoi parrocchiani.

Il 23 dicembre lasciava la clinica ed era accolto dai confratelli nella comunità romana di San Gioacchino, dove trascorse le feste natalizie, ricevendo alcune visite di parenti. Il cronista commenta: «È calmo e sereno. Soffre ma non mostra ribellione. Prega. La sua anima è assorta nella volontà di Dio». Intanto tutti notano il suo dimagrimento e il pallore del volto. La cugina commenta: «Ha saputo soffrire in silenzio: da solo con il Signore». Gli esami successivi confermavano la fatalità della diagnosi. Ma il padre rimaneva sereno.

La dottoressa Gisella Ferretti esegue un'accurata visita che si protrae per quasi un'ora. Osservando da vicino il contegno del paziente si rese conto di trovarsi di fronte ad un uomo al di sopra del normale. L'ultimo verdetto fu del dottor Ficara e non lasciava margini di speranza. La situazione agli occhi del medico era grave. Egli, convinto della sua irreversibilità, ancora esprimeva chiaramente al superiore il suo parere circa l'opportunità di informare l'ammalato: «Ricordiamoci che abbiamo l'obbligo morale strettissimo di dire tutta la verità a p. Oldani. È un uomo di fede. Un uomo straordinario e non dobbiamo nascondergli nulla». Alle perplessità del superiore e dei confratelli, Ficara obiettava con ferma sicurezza: «La conoscenza del male lo maturerà ancora di più nella fede». Parole così schiette, espresse da un uomo di scienza, lasciano intuire l'impatto che sul noto medico romano ebbe la figura di p. Oldani.

Ormai non c'erano dubbi. Anche se qualche giovane medico lasciava sperare in qualche margine di ripensamento della diagnosi. Il padre chiese di rientrare in comunità. Aveva molte pratiche in sospeso da chiudere e molte cose da sistemare. Al superiore che telefonicamente gli chiedeva informazioni su quanto detto dai medici rispondeva sereno: «Non c'è nulla da fare. Via libera per il Paradiso!». Una frase che risuonò come la colonna sonora di quegli ultimi giorni. Al dato scientifico che non lasciava margini di speranza egli oppose la sua visione cristiana della malattia: ormai nulla lo avrebbe potuto ostacolare nella corsa verso il Paradiso. E non pensiamo che una tale serenità lo abbia esentato da paure e momenti di scoramento. Ma in mezzo a questo tumulto di pensieri egli seppe mantenere una calma inalterabile, un pieno e totale dominio di sé stesso, scegliendo di reagire con le armi della fede e dell'abbandono in Dio.

A Scifelli riprende la vita di comunità e il suo ministero, con un evidente affaticamento. All'abbadessa delle Benedettine di Veroli, che lo raggiunge telefonicamente per avere notizie circa il suo stato di salute, egli rispondeva: «Sto benissimo. Benissimo. E il primario mi ha messo in uscita, per il Paradiso. Si faccia quello che vuole il Signore. Io desidero tanto andare subito da Gesù, ma il bravo dottor Mione sta facendo tanto. Io non trascuro nulla e lascio fare». In questo atteggiamento di chi "lascia fare" si intravede la maturità spirituale del padre, distaccato da sé stesso e totalmente immerso nello sforzo di abbandono al Signore.

Anche la *sua* gente manifestava il desiderio di vederlo. La fisionomia non lasciava dubbi sulla gravità del male: il volto scavato, scarno, pallido, gli occhi dolci e la voce sempre bassa, con un evidente dimagrimento. *Parlava di vita eterna e di fare la volontà di Dio*, ricorda un testimone. Invitava tutti *a volersi bene ad aiutare specialmente i bisognosi*. Viene a visitarlo il confratello p. Carmine Belvedere (1936-1988), il quale riportava con evidente commozione i suoi ricordi: «P. Oldani guarda con occhi grandi. Sono orlati di giallo. Mi fa impressione. Ha sempre avuto lo sguardo dolce. Sembra racchiudere il mistero del dolore ora. Chissà quanto soffre e non si lascia uscire un lamento».

Spesso deve mettersi a letto per riposare. Non riesce a lavorare a lungo. Dopo qualche giorno, comincia a manifestare al superiore il desiderio di ricevere il sacramento dell'Unzione degli infermi. Lo vorrebbe fare in una celebrazione pubblica, in chiesa, con i suoi parrocchiani. Alle perplessità del superiore risponde: «Sono parroco. Non posso predicare. Qui non sono abituati a ricevere l'olio santo in tempo. L'esempio è la mia predica». Intanto il 14 gennaio era arrivata la sorella Teresa. Anche i sacerdoti e il vescovo si interessano delle condizioni del padre. Al ritiro del clero che si svolgeva in quei giorni i preti della diocesi esprimono tutta la loro vicinanza alla comunità e al venerato padre. Tutti all'unanimità manifestavano la loro stima verso un uomo che non esitano a definire "un santo". E un santo che voleva a tutti i costi passare inosservato.

Il 17 gennaio ha luogo la celebrazione nella quale gli viene amministrato in forma comunitaria il sacramento dell'Unzione degli Infermi. Dopo il Vangelo p. Oldani prende la parola e dice: «Ho chiesto io stesso al superiore di ricevere l'Unzione dei malati. Sono vissuto per

tanti anni in mezzo a voi e voglio morirvi. Pregate per me, io pregherò per voi». La commozione gli frena la parola sul labbro. Molti parrocchiani affollano la chiesa. Si era diffusa la voce che gli sarebbe stato amministrato il sacramento dell'Unzione. La commozione è generale. Qualcuno esce fuori: non regge il peso di un'emozione così forte. Anche la sorella va dietro una colonna e piange. Dopo la messa alcuni lo vanno a salutare, altri escono per non farsi vedere in lacrime. A chi gli faceva notare lo strazio di quei momenti egli serenamente risponde: «Ho voluto dare l'esempio ai miei parrocchiani: affinché anche loro sappiano chiedere in tempo la Sacra Unzione e andare incontro al Signore. Siamo per la vita eterna». Intanto giungono la sorella Maria e altri familiari. Le due sorelle saranno presenti agli ultimi momenti di vita del padre, circondandolo di affetto.

Il 18 gennaio si manifestano sintomi di un chiaro peggioramento. Si interviene per arginare il male. Non potendo scendere in chiesa, p. Oldani fa chiedere al vescovo la dispensa per poter celebrare la messa in camera. Finché non arriva il consenso esplicito non vuole che si celebri. Per lui la parola del vescovo è vincolante. Durante la notte sopravviene un'altra emorragia. Al mattino giunge il permesso per la celebrazione. Ma non ha le forze per alzarsi dal letto.

Nel frattempo, giunge da Roma p. Franco Desideri (1936-2020), suo ex novizio. Rimane sbalordito per le condizioni dell'ammalato: «Entrato nella stanza mi colpisce il colore marcatamente giallo-verde del viso e l'aspetto generale alquanto debilitato. Tutto l'insieme mi fa comprendere che p. Oldani vive l'ultimo atto della sua vita». Trascorre del tempo accanto al suo maestro, ascoltando alcune considerazioni espresse in un momento di serena lucidità: «Ecco che cosa è la vita. C'è un inizio e una fine. Mi preparo a morire». Dopo pranzo l'ammalato è tormentato da un singhiozzo insistente, martellante, che si ode per tutto il collegio. P. Mattia Fiorini (1911-1988) gli porta la Comunione. Dopo poco tempo inizia il tormento della sete. Non può assumere nemmeno un sorso d'acqua, perché deglutire gli provoca gravi dolori. Gli si passa sulle labbra un pannolino inzuppato. Seppure sofferente all'inverosimile, egli mantiene un contegno di composta accettazione del dolore. Nessuno ricorda di avergli sentito esprimere un lamento. Solo qualche movimento e qualche smorfia di dolore contenuto.

Il 20 gennaio è l'ultimo della sua vita. È agitato e non riesce a stare fermo. Soltanto quando sente pregare vicino a sé si calma. Lo vegliano a turno le sorelle e i confratelli, ininterrottamente. Il superiore, rimembrando l'obbligo di dirgli tutta la verità, espresso dal professor Ficara, gli si accosta per dirgli con estrema delicatezza: «Sei cosciente di essere gravino?». L'infermo esita un attimo. Poi annuisce. Chiede a p. Desideri di celebrare per lui e secondo le sue intenzioni. Segue la celebrazione con il suo solito contegno raccolto e, al momento della consacrazione, alza la mano per concelebbrare. Sarà la sua ultima Eucaristia, offerta sul letto del dolore. La preghiera delle monache Benedettine e delle suore Salvatoriane lo sostiene. Anche il popolo di Scifelli vive momenti di trepidazione e innalza preghiere. Tutti hanno sul volto la tristezza di un distacco che si annuncia imminente.

Giunge anche il superiore provinciale che gli impartisce l'assoluzione e la benedizione papale. A mezza mattinata una scena lascia tutti commossi. La sorella Teresa, al culmine del suo dolore, esplode dicendogli: «Addio fratello. Ora sei contento. Ora vai a casa tua. Quella è la tua casa». Si ricorda sottovoce la sua ultima permanenza a Magenta, quando i parenti gli manifestavano il desiderio che la sua salma fosse tumulata nella tomba di famiglia. Egli vi si oppose con determinazione: «No. La mia famiglia è quella religiosa e voglio essere seppellito con loro in qualunque casa dei Redentoristi mi troverò alla morte». Alle rimostranze di alcuni familiari la cugina Angela esprimeva alcune considerazioni di grande profondità: «Davide non è come noi, della terra. La sua casa è in cielo. Quante volte l'ha detto: siamo per la vita eterna. Non è nostro, è del Signore». Risonanze che ci restituiscono l'idea che del padre si erano fatta i familiari.

Intanto le condizioni dell'infermo sembravano ulteriormente aggravarsi, e arriva in questo stato semi comatoso a pochi minuti dal mezzogiorno. I presenti iniziano a pregare i misteri gloriosi del Rosario. Appena incominciato il primo, nel quale si contempla la risurrezione di Gesù, il padre esala dolcemente l'ultimo respiro. Senza strepito né manifestazioni eclatanti. Appena una smorfia di dolore composto. *La morte è stata assorbita dalla risurrezione*, commenta qualcuno, con le lacrime agli occhi.

Come sant'Alfonso e san Clemente Hofbauer p. Oldani muore a pochi minuti dal suono dell'Angelus, come aveva pronosticato poco

prima il superiore. Sono le 11,50 circa: è l'epilogo silenzioso di un'esistenza vissuta nella totale donazione di sé.

7. *Le esequie e il ricordo*

Le campane, dopo il suono dell'Angelus, annunziano il decesso. Ricomposta la salma, nel primo pomeriggio viene esposta in chiesa. Come aveva disposto egli stesso, gli viene allestito il tradizionale catafalco, un apparato simile a quello in uso per tutti i fedeli. Senza nessuna distinzione.

Inizia il corteo interminabile di persone che vogliono rendere l'ultimo omaggio al defunto. Non solo di Scifelli ma da tutti i paesi intorno. La notizia si era diffusa a macchia d'olio. Il dottor Mione, sopraggiunto pochi minuti dopo, stende l'atto di morte. Scopre con sorpresa dalla viva voce dei confratelli che già due anni prima gli erano state diagnosticate le due macchie al fegato. Ma egli, medico curante, non ne sapeva niente. Ed esclama: «Ha voluto portare il suo male da solo a solo con il Signore».

Giunge tra gli altri anche il vescovo monsignor Angelo Cella (1923-2008) con il suo segretario, ed esprime le sue condoglianze alla comunità, assicurando che presiederà le esequie. In serata e nella notte i fedeli vegliano la salma in preghiera. Attorno al loro parroco si ritrovano tutti, senza distinzioni né fazioni, che sembrano essersi ricomposte dopo la malattia e la morte del parroco.

L'indomani giungono altri parenti da Magenta. Tutto il giorno si alternano parrocchiani, fedeli e sacerdoti, a pregare intorno al catafalco. Verso le 19,30 viene sigillata la bara. Si tiene una commovente veglia biblica. I padri fanno affiggere nei luoghi del suo apostolato un manifesto, contrariamente alla tradizione della comunità di non fare avvisi necrologici per i confratelli. Vi si riportavano in calce alcune sue parole: *Non temete. Andiamo da Gesù. Lì è la nostra casa.*

Il 22 gennaio è il giorno delle esequie. Si svolgono nella chiesa di Scifelli, alle ore 10,00. Il vescovo all'omelia tratteggiava il profilo del venerato defunto, additandolo come *esempio di vita cristiana, religiosa e sacerdotale.*

Prima della benedizione del feretro il superiore provinciale legge una dettagliata scheda biografica, soffermandosi a descrivere le virtù

del confratello. Sono presenti numerosi redentoristi, provenienti dalle comunità della Provincia, molti sacerdoti e religiosi della diocesi e un numero incalcolabile di fedeli. Perfino le scolaresche e molti operai vengono a rendere l'ultimo omaggio di stima al loro parroco. La celebrazione è animata dal coro, diretto da p. Nicola Fiscante. Al corteo partecipano tante persone, e i bambini portano corone dinanzi al feretro. I confratelli lo accompagnano al cimitero di Veroli dove verrà sepolto, nella tomba dei Redentoristi.

Diversi giornali locali tessono l'elogio del defunto. Così *Avvenire*⁹, *Ricordo e Suffragio*¹⁰, *Potenza e Carità di Dio*¹¹.

Nella circolare indirizzata a tutta la Provincia, del 20 febbraio 1982, il superiore provinciale p. Enrico D'Agostino (1927-2010) sottolineava: «P. Oldani ha offerto la vita al Signore per i suoi parrocchiani che ha tanto amato. Per più di venti anni è stato parroco a Scifelli e ha dato tutto sé stesso per la popolazione, anche se poi, negli ultimi tempi, ha dovuto soffrire la lacerazione del piccolo paese in due fazioni. Sarà stato per lui il dolore più grande. Ciò nonostante, continuava a voler bene a tutti; e guidando la macchina, quando incontrava qualche persona anziana, si fermava e la invitava a salire. [...] Voleva bene a tutti, ma specialmente alla povera gente; era comprensivo con tutti, soprattutto con gli umili. Questo potremmo dire, il primo aspetto della sua santità. E bisogna aggiungerne un altro: la sua coerenza di vita cristiana, religiosa e sacerdotale. Ha vissuto il suo Battesimo fino in fondo, durante la vita e alla fine ha accettato serenamente la morte. Diversi anni fa mi confidò che per lui l'essere stato fatto maestro dei novizi aveva significato una svolta nella sua vita religiosa, perché da allora prese sul serio il fatto che bisogna farsi santi».

⁹ Nell'inserto settimanale per la diocesi di Frosinone, del 31 dicembre 1982, monsignor Francesco Mancini, delegato vescovile, pubblica un articolo dal titolo *Si è spento a Scifelli un esemplare redentorista*.

¹⁰ Nel numero di febbraio 1982 la Redazione ha pubblicato un profilo del defunto.

¹¹ Nel primo numero del 1982 monsignor Andrea Sarra, direttore del trimestrale delle Benedettine di Veroli, pubblica un articolo commemorativo.

Il professore che lo aveva avuto in cura alla Columbus, Pasquale Ficara, il 7 febbraio 1982, indirizzando una lettera al superiore p. Scelzi, affermava: «Qualche giorno prima dell'arrivo della sua lettera avevo avuto notizia della partenza verso il cielo di Padre Oldani. La porta del Paradiso si è schiusa per lui. Fin dal primo ricovero in clinica Columbus ho trovato il Padre nelle pause del dolore, dedito alla preghiera, o alla lettura o alla scrittura di cose sacre [...]. Paziente santo per quella pazienza grande che sollecitava negli altri, comprensivo della sua missione come predicava esistesse tra gli uomini la comprensione e l'amore. La spiritualità della sua vita l'ho visto riflessa nella spiritualità della sua sofferenza e nella forza per accettarla. Volle sempre con coraggio immenso e rassegnazione, sapere tutto del suo male, anche dei limiti imposti (almeno finora) dalle risorse della scienza umana».

La vera e più grande commemorazione, mai interrotta, la continuano a fare gli abitanti di Scifelli e Fontana Fratta. Per loro p. Oldani è un esempio luminoso da seguire, un intercessore da invocare, uno dei personaggi che hanno segnato la storia del territorio e della parrocchia.

In occasione del venticinquesimo anniversario dalla morte è avvenuta una prima commemorazione pubblica e così in altre occasioni. L'intitolazione di una via pubblica al venerato Padre, per interessamento dell'allora assessore Giuseppe Velocci e del sindaco di Veroli professor Giuseppe D'Onorio, con il suffragio del consiglio comunale, sigillava il suo ricordo in una di quelle strade che egli stesso percorse silenziosamente per vent'anni, spendendosi per il bene della popolazione di Scifelli e Fontana Fratta.

RECENSIONI

CIRO VITIELLO, *Gerardo Maiella, Vita – Devozione – Spiritualità*, «I Santi del Messalino», Editrice Shalom, testo rivisto e integrato a cura di S. Fiore, Camerata Picena (AN) 2025, pp. 125.

L'editrice Shalom si era già occupata di San Gerardo nel 2005, con la pubblicazione della piccola biografia di Theodule Rey Mermet, Il Fraticello che giocava con Dio, a cura di p. Luciano Panella. Esattamente vent'anni dopo, alle soglie del giubileo che ci farà celebrare i 300 anni dalla nascita, viene pubblicata nella collana I Santi del Messalino una biografia tascabile del Santo. Che è più di una biografia. Una sorta di manuale – vademecum – di storia, spiritualità e geografia gerardina.

Il lavoro è a due mani: la prima e la seconda parte, a firma del compianto p. Ciro Vitiello (1935-2025) e la terza di p. Serafino Fiore, attuale rettore del Santuario, che ha curato l'edizione con opportune revisioni e integrazioni, con l'Invito alla lettura, una Scheda biografica iniziale e la Nota bibliografica conclusiva, strumenti utili per avere un quadro sintetico sull'argomento e indicazioni pratiche per trovare ulteriori libri per l'approfondimento.

Il piccolo testo è un primo sostanzioso assaggio di spiritualità gerardina, un'efficace introduzione alla figura carismatica del mistico e taumaturgo fratello redentorista. Un valido punto di partenza per interessare e coinvolgere, in modo intelligente, attraverso l'immediatezza della narrazione e la puntualità dello stile, improntato a brevità e densità.

L'autore di queste pagine, Ciro Vitiello, ci ha lasciato una struggente e convincente testimonianza del suo amore a san Gerardo, avendo vissuto e speso molte delle sue energie all'ombra del Santuario, mettendoci competenza e creatività (p. 7).

Questo piccolo libro – esordisce il Curatore – prova a narrare la giovane vita di Gerardo: lo fa con la stessa agilità che contraddistingueva il suo temperamento (p. 5). Tre sono i motivi che ci inducono a prenderlo a leggerlo d'un fiato: una santa curiosità; entrare in una vita,

quella di un santo che attrae e affascina; interessarci dei miracoli, quelli del passato e quelli che si ascoltano ancora oggi come testimonianza vivente dell'opera del Santo e dell'attualità del suo messaggio.

Il testo si articola nelle sue tre sezioni, preceduto da una bella immagine del Santo a colori e dall'Indice.

La Prima parte ci presenta la vita del Santo, in 15 brevi riquadri che ritraggono con efficaci pennellate letterarie – senza pretese – altrettante tappe del suo itinerario di fede, vissute nei suoi brevi ma intensi 29 anni, tra la Basilicata la Campania e la Puglia.

La Seconda parte è un piccolo saggio di “geografia gerardina”, che virtualmente conduce il lettore al principale centro propulsore della devozione, il Santuario di Materdomini, con tutte le memorie, le testimonianze custodite e gli appuntamenti celebrativi annuali. Una puntata sul fazzoletto del Santo ci introduce in quella che può essere definitiva la sua prerogativa principale nel campo dell'intercessione: le gravidanze, che non arrivano e quelle a rischio, le mamme e i bambini. Un'ultima puntata ci permette di dare uno sguardo ai luoghi di culto gerardino, diffusi nel mondo, per offrirci la cifra di una devozione che si è diffusa in diversi paesi, dando origine ad un grande movimento spirituale i cui frutti sono incalcolabili.

La Terza parte, che costituisce l'effettiva novità, è una preziosa, originale e nuova sintesi della spiritualità di San Gerardo, a partire dalla categoria teologica di Mistero Pasquale, chiave di volta per comprendere il suo messaggio di santità, colto a partire dalle due facce della medaglia della sua vita: quella dolorosa che caratterizza molti aspetti del suo cammino e della sua iconografia tradizionale e quella della gioia, della fiducia nella provvidenza e della speranza, tema del Giubileo appena concluso. I temi accennati si possono rintracciare tra le righe del suo Epistolario, nel quale Egli viene presentato come teologo improvvisato. Attraverso il concetto evangelico di Volontà di Dio, l'autore presenta l'atteggiamento di Gerardo di fronte alla vita e alle sue sfaccettature e imprevisti.

Dopo aver tracciato le linee portanti della vita spirituale di san Gerardo alla luce del Mistero Pasquale, p. Fiore si sofferma ad analizzare il suo modo di vivere la fede, contrassegnato dalla straordinaria capacità di entrare in relazione e dalla voglia di annunciarne il contenuto, alla sua maniera.

La Fede è la categoria principale per entrare nell'esperienza di Gerardo Maiella. La riflessione che sviluppa il tema si articola in tre paragrafi: Un paio di piste per capire la fede di Gerardo (pp. 106-112) – Come si esprime la fede di Gerardo (pp. 112-115) – Le risorse della fede di Gerardo (pp. 115-118). Brevi riflessioni che aiutano a cogliere aspetti inediti della spiritualità di San Gerardo e a collocarla in una prospettiva teologica alla portata di tutti.

Non siamo semplicemente di fronte ad un'altra biografia di San Gerardo, né alle prese con un nuovo prodotto di divulgazione. Ci viene consegnato uno strumento di primo approccio, valido, agile ed efficace per portare san Gerardo dove ancora non è conosciuto. Una elegante carta di presentazione, che può diventare il punto di partenza per un incontro e una successiva esperienza di fede.

Acquistarne alcune copie e regalarle alle persone che sono fuori dall'orbita della fede, può essere un piccolo investimento spirituale. Il resto lo farà san Gerardo stesso. È questo, da quasi tre secoli il modo di farsi conoscere: entrare nella vita della gente con la semplicità lineare del suo profilo umano e la naturalezza del suo modo di essere. Provare per credere!

A p. Fiore un sentito grazie per il suo lavoro, felice esordio del Giubileo Gerardino che ci apprestiamo a vivere, auspicando che attraverso i canali di diffusione dell'Editrice Shalom san Gerardo sia conosciuto e amato da un più vasto pubblico.

Vincenzo M. La Mendola, C.Ss.R.

DENNIS J. BILLY, *A Trilogy on Alphonsian Spirituality*. 1. *Holy Exercises: St. Alphonsus de Liguori and the Spirituality of Practice*, p. 125, 2024; 2. *Paradise for God: St. Alphonsus de Liguori and the Spirituality of Heart*, p. 64, 2026; 3. *Going Forth: St. Alphonsus and the Spirituality of Mission*, p. 115, 2026, Roote Books & Media.

Dennis J. Billy, C.Ss.R. recently completed a brief trilogy on Alphonsian spirituality. Three years in the making, it is addressed to the entire Redemptorist family but dedicated to the Redemptorist Partners in Mission (PIM). Fr. Billy did this because PIM is an inte-

gral part of the Redemptorist identity, purpose, and mission and, in many ways, represents much of the future of the Redemptorist apostolate. Ever since the Vatican Council, the laity have been encouraged to assume a more active role in the Church's mission of spreading the Gospel message. The rapid rise of the various Lay Ecclesial Movements represents one lay response to this invitation. PIM is another such response, one that shares in Alphonsus's vision of preaching the Gospel to the poor and most abandoned.

The books are relatively brief, about 100 pages each, and seek to convey in a popular, easily accessible style some of the main currents of the animating spirit behind Alphonsus's evangelizing mission. They were inspired by that moment in Alphonsus's life when, after losing an important legal battle, he went into seclusion and, after days of serious reflection and soul searching, went to the Church of Our Lady of Ransom in Naples, knelt before the altar of Our Lady of Mercy, drew his nobleman's sword, laid it Our Lady's feet, and dedicated himself to serving her for the rest of his life as a priest.

In the trilogy, Fr. Billy connects this critical moment in Alphonsus' life to a verse in The Letter to the Hebrews: "Indeed, the word of God is living and active, sharper than any two-edged sword, piercing until it divides soul from spirit, joints from marrow; it is able to judge the thoughts and intentions of the heart" (Heb 4:12, NRSV). Fr. Billy goes on to liken Alphonsian Spirituality to a double-edged sword. One edge of the sword represents a "Spirituality of Practice;" the second, a "Spirituality of Heart;" the third, the point where the two edges meet in a "Spirituality of Mission." Each of the three volumes focuses on one of these three integral dimensions of Alphonsian spirituality.

Volume one, *Holy Exercises: St. Alphonsus de Liguori and the Spirituality of Practice*, looks at the various practices Alphonsus sought to instill in the hearts of the poor shepherds and peasant farmers in the remote hilltop villages of southern Italy, who had been effectively abandoned by the Church and, as a result, had little access to her sacraments. These practices include: the practice of the love of Jesus Christ, the practice of the presence of God, conformity to God's will, mental prayer, the practice of the Visit, and various Marian practices^{3/4}to name but a few. Volume two, *Paradise for God: St. Alphonsus de Liguori and the Spirituality of Heart*, states that the purpose of these

holy exercises is to pierce the heart and open it to the movement of the Holy Spirit so Christ could befriend it and dwell within it. It examines the meaning of “heart” in the Christian tradition, Alphonsus’s understanding of it, the importance of prayer in facilitating this befriending process, the nature of one’s friendship with God, and the meaning of the phrase, “paradise for God is the human heart.” Volume three, *Going Forth: St. Alphonsus de Liguori and the Spirituality of Mission*, considers Alphonsus’s understanding of the mission to the poor and most abandoned. It considers the origins of “Mission” in the Christian tradition, Alphonsus’s understanding of it, what preaching the Gospel message of “Plentiful Redemption” entails, and the meaning of the phrase “poor and most abandoned.” Each of the volumes stands alone but points to the other two. Their purpose is to shed light on Alphonsian spirituality by means of an image (a double-edged sword) that can be easily remembered, taken to heart, and implemented in the daily lives of the Redemptorist family.

This trilogy does not claim, by any means, to be an exhaustive treatment of Alphonsian spirituality. There is so much more to discover about the spiritual outlook of the man whom Pope St. John Paul II once called “... a giant figure, not only in the history of the Church, but for the whole of humanity.” Rather, it seeks to offer a simple tool for communicating the spirit of this saintly and most zealous Doctor of the Church in a way that can be integrated into the daily lives of the Redemptorists themselves, their Partners in Mission, and the people they are called to serve. Fr. Billy hopes these volumes will be read, discussed, digested, and taken to heart today and by future generations of the ever-widening circle of our Alphonsian family. May it be so and may it one day come to pass.

Dennis J. Billy, C.Ss.R.

F. SACCO, *Alfonso. Polvere e stelle. Un'intervista oltre il tempo*, Editrice Punto Famiglia, Angri (SA) 2026, pp. 158, € 15,00.

Non ci sorprende trovare in libreria un nuovo testo su sant'Alfonso. E con una delle sue più recenti immagini, in copertina. Quella inserita nel presepe artistico, allestito in piazza San Pietro, dalla diocesi

di Nocera Sarno, per la celebrazione dello scorso Natale. Che ha fatto il giro del mondo.

Soprattutto se l'Autrice è una delle sue più giovani studiose. A regalarci questa originale opera sul Fondatore dei Redentoristi è la professoressa Sacco, dottorata in Teologia Morale all'Accademia Alfonsiana di cui è anche docente. E laureata in Scienze Pedagogiche a Napoli. Inoltre, svolge lo stesso insegnamento presso l'Università Pontificia Salesiana e la Facoltà Teologica dell'Italia Meridionale di Napoli, nella sezione San Luigi. Ha inoltre al suo attivo diverse pubblicazioni, oltre ad una ormai indiscussa conoscenza del pensiero di sant'Alfonso, essendo un'assidua frequentatrice delle sue opere, per evidenti interessi scientifici.

L'occasione che dà l'*imput* a questo lavoro è il Terzo Centenario dell'Ordinazione sacerdotale di sant'Alfonso, avvenuta nel dicembre del 1726, a Roma nella rinascimentale cappella del Redentore, all'interno della basilica domenicana di Santa Maria sopra Minerva.

Non siamo in presenza di una biografica classica, né di un saggio teologico o di spiritualità. Anche se questa tipologia di indagine scientifica soggiace al testo che presentiamo come il suo sottofondo. Siamo invece di fronte ad un'opera, nuova nel suo genere e innovativa nel panorama della bibliografia alfonsiana. Una sorta di «viaggio interiore» (p. 115), che l'Autrice ci propone, ricorrendo alla metafora della «macchina del tempo», immaginando di proiettarsi nel Settecento, «un tempo di luci abbaglianti e di sfide feroci» (p. 49), e di ritrovarsi in una delle stanze dell'episcopio di S. Agata de' Goti, definita poi con una efficace pennellata letteraria «la prigionia di un palazzo episcopale» (p. 55), per iniziare una lunga e familiare intervista, raccontata come «un impossibile viaggio nel tempo» (p. 153).

Attraverso quest'opera viene screditato un ormai usurato luogo comune: la storia non è «qualcosa di polveroso relegato ai libri», perché «ci sono personaggi la cui voce continua a parlarci, forte e chiara, anche a secoli di distanza» (p. 5).

A seguito di questo accattivante *incipit* la professoressa Sacco si immerge in un dialogo a cuore aperto con il protagonista che sceglie di non chiamare *santo*, «perché potrebbe farlo sentire troppo distante», né «Monsignore, perché sebbene sia stato un vescovo umile, zelante e amorevole, preferisco che a parlare sia la sua umanità, così che la solennità del ruolo non prevalga sulla genuinità della sua testimonianza»

(p. 6). Motivazioni condivisibile quando si tratta di entrare nelle pieghe dell'umanità e del vissuto, a tutto tondo, di uno dei giganti della santità cristiana. E ci sembra proprio questo lo specifico dell'intervista in oggetto: lasciare emergere l'umanità, la tenerezza e la saggezza «che non è invecchiata affatto» di sant'Alfonso, «un uomo passionale» (p. 51) che ha ancora molto da dire al nostro tempo, se liberato della pesante coltre di una certa agiografia datata che lo ha troppo esaltato per la sua *esimia pietà*, rischiando di occultare la freschezza del suo tratto umano.

Filomena Sacco, con uno stile scorrevole e caldo, con lo sguardo e la sensibilità della teologa, e dalla prospettiva della sua innegabile *identità partenopea*, ripercorre nei dieci capitoli del suo libro, la vicenda umana, spirituale, vocazionale, missionaria, teologica e artistica del santo napoletano, che iscrive in alcune interessanti categorie narrative: «dalla toga alla talare, dalla città alle campagne» (p. 43), lasciando affiorare tutta la «dolcezza» riflessa sul «viso attento e comprensivo» del suo protagonista, la cui «storia è segnata da un brusco passaggio dalla ricchezza alla povertà, dall'essere un Principe del foro napoletano a fondatore di una Congregazione di missionari», passando dal «servire la legge degli uomini» a «quella di Dio» (p. 13).

La costruzione del tessuto narrativo si dipana tra lo stato d'animo dell'interlocutrice, che si presenta inquieta e tormentata da dubbi di fede e da profondi interrogativi esistenziali, e gli atteggiamenti e le risposte del suo protagonista, in un dialogo franco e schietto, rappresentato «nella Napoli del Settecento», e persino «su una panchina», tra rumori e odori della strada, *luogo teologico alfonsiano*, che evoca immagini familiari, in un andirivieni di passato e presente, che rende l'esposizione vivace e dinamica nel suo svolgersi.

Leggendo con attenzione ogni risposta dell'intervistato si ha la sensazione di trovarsi di fronte ad una sorta di «autobiografia alfonsiana», dalla quale emergono, a tratti, i sentimenti, le reticenze, le lotte interiori, espresse nell'immagine assai plastica del «terremoto interiore» (p. 14), e le scelte audaci del giovane avvocato; le sfide del teologo del popolo e i contenuti più genuini dello scrittore più letto nella storia della spiritualità moderna e contemporanea.

L'*intervista oltre il tempo*, come evidenzia il sottotitolo, si immerge nel vissuto del giovane sacerdote, tra i poveri lazzari e: «la scossa sui

monti dell'Appennino Campano» dove egli vede «una miseria che mi spezzò il cuore», e che si pone all'origine della fondazione della Congregazione, definita dallo stesso fondatore: «una scelta ferma a favore degli *scartati*, come dite voi oggi» (p. 15).

L'autrice, con delicata introspezione, penetra nell'interiorità del giovane Alfonso: afferrato dai morsi «di una profonda inquietudine e di una sete di senso che niente riusciva a placare» (p. 16) e in seguito sfociata: «nella pienezza di vita che non si trova nelle ricchezze o nel prestigio», perché «la vera gloria non sta dove brilla l'oro, ma dove batte il cuore degli ultimi» (p. 17).

Al racconto autobiografico, con una trovata letteraria vincente, la professoressa Sacco ricostruisce alcuni ritratti di quei «tanti volti», che hanno popolato la vicenda del santo Primi fra tutti i familiari: il padre, un militare «la cui fede era robusta e temprata ma dura come il legno delle sue navi» (p. 20); la madre, nei cui occhi per la prima volta egli vide «una *Misericordia che abbraccia*» (p. 19). E alcuni personaggi che hanno segnato la sua parabola missionaria: «Pietro Barbarese venditore, di Olive» (p. 38), uno degli aderenti al movimento delle Cappelle Serotine; «Suor Maria Celeste una vera *donna forte*» (p. 44) e Gerardo Maiella, «un difensore della sacralità della vita» (pp. 79-80).

Il racconto, avvincente e sempre più confidenziale, avviene idealmente nei luoghi della memoria alfonsiana, mentre il protagonista «si guarda le mani, quelle mani che hanno benedetto e assolto tante anime, scritto migliaia di pagine» (p. 21). Palazzo de' Liguori ai Vergini, l'Ospedale degli Incurabili, i tribunali, la chiesa di Santa Teresa degli Scalzi, dove si radunavano i fedeli delle cappelle serotine «scuola di formazione alla santità» (p. 35), «Scala sui Monti sopra Amalfi» (p. 42), Pagani, dove tutto parla «di quel piegarsi di Dio sull'uomo» (p. 70), luogo per eccellenza della memoria alfonsiana, sono i luoghi preferiti, per ambientarvi la maggior parte delle scene, rappresentate nel testo.

Del suo «don Alfonso» la scrittrice fa emergere «la fierezza dell'uomo che ha lottato, non solo la mitezza del santo» (p. 25); l'uomo di cultura e l'innamorato del popolo che afferma: «Se oggi riesco a parlare al cuore della gente semplice, è perché ho imparato a studiare l'animo umano tra i codici e le dispute» (p. 29); l'avvocato giovane e brillante che ha stilato *Le Regole dell'avvocato*, spiegando le quali conclude: «per me sono un codice morale» (p. 31), e che, in momento

d'intimità, confessa schiettamente: «Lì, tra i malati e i moribondi capivo che la vera causa da difendere non era quella di un feudo, ma quella dell'uomo abbandonato» (p. 30); il giurista che confida alla sua interlocutrice: «La giustizia ha bisogno di un fondamento solido e questo fondamento solo il Vangelo lo può dare» (p. 34); l'uomo di Dio alla ricerca della santità che asserisce con disarmante oggettività: «Molti miei contemporanei cercavano la perfezione nella legge; io cercavo la perfezione nella Misericordia» (p. 39). Alfonso è presentato come un uomo immerso nel vissuto degli uomini del suo tempo, specie di quelli più abbandonati, cifra di ogni sua evoluzione e realizzazione: «il mio incontro con la realtà cambiò tutto. Non fu una teoria a salvarmi, fu la gente» (p. 50).

Nel fluire della narrazione non poteva mancare un riferimento ai Redentoristi, «una comunità di uomini che fossero pronti a scendere tra gli ultimi» (p. 66). Ancora indicati come: «una comunità che facesse della missione tra gli ultimi l'unica ragione di vita». Concepita dal suo fondatore come un passaggio nodale della sua esperienza di discernimento, la Congregazione, nell'intuizione letteraria della Sacco, rappresenta un punto di svolta nell'esperienza pastorale del Santo: «Fu lì che la mia missione individuale divenne una missione comune» (p. 43).

Nei densi capitoli che si susseguono in un crescendo di pathos narrativo, il testo è distribuito in modo omogeneo, e con equilibrio vengono illustrati i temi cardine della teologia e della spiritualità alfonsiana. Ne elenchiamo alcuni,

tra i tanti individuati nel testo: la vocazione universale alla santità (p. 52); l'Incarnazione, con una *Poesia dedicata a Gesù Bambino* (p. 51); «La Redenzione [che] non è un'idea astratta ma un incontro che guarisce» (p. 67), «*copiosa* perché non si limita a perdonare ma rigenera» (p. 83); la Teologia della croce, intesa «come la teologia della speranza assoluta, comprovata dall'assunto che «nessuna patologia umana è più grande della medicina del sangue di Cristo» (p. 78); e infine il tema della pace del cuore, affrontato nelle sue diverse angolature (p. 135-137), nel cui sostrato si possono cogliere le intuizioni attuali di B. Haring, da poco riproposte all'attenzione dei lettori in una ristampa di alcuni suoi noti contributi.

Ma quelli che occupano uno spazio considerevole nell'opera sono i temi cari alla Teologia Morale, una teologia *pratica* (p. 69), che «non

può essere una lista di divieti» (p. 69); il peccato, mostrato come «una malattia da curare» (p. 82); i sacramenti, presentati come una «una medicina»; la riforma della Chiesa che per Alfonso «parte dai cuori non dalle carte» (p. 58), e comincia dal basso, dalla predicazione del Vangelo ai poveri: «Volevo portare lo stile delle mie Cappelle Serotine dentro la struttura della Chiesa ufficiale. Facendo riferimento ai preti del suo tempo «che pensavano più alle rendite dei terreni che alle anime» (p. 57) e ricordando con dolore che «molti confessori agivano come doganieri non come padri» (p. 54), Alfonso afferma: «Volevo che i sacerdoti fossero pescatori di uomini e non funzionari del sacro» (p. 56).

Nel lungo e lento rimembrare i momenti più salienti della sua esperienza di pastore Alfonso, appoggiato alla sua «vecchia sedia a braccioli», ricorda l'esperienza avvincente delle missioni popolari: «un assedio ai cuori dei peccatori» (p. 62), predicate con «uno stile tutto nuovo». Il vecchio predicatore asserisce: «volevo che la missione fosse un incontro di famiglia» (p. 64).

Per questo motivo sceglie «come stile la semplicità», e stabilisce di «focalizzare sulla Misericordia» (64). Descrivendo l'evangelizzazione delle periferie esplicita la specificità del suo metodo pastorale: «Con la predica noi gettiamo le reti. È un grande rumore, un richiamo per tutti. Ma è solo con la confessione che si tirano le reti al lido e si raccolgono i pesci. La predica muove il cuore, ma è nel confessionale che l'anima viene davvero strappata dalle mani del demonio e riconsegnata a Dio» (p. 106).

Nella sua lunga esperienza di annuncio egli ha sperimentato la validità della musica: «ponte tra due mondi: nasce dalla terra ma si eleva verso il cielo, è umana nella sua espressione e divina nella sua ispirazione. Nei miei canti, – chiarisce Alfonso – i misteri della fede diventano accessibili attraverso la melodia» (p. 73), infatti «la teologia che non sa farsi canto, che non sa entrare nel cuore attraverso una melodia semplice, resta lettera morta», «senza il canto, la verità a volte fa fatica a scendere nel cuore» (p. 87).

Il teologo don Alfonso, nella ricostruzione di Filomena Sacco, ha una visione positiva dell'uomo e una comprensione evangelica della sua condizione. Egli è convinto che «la fragilità umana non è una condanna definitiva ma una patologia che la grazia può sanare» (p. 63), preferisce «la santa allegria che mi ha insegnato san Filippo Neri» per-

ché «la malinconia è la camera d'albergo preferita dal diavolo» (p. 59). Basterebbero questi pochi riferimenti per comprendere la freschezza del profilo di sant'Alfonso, sagomato tra le righe del testo, rispondente in pieno alla verità storica e alla sensibilità del lettore odierno.

Un altro argomento cardine dell'insegnamento morale alfonciano è la fenomenologia della tentazione, che nel testo viene affrontato a partire dal suo agente principale, quasi «un personaggio da fumetti» (p. 116), oggi – sottolinea l'interlocutrice – e sottovalutato dalla cultura contemporanea. Ma definito da Alfonso: «un teologo molto più bravo di noi» «un ladro che prima di entrare in una casa ne osserva i punti deboli, prima di agire con tentazioni subdole perché entrano dalle fessure delle nostre ferite» (p. 117).

Altro tema centrale nella riflessione teologica alfonciana, a cui viene dedicato ampio spazio, è quello della coscienza che «non è un'isola ma un sacrario della libertà», descritta come «un giardino» (p. 83). Alfonso, nella sua appassionata conversazione, a tal proposito, attesta: «la mia morale, cara figlia, consiste nel rendere l'uomo libero di rispondere sì all'Amore che lo ha cercato per primo» (p. 84), insegnando che «La libertà, la legge e la coscienza non sono nemiche, ma le tre corde di uno strumento che, se ben tese, producono una melodia divina» (p. 85). La *sua* teologia morale, infatti, si propone il compito di «formare la coscienza» che «non significa insegnare regole rigide, ma insegnare ad ascoltare Dio. Perché quando un uomo scopre che Dio gli parla al cuore, non ha più bisogno di catene per fare il bene: lo fa perché è innamorato della verità» (p. 84). Sono sufficienti queste poche battute per offrire l'idea della felice sintesi, di un tema così vasto e complesso, elaborata nel testo e resa accessibile al lettore medio, magari lontano dal linguaggio proprio della Teologia.

Emergono con la stessa forza d'impatto i capisaldi della spiritualità dello scrittore ascetico. Primo fra tutti la preghiera «un intimo trattenimento da solo a solo con colui che ci ama», come insegna santa Teresa d'Avila (p. 91), un «mezzo universale per ottenere la forza che ci manca» (p. 91), «il respiro dell'anima», o «una chiave che apre i tesori della divina Misericordia» (p. 95). «Dio – infatti – non è un sovrano che conta le parole; è un Padre che aspetta una segno di vita» (p. 94).

Gesù Cristo, epicentro del messaggio alfonciano, è contemplato nell'Eucaristia: «il desiderio di Dio di stare in compagnia degli uomini».

ni» (p. 101); nel Presepe, elemento che si incontra frequentemente, e nel mistero della sua Passione, la cui meditazione è «memoria grata» (p. 132) che «trasforma il dovere in desiderio». Infatti «chi non ha memoria non ha radici. E chi non ha radici cade al primo soffio di vento. Ma chi ricorda l'Amore è invincibile» (p. 133).

Per Alfonso è naturale che la conclusione di ogni preghiera è il ricorso a Maria (p. 99), «figura che avete amato più di ogni altra», puntualizza chi porge l'intervista. Maria «Non è il centro della fede cristiana ma è centrale nel cristianesimo» (p. 120). Sant'Alfonso, colto in suo gesto abituale, «prende tra le mani la corona del Rosario e con le dita fa scorrere i grani», facendo questo gesto ripercorre le tappe della storia di Maria (p. 122). Di fatto, «ella ci insegna come si risponde di sì all'amore» (p. 124). E sul Rosario, il missionario, consumato dall'esperienza, dichiara: «io non ho mai passato un giorno senza questa catena dolce che ci lega a Maria. Per me è come il battito del cuore» (p. 97). Insieme a Maria egli medita anche sulla missione di Giuseppe (pp. 126-129).

Il dialogo tra la discepola e il maestro, quasi al termine della narrazione, si riallaccia alle domande iniziali. L'Autrice, immaginando di incrociare lo sguardo del suo interlocutore, esprime le sue sensazioni e formula i suoi auspici: «Mi guarda negli occhi, e sento che in questo momento sta parlando a me, ma anche a quel *lettore invisibile* che condivide lo stesso tormento, a tutti coloro che si riconosceranno in queste pagine» (p. 145).

La scrittrice, ritornata dopo tre ore, alla realtà del suo tavolo di lavoro, confessa: «ho chiuso gli occhi per un istante – o forse per un'eternità – e quando li riapro, mi trovo seduta alla mia scrivania. Lo schermo del PC ha smesso di sfarfallare [...] come se il tempo non fosse mai passato (pp. 146-147). I preziosi insegnamenti, ricevuti nell'avventura del suo «viaggio spirituale» si possono ricapitolare in questa rassicurazione paterna: «Non avere paura di questo buio non sei un errore sei un desiderio di Dio che cammina» (p. 150).

Sant'Alfonso «mi ha insegnato – conclude la teologa – che la vita cristiana non è un traguardo da raggiungere in un colpo solo, come una meta turistica da fotografare e poi dimenticare. È un cammino da fare, passo dopo passo, caduta dopo caduta, confessione dopo confessione, alba dopo alba. «L'alba arriva sempre» mi ha detto. E io gli credo» (p. 151).

Abbiamo dato degli assaggi, per invogliare i lettori a prendere in mano il volume e iniziare il viaggio nel tempo alla riscoperta *dell'uomo* Alfonso de Liguori. Sostando nelle dense pagine del *racconto storico* troveranno riflessioni stimolanti e scopriranno un sant'Alfonso piuttosto *inedito* e più vicino all'esperienza di fede dell'uomo contemporaneo. Un santo *a misura d'uomo*, che Filomena Sacco, in modo brillante, ha riavvicinato al suo popolo, restituendoci la cifra della sua disarmante umanità.

Il testo, immediato e completo, può diventare un valido strumento di formazione soprattutto per i giovani che per la prima volta si accostano alla vita e al messaggio di sant'Alfonso, *un santo giovane*, svecchiato da tutte le sovrapposizioni agiografiche che per lungo tempo ne hanno alterato la naturale bellezza.

P. Vincenzo M. La Mendola, C.Ss.R.

SUMMARIUM

PAIVA Gilberto, C.Ss.R., Redentoristas em Petrópolis: uma tentativa de fundação no século XIX	5-84
SEDGWICK Peter, St. Alphonsus Liguori's moral theology in historical context	85-105
VELYCHKOVSKY Vasyľ Vsevolod, C.Ss.R., To the glory of God and the Ever-Virgin Mary. Reminiscences of my life. An autobiography	107-173
SADOWSKI Maciej, C.Ss.R., Redentoristi polacchi in soccorso degli ebrei e del patrimonio religioso ebraico durante l'Olocausto	175-193
RODRÍGUEZ ALVARADO Bosco José, C.Ss.R., Sumario histórico de los misioneros redentoristas de América Central	195-224
LA MENDOLA Vincenzo, C.Ss.R., P. Davide Oldani missionario redentorista Un profilo spirituale e pastorale.	225-253
RECENSIONI	255-267

Realizzazione editoriale



Ingegno Grafico

SERVIZI INTEGRATI PER LA GRAFICA
LA STAMPA E L'EDITORIA
www.ingegnografico.it

Stampa

Tipografia Mancini s.a.s.
Tivoli (Roma)

Finito di stampare nel mese di Aprile 2026